



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PPG – FAU – UNB

Orientadora
Dra. Marta Adriana Bustos Romero

A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM AMBIENTAL E USO DE PRAÇAS



NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DE PORTO ALEGRE – RS:
uma contribuição à percepção ambiental

por Ana Suely Zerbini

Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação
PPG – FAU – UNB

A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM AMBIENTAL E USO DE PRAÇAS
NA AREA CENTRAL DA CIDADE DE PORTO ALEGRE – RS:
uma contribuição à percepção ambiental

Ana Suely Zerbini

Orientadora
Dra. Marta Adriana Bustos Romero

Brasília
2009

Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação
PPG – FAU – UNB

A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM AMBIENTAL E USO DE PRAÇAS
NA AREA CENTRAL DA CIDADE DE PORTO ALEGRE – RS:
uma contribuição à percepção ambiental

Ana Suely Zerbini

Orientadora
Dra. Marta Adriana Bustos Romero

Dissertação de Mestrado submetida ao PPG-FAU-UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na linha de pesquisa Paisagem, Ambiente e Sustentabilidade.

Brasília
2009

TERMO DE APROVAÇÃO

Ana Suely Zerbini

A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM AMBIENTAL E USO
DE PRAÇAS NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DE PORTO ALEGRE – RS:
uma contribuição à percepção ambiental

Dissertação de Mestrado submetida ao PPG-FAU-UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na linha de pesquisa Paisagem, Ambiente e Sustentabilidade.

Orientadora Prof.^a Dr.^a **Marta Adriana Bustos Romero** – Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a **Marília Luiza Peluso** – Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a **Maria Solange Gurgel de Castro Fontes** – Universidade Estadual Paulista

Brasília, Fevereiro de 2009

FICHA CATALOGRÁFICA

ZERBINI, Ana Suely

A Relação entre Imagem Ambiental e Uso de Praças na Área Central da Cidade de Porto Alegre – RS: uma contribuição à percepção ambiental. 2009. 180 f.

Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Palavras-chave: Espaço Público, Praça, Imagem Ambiental, Uso, Percepção, Porto Alegre.

*Ao João e à Joana,
meus amores...*

AGRADECIMENTOS



a Deus;

à minha Joaquina, por me trazer força e paz;

ao meu amor João por permanecer sempre ao meu lado;

à minha família: meus pais por absolutamente tudo, meus irmãos Zé e Yuri pelo amor e incentivo, e Gigio, pela decisiva presença e ajuda, minhas avós pelas orações, e meus primos Valéria e Rafael pelo carinho, ajuda e apoio psicológico;

à amiga e orientadora Marta Adriana Bustos Romero pela orientação e, principalmente, confiança e carinho;

aos "amigos-parceiros" Caio Silva, Giuliana Sousa, Rodrigo Ribeiro, Luciana de Almeida, Michéle Casagrande, e Daniel Pozzatti, pela paciência e auxílio nas diversas etapas desta pesquisa;

aos amigos Daniel Oliveira, Mariana Borne, Rachel Panisset, Claudia Boal, Bianca Valente, Carla Naves, Sandra Tabosa, Tatiana Petra, Karen Zanotto, Niara Palma, Guilherme Moll, Seu Luiz, Dra. Rose Starosta, Cidinha, Luciana Amado, Job Leocadio, Dum Dum e Dona Madalena, pela amizade, incentivo e apoio;

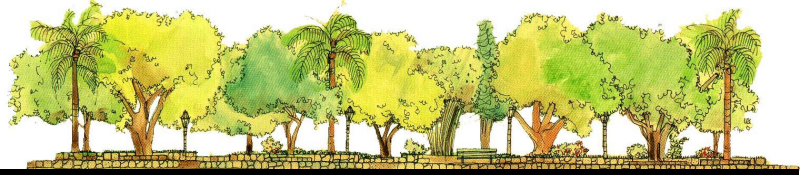
às alunas Marta Quadros, Clarissa Leite e Eliza Bergamaschi pelo carinho;

à estagiária e amiga Mariana Ruschel pela dedicação de extrema competência durante a aplicação da pesquisa;

às cidades de Brasília, Porto Alegre e Barcelona, grandes inspiradoras desta pesquisa;

e, finalmente, ao Pingu, meu companheiro inesquecível.

RESUMO



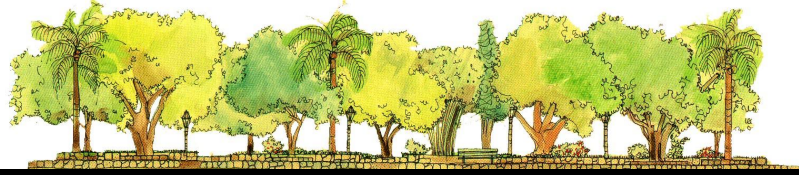
Esta pesquisa foi realizada na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil, buscando entender a relação entre imagem ambiental e uso de praças. Considera que todo espaço, ao ser captado pelo indivíduo, é carregado de influências provenientes de processos ocorridos na mente humana relativos à transformação daquilo que é observado naquilo que é memorizado e lembrado. Desta forma, o cidadão da cidade é a principal fonte das informações coletadas nesta pesquisa, o que possibilita um melhor entendimento sobre as ações, as necessidades e os desejos dos indivíduos com respeito a um ambiente urbano específico: a praça.

As informações coletadas compõem um banco de dados potencial que, quando utilizado, possibilita uma aproximação do planejamento das cidades às expectativas de seus usuários, otimizando e qualificando o espaço aberto público praça, o que, conseqüentemente, incrementa a qualidade de vida urbana. A coleta destes dados foi realizada por meio da utilização de múltiplos métodos qualitativos e quantitativos, com utilização principalmente de entrevistas. Os levantamentos histórico e espacial das praças subsidiaram a avaliação ambiental das praças com relação aos aspectos influenciadores no uso das praças categorizados como formais, situação da praça na cidade e configuração da praça e não formais, significado da praça.

Os resultados deste estudo permitiram identificar que o significado da praça influencia na lembrança que o indivíduo tem deste espaço. No entanto, não influencia na decisão de uso deste espaço. A pesquisa indica que a situação da praça na cidade, seguida de sua configuração, são os aspectos que de fato influenciam na decisão de uso deste espaço pela população. Portanto, os aspectos formais devem ser especialmente considerados pelos planejadores enquanto elementos-chave, definidores de sucesso ou fracasso de um espaço urbano qualquer.

Palavras-chave: Espaço livre; Percepção Ambiental; Praças; Porto Alegre

ABSTRACT



The current research was done in the city Porto Alegre, capital of the State of Rio Grande do Sul – Brazil aiming to understand the relationship between environmental image and the use of squares. It considers that all space, while it is catch by one, it has a great amount of influences from processes originated in the human mind related to the transformation of what it is observed to what it is memorized and remembered. Thus, the city citizen is the main source for the information collected in this research, which allows a better understanding of one's actions, needs and wishes regarding a specific urban environment: the square.

The collected information feeds a potential data bank that, when checked, it allows proximity of the city planning to its user's expectations, improving and qualifying the public open space of a square, which consequently, increases the quality of urban life. The collection of the data was done in many qualitative and quantitative methods, using mainly interviews. The historical and special surveys of the squares have helped the environmental evaluation of squares in respect to the important aspects in the use of squares characterized by formal as square situation in the city and square configuration and by informal as the meaning of the square.

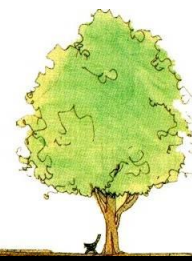
The results of this study have allowed us to identify that the meaning of the square influences on the memory that one has of it. However, it dos not influence on the decision of usage of such space. The research indicates that the situation of the square in the city, followed by it configuration are the aspects that indeed have influenced people on the decision of the population by using the space. Thus, formal aspects must be specially considered by planners while it is a key-factor, responsible for success of failure of any urban space.

Keywords: Open spaces, Ambient perception; Square; Porto Alegre City

*Cada homem leva na mente
uma cidade feita apenas de diferenças, sem
figuras nem formas,
e as cidades particulares a recheiam.*

Ítalo Calvino

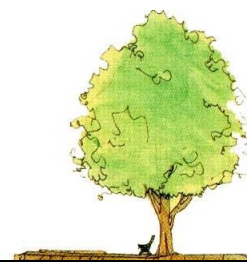
SUMÁRIO



AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
SUMÁRIO	X
LISTA DE IMAGENS	XII
Figuras	XII
Gráficos	XIV
Tabelas	XIV
1. INTRODUÇÃO	01
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	03
1.2 JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO OBJETO	07
1.3 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS	09
1.4 MÉTODO DO TRABALHO	09
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	10
2. REVISÃO DA LITERATURA	12
2.1 ESPAÇOS ABERTOS PÚBLICOS	12
2.1.1 Uma possível classificação dos espaços abertos públicos	14
2.2 A PRAÇA NO CONTEXTO URBANO	
2.2.1 Praças no Brasil	19
2.2.2 Praças em Porto Alegre – RS	26
2.3 ASPECTOS ESTUDADOS ACERCA DO USO DE PRAÇAS	
2.3.1 A imagem ambiental e sua transformação pelo indivíduo	XX
2.3.1.1 Os aspectos formais influenciadores de uso de praças	XX
2.3.1.2 Os aspectos não-formais influenciadores de uso de praças	40
2.4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA REVISÃO DA LITERATURA	45

3. MÉTODOS E FERRAMENTAS DE ESTUDO	48
3.1 SELEÇÃO DAS PRAÇAS	49
3.2 LEVANTAMENTO HISTÓRICO-ESPACIAL	54
3.3 AVALIAÇÃO AMBIENTAL	57
4. ESTUDO DE CASO	60
4.1 PRIMEIRA ETAPA: SELEÇÃO DAS PRAÇAS	60
4.1.1. Zona 1: bairros Bom Fim, Centro e Cidade Baixa	60
4.1.1.1. Perfil sócio-econômico	62
4.1.1.2. As praças mais lembradas	67
4.1.1.3. Motivos da lembrança das praças citadas	68
4.1.1.4. Utilização das praças	70
4.1.2. Zona 2: bairros Azenha, Menino Deus e Santana	71
4.1.2.1. Perfil sócio-econômico	72
4.1.2.2. As praças mais lembradas	79
4.1.2.3. Motivos da lembrança das praças citadas	79
4.1.2.4. Utilização das praças	81
4.1.3. Zona 3: bairros Bela Vista, Rio Branco e Santa Cecília	83
4.1.3.1. Perfil sócio-econômico	84
4.1.3.2. As praças mais lembradas	89
4.1.3.3. Motivos da lembrança das praças citadas	90
4.1.3.4. Utilização das praças	91
4.1.4. Objeto de estudo	93
4.2 SEGUNDA ETAPA: LEVANTAMENTO HISTÓRICO-ESPACIAL	99
4.2.1. Aspectos formais de situação	99
4.2.2. Aspectos formais de configuração	104
4.2.3. Aspectos não-formais de significado	117
4.3 TERCEIRA ETAPA: AVALIAÇÃO AMBIENTAL	129
4.3.1. Perfil sócio-econômico	129
4.3.2. Avaliação dos aspectos formais e não-formais	133
4.3.3. Motivo de uso	135
4.2.4. Frequência de uso	137
4.4 CONJUGAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISES	137
5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	143
REFERÊNCIAS	147
ANEXOS	151

LISTA DE IMAGENS



FIGURAS

Figura 1:	Esquema do método do trabalho	09
Figura 2:	Largo do Pelourinho na cidade de Salvador – BA. Fonte: Macedo e Robba (2002, p.16).	20
Figura 3:	Pátio do Colégio localizado na região central da cidade de São Paulo – SP.	20
Figura 4:	Palácio do Itamaraty, projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e paisagístico de Burle Marx, localizado na cidade de Brasília – DF. Fonte: Siqueira (2001, p.93).	23
Figura 5:	Igreja de São Francisco de Assis, projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e paisagístico de Burle Marx, localizado na cidade de Belo Horizonte – MG.	24
Figura 6:	Praça Jardim Ambiental I, do ano de 1977, projeto de autor desconhecido, localizada na cidade de Curitiba – PR. Fonte: Macedo e Robba (2002, p.106).	24
Figura 7:	Praça Japão, do ano de 1961, projeto de autor desconhecido, localizada na cidade de Porto Alegre – RS. Fonte: Macedo e Robba (2002, p.129).	25
Figura 8:	Praça Salgado Filho, do ano de 1938, projeto de Burle Marx, localizada na cidade do Rio de Janeiro – RJ. Fonte: Macedo e Robba (2002, p.116).	25
Figura 9:	Praça Vinícius de Moraes, do ano de 1971, projeto de Francisco Segnini Jr., Lúcia Porto e Vera Serra, localizada na cidade de São Paulo – SP. Fonte: Macedo e Robba (2002, p.104).	26
Figura 10:	Condicionamento da Expo'92. Adaptado de Romero (2001, p.23).	30
Figura 11:	Captação do espaço pelo indivíduo: Imagem Ambiental.	32
Figura 12:	Processo de avaliação ambiental. Adaptado do gráfico de Miller <i>apud</i> NASAR (1998)	35
Figura 13:	Interpretação esquemática do processo de percepção / cognição / resposta. Fonte: Del Rio (1990, p.92)	36
Figura 14:	Objeto observado x objeto apreendido. Adaptado de Arnheim (1998, p.14).	36
Figura 15:	Interpretações conflitivas de uma mesma referência. Adaptado de Del Rio (1990, p.92)	41
Figura 16:	Interpretação das razões do processo de preferência. Fonte: Purcel e Nasar <i>apud</i> Coeterier (1993, p.125).	43
Figura 17:	Modelo estrutural do estudo de caso.	48
Figura 18:	Área central e central expandida da cidade de Porto Alegre.	50
Figura 19:	Projeção do zoneamento da pesquisa em relação à área central e central expandida da cidade de Porto Alegre.	50
Figura 20:	Zoneamento da cidade de Porto Alegre para a pesquisa.	51

Figura 21:	"Questionário A" utilizado na seleção das praças.	52
Figura 22:	Ficha Bioclimática. Fonte: Romero (2001).	56
Figura 23:	Versão inicial do "Questionário B" a ser utilizado na avaliação ambiental das praças e aplicado <i>in loco</i> .	58
Figura 24:	Praças existentes na Zona 1: bairros Bom fim, Centro e Cidade Baixa.	61
Figura 25:	Praças existentes na Zona 2: bairros Azenha, Menino Deus e Santana.	72
Figura 26:	Praças existentes na Zona 3: bairros Bela Vista, Rio Branco e Santa Cecília.	83
Figura 27:	Bairros da pesquisa e praça selecionada na primeira etapa do estudo.	94
Figura 28:	Versão final do "Questionário B".	98
Figura 29:	Localização da Praça da Alfândega.	99
Figura 30:	Planta de situação da Praça da Alfândega com localização de ruas e definição de uso das edificações adjacente.	100
Figura 31:	Avenida Sepúlveda e a marcação monumental das Palmeiras Imperiais na entrada da praça via Cais do Porto (2008).	101
Figura 32:	Vista ao cruzar a Praça da Alfândega via Rua Sete de Setembro (2008).	101
Figura 33:	Isométrica da Praça da Alfândega (sem as árvores) - Em destaque a Rua dos Andradas, conhecida popularmente como "Rua da Praia".	102
Figura 34:	Museu de Arte do Rio Grande do Sul (2001) – MARGS.	102
Figura 35:	Edifício dos Correios (2008) – Memorial do RS.	102
Figura 36:	Fachada principal do edifício do Santander Cultural (2008).	103
Figura 37:	Rua Cassiano do Nascimento (2008).	103
Figura 38:	Vista da Rua dos Andradas, um dos limites da Praça da Alfândega, com uma pequena feira de ambulantes (2008).	104
Figura 39:	Planta de configuração da Praça da Alfândega com localização de elementos de composição e equipamentos disponíveis.	105
Figura 40:	Monumento General Osório, ponto focal da Praça da Alfândega (2008).	106
Figura 41:	Vista ao cruzar a Praça da Alfândega via Rua Sete de Setembro – detalhe para a feira permanente de manualidades (2008).	105
Figura 42:	Detalhe dos equipamentos destinados a engraxar sapatos na praça (2008).	107
Figura 43:	Detalhe dos usuários utilizando as mesas de damas (2008).	107
Figura 44:	Bancos sendo utilizados na Praça da Alfândega (2008).	107
Figura 45:	Vista interna da Praça da Alfândega – no detalhe escultura em ferro intitulada "Equilíbrio da Forma" (2008).	107
Figura 46:	Vista aérea da Praça da Alfândega a partir da cobertura do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS (2008).	108
Figura 47:	Simulação do Entorno Edificado na Praça da Alfândega (sem as árvores) – 21 de março.	109
Figura 48:	Simulação do Entorno Edificado na Praça da Alfândega (sem as árvores) – 21 de junho.	111
Figura 49:	Simulação do Entorno Edificado na Praça da Alfândega (sem as árvores) – 21 de setembro.	111
Figura 50:	Simulação do Entorno Edificado na Praça da Alfândega (sem as árvores) – 21 de dezembro.	112
Figura 51:	Indicação dos ventos e do percurso aparente do sol na Praça da Alfândega (sem as árvores)	113

Figura 52:	Indicação do vento sul, quente e úmido, e a Praça da Alfândega.	114
Figura 53:	Ficha bioclimática da Praça da Alfândega.	115
Figura 54:	Evolução urbana e os aterros em Porto Alegre – em destaque a Praça da Alfândega. Fonte: Revista A/mbiente, (2000, prospecto desdobrável).	119
Figura 55:	Praça da Alfândega alagada. Fonte: http://www.fotosantigasrs.hpg.ig.com.br/portoalegre (2008).	120
Figura 56:	Linha do bonde elétrico – Rua dos Andradas. Fonte: http://www.fotosantigasrs.hpg.ig.com.br/portoalegre (2008).	121
Figura 57:	Linha do bonde elétrico – Praça da Alfândega. Fonte: http://www.pampasonline.com.br/curiosidades/curiosidades.htm (2008).	121
Figura 58:	Detalhe da porta de entrada do MARGS – Fachada principal. Fonte: http://www.sinpro-rs.org.br/extra/ago00/cultura3.asp (2008).	123
Figura 59:	MARGS, após tombamento e antes das obras de reabilitação – vista da Praça da Alfândega. Fonte: http://www.sinpro-rs.org.br/extra/mar98/cultu2.htm (2008).	124
Figura 60:	Memorial do RS e ao fundo Praça da Alfândega – vista aérea posterior. Fonte: http://www.memorial.rs.gov.br (2008).	124
Figura 61:	Memorial do RS após reabilitação. Fonte: http://www.memorial.rs.gov.br (2008).	125
Figura 62:	Vista aérea da Praça da Alfândega durante a Feira do Livro em 2003. Fonte: http://www.terra gaucha.com.br/feira_do_livro.htm (2008).	126
Figura 63:	Feira do Livro de 2003. Fonte: http://www.terra gaucha.com.br/feira_do_livro.htm (2008).	126
Figura 64:	Mapa da 4ª Bienal do Mercosul realizada em Porto Alegre em 2003. Fonte: http://www.fundacaobienal.com.br/site/pt/localizacao2003/index.jsp (2008).	127
Figura 65:	Espacialização dos eventos do Fórum Social Mundial 2005 – em destaque a área da Praça da Alfândega. Fonte: Jornal Fórum Social Mundial (2005).	128
Figura 66:	Tendas na Praça da Alfândega para realização das palestras – Fórum Social Mundial 2005. Fonte: http://www.fms2005.com.br/fotos.jsp (2008).	128
Figura 67:	Quadro auxílio para o entrevistado dar notas sobre o grau de importância de cada aspecto da praça – Questão 1 "Questionário B"	133
 GRÁFICOS		
Gráfico 1:	Curvas e valores de notas, média e desvio padrão referentes ao aspecto formal de situação na Praça da Alfândega.	134
Gráfico 2:	Curvas e valores de notas, média e desvio padrão referentes ao aspecto formal de configuração na Praça da Alfândega.	134
Gráfico 3:	Curvas e valores de notas, média e desvio padrão referentes ao aspecto não-formal de significado na Praça da Alfândega.	135
 TABELAS		
Tabela 1:	Classificação da amostra por sexo da Zona 1 obtida no "Questionário A".	62
Tabela 2:	Classificação da amostra por idade da Zona 1 obtida no "Questionário A".	62
Tabela 3:	Classificação da amostra por renda familiar da Zona 1 obtida no "Questionário A".	63
Tabela 4:	Classificação da amostra por escolaridade da Zona 1 obtida no "Questionário A".	63

Tabela 5:	Classificação da amostra por profissão da Zona 1 obtida no "Questionário A".	64
Tabela 6:	Classificação da amostra por aposentadoria da Zona 1 obtida no "Questionário A".	64
Tabela 7:	Classificação da amostra por tempo de moradia em Porto Alegre da Zona 1 obtida no "Questionário A".	65
Tabela 8:	Classificação da amostra por tempo de moradia no bairro da Zona 1 obtida no "Questionário A".	65
Tabela 9:	Classificação da amostra por bairros já resididos da Zona 1 obtida no "Questionário A".	67
Tabela 10:	Cinco praças mais lembradas na primeira pergunta do "Questionário A" aplicado na Zona 1.	68
Tabela 11:	Motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" aplicado na Zona 1.	69
Tabela 12:	População usuária do espaço aberto público praça.	70
Tabela 13:	Praças citadas na Questão 1 e mencionadas como utilizadas na Questão 3 do Questionário A" aplicado na Zona 1.	71
Tabela 14:	Classificação da amostra por sexo da Zona 2 obtida no "Questionário A".	73
Tabela 15:	Classificação da amostra por idade da Zona 2 obtida no "Questionário A".	73
Tabela 16:	Classificação da amostra por renda familiar da Zona 2 obtida no "Questionário A".	74
Tabela 17:	Classificação da amostra por escolaridade da Zona 2 obtida no "Questionário A".	74
Tabela 18:	Classificação da amostra por profissão da Zona 2 obtida no "Questionário A".	75
Tabela 19:	Classificação da amostra por aposentadoria da Zona 2 obtida no "Questionário A".	75
Tabela 20:	Classificação da amostra por tempo de moradia em Porto Alegre da Zona 2 obtida no "Questionário A".	76
Tabela 21:	Classificação da amostra por tempo de moradia no bairro da Zona 2 obtida no "Questionário A".	76
Tabela 22:	Classificação da amostra por bairros já resididos da Zona 2 obtida no "Questionário A".	78
Tabela 23:	Cinco praças mais lembradas na primeira pergunta do "Questionário A" aplicado na Zona 2.	79
Tabela 24:	Motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" aplicado na Zona 2.	80
Tabela 25:	População usuária do espaço aberto público praça.	81
Tabela 26:	Praças citadas na Questão 1 e mencionadas como usadas segundo resultados obtidos na Zona 2 através do "Questionário A".	82
Tabela 27:	Praças não citadas na Questão 1 e mencionadas como usadas segundo resultados obtidos na Zona 2 através do "Questionário A".	83
Tabela 28:	Classificação da amostra por sexo da Zona 3 obtida no "Questionário A".	84
Tabela 29:	Classificação da amostra por idade da Zona 3 obtida no "Questionário A".	84
Tabela 30:	Classificação da amostra por renda familiar da Zona 3 obtida no "Questionário A".	85
Tabela 31:	Classificação da amostra por escolaridade da Zona 3 obtida no "Questionário A".	85

Tabela 32:	Classificação da amostra por profissão da Zona 3 obtida no "Questionário A".	86
Tabela 33:	Classificação da amostra por aposentadoria da Zona 3 obtida no "Questionário A".	86
Tabela 34:	Classificação da amostra por tempo de moradia em Porto Alegre da Zona 3 obtida no "Questionário A".	87
Tabela 35:	Classificação da amostra por tempo de moradia no bairro da Zona 3 obtida no "Questionário A".	87
Tabela 36:	Classificação da amostra por bairros já resididos da Zona 3 obtida no "Questionário A".	88
Tabela 37:	Seis praças mais lembradas na primeira pergunta do "Questionário A" aplicado na Zona 3.	89
Tabela 38:	Motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" aplicado na Zona 3.	90
Tabela 39:	População usuária do espaço aberto público praça.	91
Tabela 40:	Praças citadas na Questão 1 e mencionadas como utilizadas segundo resultados obtidos na Zona 3 através do "Questionário A".	92
Tabela 41:	Praças não citadas na Questão 1 e mencionadas como usadas segundo resultados obtidos na Zona 3 através do "Questionário A".	93
Tabela 42:	Praças selecionadas para aplicação da segunda etapa do estudo de caso.	93
Tabela 43:	Relação final dos motivos da lembrança das praças citados no "Questionário A".	96
Tabela 44:	Relação dos motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" definidas como componentes do aspecto "Situação da Praça na Cidade".	96
Tabela 45:	Relação dos motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" definidas como componentes do aspecto "Configuração da Praça".	97
Tabela 46:	Relação dos motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" definidas como componentes do aspecto "Significado da Praça".	97
Tabela 47:	Horários e quantitativos das amostras da população entrevistada por meio da aplicação do "Questionário B" na Praça da Alfândega.	129
Tabela 48:	Classificação da amostra da praça por sexo obtida no "Questionário B".	130
Tabela 49:	Classificação da amostra da praça por idade obtida no "Questionário B".	130
Tabela 50:	Classificação da amostra por renda familiar obtida no "Questionário B".	130
Tabela 51:	Classificação da amostra da praça por escolaridade obtida no "Questionário B".	131
Tabela 52:	Classificação da amostra da praça por profissão obtida no "Questionário B".	131
Tabela 53:	Classificação da amostra da praça por aposentadoria obtida no "Questionário B".	132
Tabela 54:	Classificação da amostra da praça por tempo de moradia em Porto Alegre obtida no "Questionário B".	132
Tabela 55:	Classificação da amostra da praça por tipo de usuário obtida no "Questionário B".	132
Tabela 56:	Médias das notas atribuídas aos aspectos formadores da imagem ambiental em cada praça	135
Tabela 57:	Motivos de uso da Praça da Alfândega – "Questionário B".	136
Tabela 58:	Relação dos motivos de uso da Praça da Alfândega – "Questionário A".	137
Tabela 59:	Frequência de uso das praças.	137
Tabela 60:	Praça da Alfândega: lembrança x utilização.	138

1. INTRODUÇÃO

Segundo a psicologia, o homem necessita de contato com outras pessoas para a manutenção de sua sanidade mental (DAY, 1970, p.15). Para tanto, os indivíduos dependem de uma vida social, de um local de encontro. Tal contexto influi na necessidade de existir nas cidades, espaços onde tais interações possam ocorrer. Lynch (1997) confirma tal necessidade afirmando que os espaços abertos públicos expandem as possibilidades de escolhas individuais e trazem satisfação com um mínimo de investimentos social e econômico. Nestes espaços, o indivíduo tem a chance de encontrar situações distintas daquelas experimentadas em outros ambientes mais protegidos e mais dispendiosos, possibilitando o engajamento em ações não usuais em espaços privados e/ou fechados, levando a uma relação mais direta do indivíduo com o mundo.

Sitte (1992, p.17) relembra que nas cidades antigas, espaços de convivência, como praças, por exemplo, eram necessidades vitais de primeira grandeza, na medida em que ali tinha lugar uma grande parte da vida pública. Porém, com o passar do tempo, o papel dos espaços abertos públicos nas cidades foi se transformando. Souza (1997, p.117-118) demonstra tais transformações e suas conseqüências no uso dos espaços abertos públicos:

“A rua, juntamente com a praça, sempre representaram o espaço da liberdade, o espaço do cidadão, o espaço de fora, o espaço público, enfim, o espaço da coletividade, que se contrapõe ao espaço de dentro, ao espaço íntimo, ao espaço do controle familiar, das regras individuais. (...) A morfologia urbana, as tipologias arquitetônicas e as práticas sociais desenvolvidas nas ruas e praças serviam como elementos de orientação e leitura. Entretanto, a desagregação da ordem, a confusão das atividades e fluxos de circulação, a falta de identidade, a insegurança social têm tirado dos espaços públicos centrais da cidade o seu papel didático-referencial”.

Tais conseqüências podem ser observadas na maioria das grandes cidades. Os espaços abertos públicos são cada vez menos utilizados pela população, que vive a maior parte do tempo dentro de alguma edificação, seja residencial, o local de compras, ou mesmo o trabalho. As ruas e as praças transformam-se em espaços destinados especificamente à circulação e à marginalidade. Souza (1997, p.117), afirmando ser o pivete ou marginal o verdadeiro “dono” das ruas,

questiona: “onde está o cidadão das ruas?”.

Uma das possíveis respostas seria: no *shopping center*. Seguro (pelo menos imagina-se seguro) e agradável, ambientado por ruas, praças e comércios, é a representação moderna dos espaços urbanos em edifícios. Procura-se reproduzir em ambientes internos o que já não mais é possível desfrutar externamente. “O *shopping center* chegou ao ponto de conseguir criar muito mais que o imaginário social teria aspirado” (SOUZA, 1997, p.118). A decadência dos centros certamente influenciou na necessidade de criação de um novo local que oferecesse comércios de mesma forma concentrada, porém seguro, bonito e agradável. Mas, o surgimento destes novos espaços de compras – de certa forma elitizados – contribuiu enormemente para a decadência dos pontos comerciais tradicionais com problemas como: insegurança, novo tipo de população usuária, surgimento de comércio adequado a esses novos usuários, falta de manutenção e conservação, abandono, depredação, pichação, ocupação desordenada etc.

Tentando conter tal decadência, o urbanismo tem sido, através de órgãos públicos, instrumento da reorganização, ou melhor, revitalização dos espaços abertos públicos, a partir do desenvolvimento de metodologias de intervenção. Em alguns países desenvolvidos, uma das metodologias utilizadas tem sido a retomada das características tradicionais dos grandes centros, realizando restauros das edificações históricas existentes nestes espaços, ou mesmo, dando prioridade, por exemplo, ao pedestre em relação ao veículo, valorizando o indivíduo no sentido da circulação ou acessibilidade (SOUZA, 1997). Tais ações, no entanto, quando aplicadas isoladamente, demonstram um entendimento errôneo de que o sucesso no uso dos espaços abertos públicos está atrelado especificamente aos aspectos físicos e comportamentais do passado.

Segundo pesquisa recentemente realizada em Porto Alegre – RS (HAAS, 2000), a Praça Carlos Simão Arnt, uma praça contemporânea criada no ano de 1985, indicou efetiva utilização pela população. A pesquisa demonstrou que a utilização da praça, no entanto, estava vinculada, muitas vezes, a atividades não relacionadas àquelas realizadas no passado. Havia grande utilização, por

exemplo, de pequenas quadras de esporte, de calçadas para a realização de caminhadas, de equipamentos de ginástica etc. Isto indica que os usos também sofreram transformações, não só os espaços. As necessidades e os desejos da população urbana se diversificaram, seguindo o processo normal de adaptação do ser humano ao meio em que vive, em constante transformação.

Assim, se o intuito é o de qualificar a vida urbana nos grandes centros, faz-se necessário conhecer não só os aspectos intrínsecos ao lugar público, mas o que neste lugar – desde sua história, situação dentro da cidade e configuração espacial – incita a população a escolher o seu espaço para realizar ali seus desejos e suprir suas necessidades. Parece, portanto, que o envolvimento da população em estudos da qualificação urbana é inevitável e imprescindível.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

As cidades criadas ao longo da história universal urbana e de todo seu envolvimento inevitável e profundo com aqueles que nela habitam são fontes de inspiração de inúmeros autores. Baudelaire *apud* FERRARA (1999, p.203), ao publicar “As Flores do Mal” em 1857, declara sua paixão por sua grande personagem poética: a cidade. O poeta, vendo Paris como uma cidade concretizada na sua alegoria, tendo a multidão como imagem flutuante, instável e fugaz, se transforma em um dos mais renomados fisionomistas da imagem urbana.

A exemplo de Baudelaire, a imagem urbana deve ser definida por relatos das formas de ver a cidade. Segundo palavras de Ferrara (1999, p.203), não é uma simples descrição física, mas o conjunto dos instantes culturais que definem a cidade como “organismo vivo, mutante e ágil”. Benjamin *apud* FERRARA (2000, p.82), outro grande leitor das cidades enquanto fenômeno decorrente do capitalismo e autor da magnífica “Obra das Passagens”, afirma que “a multidão impõe a apreensão do coletivo e suas reações”.

Assim, constata-se que um estudo referente especificamente à forma arquitetônica serviria apenas para tentar reproduzir as características físico-geométricas em termos de composição. Segundo Silva (1985, p.141), uma

análise meramente morfológica seria fatalmente incompleta, sendo necessário, para se entender a forma arquitetônica, compreender antes que “a referência inevitável na investigação dos fatos arquitetônicos é o próprio ser humano”.

Silva (1985, p.141) afirma, ainda, que seria um erro de enfoque e um “pseudocientificismo” tentar entender os fenômenos arquitetônicos e urbanísticos sem considerar a complexidade do ser humano e suas ações:

“Os fenômenos arquitetônicos (e urbanísticos) compreendem uma estrutura física e esta, logicamente, pressupõe a possibilidade de um exame objetivo, nos termos de sua constituição física propriamente dita (peso, resistência etc.), morfologia (formato, dimensões etc.) e até, se fosse o caso, composição química. Mas esta estrutura física, necessária, informa outro elemento, imaterial, que diz respeito às relações da forma arquitetônica com os usuários ou meros observadores. O próprio conteúdo estético dos elementos arquitetônicos é um fenômeno cuja existência se referencia obrigatoriamente à possibilidade de submissão humana aos estímulos envolvidos. Isto quer dizer que não podemos ou não devemos pensar numa análise das formas arquitetônicas em bases simplesmente topológicas (descrição matemática e geométrica), mas sim numa superposição da análise topológica por uma investigação dos elementos perceptuais e sensoriais compreendidos na fruição daquelas formas”.

Tuan (1983, p.22), por sua vez, define que, para se ter uma compreensão plena da realidade urbana, “não se pode ter uma visão monoprismática e objetiva do espaço, mas sim tentar perceber os múltiplos jogos de valores que se dão na interdependência entre o homem e seu meio”, afinal “um indivíduo não é distinto do lugar: ele é o lugar”.

Esta participação, ou melhor, interação entre ambiente e indivíduo, traz conseqüências sobre ambos os lados. Os ambientes e suas conseqüentes manifestações psicológicas são fatores constantes na vida do indivíduo, na maioria das vezes inconscientemente, e “sempre afetarão sua conduta e desempenho diário” (DEL RIO *et al*, 2000, p.9). Segundo Del Rio *et al* (2000, p.22):

“O ambiente participa do processo de elaboração da consciência que o homem tem de si mesmo; interage com ele, alterando a realidade, influenciando decisivamente na construção de sua visão do mundo. O homem usa o espaço como forma de linguagem e o manipula num constante processo de construção de sua identidade. Construindo um espaço, constrói também um sistema de significados e valores deste espaço”.

E, quando não satisfatório, prejudicial, o ambiente é isolado pelo indivíduo, que ou não mais o usa, ou usa de uma forma não objetivada em projeto. Dessa forma, parece que o ideal seria um projeto arquitetônico e/ou urbanístico que considerasse o olhar do usuário sobre o ambiente. Tal situação de coexistência entre usuário e arquiteto permitiria uma mesclagem de duas formas de representação do ambiente: uma, a partir da experiência *in loco* de atributos captáveis pelo sistema sensorial humano; e outra, a partir de uma experiência sobre um espaço abstrato, com controle sobre normas e transformações edilícias e urbanas. Para Pesavento (1999, p.16-17):

“...a modificação do espaço de uma cidade (...) é, por um lado, uma tarefa de profissionais especificamente habilitados para tal – urbanistas, engenheiros, arquitetos – mas também comporta o que se poderia chamar de intervenção do cotidiano. Ou seja, esse espaço sonhado, desejado, batalhado e/ou imposto é, por sua vez, também reformulado, vivido e descaracterizado pelos habitantes da urbe, que, a seu turno, o requalificam e lhe conferem novos sentidos. Estaríamos, segundo a classificação de Roncayolo, diante dos produtores do espaço, no caso dos profissionais do urbano, e diante dos consumidores do espaço, quando se tratar dos habitantes da cidade”.

A convivência desses dois enfoques, entre projetista e usuário, beneficiaria a atividade projetual e qualificaria ambientes futuros pela possibilidade de avaliação do desempenho do espaço proposto (DEL RIO *et al*, 2000).

Tais definições produzem uma associação entre dois focos de conhecimentos: a psicologia, ligada aos estudos relativos à captação dos atributos ambientais pelo indivíduo, tentando compreender melhor e conseqüentemente influenciar positivamente nas relações do homem com o meio ambiente construído; e a arquitetura e o urbanismo, ligados aos atributos sobre a forma dos ambientes arquitetônicos e urbanos, tentando buscar fundamentos e métodos projetuais voltados à produção de ambientes satisfatórios para os usuários.

Neste sentido, insere-se o presente estudo, que busca compreender a relação entre imagem ambiental¹ e uso de praças na cidade de Porto Alegre – RS. Trata da relação existente entre ambiente e usuário, fazendo parte de uma

¹ Imagem formulada pela mente do indivíduo a partir da percepção de um determinado ambiente (LYNCH, 1997). Tal conceito é abordado mais detalhadamente na revisão da literatura, item 2.

vertente denominada ambiente e comportamento², que promove a colaboração entre psicologia e arquitetura, considerando o indivíduo como fonte de informações no entendimento do espaço urbano.

Segundo Del Rio *et al* (2000), tal colaboração ocorreu principalmente a partir dos anos 50 e 60, possibilitando o surgimento de importantes conceitos e trabalhos já tornados clássicos, de autores tais como: Maurice Merleau-Ponty (fenomenologia da percepção), Edward Hall (conceitos de territorialidade), Robert Sommer (conceito de espaço pessoal), James Gibson (percepção visual), Kevin Lynch (imagem da cidade e mapas mentais), David Canter (psicologia do lugar), Robert Guttman (comportamento de usuários de edifícios), Chombart de Lauwe (psico-sociologia do espaço urbano), Christian Norberg-Schulz (fenomenologia da arquitetura) e Amos Rapoport (percepção, cultura e arquitetura).

No Brasil, essa colaboração, ainda considerada emergente em relação a estudos e pesquisas, ocorreu a partir de alguns pesquisadores, grupos e linhas de pesquisa que contribuíram para a sua consolidação desde meados da década de 70 (DEL RIO *et al*, 2000).

É claro que não seria correto considerar apenas estas duas áreas de conhecimentos ao se tratar do homem e do ambiente. A sociologia, a antropologia, a história, a geografia, a ergonomia são outras entre tantas áreas que também lidam com tais variáveis. A interdisciplinaridade deve caracterizar a base para uma boa atuação do projetista, “aproximando-o cada vez mais ao maior interessado no sucesso de seus projetos: o usuário – seja por conta das capacidades funcionais, construtivas ou estéticas” (DEL RIO *et al*, 2000, p.42).

Peluso (2003, p.322), por exemplo, contribuiu para com esta interdisciplinaridade a partir de discussões envolvendo a geografia e a psicologia ambiental, afirmando que a afinidade entre estas duas áreas ocorre quando considera-se o espaço e o ambiente como atores sociais, que “atuam sobre as sociedades e os sujeitos que os produziram, construíram e

² A área ambiente e comportamento é internacionalmente conhecida pelo termo *environmental and behavior*.

organizaram como resposta às ações das sociedades e dos sujeitos sobre eles”.

Assim, no que se refere ao estudo das relações entre a forma arquitetônica e os usuários, optou-se, nesta pesquisa, pela busca de conhecimento nas áreas da psicologia e da arquitetura.

1.2 JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO OBJETO

Em países desenvolvidos a avaliação de projetos é extensa (STAMPS III, 1997). Buscando qualificar o ambiente urbano, especificamente as praças, inúmeras pesquisas já foram realizadas em países como os Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, através de pesquisadores como Whyte (1980), Francis (1987), Joardar e Neill *apud* FRANCIS (1987). Seus resultados comprovaram a relevância de se analisar o espaço através de seus usuários, com resultados expressivos da influência da imagem ambiental no processo decisório de uso de praças.

No Brasil, no entanto, apesar de ser crescente o número de estudos relativos à qualificação dos espaços urbanos através da opinião de seus usuários, referentes, por exemplo, à apreensão da forma urbana (KOHLSDORF, 1996; DEL RIO, 1990; entre outros), raros são aqueles que investigam diretamente a influência da imagem ambiental no uso de praças, agravando-se a problemática sobre a falta de controle da forma das cidades, e sobre o imaginário da população em relação a sua própria cidade.

Em 1889, Sitte (1992, p.15-17) já ressaltava a alteração da finalidade e do significado da praça, que considerava um dos principais elementos da construção urbana no período da Renascença e do Barroco, expressando a seguinte idéia:

“...tornou-se essencialmente outro o significado das praças abertas (um fórum ou uma praça de mercado) em meio à cidade. Hoje raramente utilizadas para grandes festas públicas, e cada vez menos para um uso cotidiano, elas servem, na maioria das vezes, a nenhum outro propósito além de garantir maior circulação de ar e luz, provocar uma certa interrupção na monotonia do oceano de moradias e, de qualquer maneira,

garantir uma visão mais ampla sobre um edifício monumental, realçando seu efeito arquitetônico. Que diferença da Antigüidade! Nas cidades antigas, as praças principais eram uma necessidade vital de primeira grandeza, na medida em que ali tinha lugar uma grande parte da vida pública, que hoje ocupa espaços fechados, em vez das praças abertas”.

Desta forma, como espaço aberto público mais característico da história urbana (SITTE, 1992), define-se a praça como o ambiente focal do presente estudo.

Importante referir, ainda, que, na maior parte das cidades brasileiras, no que diz respeito à aplicabilidade de resultados de pesquisas, observa-se geralmente uma utilização apenas dos chamados índices urbanísticos, contidos nos Planos Diretores para a regulação de projetos, mais direcionados à definição do potencial construtivo do que à qualificação ambiental de praças, e menos ainda às conseqüências no imaginário social.

Tornam-se, portanto, importantes não só os estudos que promovam uma interação entre os campos da psicologia e da arquitetura, mas também entre seus resultados e as futuras revitalizações urbanas, levando-se em consideração as necessidades reais e expectativas daqueles que habitam as cidades brasileiras e, de alguma forma, ocupam seus espaços.

Cabe ressaltar, finalmente, que o presente estudo baseia-se em discussões delineadas a partir de pesquisas realizadas em grandes centros urbanos. Importantes cidades nas quais podem ser encontradas praças típicas de cada um dos períodos históricos ocorridos ao longo de sua evolução urbana, afinal, o estudo pretende entender junto à população se ocorre e como ocorre a relação entre imagem ambiental e uso de praças, ou seja, fatores como história, estilos arquitetônicos, localização devem poder variar, tornando-se importantes fontes de discussões.

Neste sentido, optou-se por realizar o presente estudo na cidade de Porto Alegre – RS, por ser um grande centro urbano cuja origem coincide com o próprio processo de formação histórica do Estado do qual é capital, o Rio Grande do Sul. A cidade existe desde meados de 1740 e possui espaços abertos públicos de diversas épocas, a maioria com alto grau de conservação.

1.3 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

O objetivo geral deste estudo é entender a relação entre a imagem ambiental e o uso de praças na cidade de Porto Alegre, visando contribuir com os estudos da percepção ambiental que buscam otimizar, qualificar e incrementar a qualidade da vida urbana.

Ademais, pretende-se subsidiar o desenvolvimento de novos projetos e/ou reformas de praças segundo necessidades apontadas diretamente pela população usuária deste espaço aberto público específico, contribuindo, assim, para a redução de alterações na paisagem urbana. Segundo Romero (2001, p.102-103),

“Quando as relações entre o homem e o meio são harmônicas, pode-se dizer que o grau de humanização é elevado e, em consequência, o grau de fragilidade da paisagem, isto é, sua capacidade de ser alterada por intervenção, é notadamente baixo”.

1.4 MÉTODO DO TRABALHO

O método utilizado para o desenvolvimento da presente pesquisa baseou-se, conforme observado na Figura 1, em três momentos: revisão bibliográfica, estudo de caso – composto por três etapas referentes à seleção das praças, levantamento histórico-espacial e avaliação ambiental das praças selecionadas – e conclusões e recomendações.

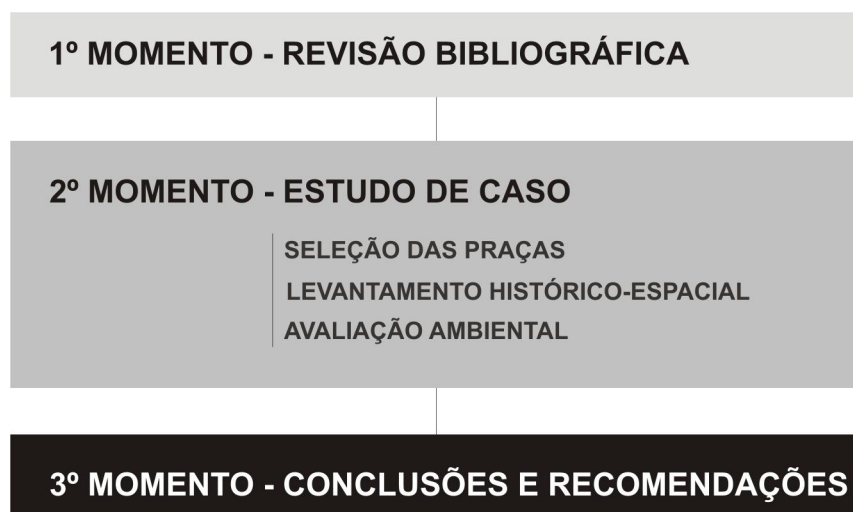


Figura 1: Esquema do método do trabalho.

No próximo tópico, detalha-se cada momento acima apresentado conforme a estrutura da presente pesquisa.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Neste capítulo introdutório foram delimitados o tema e o problema da pesquisa, ressaltando sua importância e expondo os objetivos, método e estrutura do trabalho.

No segundo capítulo foi realizada a revisão da literatura com o objetivo de discutir os assuntos referentes aos espaços abertos públicos, ressaltando sua importância no meio urbano, bem como uma possível classificação tipológica. Destaca-se o espaço aberto público praça, objeto desta análise, definindo seu conceito e abordando seu papel histórico, no Brasil e particularmente em Porto Alegre. Discutem-se, inclusive, os principais aspectos que influenciam o uso destes espaços, destacando o fator imagem ambiental.

No terceiro capítulo, é apresentada a metodologia adotada para o desenvolvimento do estudo de caso, composto por três etapas, sendo a primeira referente à seleção das praças, e as segunda e terceira etapas referentes ao levantamento histórico-espacial e à avaliação ambiental das praças selecionadas.

A seleção das praças foi realizada por meio de entrevistas aplicadas junto à população da cidade de Porto Alegre no intuito de definir as praças mais lembradas e de compreender o motivo de lembrança e o efetivo uso que a população faz deste espaço aberto público.

O levantamento histórico-espacial foi realizado a partir da caracterização das praças selecionadas segundo seus aspectos formais (situação e configuração) e não-formais (significado). O levantamento histórico baseou-se na catalogação dos dados relativos à evolução urbana e aos eventos sociais ocorridos nas praças selecionadas. Foram utilizados métodos tradicionais de pesquisa com base em publicações sobre o tema em periódicos, revistas, jornais, fotografias antigas e internet.

Os dados espaciais das praças selecionadas, relativos à situação da praça na cidade (orientação solar, acessibilidade aos usuários, ruas adjacentes) e à configuração da praça (composição arquitetônica, urbanística e paisagística interna, arredores com identificação dos elementos da paisagem que limitam o espaço como vegetação, ruas, outros espaços abertos públicos, edificações etc., análises bioclimáticas por meio de estudos sobre luz / sombra, ventilação, ruídos etc.) foram levantados *in loco* por meio da utilização da ficha bioclimática (ROMERO, 2001, p.158) e com o auxílio de fotografias, plantas impressas e digitalizadas, simulações com o uso dos programas computacionais (*Ecotect* e *Sketch Up*).

A avaliação ambiental, última etapa do estudo de caso, foi realizada a partir dos dados coletados junto à população usuária das praças selecionadas, por meio de entrevistas aplicadas *in loco*.

No quarto capítulo são apresentados todos os dados obtidos por meio da aplicação das três etapas do estudo de caso, além dos perfis das duas amostras da população de Porto Alegre que participaram das duas entrevistas. A conjugação destes dados e posterior análise apresentam-se como subsídios para as conclusões acerca da pesquisa.

No quinto capítulo, portanto, são discutidas as conclusões sobre a relação entre imagem ambiental e o uso de praças em Porto Alegre, expondo as limitações da pesquisa e as recomendações para estudos futuros.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste momento são discutidos os aspectos relacionados aos espaços abertos públicos, ressaltando sua importância no meio urbano, bem como seus principais tipos. Destaca-se o espaço aberto público praça, objeto desta análise, definindo seu conceito e abordando seu papel histórico, particularmente no Brasil. São discutidos os principais aspectos que afetam o uso destes espaços, destacando a imagem ambiental.

No que tange à conceituação, classificação e caracterização dos espaços abertos públicos, especificamente as praças, serão analisados estudos de autores como Halprin (1963), Marx (1980), Whyte (1980), Tuan (1983), Francis (1987), Romero (1988) (2001), Hillier (1988), Galender (1992), Sitte (1992), Barbosa e Dornelas (1993), Cerver (1997), Lynch (1997), Souza (1997), Hertzberger (1999), Schlee (2001), Macedo e Robba (2002) e Kliass (2003).

Por sua vez, no que se refere à análise dos aspectos que influenciam o uso de praças, especialmente a imagem ambiental, serão considerados os estudos de autores como Golledge e Moore (1976), Kaplan e Kaplan (1983), Lang (1987), Cooper e Francis (1990), Del Rio (1990), Marcus e Francis (1990), Gärling e Evans (1991), Sanoff (1991), Lay (1992), Reis (1992), Coeterier (1993), Kohlsdorf (1996), Lynch (1997), Stamps III (1997), Arnheim (1998), Brito (1998), Conzen (1998), Nasar (1998), Ferrara (1999), Pesavento (1999), Arantes (2000), Guimaraens (2002) e Mascaró (2004).

Toda esta análise servirá de base conceitual para a realização dos estudos referentes à relação, existente ou não, entre a imagem ambiental e o uso de praças na cidade de Porto Alegre – RS.

2.1 ESPAÇOS ABERTOS PÚBLICOS

Em relação ao espaço aberto é possível encontrar na bibliografia pertinente inúmeras definições, dentre elas a de Muret *et al apud* ROMERO (2001), que define espaço aberto como sendo aquele não construído, não afetado pelas

grandes infra-estruturas no interior ou nas proximidades dos setores reservados das construções. No entanto, tal definição parece carecer de maiores explicações, afinal, muitos espaços como praças, parques, denominados espaços abertos, são resultantes da execução de um projeto, de uma construção, sendo, dessa forma, um espaço aberto construído. Além disso, muitas vezes, as próprias árvores que compõem tais espaços com suas enormes copas acabam por delimitá-lo, transformando-o em um espaço fechado, e neste caso, portanto, não pela construção.

Ashihara (1981, p.32), por sua vez, define espaço aberto, como uma “arquitetura aberta”, ou uma “arquitetura sem teto”. Tal definição satisfaz a pesquisa, pois podemos afirmar que espaços como parques, praças, bulevares, ruas etc., ora planejados, ora resultantes da evolução urbana, são ambientes oriundos de construções abertas, sem teto.

Sobre o espaço público ocorre o mesmo. Inúmeros autores o definem de variadas formas. Tal espaço é muitas vezes mencionado como espaço exterior ou coletivo. Tuan (1983), por exemplo, utiliza o termo interior e exterior, denotando o mesmo sentido de intimidade e exposição ou de espaço privado e público, definindo, desta forma, espaço público como aquele espaço externo, exposto, não íntimo. Já Cerasi *apud* ROMERO (2001) afirma que o conceito de espaço público se confunde com o de espaço coletivo, sendo apenas diferentes formas de se nomear um mesmo espaço urbano, o qual oferece possibilidade de uso por qualquer indivíduo.

Hertzberger (1999), por sua vez, define público e privado como coletivo e individual. Espaço público seria uma área acessível a todos a qualquer momento, sendo sua manutenção de responsabilidade coletiva. Sendo, por outro lado, espaço privado, a área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem responsabilidade de mantê-la.

No entanto, Romero (2001, p.44) pondera sobre a dificuldade de determinação de responsabilidade sobre espaços que se configuram como público, mas, por motivos pessoais ou de algum grupo restrito, têm seu uso pré-determinado:

“Quando esses espaços não se diferenciam nem física nem legalmente

dos espaços públicos, ambos se fundem num espaço único, dilatado e confuso no qual se encaixam os edifícios, criando a possibilidade de inumeráveis problemas de gestão e de conflitos”.

Acredita-se, no entanto, que espaço público indica não só a idéia de um espaço com possibilidade de uso por qualquer indivíduo, como é definido o espaço coletivo, mas, principalmente, como sendo todas as regiões do ambiente urbano que se apresentam livres à escolha e às ações espontâneas destes indivíduos (LYNCH, 1997).

Sendo assim, define-se espaço aberto público, como sendo um ambiente sem teto (este oriundo de construção), exterior, exposto, de livre uso por qualquer indivíduo sem distinção e que se apresenta livre à escolha e às ações espontâneas destes indivíduos.

2.1.1 Uma possível classificação dos espaços abertos públicos

O espaço aberto público de uma cidade pode ser considerado e percebido como um ambiente contínuo, composto pelo traçado das ruas, praças e parques, e por seus demais elementos constituintes e delimitadores (fachadas, vegetação etc.).

É importante salientar a dificuldade de se tentar classificar todos os tipos de espaços abertos públicos existentes quanto à configuração e forma de uso. Halprin (1963), por exemplo, classifica os diversos tipos de espaços abertos públicos em ruas, ruas de comércio (sem circulação de veículos), praças menores, praças maiores, parques de vizinhança, parques centrais e margens d'água. Neste estudo, tais espaços são agrupados, para melhor caracterização das semelhanças e diferenças, em ruas, parques e praças.

A rua, espaço aberto público por excelência, é de grande importância no processo de orientação dentro das cidades. Seu traçado, diretamente relacionado à formação e ao crescimento da cidade, é determinado em função da importância dos deslocamentos e da mobilidade das pessoas e das mercadorias. Tanto em cidades planejadas como não planejadas – surgidas em consequência de uma natural ocupação de espaço – a rua tem como

principal característica a ligação de dois ou mais pontos de interesses diversos.

A rua tem uma relação direta com seu entorno e está diretamente associada ao processo de socialização, oferecendo variedade social e promovendo novas e importantes experiências aos indivíduos. É importante salientar que o uso geralmente observado em ruas está diretamente relacionado à circulação. “Uma das imagens mais fortes e mais concretas da cidade é a rua, espaço plurifuncional, onde os mais variados fatos ocorrem, do comércio à circulação, do ponto de encontro ao local de desfile” (SOUZA, 1997, p.117). Quase não ocorre o espaço estacionário, que geralmente está vinculado à possibilidade de ocorrer permanência, geralmente com presença de locais sentáveis (WHYTE, 1980).

Os parques são geralmente locais onde se procura reavivar a natureza dentro das cidades, ou resultados de uma tentativa de preservação de uma natureza preexistente. Segundo Kliass (2003, p.7), o parque urbano nasceu, a partir do século XIX, “da necessidade de dotar as cidades de espaços adequados para atender a uma nova demanda social: o lazer, o tempo do ócio e para contrapor-se ao ambiente urbano”.

Com grandes extensões de áreas verdes, promovem o contato com a natureza e com os seres vivos, fazendo com que o indivíduo se desligue do mundo urbano e entre em um novo mundo proporcionado por um ambiente totalmente distinto daquele onde passa o seu cotidiano (CERVER, 1997). Olmsted *apud* KLIASS (2003, p.7), em um de seus relatórios sobre o projeto do *Central Park* de Nova Iorque, indicou a necessidade da existência destes espaços nas cidades referindo necessidades consideradas vitais naquele momento: assegurar o ar puro e saudável, promover uma pausa visual em meio a tantas ruas e casas e funcionar como espaço para terapia, “através de impressões na mente e de sugestões para a imaginação”.

Geralmente nos parques concentram-se atividades diretamente relacionadas à recreação (lazer e esporte). Locais de passeio, utilizados principalmente nos finais de semana, promovem tanto a circulação quanto a permanência de usuários. Em comparação com outros espaços abertos públicos, como ruas e

praças, são considerados espaços voltados mais ao seu interior, como se fosse um ambiente à parte daquele encontrado imediatamente fora de seus limites.

A praça, assim como a rua, representa um dos dois mais importantes espaços abertos públicos da cidade, tendo, no Brasil, desde os primeiros tempos da Colônia, desempenhado um papel fundamental nas relações sociais oriundas de encontros proporcionados pela circulação de pessoas. A praça, no entanto, pode ser considerada como o espaço mais característico do urbano, pois, além de concentrar atividades de circulação, como ocorre nas ruas, é um espaço também de permanência, como nos parques (MACEDO; ROBBA, 2002).

É um espaço acessível aos cidadãos, livre de veículos (MACEDO; ROBBA, 2002), situada quase sempre em meio ao contexto urbano, gerando uma forte circulação de pessoas, que ora passam ora permanecem, estando, desta forma, diretamente relacionada ao convívio social e apresentando uma vocação específica: promoção da vida pública (SOUZA, 1997).

Dessa forma, a praça, sendo o espaço que oferece as características de circulação, permanência e conseqüente vocação ao convívio social, tornou-se o espaço aberto público com maior potencial para a presente pesquisa.

Inúmeras são as definições referentes ao termo praça. Mesmo havendo divergências entre os autores, todos concordam em conceituá-la basicamente como um espaço aberto público.

É possível perceber ainda, que, devido à abrangência do termo, distorções sobre a terminologia dada a determinados espaços urbanos têm sido freqüentes. Muitas áreas, batizadas pelo nome de praças, são apenas canteiros ou jardins urbanos remanescentes do traçado viário.

O reconhecimento da praça como um componente do urbano, tanto por seus usuários como pelos idealizadores do espaço como arquitetos, urbanistas, engenheiros, técnicos entre outros, é quase imperceptível. Macedo e Robba (2002) acreditam que canteiros centrais de avenidas, jardins junto às alças de acesso a pontes e viadutos, rotatórias, taludes e encostas ajardinadas não devam ser considerados praças, mas sim exemplos de jardins urbanos. Nesta

pesquisa pretende-se adotar a mesma sistemática.

Desta forma, considera-se praça todo espaço aberto público destinado ao lazer e convívio da população, geralmente composto por elementos constituintes e delimitadores, como fachadas, vegetação, monumentos etc., e/ou por outros espaços abertos públicos, como as ruas.

É um espaço que aporta muitas vezes, tanto em seu interior quanto em seus limites, edificações e/ou monumentos de grande qualidade e importância à cidade, o que gera uma forte relação não só com o seu entorno, mas como referência para toda a cidade (SITTE, 1992). Conseqüentemente, é um espaço que dá um sentido de lugar e se transforma em um foco referencial e de vitalidade para a vizinhança, ou, até mesmo, em um símbolo cívico, tanto por sua beleza quanto pela força dos eventos que ali acontecem.

Tuan (1983, p.37, 83, 151) distingue o termo lugar de espaço. Enquanto lugar representa segurança, o espaço é a liberdade:

“O lugar pode adquirir profundo significado através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. (...) Quando o espaço é inteiramente familiar, torna-se lugar. (...) O espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado”.

2.2 A PRAÇA NO CONTEXTO URBANO

Com a evolução das cidades, o significado do papel da praça no contexto urbano sofreu modificações, no entanto, sua vocação social ainda permanece (MACEDO; ROBBA, 2002).

Segundo os precedentes históricos, é possível constatar, que a praça é um dos espaços mais característicos de uma área urbana e o primeiro grande espaço aberto de uma cidade, já que foi criada quase que simultaneamente ao primeiro assentamento urbano (SITTE, 1992).

Na antigüidade, a praça surge inicialmente com um espaço de uso particular, levando o nome de jardim. Esta denominação se deu pelo fato de situar-se

dentro de uma propriedade particular e de apresentar uma grande quantidade de vegetação. Naquela época “era um espaço destinado à meditação e à contemplação da natureza”, mesmo que fosse uma recriação humana do ambiente selvagem“. Representava “a metáfora do Éden, atraindo para si uma imagem de paraíso e de tranqüilidade celestial” (MACEDO; ROBBA, 2002, p.23).

Este intuito, de ser um local de paz e tranqüilidade, foi conservado nas praças ocidentais, até o final do século XVIII, onde ainda se meditava e se apreciava a vegetação. Tais espaços, porém, continuavam situados em propriedades particulares como palácios, mosteiros ou conventos (MACEDO; ROBBA, 2002).

No final do século XVIII e começo do XIX, surgem os primeiros espaços destinados ao uso coletivo na Europa. Surgem os passeios públicos e as alamedas, porém, com a manutenção das antigas características como áreas de contemplação, meditação e passeio (MACEDO; ROBBA, 2002).

A praça, naquela época, passou a ser vista como o coração da cidade, onde ocorria o convívio das pessoas, como um ponto de encontro. Local para comércio, celebrações e, até mesmo, execuções, a praça possibilitava aos indivíduos o acesso rápido a notícias, comida, água, discussões sobre política, filosofia, ou, simplesmente, ver o tempo passar (SITTE, 1992).

Quanto ao aspecto físico, Galender (1992) afirma que a praça poderia ser definida como uma manifestação espacial resultante da malha urbana, estando presente desde a cidade medieval, assumindo diferentes formas, mas sempre produto de uma necessidade funcional mais ou menos evidente.

Durante a Idade Média e a Renascença, Sitte (1992) revela que houve uma valorização intensa e prática das praças nas cidades e uma harmonização destas com os edifícios públicos adjacentes. As praças ricamente adornadas eram o orgulho e a alegria de toda a cidade independente. Sempre movimentadas, as praças concentravam as festas públicas, as exposições. Eram locais destinados às cerimônias oficiais, anúncio de leis e realização de todo tipo de eventos semelhantes.

As funções das praças ou as atividades ali realizadas eram bastante diferenciadas, sendo possível dividi-las em três tipos distintos: a Praça da Catedral (em frente à igreja), geralmente rodeada pelo batistério, campanário e palácio episcopal; a Praça Civil ou Real, ante-sala da residência do príncipe rodeada pelos grandes palácios, monumentos e estátuas históricas; e a Praça do Mercado (em frente ao mercado), na qual se encontram o Conselho e o chafariz com seu espelho d'água (SITTE, 1992).

Embora a necessidade funcional continuasse presente, a estética sobrepôs-se fortemente à funcionalidade, derivada da tônica humanista do período renascentista. Como intenção formal da Renascença, ocorre uma transformação do visual contemplado a partir das praças através de reformulações nas perspectivas, no tratamento das fachadas procurando uma unidade arquitetônica, além de uma preocupação direcionada às proporções entre a praça e volumes do entorno (SITTE, 1992).

No Barroco, as praças, geralmente resultantes de planos estabelecidos pelos eixos de circulação ou pelo cruzamento destes, proporcionavam ao usuário infinitos caminhos possíveis para transitação devido, principalmente, aos pontos focais ressaltados. Neste período, elementos decorativos como estátuas e fontes renovavam ainda mais tais espaços (SITTE, 1992). No século XIX tornou-se padrão o ajardinamento das praças, sendo o comércio praticamente excluído das principais praças de cada cidade (MACEDO; ROBBA, 2002).

No século XX observou-se paralelamente a reconstrução e demolição da antiga praça, que passou a ser ajardinada e pavimentada de modo a abrigar as novas modalidades de vida urbana que estavam sendo estruturadas. Ao final deste século, a praça passou a assumir mais de uma forma, atendendo estas diferenciadas modalidades (MACEDO; ROBBA, 2002).

2.2.1 Praças no Brasil

Apesar de existirem inúmeras praças no Brasil, raras são semelhantes às aquelas existentes na Europa datadas dos períodos medieval e renascentista.

Atualmente, apenas algumas praças coloniais ainda resistem ao tempo, como, por exemplo, o Largo do Pelourinho, em Salvador (Figura 2) e o Pátio do Colégio, em São Paulo (Figura 3) (MACEDO; ROBBA, 2002).



Figura 2: Largo do Pelourinho na cidade de Salvador – BA.
Fonte: Macedo e Robba (2002, p.16).



Figura 3: Pátio do Colégio localizado na região central da cidade de São Paulo – SP.

A formação de praças com a função de reunir pessoas e permitir o exercício de várias atividades diferentes, ocorreu, sobretudo diante de capelas, igrejas e conventos. Nestes locais eram previstos espaços vazios, com o objetivo de ressaltar as edificações do seu entorno, destacando na paisagem urbana os estabelecimentos de cunho religioso. As edificações eram realçadas e os

frequêntadores devidamente acolhidos (MARX, 1980).

Porém, as funções públicas, que na época (século XVIII) localizavam-se em edificações alugadas, não tiveram tanta influência sobre o surgimento de praças como na ocupação espanhola, onde a *Plaza Mayor* ou a *Plaza de Armas* tinham importância semelhante a qualquer outra de cunho religioso. São poucas as praças cívicas que ainda mantêm suas funções nos dias de hoje.

Segundo Macedo e Robba (2002, p.22), a praça, até então chamada de largo, terreiro e rossio, “era o espaço de interação de todos os elementos da sociedade, abarcando os vários estratos sociais. Um espaço polivalente, palco de muitas manifestações de costumes e hábitos da população”.

Durante o período colonial, constatava-se a importância da praça em relação ao resto da cidade. Entre os eventos que ocorriam na praça, o de festejar era constante. “A praça municipal foi objeto de especial esmero, sendo ornamentada a primor e em ordem a servir durante os dias festivos” (BARBOSA; DORNELAS, 1993, p.30).

Assim como na Antigüidade, no período Colonial do Brasil, a praça era também considerada um centro, um ponto de encontro da população, “para o ócio, comércio, troca de idéias, encontros românticos ou políticos, enfim, para o desempenho da vida urbana ao ar livre” (MACEDO; ROBBA, 2002, p.11). Era o ícone social do espaço urbano, vista e representada, muitas vezes, por seus elementos de composição como canteiros ajardinados, fontes, quiosques, coretos e outros.

Já o século XX representou um momento de transição, de transformação urbanística e paisagística no Brasil, devido principalmente à reconfiguração dos espaços abertos, tanto públicos como privados. No decorrer do século, as mudanças foram significativas, dando ao país uma identidade nacional no que se refere a uma arquitetura que passa a se orientar por novos padrões funcionais e formais, influenciados pelos acontecimentos internacionais que ditavam novas referências estéticas.

A partir da segunda década do século XX, os espaços abertos existentes,

como várzeas, campos e arrabaldes, passaram a ser ocupados por edificações. Os parques e praças públicas passaram a ser utilizados como uma opção de lazer nas cidades, ainda que dedicados inicialmente, segundo os padrões ecléticos, apenas a atividades de passeio e contemplação da natureza. O lazer esportivo permaneceu para as classes mais altas, restrito aos clubes e associações esportivas e, para as mais baixas, aos espaços abertos residuais, como campinhos e várzeas (MACEDO; ROBBA, 2002).

Na primeira metade do século XX foram implantadas as grandes áreas de lazer urbano: os parques públicos. Em São Paulo, os parques Anhangabaú e Dom Pedro II (1911), no Recife, o parque 13 de Maio (1939) e, em Porto Alegre, o parque Farroupilha (1935) (MACEDO; ROBBA, 2002).

Embora a implantação de novas áreas destinadas às praças não fosse tão significativa quanto à dos parques, esse período foi marcado pela consolidação do modelo da praça ajardinada. Esse modelo, influenciado pelas culturas francesa e inglesa, possuía uma forte unidade em seu programa e forma, caracterizando uma linha de projetos da arquitetura paisagística brasileira denominada ecletismo. Seguindo esta linha, que era determinada através da apropriação de vários estilos e influências, foram projetados e construídos desde jardins no final do século XVIII até grandes praças ajardinadas datadas do início do século XX (MACEDO; ROBBA, 2002).

Já no final do século XIX, o ecletismo propiciou grandes reformas urbanas. “A violência e a rapidez de tais transformações sedimentaram o ecletismo como o mais expressivo padrão paisagístico no país” (MACEDO; ROBBA, 2002, p.30). As praças tiveram sua configuração alterada expressivamente até a década de 50, e, até o final do século XX, sua influência ainda pôde ser percebida. A forma e a imagem das praças baseadas no eclético transformaram as cidades. Foi neste período que tal espaço começou a ser também projetado por paisagistas ou os chamados “jardineiros”, como Burle Marx (MACEDO; ROBBA, 2002, p.55).

A cidade de Goiânia, por exemplo, cujas obras de implantação do seu traçado começaram no ano de 1934, possui uma vasta rede de praças concebidas

através do modelo urbanístico adotado que privilegiou áreas ajardinadas com o caráter específico de contemplação. São exemplos nítidos da influência do urbanismo eclético, baseados na valorização do ajardinamento e da vegetação urbana (MACEDO; ROBBA, 2002).

Os loteamentos urbanos da década de 60 também contribuíram para o novo modo de estruturação dos espaços abertos. Enquanto a cidade colonial tinha suas praças configuradas através das edificações do entorno, na cidade planejada, eram o traçado viário e o arruamento que pré-determinavam a localização do espaço praça. A implantação de ruas para passagem de veículos entre os edifícios do entorno alterou significativamente a relação entre a comunidade adjacente e a praça, que, por sua vez, adquiriu outros significados na cidade moderna (MACEDO; ROBBA, 2002).

Com o movimento modernista, os antigos paradigmas da constituição dos espaços abertos públicos foram redefinidos. Junto a toda esta influência externa ocorreu ainda a “tropicalidade nacional”, que, segundo Macedo e Robba (2002, p.11), passa a ser exposta nos espaços urbanos mais significativos do país através de arquitetos e paisagistas de renome, como, por exemplo, Oscar Niemeyer e Burle Marx, por meio de obras como os palácios de Brasília (Figura 4) e os jardins da Pampulha (Figura 5).



Figura 4: Palácio do Itamaraty, projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e paisagístico de Burle Marx, localizado na cidade de Brasília – DF.
Fonte: Siqueira (2001, p.93).

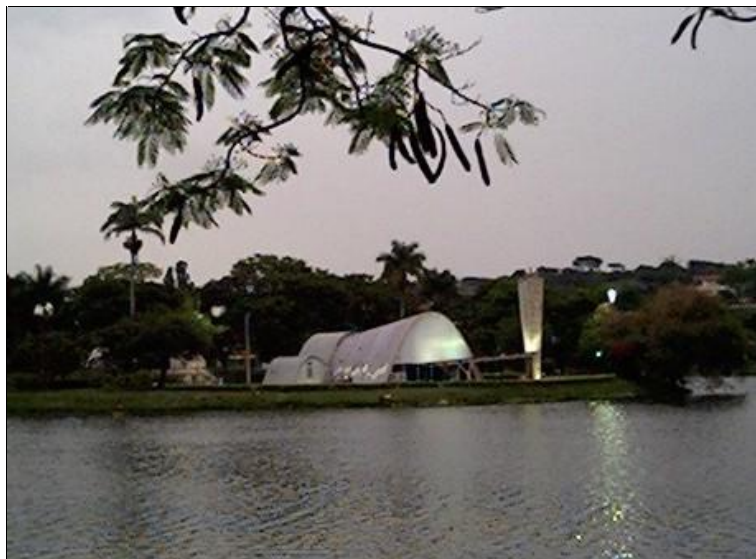


Figura 5: Igreja de São Francisco de Assis, projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e paisagístico de Burle Marx, localizado na cidade de Belo Horizonte – MG.

No século XX, principalmente nas décadas de 60 e 70, houve um aumento significativo na implantação de praças no contexto urbano devido, principalmente, às novas condições culturais e sociais que o país atravessava na época. Destacam-se os projetos baseados no movimento modernista executados em cidades como Curitiba (Figura 6), Porto Alegre (Figura 7), Rio de Janeiro (Figura 8) e São Paulo (Figura 9) (MACEDO; ROBBA, 2002).



Figura 6: Praça Jardim Ambiental I, do ano de 1977, projeto de autor desconhecido, localizada na cidade de Curitiba – PR. Fonte: Macedo e Robba (2002, p.106).



Figura 7: Praça Japão, do ano de 1961, projeto de autor desconhecido, localizada na cidade de Porto Alegre – RS. Fonte: Macedo e Robba (2002, p.129).

No entanto, mesmo com esta inovação urbana através das novas praças, as já existentes sofreram transformações tanto em sua composição como em seus elementos constituintes. Sucessivas e, na maioria das vezes, drásticas substituições de paisagens tradicionais e carregadas de significado junto à população foram realizadas através do Poder Público, que se baseava na necessidade da dita modernização das cidades.



Figura 8: Praça Salgado Filho, do ano de 1938, projeto de Burle Marx, localizada na cidade do Rio de Janeiro – RJ. Fonte: Macedo e Robba (2002, p.116).



Figura 9: Praça Vinícius de Moraes, do ano de 1971, projeto de Francisco Segnini Jr., Lúcia Porto e Vera Serra, localizada na cidade de São Paulo – SP. Fonte: Macedo e Robba (2002, p.104).

Por ser extremamente suscetível a transformações, a praça tornou-se no final do século XX, um dos principais focos de implantação de uma série de mudanças, caracterizando-se como uma nova forma de modernidade, configurada e expressa por uma nova corrente projetual denominada contemporânea (MACEDO; ROBBA, 2002).

2.2.2 Praças em Porto Alegre – RS

Especificamente sobre a cidade de Porto Alegre – RS, pode-se afirmar que os períodos da evolução urbana anteriormente tratados foram também observados em seus espaços. Sendo uma cidade cuja origem coincidiu com o processo de formação histórica do estado do Rio Grande do Sul, existindo desde meados de 1740, porém, oficialmente fundada somente em 1772, passou pelos períodos colonial, eclético, modernista, contemporâneo, bem como os atuais “neo”, “pós” etc.

É possível constatar, na maioria das praças datadas do início da formação da cidade, localizadas no centro urbano, que as composições, os usos e as funções, são completamente distintos daqueles inicialmente definidos.

Inúmeros aspectos, negativos ou positivos, afetam atualmente a procura destas praças como espaço aberto público de atividades. A paisagem urbana local mudou. São construídas, a cada dia, novas edificações seguindo estilos diferenciados do contexto geral dos espaços e, na maioria das vezes, as edificações mais antigas, quando não derrubadas dando lugar a outras mais atrativas economicamente, degradam-se suplicando restauro, como é o caso de algumas edificações na Praça da Matriz (Deodoro da Fonseca) em Porto Alegre, como o Teatro São Pedro, o edifício sede do Senac, o Consulado da Itália e a própria Catedral da Matriz.

2.3 ASPECTOS ESTUDADOS ACERCA DO USO DE PRAÇAS

Hillier (1988), segundo estudos específicos referentes à sintaxe urbana associado à busca de uma nova tentativa de humanização de praças, coloca algumas recomendações: presença de linhas de visão permitindo o reconhecimento da estrutura espacial maior, de um núcleo de integração que se relacione com todas as rotas e de portas (passagens) entre o público e privado, ou entre o aberto e o fechado. Tais portas dizem respeito à relação entre espaços opostos, aumentando a integração funcional e visual entre estes, auxiliando no incremento do uso.

Tais colocações indicam a necessidade que o indivíduo tem sobre o controle do espaço no qual está inserido, bem como de suas adjacências. Algum conhecimento prévio daquilo que está por vir parece importante.

Whyte (1980) e Francis (1987), por sua vez, a partir de seus estudos em praças, obtiveram também algumas conclusões sobre aspectos revelados como influenciadores no uso destes espaços, tais como acessibilidade (localização em meio à circulação, facilidade no entrar/sair), conforto ambiental (luz, clima, som), possibilidades para sentar (bancos, cadeira, escadarias, muretas), natureza do uso das edificações adjacentes (residência, comércio, instituições públicas), composição da forma (estado de conservação, arborização, articulação daquilo que é visto a partir da praça, fachadas adjacentes) e significado do ambiente (história pessoal vivida, lembranças agradáveis, rotina),

Whyte (1980), a partir de outro estudo, realizado em praças da cidade de Nova Iorque, pôde concluir que, em geral, local para sentar é essencial para o sucesso de uso de uma praça, além de tudo aquilo que pode ser realizado pelo fato do indivíduo se sentar como: alimentar-se (presença de bancas de alimentação, bares e restaurantes) e, principalmente, algo para se ver (fontes e espelhos d'água, atividades, ruas movimentadas, vistas naturais, arborização).

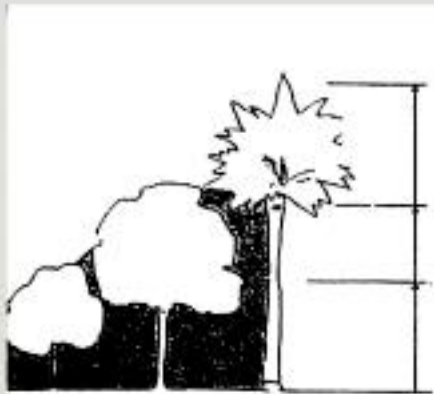
Joardar & Neill *apud* FRANCIS (1987) descobriram num estudo empírico de uso de dez praças em Vancouver, Canadá, que, as praças mais usadas foram citadas como aquelas que ofereciam uma maior qualidade visual e opções de sentar nas partes internas que as compunham, confirmando a hipótese de que não basta apenas ter qualidade visual, mas também locais de onde se possa contemplar tal vista, como bancos, desníveis ou mesmo degraus de escadarias.

Romero (2001, p.160), em seus estudos, define 3 (três) categorias de uso segundo funções atribuídas às praças: do cotidiano, simbólica e de passagem. Praças do cotidiano seriam aquelas onde são desenvolvidas atividades do cotidiano da população como “passear, tomar sol, desfrutar da sombra, descansar, comer, conversar, reunir-se, observar, ouvir, namorar etc.” As

simbólicas onde se desenvolvem atividades de caráter simbólico como “manifestações, comemorações, passeatas, observação e admiração dos símbolos do poder público, representação das funções de governo etc.”. Já as praças de passagem, conforme o nome diz, aquelas “onde a atividade preponderante é a passagem, principalmente para permitir o acesso a outro espaço”.

Importantes aspectos influenciadores na qualificação de espaços urbanos, mencionados por Romero (2000) (2001), são aqueles relacionados ao bioclimatismo. Romero (2000), por meio da aplicação dos chamados princípios bioclimáticos de desenho urbano em três tipos de clima de regiões tropicais (o caso do Brasil) – quente-úmido, quente-seco e tropical de altitude – indica a necessidade de interação entre variados elementos – climáticos, do lugar, da cultura – com vistas à qualificação dos espaços urbanos, como, por exemplo, o controle que pode ser feito sobre a radiação solar, o aproveitamento do vento amenizando seus efeitos aerodinâmicos prejudiciais, os efeitos da presença da vegetação etc.

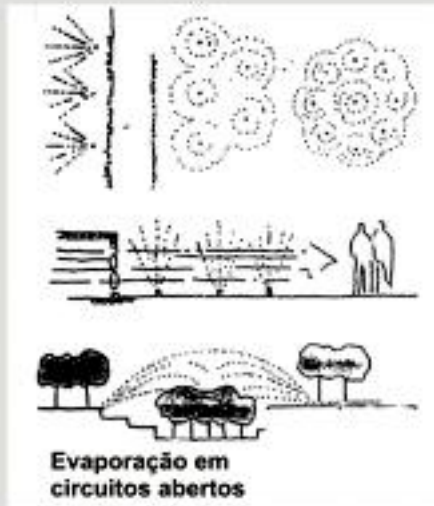
Espaços urbanos planejados, principalmente com base no controle do clima, puderam ser observados durante a Expo’92 em Sevilha, na Espanha (ROMERO, 2001). Resultantes de trabalhos de equipes interdisciplinares da Universidade de Sevilha e de profissionais como R. Velásquez, S. Alvarez, J. Guerra, E. Rodrigues e J. Cejudo, os espaços urbanos destacaram-se no que tange aos aspectos configuracionais de composição de elementos cuidadosamente inseridos com o objetivo claro de controle do clima, modificando conseqüentemente as condições climáticas dos ambientes, tornando-os agradáveis ao uso. Para tanto, foi elaborado pela organização do evento o Plano Diretor da Expo 1992 (ROMERO, 2001, p.23) que, entre outras diretrizes, indicava por meio de desenhos, o “Condicionamento Térmico da Expo’92” (Figura 10).



**Resfriamento
pela vegetação**



**Proteção solar e
ventilação**



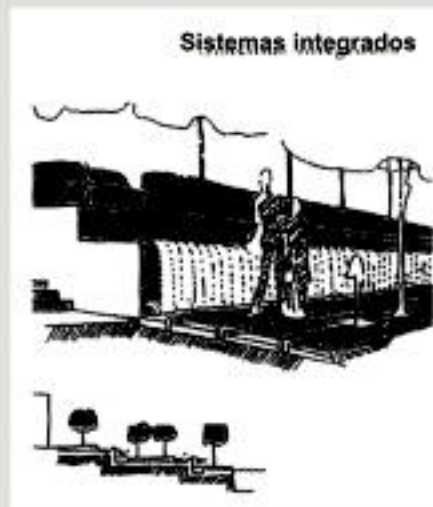
**Evaporação em
circuitos abertos**



Resfriamento pela sombra



**Evaporação em
circuitos fechados**



Sistemas integrados

Figura 10: Condicionamento Térmico da Expo'92.
Adaptado de Romero (2001, p.23).

No entanto, atualmente no Brasil, muitas obras arquitetônicas e urbanas desconsideram as influências ambientais sobre os espaços construídos, o que dificulta ou até mesmo inviabiliza sua utilização sem o uso de ações artificiais. Neste sentido, Schlee (2001, p.23) afirma que:

“(...) o rumo que orienta a maioria dos profissionais identificados com a construção no Brasil é pautado pela desconsideração em relação às questões ambientais. Postura incoerente e intrigante, que deixa antever apenas parte da grande crise que atravessa a arte de Oscar Niemeyer e de Lúcio Costa. Crise que será superada somente quando, a partir de uma revisão histórica abrangente, os arquitetos se preocuparem em trabalhar em harmonia e a favor da realidade e do contexto em que se inserem”.

Dessa forma, segundo os estudos apresentados, percebe-se que aspectos vinculados à funcionalidade (atividades disponíveis / a se realizar), à situação (localização na cidade, acessibilidade / mobilidade), à configuração (desenho urbano, elementos compositivos, bioclimatismo, arredores etc.) e ao significado (história, cotidiano, rotina, relação de afeto) foram inúmeras vezes citados pelos usuários e estudiosos, o que os definem como fatores determinantes no que diz respeito ao sucesso de uso de praças.

2.3.1 A imagem ambiental e sua transformação pelo indivíduo

O espaço, captado pelo indivíduo e transformado em uma imagem, carrega as influências provenientes dos processos ocorridos na mente humana relativos à transformação da imagem pura em imagem criada, conhecidos como processos de percepção e cognição, considerados bases da avaliação ambiental através da apreensão do espaço³ (Figura 11).

³ O processo de apreensão do espaço refere-se à captação pelo indivíduo da forma física de um espaço qualquer (KOHLSDORF, 1996).

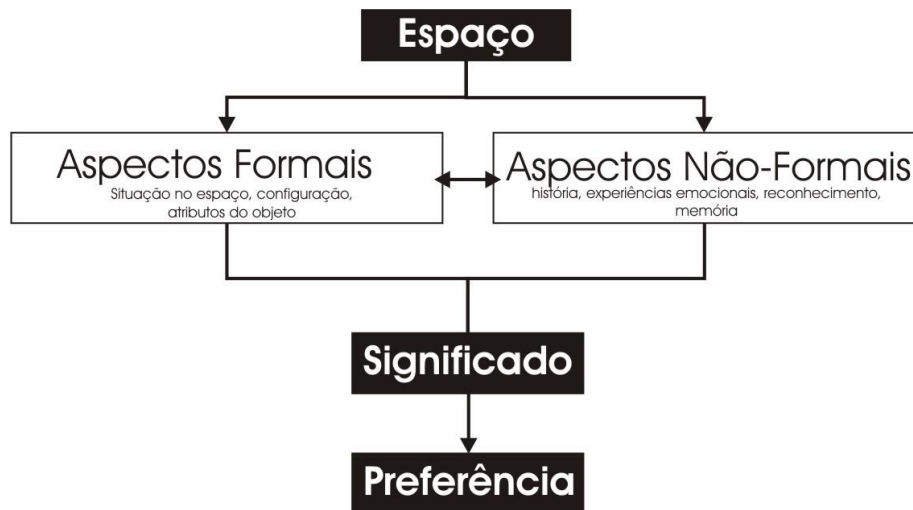


Figura 11: Captação do espaço pelo indivíduo: Imagem Ambiental.

Os aspectos formais referem-se, especificamente, aos elementos de influência na criação da imagem do lugar vinculados aos aspectos físicos do lugar. Considera-se que a imagem sofre influência de aspectos relativos à situação (localização, orientação solar etc.) e à sua configuração (planta-baixa, paisagismo, circulação, bioclimatismo, arredores, entre outros).

Os aspectos não-formais referem-se, especificamente, aos elementos de influência na criação de significado ao lugar, como história local, a experiência pessoal, eventos ocorridos e atuais etc. Baseiam-se na capacidade que um determinado espaço e seus elementos constituintes têm de possuir e/ou criar significado (afeto, sensação de pertencimento, memória etc.). Sua imagem é criada pelo indivíduo através de lembranças e/ou justificativas de uso.

Assim, fazendo parte da vertente ambiente e comportamento, e buscando suporte na área de psicologia, o presente estudo baseia-se na área específica da percepção ambiental, tendo como uma de suas premissas a possibilidade de melhor entendimento sobre as ações, as necessidades e os desejos dos indivíduos com respeito a um ambiente. Possibilita saber como eles imaginam o espaço, através de categorias e distinções, como operam ambientes com características físicas e sócio-culturais diferentes e que sentimentos e simbolismos utilizam para esses diferentes aspectos (GOLLEDGE; MOORE, 1976).

A imagem de um ambiente está associada ao processo cognitivo de armazenamento das informações ambientais, incluindo os valores, as experiências prévias dos indivíduos e os atributos simbólicos do espaço urbano.

Lynch (1997, p.1) afirma que a criação desta imagem é baseada no que é visto e na forma como é interpretado, ou seja, a imagem ambiental é resultado de um processo de percepção e cognição do ambiente: “nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às seqüências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas”. Sua teoria gira em torno de três conceitos geradores da imagem urbana: legibilidade; identidade, estrutura e significado; e imaginabilidade.

A legibilidade seria “a facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas em um padrão coerente” (LYNCH, 1997, p.3). É considerada como um fator preponderante sobre o processo de orientação, segurança, reforçando a profundidade e a intensidade potenciais da experiência humana. O autor chama atenção para a necessidade da riqueza de detalhes e significado, alertando, porém, sobre o perigo da confusão visual, conseqüência, muitas vezes, de uma quantidade elevada de apelos, o que acarreta uma falta de coerência do ambiente.

O processo da construção da imagem, segundo Lynch (1997), pode ser decomposta em três fases: identidade, estrutura e significado. Primeiro o objeto é identificado, diferenciado e reconhecido. Em seguida é estruturado de forma coerente com todas as relações internas definidas. E, finalmente, tal objeto produz um significado para o observador, seja ele prático ou emocional, transformando-se, finalmente, em imagem.

Imaginabilidade, por fim, seria “a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador” (LYNCH, 1997, p.11). É possível traçar um paralelo com a qualidade gestáltica⁴ de pregnância, sendo esta a capacidade que uma

⁴ A Gestalt é uma escola de psicologia experimental. O movimento gestaltista, surgido no final do século XIX através do filósofo vienense Von Ehrenfels, atua principalmente no campo da teoria da forma, com contribuição relevante aos estudos da percepção, memória, motivação, conduta

imagem tem em ser forte o suficiente, impondo-se na percepção e na memória do observador (DEL RIO, 1990).

A definição de Pesavento (1999, p.16) sobre a força que a imagem tem de se fixar na mente humana dispensa qualquer comentário adicional:

“A arquitetura e o traçado de ruas são, sem dúvida, o registro físico de uma cidade, mas também são um modo de pensar sem linguagem. O espaço é sempre portador de um significado. A força de uma imagem se mede pelo seu poder de provocar uma reação, uma resposta. É na capacidade mobilizadora das imagens que se ancora a dimensão simbólica da arquitetura”.

De acordo com Kaplan *apud* GÄRLING e EVANS (1991), para que se entenda como um ambiente é captado pelo indivíduo, é necessária uma avaliação ambiental. Qualquer descrição desta avaliação indica informação sobre aquilo que é considerado importante pelo indivíduo, segundo suas experiências e conhecimentos prévios. Para Nasar (1998, p.4) o processo de avaliação ambiental através da criação da imagem ocorre da seguinte forma:

“A imagem avaliativa é conseguida a partir do indivíduo, do ambiente e da interação entre os dois (...) O ambiente tem vários atributos. Observadores, dependendo de fatores internos e ambientais, passam por alguns atributos, prestam atenção em outros e avaliam o que eles vêem. (...) em suma, nós filtramos nossa resposta avaliativa através da lente de nossa percepção e cognição do ambiente”.

E, segundo Golledge *apud* GÄRLING e EVANS (1991, p.53), o processo de avaliação ambiental envolve a combinação de:

“atributos físicos e paisagísticos (qualidade atmosférica, luz, aspereza, altura, uso do solo, cor, textura, forma, linha, uniformidade, variabilidade), atributos subjetivos (complexidade percebida ou diversidade de elementos, harmonia percebida ou coerência, dominância da forma visível, singularidade ou distinção, mistério, beleza, prazer, satisfação, valor estético, valor de estilo de vida tradicional, importância histórica) e atributos de interação entre homem-ambiente (familiaridade, frequência de viagens, uso atual ou esperado, localização observada, escala, distância aos atributos chave)”.

exploratória, dinâmica de grupos sociais, entre outros. A teoria da Gestalt, derivada de numerosos estudos e pesquisas experimentais, tenta explicar o porquê de algumas formas agradarem mais que outras (GOMES FILHO, 2000).

Dessa forma, é necessário o entendimento dos processos de percepção e cognição, bases do processo de avaliação ambiental. O modelo adaptado do gráfico de Miller *apud* NASAR (1998) (Figura 12), para o estudo das respostas avaliativas do ambiente, fornece um resumo de tal processo:

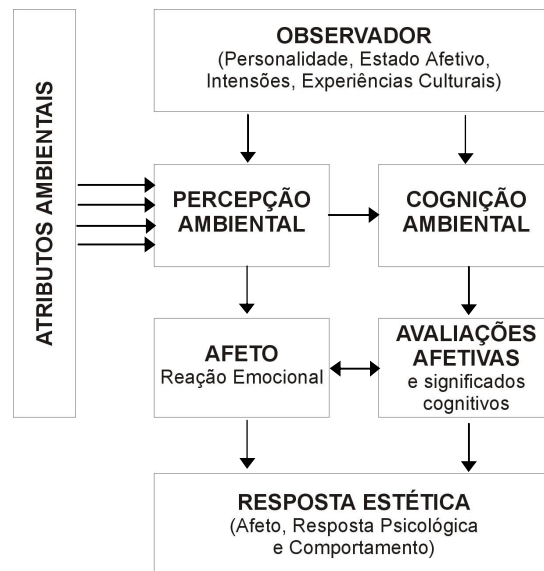


Figura 12: Processo de avaliação ambiental.
Adaptado do gráfico de Miller *apud* NASAR (1998)

O processo apresentado permite compreender como o indivíduo apreende os atributos do ambiente e sobre ele realiza suas avaliações. Verifica-se que a avaliação ambiental tem relação com os atributos físicos, sendo permeada tanto pelos processos de percepção e cognição como de formação de preferências e conseqüente tomada de decisões. Tais manifestações dos usuários - afetivas e comportamentais - possibilitam, uma avaliação de desempenho ambiental, e podem ser medidas, segundo Lay (1992) e Reis (1992), através de critérios de desempenho como nível de satisfação do usuário e comportamento.

A percepção ambiental é um processo baseado na apreensão através dos sentidos dos atributos ambientais presentes no ambiente físico. Enquanto a cognição refere-se à armazenagem, organização e uso destas informações ambientais percebidas (LAY, 1992). Tais processos têm natureza dinâmica, e são resultados de um processo bilateral entre o observador e o ambiente (LYNCH, 1997), envolvendo simultaneamente os atributos físicos e a

experiência prévia do observador com suas concepções e expectativas, construídas e modificadas no tempo (Figura 13).

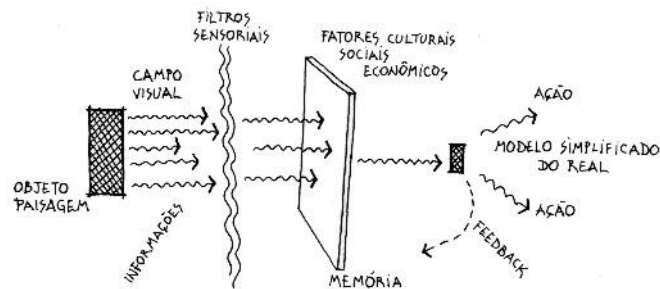


Figura 13: Interpretação esquemática do processo de percepção / cognição / resposta.
Fonte: Del Rio (1990, p.92)

Dessa forma, fica claro que, apesar do processo da percepção ambiental ser dirigido por estímulos externos, que são captados pelos sentidos, existe uma importante contribuição do sujeito através de mecanismos cognitivos – motivações, humores, necessidades, conhecimentos prévios, valores, julgamentos e expectativas – que são diferenciados individualmente (LANG, 1987) (LAY, 1992).

A influência dos mecanismos cognitivos pode ser melhor compreendida através da Figura 14, na qual “T” indica o objeto observado e “A”, “B”, “C” e “D” os observadores de forma individualizada. Se a análise se fixar ao alvo “T”, são ignoradas as modificações substanciais introduzidas pelo ponto de vista de cada observador. Se, por outro lado, a análise considerar as condições culturais e individuais de cada observador, o objeto formal percebido altera-se, transformando-se em distintos objetos, dependendo do observador.

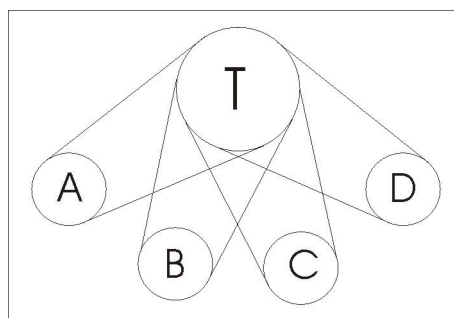


Figura 14: Objeto observado x objeto apreendido.
Adaptado de Arnheim (1998, p.14).

O processo de formação de imagem depende diretamente das características de cada indivíduo. No entanto, acredita-se ser possível, a partir do conjunto de imagens individuais consideradas semelhantes, observar a formação das chamadas “imagens públicas”, ou seja, imagens mentais comuns a vastos contingentes de habitantes de uma cidade (LYNCH, 1997, p.8):

“Cada indivíduo cria e assume sua própria imagem, mas parece existir um consenso substancial entre membros do mesmo grupo. Essas imagens de grupo, consensuais a um número significativo de observadores, é que interessam aos planejadores urbanos dedicados à criação de um ambiente que venha a ser usado por muitas pessoas”.

Nasar (1998) acredita ser necessário descobrir quais são as características agradáveis à coletividade. Stamps III (1997), por sua vez, argumenta que a teoria da estética ambiental considera que um indivíduo situado num ambiente físico qualquer experimenta sensações que podem ser causadas por experiências sócio-culturais próprias. Porém, as informações necessárias para a avaliação efetiva da resposta (impacto) estética seriam a identificação dos aspectos do ambiente físico que afetam as sensações dos indivíduos, a medição de quão fortes são estes efeitos e a identificação da representatividade dessas sensações em um consenso coletivo ou sua especificidade por indivíduos ou grupos de especial interesse.

2.3.1.1 Os aspectos formais influenciadores de uso de praças

São discutidos agora os aspectos intrínsecos à imagem criada a partir da forma do espaço. Tal imagem é definida como resultado da influência de aspectos relativos à situação (onde a praça está localizada, qual a sua orientação solar, nível de acessibilidade, qual o uso das edificações adjacentes) e à configuração (dimensão, como a praça é composta segundo projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo, como acontece sua circulação interna, quais são e onde estão localizados seus elementos de composição, qual a sua aparência decorrente de manutenção, composição dos arredores, se oferece conforto bioclimático segundo temperatura, ventos, luz/sombra etc.).

Assim, quanto aos aspectos relativos à situação, são considerados importantes dados sobre a localização, a orientação solar, a acessibilidade, entre outros.

Sobre localização, define-se importante a posição do espaço em relação à cidade (centro ou subúrbio), aos bairros e às ruas consideradas principais (mais movimentadas, presença de corredores de transporte público). Sobre orientação solar, é importante definir qual o posicionamento em relação ao movimento aparente do sol, com informações sobre incidência de luz e sombra, de acordo com as estações ao longo do ano. E, finalmente, sobre a acessibilidade, importa saber que ruas dão acesso ao espaço, se é adaptado ou não ao deficiente, o tipo de mobilidade de acesso (a pé, de carro, tipo de meios de transporte disponíveis), entre outros.

Quanto aos aspectos relativos à configuração, são considerados importantes dados sobre a dimensão, os projetos arquitetônicos, urbanos e paisagísticos (desníveis, circulação interna, vegetação, água, forma, textura, cor), os confortos sonoro (nível de ruído no entorno), luminoso (entrada de luz solar ou projeto luminotécnico) e climático (temperatura segundo as diferentes estações, ventos e precipitações), presença e localização dos locais sentáveis (bancos, muretas, escadarias), atividades existentes (feiras, bancas de alimentação), composição dos arredores (ruas, rios, bosques, praias, edificações etc.) bem como nível de manutenção da aparência do lugar (limpeza, conservação), entre outros.

Sobre dimensão especificamente, tomando sempre como elemento referencial o entorno ou o usuário, é correto incluir o tamanho (metragem, grande ou pequeno, extenso ou curto), a posição no terreno (à frente ou ao fundo, acima ou abaixo), a proporção e a escala (grande ou pequeno, perto ou longe, alto ou baixo).

Em diversos estudos, como, por exemplo, os realizados por Joardar e Neill *apud* MARCUS e FRANCIS (1990) em praças no Canadá, ou por Cooper e Francis (1990) em praças de Nova Iorque e São Francisco nos Estados Unidos, observou-se que praças que receberam altos escores relativos à preferência de uso, os comentários dos usuários eram constantemente

relacionados a aspectos de situação e configuração das praças, como, por exemplo, variedade de cores e textura de vários elementos da paisagem (árvores, arbustos, fontes e esculturas), locais para sentar, artefatos com diversas formas, espaços articulados, nichos, cantos e trocas de nível.

Contrariamente, em relação às praças que receberam baixos escores, as pessoas se referiam à aridez ou obviedade na composição interna das praças, redundância nas cores ou texturas dos materiais, excesso de pavimentação com concreto e cimento, falta de contraste de cores, falta de verde, monotonia da organização espacial e falta de ponto focal. Densidade e variedade, em oposição a vazio e repetição, pareciam importantes para uma percepção satisfatória das praças.

Nasar (1998) identificou algumas características determinantes no uso de praças referentes à sua configuração. No seu estudo, a preferência estava diretamente relacionada a lugares que apresentavam bom nível de limpeza, manutenção e prédios com aparência nova, e contrária a lugares dilapidados, sujos e sem manutenção.

E, por fim, num estudo de Lynch (1997, p.49) realizado em cidades americanas, aspectos relativos à paisagem, como vegetação ou presença de água, foram freqüentemente citados com “carinho e prazer”. Os entrevistados de Jersey City citavam constantemente a ausência de espaços verdes em sua cidade, enquanto os de Los Angeles descreviam pacientemente a variedade da vegetação local. Uma prova da importância da presença destes aspectos da paisagem na vida urbana foi que inúmeros dos entrevistados, nas duas cidades, afirmaram mudar diariamente seu trajeto para o trabalho, com o intuito de passar por uma área arborizada, um praça ou um curso d’água qualquer, apesar de muitas vezes tal mudança acarretar aumento de tempo para percorrer o trajeto.

Diante ao exposto, parece claro a importância em se considerar e entender os aspectos configuracionais relacionados ao conforto bioclimático que abrange um conjunto de sensações provenientes da relação do indivíduo com o clima urbano, definido através da presença de luz/sombra, vegetação e água,

temperatura, ventos e umidade adequados. Mascaró (2004, p.9) confirma tal importância mencionando que:

“a arquitetura, ao se situar na cidade, a mostra como sendo marco de sua própria razão de ser. Mas, ao mesmo tempo, esta inter-relação cria o ambiente projetado da cidade, a qual a arquitetura deveria contribuir a melhorar. A ambiência urbana é consequência desta inter-relação. O clima urbano e seus microclimas não se explicam nem são compreendidos sem a intermediação da arquitetura que forma os recintos urbanos, cujo sentido está em seu entorno”.

2.3.1.1 Os aspectos não-formais influenciadores de uso de praças

Segundo Kohlsdorf (1996, p.69), “as diferentes formas dos lugares colocam condições que podem ser distintas para sua apreensão”. Algumas configurações espaciais são mais rapidamente absorvidas que outras. O sentido de direção e localização do indivíduo dentro das cidades depende diretamente da transformação das informações espaciais em sinais sensoriais dentro da mente humana. Os espaços possuem “desempenhos cognitivos”, ou seja, potencialidades específicas que, ao serem captadas pelos indivíduos, fazem com que estes ajam sobre a realidade, muitas vezes transformando-a. Kohlsdorf (1996, p.133-134) define ainda que:

“O mundo é observado por meio de sinais que nossos sentidos podem captar diretamente. Esses sinais correspondem a um sistema informativo definido pelas características do aparelho sensorial e da inteligência dos indivíduos, mas possibilidades sensível e intelectual são culturalmente construídas, e não apenas pressuposto genético, e esse meio social que molda nossa capacidade cognitiva inclui ambientes”.

Autores como Lynch (1997) e Stamps III (1997) argumentam que durante o processo de criação da imagem, um indivíduo situado num ambiente físico qualquer, experimenta sensações que são causadas por experiências sócio-culturais próprias, por influência da lembrança de acontecimentos passados.

Enquanto na percepção, a apreensão do espaço ocorre através dos sentidos, é durante o processo da cognição, através do armazenamento, da organização e do uso das informações percebidas, que ocorre o envolvimento da experiência prévia do observador composta pelos chamados mecanismos cognitivos como motivações, humores, necessidades, conhecimentos prévios, valores,

juízos e expectativas, construídos e modificados ao longo do tempo e diferenciados individualmente (LANG, 1987) (LAY, 1992) (Figura 15).



Figura 15: Interpretações conflitivas de uma mesma referência.
Adaptado de Del Rio (1990, p.92)

Lynch (1990) afirma que significados e associações, sejam sociais, históricos, funcionais, econômicos ou individuais, constituem um conjunto de influências que superam as qualidades físicas e se constituem fortes definidores de identidade e/ou estrutura. O indivíduo, ao observar formas claras e diferenciadas, desenvolve ligações fortes, tanto por influência do passado histórico quanto de suas próprias experiências. Segundo Lynch (1990, p.103):

“Cada cena é imediatamente identificável, e traz à mente um turbilhão de associações. Há uma total harmonia das partes. O ambiente visual torna-se parte integrante da vida dos habitantes. A cidade não é de modo algum perfeita, mesmo no sentido restrito da imaginabilidade, nem todo seu sucesso visual se deve apenas a essa qualidade. Mas parece haver um prazer simples e automático, um sentimento de satisfação, presença e certeza, que decorrem da simples contemplação da cidade ou da possibilidade de caminhar por suas ruas”.

O sentimento de satisfação está diretamente relacionado à capacidade que um ambiente tem ou não de ser agradável. E tal fator depende, segundo Lynch (1990, p.12), de propriedades baseadas em:

“...significado ou expressão, prazer sensorial, ritmo, estímulo, escolha, além da imaginabilidade que lida com a necessidade que o indivíduo tem de se identificar e se estruturar no mundo perceptivo, e ilustrar a relevância especial desta qualidade para o caso específico do espaço urbano, complexo e mutável”.

Segundo Lang (1987, p.197), uma estrutura geométrica do ambiente visual pode ser considerada agradável segundo quatro indicações:

- O reconhecimento de que a estrutura está de acordo com algum princípio normativo importante para quem observa;
- a percepção de que a estrutura permite a realização de seus objetivos;
- a congruência do nível de sua complexidade e ordem visual do objeto com o nível habitual do observador ou com o nível ao qual ele pode se adaptar; e
- a manutenção da atenção do observador.

Segundo o autor, caso ocorra alguma destas indicações, é possível concluir que houve uma demonstração de atitude positiva do indivíduo em relação ao ambiente em questão.

No processo de avaliação ambiental, é de suma importância ressaltar os estudos de preferência, o que torna possível identificar, medir e fazer previsões sobre que padrões ambientais são preferidos pela coletividade.

Nasar (1998, p.30) define preferência como “uma resposta avaliativa rápida às características ambientais, elaborada antes mesmo de uma percepção consciente”, ou seja, o processo ocorre independente do processo cognitivo de reconhecimento do objeto, sendo uma resposta direta sobre suas variáveis formais. Kaplan e Kaplan (1983), por sua vez, acreditam que a elaboração da preferência, mesmo sendo uma reação automática do indivíduo, é uma extensão do processo perceptivo.

Tais argumentações referentes à preferência indicam que, em relação à avaliação ambiental, a ação pode ser entendida como a atitude que o indivíduo tem diante do objeto percebido. Em avaliações de preferências são analisadas as características de um determinado objeto que o define como “preferido” segundo a opinião dos indivíduos. A formação de atitudes, ou tomada de decisão, ocorre num processo onde o indivíduo, ao perceber o ambiente, elabora preferências para as distintas alternativas de ações. O indivíduo então decide qual alternativa tomar perante um chamado “sistema de regras decisórias” que considera preferência como fator condicionante (GÄRLING; EVANS, 1991, p.45).

Uma investigação sobre os estudos de preferência estética demonstra que as respostas avaliativas de diferentes grupos são, em sua maioria, testadas para determinar as preferências cênicas ou estéticas dos usuários frente a uma paisagem em particular (SANOFF, 1991). Sanoff, Goodey e Appleyard *apud* DEL RIO (1990) realizaram estudos baseados em conceitos de preferências ambientais e de satisfação, tentando definir imagens e razões que levam os observadores a preferir este ou aquele espaço, e os atributos de um ambiente que se destacam perante outros.

Em estudos de Coeterier (1993), foi definida uma metodologia na qual estão listados os componentes indicados segundo preferências ambientais. Em geral, as razões que levam um indivíduo a preferir determinada vista relacionam-se basicamente a valores de familiaridade (reconhecimento, experiências emocionais) e de interesse (experiência estética, história), conforme demonstrado na Figura 16.

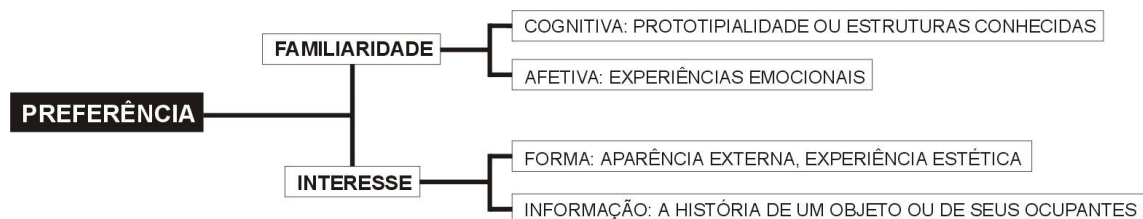


Figura 16: Interpretação das razões do processo de preferência.
 Fonte: Purcel e Nasar *apud* Coeterier (1993, p.125).

Mas são as características cognitivas, intrínsecas a cada indivíduo como conhecimento prévio, motivações, humores, necessidades, expectativas, entre outros, que tornariam a análise um tanto quanto subjetiva. É neste sentido que se torna importante a já referida busca da imagem de grupo, coletiva, que é composta pelo conjunto de informações obtidas de imagens mentais comuns a vastos contingentes de habitantes de uma cidade (LYNCH, 1997).

Já em relação ao espaço, analisado segundo a composição de seu imaginário desvinculado à forma, considera-se como principal fator de influência de uso a história do lugar. Ressaltam-se tanto as transformações físicas ocorridas ao longo do tempo, como os eventos que ali ocorreram. Segundo Ferrara (1999, p. 202):

“(...) transformações econômicas e sociais deixam, na cidade, marcas ou sinais que contam uma história não verbal pontilhada de imagens, de máscaras, que têm como significado o conjunto de valores, usos, hábitos, desejos e crenças que nutriram, através dos tempos, o cotidiano dos homens”.

Estas marcas podem ser observadas, por exemplo, através da memória arquitetônica de uma cidade, sendo esta a representação visual da história. Com o passar dos anos, a paisagem urbana reflete as marcas do tempo, dos estilos arquitetônicos pelos quais a cidade passou, sendo composta por objetos de composição bem como edificações de várias épocas, e, conseqüentemente, de variadas formas, tendências etc. (GUIMARAENS, 2002). Segundo Pesavento (1999, p.16):

“As imagens urbanas trazidas pela arquitetura têm, pois, o potencial de remeter também, tal como a literatura, a um outro tempo. É o caso de um monumento que se edifica no passado, mas que é pensado e sentido a partir do presente. O espaço urbano, na sua materialidade imaginética, torna-se assim, um dos suportes da memória social da cidade”.

Caso um certo período tenha perdurado por mais tempo que outros, num determinado contexto urbano, tendo maior representação arquitetônica no espaço, este se torna uma paisagem carregada de historicidade, propriedade que contribui significativamente ao caráter e à qualidade do ambiente urbano baseado na memória, no afeto e, conseqüentemente, no significado (CONZEN, 1988).

Tal associação de edificações de distintos períodos históricos e, ainda, com variadas funções, pode ser observada através da grande variedade estética encontrada nas praças de inúmeras cidades brasileiras. Em praças localizadas especificamente em sítios históricos, o processo parece se caracterizar muitas vezes pela demolição de antigas composições edificadas e posterior substituição por edifícios novos, muitas vezes com alto índice de ocupação (BRITO, 1998), formando, conseqüentemente, ambientes heterogêneos, com rupturas não só morfológicas, mas também da relação de afetividade que a população tem com tais espaços.

É correto, ainda, afirmar que no caso de praças, aquelas ditas centrais tendem a um caráter mais dinâmico que as não centrais, sofrendo, além das constantes mudanças na tipologia do espaço em si e das edificações adjacentes, e alterações nas atividades comerciais ali exercidas. Tal remodelação do lugar altera conseqüentemente o significado da praça.

Além das mudanças físicas ocorridas nas praças, é necessário citar também os acontecimentos sociais ali ocorridos ao longo da história, influência direta sobre a formação do significado do lugar. Segundo Bosi *apud* ARANTES (2000, p.21), os locais na cidade onde ocorreram os fatos que compõem a memória social são denominados “pontos de amarração”. Alguns fatos históricos ocorridos em São Paulo, como “o vôo do Zepellin sobre o Viaduto, o Dia da Vitória, o IV Centenário de São Paulo, as festas de São Vito e Nossa Senhora AQUIROPITA” (ARANTES, 2000, p.21), criaram novos pontos de amarração espalhados pela cidade, ou seja, lugares cheios de significado, inseparáveis dos eventos que neles ocorreram. Citando uma frase de Merleau-Ponty – “as lembranças se apóiam nas pedras da cidade” –, Arantes (2000, p.21) afirma que acontecimentos, espaços e lugares, são produtores simultâneos de memória, que fazem permanecer a estruturação das práticas atuais.

As paisagens são criadas pela ação humana e, ao se tornarem referências de ações e experiências compartilhadas, ao longo do tempo, realimentam, por sua vez, o processo histórico. Lefèbvre *apud* ARANTES (2000, p.84) já afirmava em 1974 que o espaço era “efeito de ações passadas, que permite ações, as sugere ou as proíbe”, ou seja, o espaço geográfico é um constructo social, sendo as paisagens objetos oriundos de processos sociais.

2.4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA REVISÃO DA LITERATURA

Após a revisão bibliográfica, torna-se possível conceituar o espaço aberto público como sendo um ambiente sem teto (este oriundo de construção), exterior, exposto, que possibilita o uso por qualquer indivíduo sem distinção e livre à escolha e às ações espontâneas destes indivíduos.

Ressalta-se a importância destes espaços no cotidiano da população que,

desde a antiguidade, são considerados necessidades vitais para manifestação de grande parte da vida pública. No entanto, constatou-se que, atualmente, a população procura cada vez menos os espaços abertos públicos para se socializar, e que ambientes fechados como a residência e locais de compras e/ou trabalho têm sido seu foco de preferência. Conseqüentemente, em meio a este abandono, os centros urbanos das grandes cidades vêm sofrendo uma certa decadência, enquanto que imensos centros comerciais, os chamados *Shopping Centers*, ganham força com uma demanda potencial.

Considera-se, portanto, que estudos que busquem, por meio de seus resultados e respostas, cooperar para com a inversão deste processo de decadência dos ambientes abertos públicos, são de grande relevância.

Apesar da dificuldade de classificação, os espaços abertos públicos podem ser agrupados em 3 tipos: ruas, parques e praças. Especificamente com relação à praça, definida como o espaço aberto público objeto deste estudo, torna-se possível caracterizá-la como o espaço mais característico do urbano, possibilitando ao cidadão ora permanecer, realizando atividades de lazer e/ou ócio como nos parques, ora transitar, circulando como nas ruas.

Para entender o uso das praças, faz-se necessário considerar o indivíduo usuário como principal fonte de dados. Conhecer suas opiniões e valores torna-se imprescindível, caso contrário, o estudo estaria fatalmente incompleto e fadado à inutilidade. Desta forma, além da busca de conhecimentos na área de arquitetura e urbanismo no que se refere à composição do lugar, concorda-se em buscar na área da psicologia um melhor entendimento do processo formulador de preferência dentro da mente do usuário.

Assim, a pesquisa segue em direção à vertente ambiente e comportamento, buscando uma colaboração entre as áreas da psicologia e da arquitetura, baseando-se na percepção ambiental, tendo como objetivo obter-se entendimento sobre as ações, as necessidades e os desejos dos indivíduos com respeito ao ambiente praça.

Em seguida, ao organizar e analisar os principais aspectos influenciadores no uso de praças segundo estudos urbanos já realizados, possibilita-se concluir que o ambiente físico pode gerar sensações agradáveis e desagradáveis num dado observador. Identificar os motivos geradores de tais sensações no intuito de torná-los subsídios para futuros projetos deveria ser uma constante na prática do planejamento. Com base nos estudos considerados percebe-se uma relação direta entre decisão de uso e composição das praças e de seu entorno imediato, além da influência da história do lugar, seja de referência coletiva ou pessoal.

Concorda-se, portanto, que a análise de influência no uso de praças deve considerar dois aspectos: o primeiro relativo àqueles aspectos físicos, chamados formais, relativos à situação (localização, orientação solar etc.) e à configuração (planta-baixa, paisagismo, circulação, bioclimatismo, arredores, entre outros); e o segundo referente aos aspectos não dependentes da forma física, considerados não-formais, ou seja, o significado da praça (história local, a experiência pessoal, eventos ocorridos e atuais etc).

Assim, entende-se que a pesquisa deve basear-se em duas frentes de estudo para compreensão da relação entre imagem ambiental e uso de praças na cidade de Porto Alegre: o levantamento histórico-espacial (que abrange a caracterização das praças segundo seus aspectos formais e não-formais) e a avaliação ambiental (que considera as opiniões do usuário acerca das praças e seu uso).

3. MÉTODOS E FERRAMENTAS DE ESTUDO

Este estudo trata da investigação da relação entre imagem ambiental e uso de praças na cidade de Porto Alegre – RS. Tem por objetivo analisar o espaço aberto público praça, enfatizando a imagem ambiental definida por seus usuários com relação aos aspectos considerados dependentes da forma física como situação (localização, orientação solar etc.) e configuração (planta-baixa, paisagismo, circulação, bioclimatismo, arredores, entre outros) e daqueles não dependentes, relacionados ao significado da praça (história local, experiência pessoal, eventos ocorridos e atuais etc.). Para alcançar este objetivo, foram aplicados alguns procedimentos metodológicos.

A metodologia da pesquisa pode ser observada através do modelo de estudo de caso estruturado na Figura 17. Este modelo é composto por três etapas, sendo a primeira referente à seleção das praças, e as segunda e terceira etapas referentes ao levantamento histórico-espacial e à avaliação ambiental das praças selecionadas.

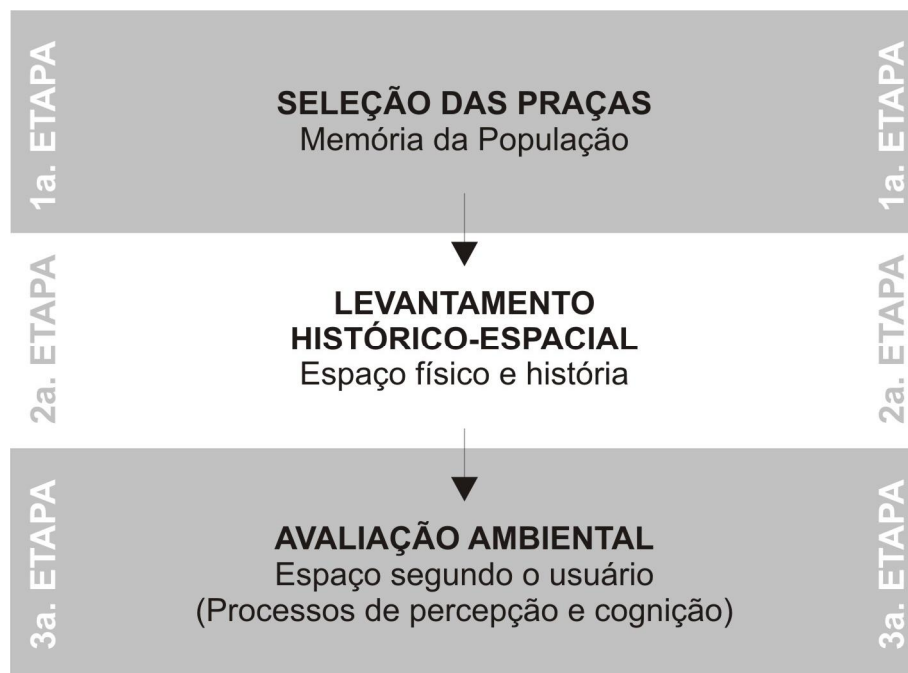


Figura 17: Modelo estrutural do estudo de caso

Na 1ª etapa foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas, no intuito tanto de selecionar as praças quanto de compreender o motivo de lembrança e o uso que a população faz das praças mencionadas.

Selecionadas as praças, seguem as 2ª e 3ª etapas do estudo de caso, que abrangem o levantamento histórico-espacial e a avaliação ambiental. O levantamento histórico-espacial consiste na caracterização das praças selecionadas segundo seus aspectos formais (situação e configuração) e não-formais (significado) e a avaliação ambiental consiste na análise das praças a partir de seus usuários por meio da aplicação *in loco* de entrevistas.

Após o estudo de caso tornou-se possível a realização das análises e das conclusões da pesquisa sobre a relação entre imagem ambiental e uso de praças na cidade de Porto Alegre – RS.

3.1. SELEÇÃO DAS PRAÇAS

A pesquisa foi realizada nas áreas Central e Central Expandida da cidade de Porto Alegre (Figura 18). A definição por trabalhar nestas áreas deu-se principalmente em função da necessidade de se realizar análises em uma área de imagem dinâmica e com presença de praças novas e antigas. A presença de funções mistas nos espaços (residência, comércio, instituições públicas, lazer, turismo etc.) associada à circulação de uma população altamente heterogênea distribuída nas mais diversas classes também contribuíram para tal definição de área.



Figura 18: Área central e central expandida da cidade de Porto Alegre.

Desta forma, para a coleta inicial de dados define-se uma área menor inserida dentro desta grande área (Figura 19).

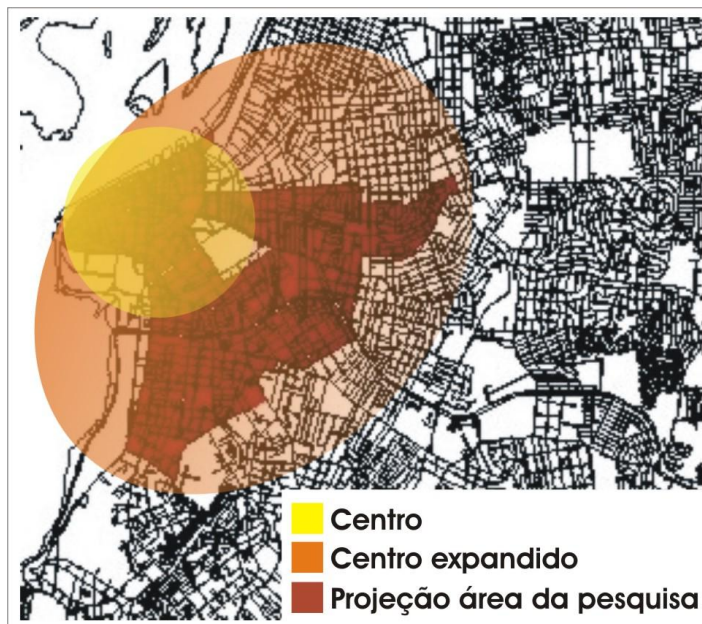


Figura 19: Projeção do zoneamento da pesquisa em relação à área central e central expandida da cidade de Porto Alegre.

Na área selecionada concentram-se três zonas, cada uma composta por três bairros próximos entre si. A Zona 1 é composta pelos bairros Bom Fim, Centro e Cidade Baixa. A Zona 2, pelos bairros Azenha, Menino Deus e Azenha. E, a Zona 3 pelos bairros Bela Vista, Rio Branco e Santa Cecília. O mapa deste zoneamento pode ser observado na Figura 20.

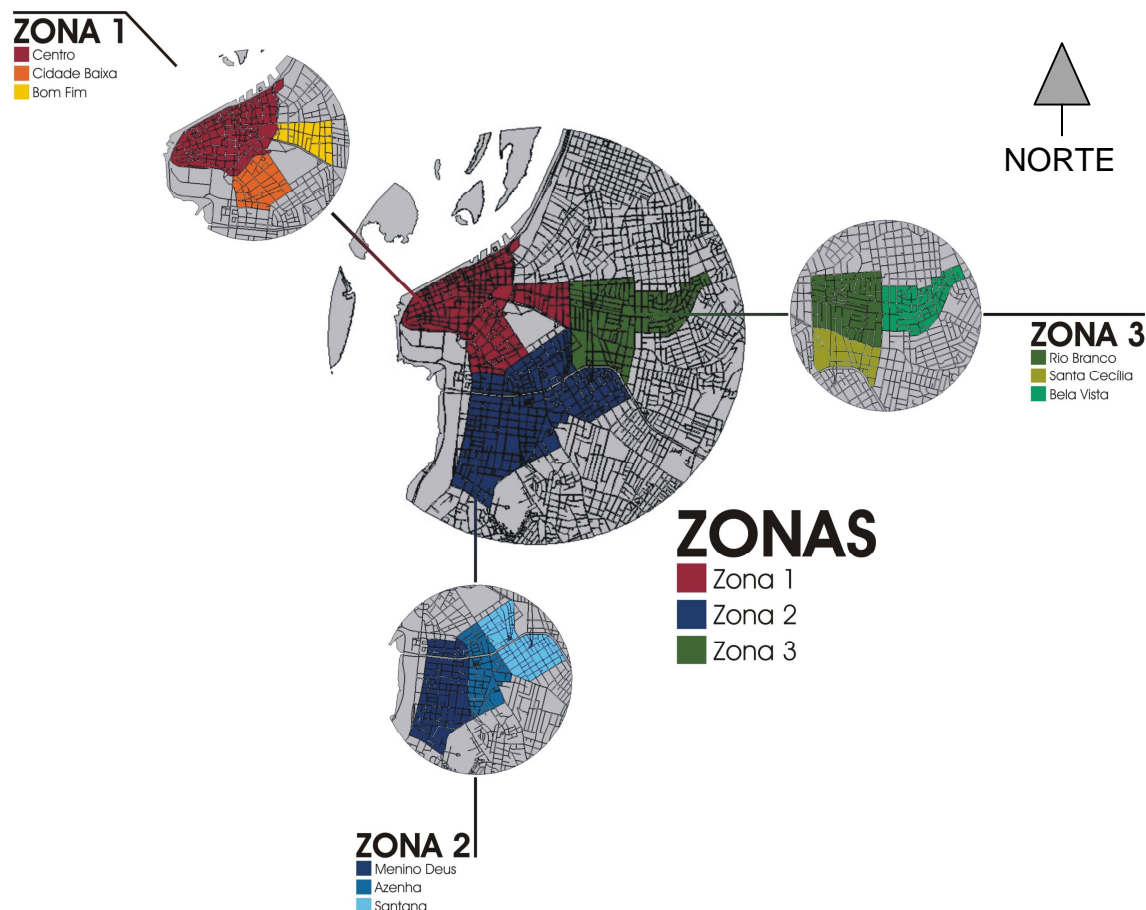


Figura 20: Zoneamento da cidade de Porto Alegre para a pesquisa.

Para cada bairro definiu-se uma amostra de 10 (dez) entrevistados residentes, totalizando 30 (trinta) entrevistados por Zona, ou seja, 90 (noventa) entrevistados nesta primeira etapa de coleta de dados junto à população.

Para viabilizar a escolha das praças a serem estudadas foi elaborado o "Questionário A". Este questionário consta de 2 (duas) etapas. Na primeira busca-se a seleção das praças, e na segunda, o perfil da amostra (Figura 21).

Seleção das Praças

1. Cite 5 praças de Porto Alegre.

2. O que estas praças significam pra você? Por que se lembrou delas?

3. É usuário de alguma delas?

1. PRAÇA?	2. SIGNIFICADO?	3. USO?

4. Fora as citadas, utiliza outra(s) praça(s) na cidade?
 não sim Qual(is)? _____

QUESTIONÁRIO A

CÓDIGO: _____

ZONA: _____

BAIRRO: _____

RUA: _____

Perfil da Amostra

5. Sexo? feminino masculino

6. Idade? até 20 anos entre 40 e 60 anos
 entre 20 e 30 anos acima de 60 anos
 entre 30 e 40 anos

7. Renda familiar? sem renda entre 5 e 10 SM
 até 3 SM acima de 10 SM
 entre 3 e 5 SM

8. Escolaridade? sem escolaridade completo incompleto
 1 grau completo incompleto
 2 grau completo incompleto
 3 grau completo incompleto
 Pós-graduação

9. Profissão? _____ aposentado

10. Há quanto tempo mora em Porto Alegre?
 até 2 anos entre 10 e 20 anos
 entre 2 e 5 anos acima de 20 anos
 entre 5 e 10 anos sempre

11. Há quanto tempo mora neste bairro?
 até 2 anos entre 10 e 20 anos
 entre 2 e 5 anos acima de 20 anos
 entre 5 e 10 anos sempre

12. Que bairros já morou? _____

Figura 21: "Questionário A" utilizado na seleção das praças.

Define-se como fator determinante para seleção das praças a serem pesquisadas a memória da população. Desta forma, na primeira questão, considerada a mais importante do "Questionário A", pede-se aos indivíduos que

sejam citadas as primeiras cinco praças de Porto Alegre que lhe venham à mente. Colocou-se esta questão no início para que a pessoa, ao citar as praças, utilizasse sua memória com o mínimo de influência do assunto a ser tratado.

As escolhas da população serão ponderadas. Tal ponderação baseia-se na idéia de que uma praça, quando citada em primeiro lugar, carrega uma força na memória do indivíduo muito maior que a quinta citada, sendo incoerente atribuir mesmo valor às duas (LYNCH, 1997). A soma do número de vezes em que a praça foi citada, já multiplicado pelo seu referente peso, definiu, portanto, que praças seriam estudadas. O cálculo foi realizado estipulando-se pesos dependendo da ordem que a praça for citada. A praça citada em primeiro lugar recebeu peso 5 (cinco), em segundo peso 4 (quatro), e assim consecutivamente. Para cada zona, foi selecionada uma praça.

Questiona-se em seguida sobre o motivo da lembrança das praças citadas, por que o indivíduo se lembrou delas. Objetiva-se nesta pergunta ter um primeiro contato sobre quais aspectos da praça, com seus elementos formadores, têm maior peso na composição da imagem ambiental pelo indivíduo sobre tal espaço. As respostas desta questão foram relacionadas, agrupadas por semelhança de conceituação e categorizadas segundo cada aspecto da praça considerado nesta pesquisa como formadores da imagem ambiental: situação na cidade, configuração e significado. O conjunto de itens catalogados a partir desta questão foi utilizado como base de um dos questionamentos do “Questionário B”, a ser aplicado *in loco* na fase da avaliação ambiental.

A terceira questão refere-se ao uso das praças citadas pelo entrevistado. Estas respostas possibilitam um cruzamento com os resultados da primeira questão, fazendo-se uma análise das co-influências entre lembrança e uso das praças.

No questionamento número 4 (quatro), busca-se saber, através da pergunta “fora as citadas, você utiliza alguma outra praça na cidade?”, se o entrevistado se lembrou ou não daquela que utiliza, conhecendo, desta forma, o grau de imaginabilidade que tal praça tem.

Na segunda etapa, as questões visam definir o perfil da amostra da população,

buscando criar uma imagem de grupo. No entanto, as informações pessoais obtidas nesta etapa, também são consideradas influenciadoras de uso de praças. Portanto, as informações obtidas através dos questionamentos sobre tempo de residência na cidade (questão 10), tempo de moradia no bairro e que outros bairros já residiu (questões 11 e 12), sexo (questão 5), idade (questão 6), renda familiar (questão 7), escolaridade (questão 8) e profissão (questão 9) foram comparadas às respostas obtidas na primeira parte do “Questionário A”.

3.2. LEVANTAMENTO HISTÓRICO-ESPACIAL

O levantamento histórico-espacial foi realizado com base na catalogação dos dados relativos aos aspectos intrínsecos às praças no que tange à sua história e composição espacial.

Com relação ao levantamento histórico, foram levantados desde os dados relativos aos fatores locais que atribuem significado ao lugar como sua evolução urbana, considerando-se as alterações na composição espacial da sua área interna bem como seu exterior, até os acontecimentos sociais como manifestações públicas, eventos de relevância ocorridos e que atualmente acontecem. Para tanto foram utilizados os métodos tradicionais de pesquisa por meio de publicações sobre o tema, periódicos, revistas, jornais, fotografias antigas e internet, além de visita a museus e arquivos públicos.

Relativo ao levantamento espacial, o método utilizado respeitou a análise indicada pela pesquisa sobre os aspectos formais de influência no uso de praças: aqueles relativos à situação (localização em meio à cidade, orientação solar, acessibilidade aos usuários) e aqueles relativos à configuração (composições arquitetônica, urbanística e paisagística internas às praças, arredores com identificação dos elementos da paisagem que limitam o espaço como vegetação, ruas, outros espaços abertos públicos, edificações etc., bioclimatismo por meio de estudos sobre luz / sombra, ventilação, ruídos etc.).

Considerou-se necessária a utilização desde métodos tradicionais de pesquisa, por meio do auxílio da bibliografia pertinente, fotografias, plantas impressas até os métodos mais atuais por meio de plantas em AutoCAD e Corel Draw, e

simulações com o uso dos programas computacionais ecotect e Sketch Up, principalmente no que tange ao entendimento sobre os aspectos bioclimáticos de luminosidade (luz / sombra), ventos, som, entre outros.

Utilizou-se, inclusive, a ficha bioclimática que consiste na catalogação das características da área de estudo a partir da concepção bioclimática do espaço público urbano com base em estudos de Romero (2001, p.158), considerando o conjunto tripartido em entorno, base e fronteira, e suas inter-relações (Figura 22). O entorno compreende o espaço urbano mais imediato, a base corresponde ao espaço no qual está assentado, e a fronteira o espaço que forma o limite ou marco do espaço arquitetônico em questão.

Considera-se a ficha bioclimática uma ferramenta de análise qualitativa sobre um espaço urbano. As informações coletadas para composição da ficha bioclimática, por serem consideradas sensoriais, foram levantadas *in loco*, organizadas e avaliadas sob duas óticas: espacial e ambiental.

Ficha Bioclimática			
ESPACIAIS		ÁREA	AMBIENTAIS
ENTORNO	ACESSOS	SOL	SENSAÇÃO DE COR
		VENTO	RESSONÂNCIA DO RECINTO
		SOM	SOMBRA ACÚSTICA
	CONTINUIDADE DA MASSA	DIRETA DIFUSA REFLETIDA	RADIAÇÃO
	CONDUÇÃO DOS VENTOS		
A BASE	COMPONENTES E PROPRIEDADES FÍSICAS DOS MATERIAIS	ÁREA DA BASE	UMIDADE DO AR
		PAVIMENTOS	VELOCIDADE DOS VENTOS
		VEGETAÇÃO	TEMPERATURAS SUPERFICIAIS
	ÁGUA	ALBEDO	SOM
	MOBILIÁRIO URBANO	AMBIENTE SONORO	
	ELEMENTOS PROTAGONISTAS	CONJUNTO DE CORES	COR
		TONALIDADE	
A FRONTEIRA	CONVEXIDADE	MANCHAS DE LUZ	LUZ
	CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE	ESTÉTICA DA LUZ	
	TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA	LUMINÂNCIA	
	ABERTURAS	INCIDÊNCIA DA LUZ	
	TENSÃO	DIREÇÃO DO FLUXO	CLIMA
	DETALHES ARQUITETÔNICOS E ARTÍSTICOS	ABSORÇÃO	
		REFLEXÃO	COR
		MATIZES	
		CLARIDADE	SOM
	CÉU	PERSONALIDADE ACÚSTICA	
ALTURA			
NÚMERO DE LADOS	QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS		

Figura 22: Ficha Bioclimática. Fonte: Romero (2001).

Objetiva-se com todo este levantamento de dados caracterizar as praças selecionadas para dar base aos estudos relativos à avaliação ambiental, realizados *in loco*, junto à população usuária, bem como as análises e considerações sobre a pesquisa.

3.3. AVALIAÇÃO AMBIENTAL

A avaliação ambiental vincula-se diretamente à memória e, conseqüentemente, ao significado, considerado indutor de preferência. Busca-se compreender como a população assimila as praças, levando-se em consideração suas distintas vivências e percepções.

O método escolhido para a realização desta avaliação ambiental relaciona-se à aplicação de entrevistas. Para tanto, elaborou-se o “Questionário B”, aplicado *in loco*.

O “Questionário B” é composto por duas etapas. Na primeira, objetiva-se coletar dados para dar base à avaliação ambiental da praça em questão. E na segunda, dados destinados tanto para compor o perfil da amostra quanto para melhor entendimento desta avaliação (Figura 23).

Avaliação Ambiental

1. Nos itens a seguir, gostaríamos que você **circulasse** uma nota de 0 a 10 de acordo com a sua opinião sobre cada aspecto **DESTA PRAÇA**.

Situação da praça na cidade:

10
9	Muito Bom
8
7	Bom
6
5	Regular
4
3	Ruim
2
1	Muito Ruim
0

Configuração da praça:

10
9	Muito Bom
8
7	Bom
6
5	Regular
4
3	Ruim
2
1	Muito Ruim
0

Significado da praça:

10
9	Muito Bom
8
7	Bom
6
5	Regular
4
3	Ruim
2
1	Muito Ruim
0

QUESTIONÁRIO B

CÓDIGO: _____

PRAÇA: _____

A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM AMBIENTAL E USO DE PRAÇAS NA CIDADE DE PORTO ALEGRE - RS

2. Qual o motivo de uso **DESTA PRAÇA**?
Por que você está aqui? _____

3. Com que frequência você usa **ESTA PRAÇA**?
 raramente;
 de 1 a 2 vezes por semana;
 de 3 a 4 vezes por semana;
 de 5 a 7 vezes por semana

Perfil da Amostra

4. Sexo? masculino feminino

5. Idade? até 20 anos entre 40 e 60 anos
 entre 20 e 30 anos acima de 60 anos
 entre 30 e 40 anos

6. Renda familiar?
 sem renda entre 5 e 10 SM
 até 3 SM acima de 10 SM
 entre 3 e 5 SM

7. Escolaridade?
 sem escolaridade completo incompleto
 1 grau 2 grau 3 grau incompleto
 3 grau completo completo incompleto
 Pós-graduação

8. Profissão? _____ aposentado

9. Há quanto tempo mora em Porto Alegre?
 não mora entre 5 a 10 anos sempre
 até 2 anos entre 10 a 20 anos
 entre 2 a 5 anos acima de 20 anos

10. Que bairro mora? _____

11. Que bairro trabalha? _____

Figura 23: Versão inicial do “Questionário B” a ser utilizado na avaliação ambiental das praças e aplicado *in loco*.

Na primeira questão objetiva-se saber o grau de importância de cada aspecto (formal e não-formal) da praça. O entrevistado atribuiu notas de 0 (zero) a 10 (dez) conforme a sua opinião sobre o grau de importância de cada fator: “Situação da praça na cidade”, “Configuração da praça” e “Significado da praça”.

Como auxílio ao preenchimento da questão e para melhor entendimento do entrevistado sobre o assunto, foram relacionados sub-itens que caracterizam cada aspecto, definidos através das respostas à questão 2 do “Questionário A”. Desta forma, acredita-se que o indivíduo, ao responder tal questão, tem uma maior familiaridade e segurança, já que a própria população definiu os sub-itens, diminuindo a margem de erro por má interpretação.

Na segunda questão busca-se entender o porquê do uso daquela praça. Afinal, o que o respondente está fazendo ali, qual o motivo do uso. A partir dos dados coletados nesta questão, pretende-se, ao cruzar com os resultados obtidos na primeira questão, entender de fato o grau de influência dos aspectos formais e não-formais da praça na sua utilização.

Na terceira questão, busca-se coletar dados referentes à frequência de uso da praça em busca do entendimento do seu efetivo uso pela população.

Na segunda parte, as questões visam, não só definir o perfil da amostra, buscando criar a imagem de grupo, mas também obter informações pessoais consideradas influenciadoras das respostas anteriores. Portanto, serão obtidas informações através dos questionamentos sobre tempo de residência na cidade (questão 9), que bairro reside (questão 10), que bairro trabalha (questão 11), sexo (questão 4), idade (questão 5), renda familiar (questão 6), escolaridade (questão 7) e profissão (questão 8).

4. ESTUDO DE CASO

4.1 PRIMEIRA ETAPA: SELEÇÃO DAS PRAÇAS

Após a aplicação do "Questionário A" constatou-se a necessidade de se criar um arquivo catalogando as praças de Porto Alegre visto que os respondentes citavam qualquer praça, dentro ou não dos limites pré-estabelecidos através das zonas.

O arquivo inicial das praças foi obtido junto à Supervisão de Praças e Parques da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) da Prefeitura de Porto Alegre. Porém, observou-se que algumas praças da cidade não constavam na relação, sendo, portanto, incluídas compondo um novo arquivo, que pode ser observado integralmente no anexo A. Para cada uma das três zonas do estudo, foram relacionadas todas as praças existentes bem como sua localização em planta. Para melhor entendimento, os resultados referentes à aplicação do "Questionário A" em cada zona são apresentados separadamente.

4.1.1 Zona 1: Bairros Bom Fim, Centro e Cidade Baixa

A Zona 1, composta pelos bairros Bom Fim, Centro e Cidade Baixa, cobre uma área de aproximadamente 3.400.000m² e possui atualmente 30 (trinta) praças localizadas conforme a Figura 24.

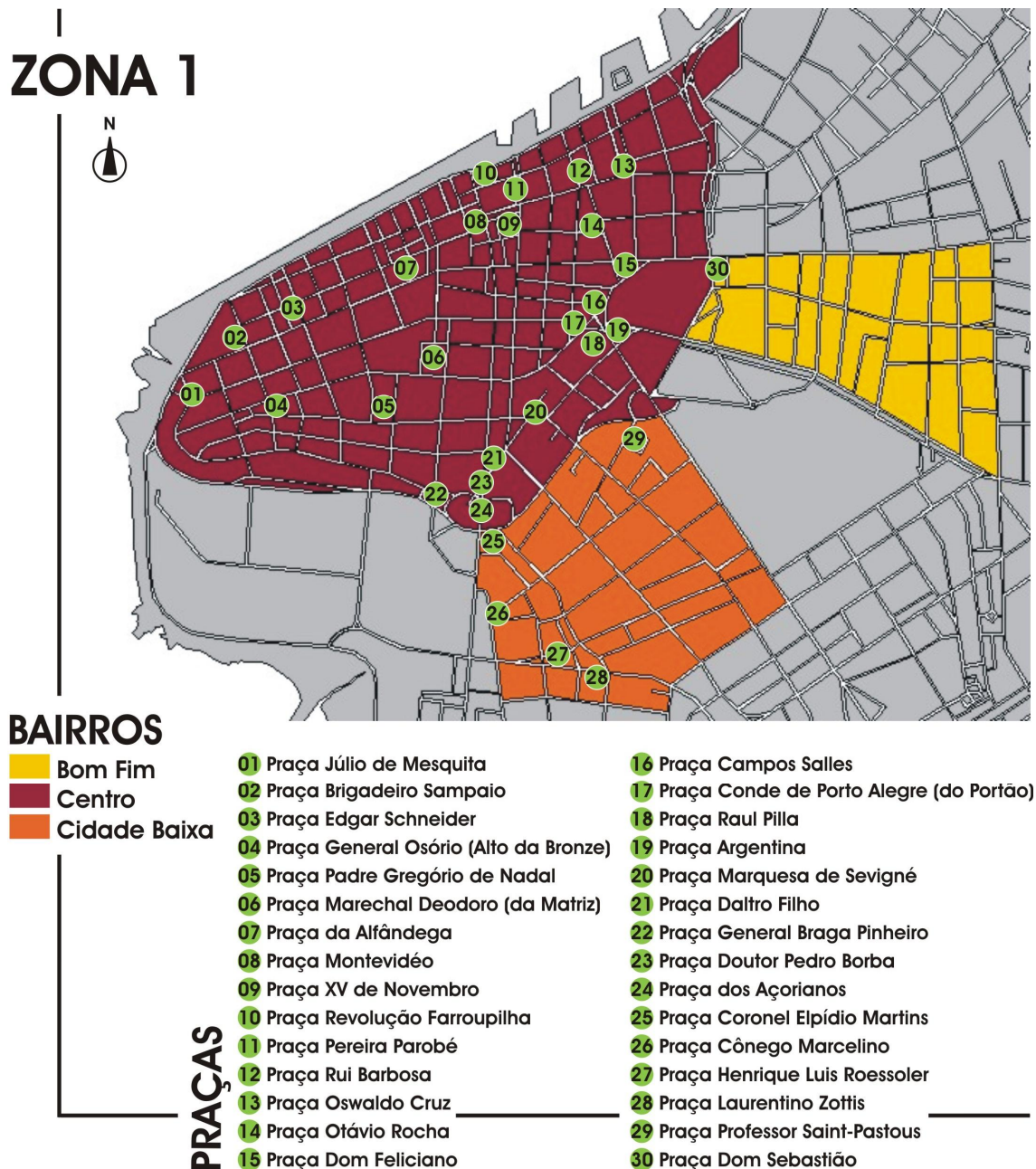


Figura 24: Praças existentes na Zona 1: bairros Bom fim, Centro e Cidade Baixa.

Conforme visualizado na Figura 23 pode-se perceber que o bairro Bom Fim possui apenas 1 (uma) praça localizada em sua área, enquanto que no Centro são encontradas 24 (vinte e quatro) praças e na Cidade Baixa 5.

Os dados coletados na aplicação do “Questionário A” podem ser organizados através dos itens relacionados a seguir: perfil sócio-econômico, praças mais lembradas, motivos da lembrança das praças citadas, uso das praças citadas e uso de praças não citadas.

4.1.1.1 Perfil sócio-econômico

O "Questionário A" foi aplicado na Zona 1 em uma amostra composta por 30 entrevistados, sendo 10 por bairro. O perfil da população respondente apresenta as seguintes características:

- Sexo (Tabela 1): apesar de haver uma ligeira diferença entre o número de pessoas do sexo feminino e masculino em cada bairro, no conjunto da Zona 1, exatamente 50% da amostra pertence ao sexo feminino e 50% ao sexo masculino;

Tabela 1: Classificação da amostra por sexo da Zona 1 obtida no "Questionário A".

SEXO	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Feminino	60%	60%	30%	50%
Masculino	40%	40%	70%	50%

- Idade (Tabela 2): no Bom Fim e na Cidade Baixa, a idade predominante (40%) está entre 20 e 30 anos. No Centro, a maioria (30%) das pessoas da amostra apresenta idade entre 40 e 60 anos. Já no conjunto da Zona 1, o maior percentual (33,3%) corresponde às idades entre 20 e 30 anos. Deve-se ressaltar, no entanto, que as idades estão bem distribuídas nos intervalos selecionados;

Tabela 2: Classificação da amostra por idade da Zona 1 obtida no "Questionário A".

IDADE	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Até 20 anos	10%	20%	10%	13,3%
Entre 20 e 30 anos	40%	20%	40%	33,3%
Entre 30 e 40 anos	10%	10%	20%	13,3%
Entre 40 e 60 anos	30%	30%	10%	23,3%
Acima de 60 anos	10%	20%	20%	16,7%

- Renda familiar (Tabela 3): no Bom Fim, a renda predominante está acima de 10 salários mínimos. No Centro, a maioria (40%) das pessoas da amostra

tem renda entre 5 e 10 salários mínimos. Na Cidade Baixa, predomina a renda entre 3 e 5 salários mínimos (50%). No conjunto da Zona 1, a renda preponderante (40%) está acima de 10 salários mínimos. Deve-se ressaltar, no entanto, que as rendas estão bem distribuídas nos intervalos selecionados;

Tabela 3: Classificação da amostra por renda familiar da Zona 1 obtida no "Questionário A".

RENDA FAMILIAR	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Sem renda	0%	0%	0%	0,0%
Até 3 SM	0%	10%	0%	3,3%
Entre 3 e 5 SM	30%	20%	50%	33,3%
Entre 5 e 10 SM	20%	40%	10%	23,3%
Acima de 10 SM	50%	30%	40%	40,0%

- Escolaridade (Tabela 4): no Bom Fim e na Cidade Baixa, o nível de escolaridade predominante (40%) é superior incompleto. No Centro, a maioria (40%) das pessoas da amostra possui nível superior completo. No conjunto da Zona 1, o maior percentual (33,3%) corresponde ao nível superior incompleto. Deve-se ressaltar, no entanto, que os níveis de escolaridade estão bem distribuídos nos intervalos selecionados;

Tabela 4: Classificação da amostra por escolaridade da Zona 1 obtida no "Questionário A".

ESCOLARIDADE	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Sem escolaridade	0%	0%	0%	0,0%
1º Grau incompleto	0%	0%	0%	0,0%
1º Grau completo	20%	10%	10%	13,3%
2º Grau incompleto	10%	0%	0%	3,3%
2º Grau completo	10%	20%	30%	20,0%
Superior incompleto	40%	20%	40%	33,3%
Superior completo	20%	40%	20%	26,7%
Pós-graduação	0%	10%	0%	3,3%

- Profissão (Tabela 5): no Bom Fim, a área da profissão predominante (40%) envolve atividades do comércio. No Centro (30%) e na Cidade Baixa (30%), a maioria das pessoas da amostra é composta por estudantes. O mesmo acontece no conjunto da Zona 1, ou seja, os estudantes são a maioria (30%). Além disso, há uma predominância de profissionais que não atingiram a aposentadoria nos três bairros (Tabela 6), refletindo conseqüentemente no conjunto da Zona 1, cujo percentual de profissionais em atividade atinge 86,7%;

Tabela 5: Classificação da amostra por profissão da Zona 1 obtida no "Questionário A".

PROFISSÃO	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Arquitetura/Urbanismo/Meio ambiente	0%	10%	10%	6,7%
Medicina/Enfermagem/Odonto/Nutrição/Fono	0%	0%	10%	3,3%
Psicologia/Psiquiatria/Pedagogia	0%	10%	0%	3,3%
Direito	0%	20%	0%	6,7%
Economia/Administração/Contabilidade	10%	10%	10%	10,0%
Música/Artes	0%	0%	10%	3,3%
Comércio	40%	10%	20%	23,3%
Estudante	30%	30%	30%	30,0%
Educação	20%	10%	10%	13,3%

Tabela 6: Classificação da amostra por aposentadoria da Zona 1 obtida no "Questionário A".

APOSENTADORIA	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Aposentado	20%	20%	0%	13,3%
Em atividade	80%	80%	100%	86,7%

- Tempo de moradia em Porto Alegre (Tabela 7): no Bom Fim, a maior parte (30%) da amostra sempre morou na cidade. No Centro, a maioria (40%) das pessoas mora em Porto Alegre há mais de 20 anos, sendo significativo também o percentual (30%) das pessoas que sempre morou na cidade. Na Cidade Baixa, predominam as pessoas que moram em Porto Alegre entre 2 e 5 anos (30%) e há mais de 20 anos (também 30%). Já no conjunto da

Zona 1, a maioria das pessoas sempre (26,7%) morou em Porto Alegre ou mora há mais de 20 anos (26,7%). Deve-se ressaltar, no entanto, que o tempo de moradia na cidade está bem distribuído nos intervalos selecionados;

Tabela 7: Classificação da amostra por tempo de moradia em Porto Alegre da Zona 1 obtida no "Questionário A".

TEMPO DE MORADIA EM PORTO ALEGRE	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Até 2 anos	0%	10%	10%	6,7%
Entre 2 e 5 anos	20%	10%	30%	20,0%
Entre 5 e 10 anos	20%	0%	0%	6,7%
Entre 10 e 20 anos	20%	10%	10%	13,3%
Acima de 20 anos	10%	40%	30%	26,7%
Sempre	30%	30%	20%	26,7%

- Tempo de moradia no bairro (Tabela 8): no Bom Fim, a maior parte (30%) das pessoas entrevistadas mora no bairro entre 5 e 10 anos. No Centro, a maioria (50%) das pessoas mora no bairro há mais de 20 anos. Já na Cidade Baixa, predominam (40%) as pessoas que moram no bairro entre 10 e 20 anos. No conjunto da Zona 1, predominam (30%) as pessoas que residem em seus bairros há mais de 20 anos. Deve-se ressaltar, no entanto, que o tempo de moradia no bairro está bem distribuído nos intervalos selecionados;

Tabela 8: Classificação da amostra por tempo de moradia no bairro da Zona 1 obtida no "Questionário A".

TEMPO DE MORADIA NO BAIRRO	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Até 2 anos	20%	20%	20%	20,0%
Entre 2 e 5 anos	20%	10%	20%	16,7%
Entre 5 e 10 anos	30%	0%	0%	10,0%
Entre 10 e 20 anos	0%	0%	40%	13,3%
Acima de 20 anos	20%	50%	20%	30,0%
Sempre	10%	20%	0%	10,0%

- Bairros já resididos (Tabela 9): no Bom Fim, predominam as pessoas que já moraram no Centro (20%), em Petrópolis (20%) e em Santana (20%). No Centro, a maioria (20%) das pessoas já morou no Bom Fim. E, na Cidade Baixa, a maior parte (30%) das pessoas já moraram no Centro. No conjunto da Zona 1, predominam (23,3%) as pessoas que já residiram no Centro. Apesar de apresentarem percentuais menos expressivos, é importante ressaltar os seguintes bairros também citados: Anchieta, Azenha, Cidade Baixa, Floresta, Juca Batista, Menino Deus, Moinhos de Vento, Morro Santana, Partenon, Rio Branco, São Geraldo, Teresópolis, Três Figueiras e Tristeza. Deve-se destacar que, nesta pergunta do questionário, as pessoas podiam citar mais de um bairro.

Segundo o perfil sócio-econômico dos respondentes do “Questionário A” pode-se concluir que a população da Zona 1 caracteriza-se por homens e mulheres na mesma proporção, com idade predominante entre 20 e 30 anos, renda familiar acima de 10 salários mínimos, escolaridade de nível superior incompleto, estudantes ou profissionais ainda em atividade, que sempre moraram em Porto Alegre ou moram há mais de 20 anos, inclusive em seus bairros, e que residem ou já residiram, trabalham ou já trabalharam nas proximidades das praças citadas.

Tabela 9: Classificação da amostra por bairros já resididos da Zona 1 obtida no "Questionário A".

BAIRROS JÁ RESIDIDOS	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Anchieta	0%	10%	0%	3,3%
Azenha	0%	0%	10%	3,3%
Bom Fim	10%	20%	0%	10,0%
Centro	20%	20%	30%	23,3%
Cidade Baixa	10%	10%	0%	6,7%
Floresta	10%	0%	10%	6,7%
Juca Batista	0%	0%	10%	3,3%
Menino Deus	0%	0%	10%	3,3%
Moinhos de Vento	10%	0%	0%	3,3%
Morro Santana	0%	0%	10%	3,3%
Partenon	0%	10%	0%	3,3%
Petrópolis	20%	0%	10%	10,0%
Rio Branco	10%	0%	0%	3,3%
Santana	20%	10%	0%	10,0%
São Geraldo	10%	0%	0%	3,3%
Teresópolis	0%	0%	10%	3,3%
Três Figueiras	10%	0%	0%	3,3%
Tristeza	0%	0%	10%	3,3%

4.1.1.2 As praças mais lembradas

De acordo com a ponderação aplicada nas respostas da primeira pergunta do "Questionário A", as cinco praças mais lembradas podem ser vistas na Tabela 10. A classificação de todas as praças citadas na Zona 1 pode ser observada no Anexo B.

Tabela 10: Cinco praças mais lembradas na primeira pergunta do "Questionário A" aplicado na Zona 1.

PRAÇAS	BAIRRO / ZONA	BAIRROS			ZONA 1
		Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Praça da Alfândega	Centro / Zona 1	12	28	20	60
Praça Marechal Deodoro	Centro / Zona 1	12	12	15	39
Praça Carlos Simão Arnt	Bela Vista / Zona 3	25	05	01	31
Praça Argentina	Centro / Zona 1	10	11	05	26
Praça Garibaldi	Azenha / Zona 2	00	04	18	22

Desta forma, a praça selecionada segundo a memória da população da Zona 1 foi a Praça da Alfândega (em destaque) com 60 pontos, sendo 12 pontos provenientes do Bairro Bom Fim, 28 do Centro e 20 da Cidade Baixa. Esta praça será, portanto, submetida às etapas posteriores do estudo de caso: levantamento histórico-espacial e avaliação ambiental.

4.1.1.3 Motivos da lembrança das praças citadas

Na questão 2 (dois), os respondentes da Zona 1 indicaram inúmeros motivos da lembrança das praças citadas na questão 1. Como algumas respostas apesar de ditas de formas variadas tinham o mesmo significado, e ainda, para facilitar a catalogação dos dados, categorias foram criadas. Estas categorias, bem como os resultados podem ser observados na Tabela 11, lembrando que poderiam ser mencionadas mais de uma resposta. Para a análise serão considerados somente aqueles (em destaque) que obtiveram os cinco primeiros lugares.

Tabela 11: Motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" aplicado na Zona 1.

MOTIVO DA LEMBRANÇA	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Localização: perto de casa/trabalho etc.	40,0%	80,0%	80,0%	66,7%
Opção de lazer como mesas de jogos, parquinhos, feiras (permanentes ou eventuais) etc.	60,0%	30,0%	50,0%	46,7%
Parte do trajeto: passagem, caminho.	40,0%	50,0%	50,0%	46,7%
Nostalgia pública: referência do passado da cidade ou da população	40,0%	50,0%	40,0%	43,3%
Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros etc.	20,0%	30,0%	60,0%	36,7%
Conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.	20,0%	30,0%	60,0%	36,7%
Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém	20,0%	30,0%	50,0%	33,3%
Ponto de encontro/referência	20,0%	30,0%	50,0%	33,3%
Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.	20,0%	20,0%	60,0%	33,3%
Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.	10,0%	40,0%	40,0%	30,0%
Tipo de público freqüentador	10,0%	20,0%	50,0%	26,7%
Composição visual da praça: vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.	20,0%	20,0%	40,0%	26,7%
Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.	40,0%	30,0%	0,0%	23,3%
Acessibilidade	0,0%	30,0%	20,0%	16,7%
Manifestações sócio-culturais já ocorridas	0,0%	20,0%	20,0%	13,3%

Na Zona 1, a localização da praça (perto de casa/trabalho etc.) foi o motivo que levou 66,7% da população respondente a se lembrar das praças citadas. São também considerados relevantes outros motivos como: opções de lazer como mesas de jogos, parquinhos, feiras (permanentes ou eventuais) etc. com 46,7% e fazer parte do trajeto (passagem, caminho) com o mesmo percentual; nostalgia pública (referência do passado da cidade ou da população) com 43,3%; e, ambos com 36,7%, os motivos referentes ao fato da praça conter equipamentos como opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros etc. e ao conforto oferecido: sonoro, luminoso, térmico e de segurança, além das sensações que o espaço dá proporciona.

4.1.1.4 Utilização das praças

De acordo com os percentuais observados na Tabela 12, obtidos a partir das entrevistas realizadas na Zona 1 relativas ao uso das praças citadas e não citadas, percebe-se que a maioria da população respondente da Zona 1 não é usuária de praças (60,0%).

Tabela 12: População usuária do espaço aberto público praça.

USUÁRIO DE PRAÇA	BAIRROS			ZONA 1
	Bom Fim	Centro	Cidade Baixa	
Sim	50%	40%	30%	40,0%
Não	50%	60%	70%	60,0%

Estes dados foram considerados de acordo com as respostas dadas às questões 3 e 4 sobre praças que o respondente usa tendo ou não citado anteriormente. Especificamente em relação àquelas citadas e usadas, de acordo com os percentuais observados na Tabela 13, percebe-se que um número reduzido da população respondente utiliza as praças que se lembrou. Porém, apesar dos percentuais reduzidos é correto afirmar que, das citadas, a praça mais utilizada pela população da Zona 1 é a Marechal Deodoro da Fonseca (10%) localizada no bairro Centro. Importante referir que, dentre as 13 praças ditas utilizadas, apenas 5 localizam-se nos bairros da Zona 1 (em destaque), e que as respostas estão bem distribuídas nas praças citadas.

Tabela 13: Praças citadas na Questão 1 e mencionadas como utilizadas na Questão 3 do "Questionário A" aplicado na Zona 1.

PRAÇAS CITADAS E USADAS	BAIRRO	ZONA 1
Marechal Deodoro da Fonseca	Centro	10%
Berta Santa Rosa	Rio Branco	7%
Carlos Simão Arnt	Bela Vista	3%
Alfândega	Centro	3%
Itália	Praia de Belas	3%
Menino Deus	Menino Deus	3%
Júlio de Castilhos	Independência	3%
Província de Shiga	Passo D'areia	3%
Esperanto	Partenon	3%
Professor Saint-Pasteur	Cidade Baixa	3%
Raul Pilla	Centro	3%
General Braga Pinheiro	Cidade Baixa	3%

E, finalmente, nesta zona, nenhum dos respondentes referiu o uso de alguma praça além daquelas que foram citadas, ou seja, ou as pessoas usam alguma praça que foi lembrada na primeira questão ou não usam praça alguma.

4.1.2 Zona 2: bairros Azenha, Menino Deus e Santana

A Zona 2, composta pelos bairros Azenha, Menino Deus e Santana, cobre uma área de aproximadamente 5.000.000m² e possui 20 praças, o bairro Azenha possui 6 praças, o Menino Deus possui 8 praças e o bairro Santana possui 6 (Figura 25).

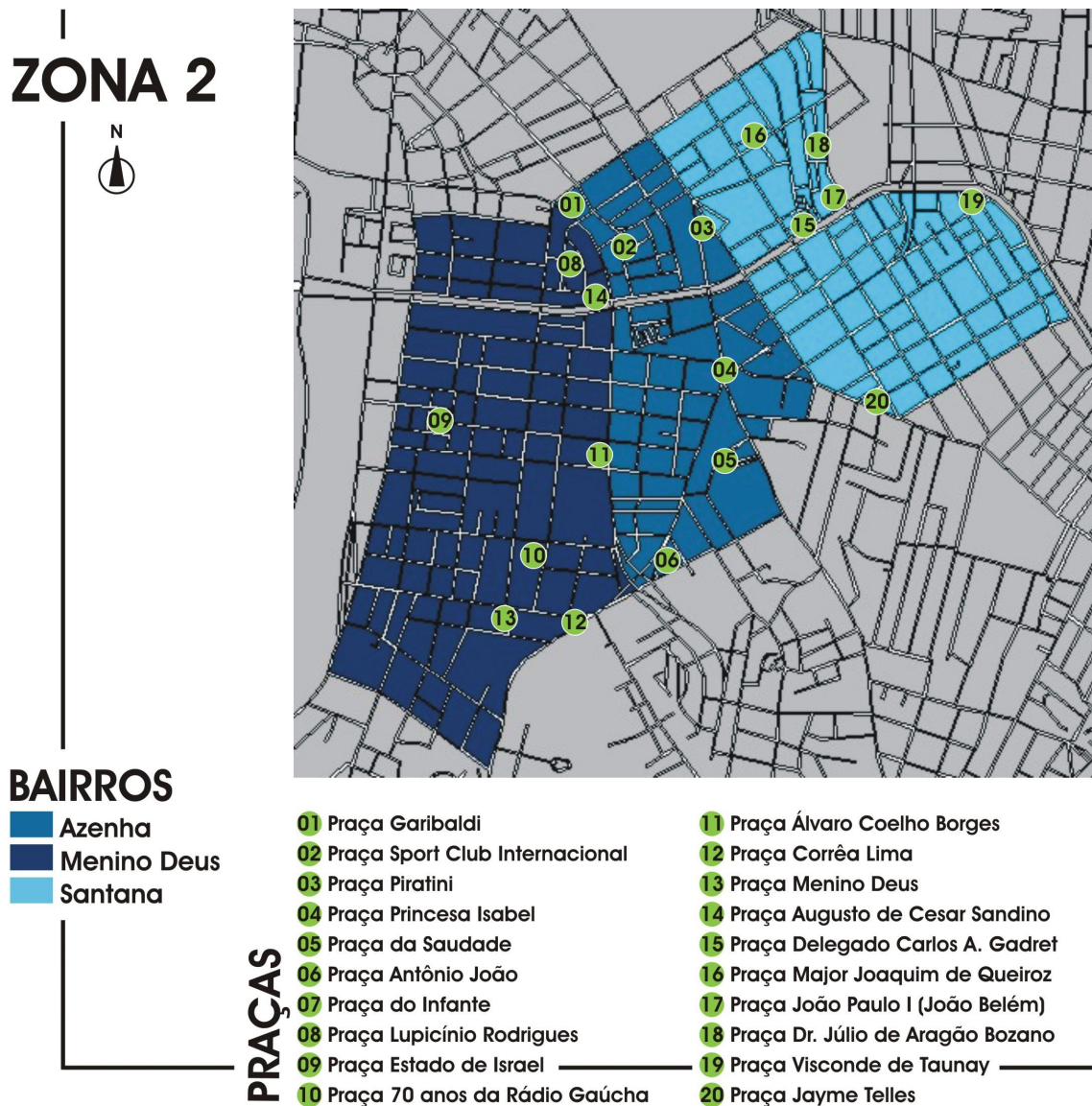


Figura 25: Praças existentes na Zona 2: bairros Azenha, Menino Deus e Santana.

Importante referir que a Praça do Infante, indicada como número 7 na Figura 25, não foi localizada. Os entrevistados que citaram esta praça afirmaram que esta se localizava no bairro Menino Deus, sendo, portanto, considerada, apesar de não localizada em nenhuma planta da cidade.

4.1.2.1 Perfil sócio-econômico

O "Questionário A" foi aplicado na Zona 2 em uma amostra composta por 30 entrevistados, sendo 10 por bairro. O perfil da população respondente apresenta as seguintes características:

- Sexo (Tabela 14): apesar de haver uma diferença entre o número de pessoas do sexo feminino (30%) e masculino (70%) no bairro Santana, os outros dois bairros, Azenha e Menino Deus, apresentaram exatamente 50% da amostra para cada sexo. Assim, a maioria (56,7%) das pessoas entrevistadas na Zona 2 pertence ao sexo masculino.

Tabela 14: Classificação da amostra por sexo da Zona 2 obtida no "Questionário A".

SEXO	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Feminino	50%	50%	30%	43,3%
Masculino	50%	50%	70%	56,7%

- Idade (Tabela 15): na Azenha, a idade predominante (60%) está entre 40 e 60 anos. No Menino Deus, os respondentes apresentam idades entre 30 e 40 anos (30%) e entre 40 e 60 anos (30%). Já no bairro Santana a maioria (50%) das pessoas da amostra tem idade entre 20 e 30 anos. Desta forma, o conjunto da Zona 2, apresenta maior percentual (36,7%) correspondente às idades entre 40 e 60 anos. Deve-se ressaltar, no entanto, que as idades estão bem distribuídas nos intervalos compreendidos entre 20 e 60 anos;

Tabela 15: Classificação da amostra por idade da Zona 2 obtida no "Questionário A".

IDADE	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Até 20 anos	0%	20%	10%	10,0%
Entre 20 e 30 anos	20%	20%	50%	30,0%
Entre 30 e 40 anos	20%	30%	20%	23,3%
Entre 40 e 60 anos	60%	30%	20%	36,7%
Acima de 60 anos	0%	0%	0%	0,0%

- Renda familiar (Tabela 16): na Azenha e no Menino Deus, a renda predominante está acima de 10 salários mínimos. Já no Santana, a maioria das pessoas da amostra tem renda entre 3 e 5 salários mínimos (40%) e entre 5 e 10 salários mínimos (40%). Desta forma, no conjunto da Zona 2, a renda preponderante (40%) está acima de 10 salários mínimos. Deve-se

ressaltar, no entanto, que as rendas estão bem distribuídas nos intervalos compreendidos a partir de 5 salários mínimos;

Tabela 16: Classificação da amostra por renda familiar da Zona 2 obtida no "Questionário A".

RENDA FAMILIAR	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Sem renda	0%	0%	0%	0,0%
Até 3 SM	0%	20%	0%	6,7%
Entre 3 e 5 SM	10%	10%	40%	20,0%
Entre 5 e 10 SM	40%	20%	40%	33,3%
Acima de 10 SM	50%	50%	20%	40,0%

- Escolaridade (Tabela 17): na Azenha, o nível de escolaridade predomina tanto no 2º grau completo (30%) quanto no superior completo (30%). No Menino Deus, a maioria das pessoas da amostra possui nível superior incompleto (30%) e completo (30%). Já no Santana predominou na amostra pessoas com o nível superior completo (40%). Conseqüentemente, no conjunto da Zona 2, o maior percentual (33,3%) corresponde ao nível superior completo;

Tabela 17: Classificação da amostra por escolaridade da Zona 2 obtida no "Questionário A".

ESCOLARIDADE	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Sem escolaridade	0%	0%	0%	0,0%
1ª Grau incompleto	0%	10%	0%	3,3%
1ª Grau completo	10%	0%	10%	6,7%
2ª Grau incompleto	10%	10%	0%	6,7%
2ª Grau completo	30%	20%	30%	26,7%
Superior incompleto	20%	30%	20%	23,3%
Superior completo	30%	30%	40%	33,3%
Pós-graduação	0%	0%	0%	0,0%

- Profissão (Tabela 18): no bairro Azenha, a área de profissão predominante envolve atividades ligadas à educação, tanto por estudantes (20%) quanto por profissionais da área (20%). No Menino Deus, a maioria das pessoas da amostra (40%) é composta por estudantes. E no Santana a maioria é composta por profissionais da educação (40%). O mesmo acontece no conjunto da Zona 2, ou seja, os educadores são a maioria (30%). Além disso, assim como na Zona 1, na Zona 2 também há uma predominância de profissionais que não atingiram a aposentadoria nos três bairros (Tabela 19), refletindo conseqüentemente no conjunto desta Zona, cujo percentual de profissionais em atividade atinge 86,7%;

Tabela 18: Classificação da amostra por profissão da Zona 2 obtida no "Questionário A".

PROFISSÃO	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Arquitetura/Urbanismo/Meio ambiente	0%	0%	10%	3,3%
Engenharia/Técnico	10%	0%	10%	6,7%
Medicina/Enfermagem/Odonto/Nutrição/Fono	10%	0%	0%	3,3%
Economia/Administração/ Contabilidade	10%	10%	0%	6,7%
Computação/Informática/Sistemas	0%	0%	10%	3,3%
Comunicação/Publicidade/Jornalismo	10%	0%	0%	3,3%
Motorista/Segurança	10%	0%	10%	6,7%
Comércio	10%	20%	0%	10,0%
Estudante	20%	40%	20%	26,7%
Educação	20%	30%	40%	30,0%

Tabela 19: Classificação da amostra por aposentadoria da Zona 2 obtida no "Questionário A".

APOSENTADORIA	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Aposentado	20%	20%	0%	13,3%
Em atividade	80%	80%	100%	86,7%

- Tempo de moradia em Porto Alegre (Tabela 20): na Azenha, os percentuais se mostraram bem distribuídos nos intervalos entre 2 e 5 anos (30%), acima

de 20 anos (30%) e sempre (30%). No Menino Deus (80%) e no Santana (60%), a maioria das pessoas sempre morou em Porto Alegre. Desta forma, no conjunto da Zona 2, a maioria das pessoas sempre (56,7%) morou em Porto Alegre;

Tabela 20: Classificação da amostra por tempo de moradia em Porto Alegre da Zona 2 obtida no "Questionário A".

TEMPO DE MORADIA EM PORTO ALEGRE	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Até 2 anos	0%	0%	10%	3,3%
Entre 2 e 5 anos	10%	10%	10%	10,0%
Entre 5 e 10 anos	30%	0%	10%	13,3%
Entre 10 e 20 anos	0%	10%	0%	3,3%
Acima de 20 anos	30%	0%	10%	13,3%
Sempre	30%	80%	60%	56,7%

- Tempo de moradia no bairro (Tabela 21): na Azenha, a maior parte (40%) das pessoas entrevistadas mora no bairro entre 5 e 10 anos. No Menino Deus (30%) e no Santana (40%), no entanto, a maioria das pessoas sempre morou nos seus respectivos bairros. Já no conjunto da Zona 2, predominam (26,7%) as pessoas que residem em seus bairros há menos de 2 anos, sendo relevante destacar, no entanto, as porcentagens (23,3% em ambos) referentes aos moradores que residem entre 5 e 10 anos ou que sempre residiram no bairro;

Tabela 21: Classificação da amostra por tempo de moradia no bairro da Zona 2 obtida no "Questionário A".

TEMPO DE MORADIA NO BAIRRO	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Até 2 anos	30%	20%	30%	26,7%
Entre 2 e 5 anos	20%	20%	0%	13,3%
Entre 5 e 10 anos	40%	10%	20%	23,3%
Entre 10 e 20 anos	10%	10%	0%	6,7%
Acima de 20 anos	0%	10%	10%	6,7%
Sempre	0%	30%	40%	23,3%

- Bairros já resididos (Tabela 22): na Azenha, predominam (20%) as pessoas que já moraram nos bairros Camaquã, Centro, Menino Deus e Santana. No Menino Deus, a maioria (30%) sempre morou no próprio bairro, valendo destacar que 20% já morou no bairro Petrópolis. E, no Santana, a maior parte (40%) das pessoas também morou sempre no seu bairro, sendo que 30% já morou na Cidade Baixa. No conjunto da Zona 2, predominam (23,3%) as pessoas que já residiram no Menino Deus. Apesar de apresentarem percentuais menos expressivos, é importante ressaltar os seguintes bairros também citados: Auxiliadora, Azenha, Belém Velho, Camaquã, Cavalhada, Centro, Cidade Baixa, Cristal, Glória, Higienópolis, Humaitá, Ipanema, Jardim Itu/Sabará, Jardim Leopoldina, Moinhos de Vento, Navegantes, Partenon, Passo D'areia, Petrópolis, Rio Branco, Santa Cecília, Santana, Santo Antônio, Sarandi, Tristeza e Vila dos Comerciantes. Deve-se destacar que, nesta pergunta do questionário, as pessoas podiam citar mais de um bairro.

Segundo o perfil sócio-econômico dos respondentes do “Questionário A” pode-se concluir que a população da Zona 2 caracteriza-se por homens predominantemente, com idade entre 40 e 60 anos, renda familiar acima de 10 salários mínimos, escolaridade de nível superior completo, profissionalmente envolvidos com educação ainda em atividade, que sempre moraram em Porto Alegre, porém moram há no máximo 2 anos no bairro em questão, e que residem ou já residiram, trabalham ou já trabalharam nas proximidades das praças citadas.

Tabela 22: Classificação da amostra por bairros já resididos da Zona 2 obtida no "Questionário A".

BAIRROS JÁ RESIDIDOS	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Auxiliadora	10%	0%	0%	3,3%
Azenha	0%	10%	10%	6,7%
Belém Velho	10%	0%	0%	3,3%
Camaquã	20%	0%	0%	6,7%
Cavanhada	10%	0%	0%	3,3%
Centro	20%	0%	10%	10,0%
Cidade Baixa	0%	0%	30%	10,0%
Cristal	10%	10%	10%	10,0%
Glória	10%	0%	0%	3,3%
Higienópolis	0%	0%	10%	3,3%
Humaitá	0%	0%	10%	3,3%
Ipanema	0%	0%	10%	3,3%
Jardim Itu/Sabará	10%	0%	0%	3,3%
Jardim Leopoldina	10%	0%	0%	3,3%
Menino Deus	20%	30%	20%	23,3%
Moinhos de Vento	10%	0%	0%	3,3%
Navegantes	0%	0%	10%	3,3%
Partenon	10%	0%	10%	6,7%
Passo D'areia	10%	0%	0%	3,3%
Petrópolis	0%	20%	10%	10,0%
Rio Branco	0%	10%	0%	3,3%
Santa Cecília	0%	0%	10%	3,3%
Santana	20%	0%	40%	20,0%
Santo Antônio	10%	0%	0%	3,3%
Sarandi	10%	0%	0%	3,3%
Tristeza	10%	0%	10%	6,7%
Vila dos Comerciantes	0%	0%	10%	3,3%

4.1.2.2 As praças mais lembradas

Caracterizado o perfil da amostra, parte-se para a seleção das praças, definidas a partir da primeira pergunta do "Questionário A". De acordo com a ponderação aplicada nas respostas dessa pergunta, as cinco praças mais lembradas podem ser vistas na Tabela 23. A classificação de todas as praças citadas na Zona 2 pode ser observada no Anexo B.

Tabela 23: Cinco praças mais lembradas na primeira pergunta do "Questionário A" aplicado na Zona 2.

PRAÇAS	BAIRRO / ZONA	BAIRROS			ZONA 2
		Azenha	Menino Deus	Santana	
Praça da Alfândega	Centro / Zona 1	19	15	15	49
Praça Jayme Telles	Santana / Zona 2	17	00	28	45
Praça Carlos Simão Arnt	Bela Vista / Zona 3	08	08	19	35
Praça Marechal Deodoro	Centro / Zona 1	10	09	09	28
Praça Itália	Praia de Belas / Fora do Zoneamento	05	11	05	21

Desta forma, a praça selecionada segundo a memória da população da Zona 2 foi novamente a Praça da Alfândega com 49 pontos, sendo 19 pontos provenientes do Bairro Azenha, 15 do Menino Deus e 15 do Santana. Esta praça, já incluída através dos resultados obtidos na Zona 1, será, portanto, submetida às etapas posteriores do estudo de caso.

4.1.2.3 Motivos da lembrança das praças citadas

Na questão 2 (dois), os respondentes da Zona 2 citaram inúmeros motivos da lembrança das praças citadas na questão 1. Como já mencionado, por algumas respostas, apesar de ditas de formas variadas, significarem o mesmo, e ainda, para facilitar a catalogação dos dados, categorias foram criadas. Estas categorias, bem como os resultados podem ser observados na Tabela 24, lembrando que poderiam ser mencionadas mais de uma resposta. Para a análise serão considerados somente aqueles (em destaque) que obtiveram os cinco maiores percentuais.

Tabela 24: Motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" aplicado na Zona 2.

MOTIVO DA LEMBRANÇA	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Localização: perto de casa/trabalho etc.	70,0%	70,0%	60,0%	66,7%
Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém	60,0%	80,0%	50,0%	63,3%
Parte do trajeto: passagem, caminho.	40,0%	70,0%	60,0%	56,7%
Conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.	40,0%	70,0%	50,0%	53,3%
Composição visual da praça: vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.	40,0%	60,0%	50,0%	50,0%
Opção de lazer como mesas de jogos, parquinhos, feiras (permanentes ou eventuais) etc.	40,0%	30,0%	30,0%	33,3%
Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.	30,0%	20,0%	40,0%	30,0%
Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.	40,0%	20,0%	30,0%	30,0%
Nostalgia pública: referência do passado da cidade ou da população	10,0%	30,0%	40,0%	26,7%
Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros, ponto de táxi e de ônibus e estacionamento.	40,0%	20,0%	20,0%	26,7%
Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.	10,0%	30,0%	20,0%	20,0%
Tipo de público freqüentador	0,0%	20,0%	30,0%	16,7%
Ponto de encontro/referência	10,0%	10,0%	20,0%	13,3%
Acessibilidade	20,0%	10,0%	10,0%	13,3%
Manifestações sócio-culturais já ocorridas	0,0%	20,0%	20,0%	10,0%

Assim como na Zona 1, a localização da praça (perto de casa/trabalho etc.) também foi o motivo que levou 66,7% da população respondente da Zona 2 a se lembrar das praças citadas. Nesta Zona, no entanto, um outro aspecto teve considerada relevância sobre o motivo da lembrança com 63,3% da população respondente: nostalgia particular (lembrança pessoal de acontecimentos ou alguém). Em seguida foram citados outros motivos como: fazer parte do trajeto (passagem, caminho) com 56,7% de lembrança entre os entrevistados; com 53,3% o conforto que a praça proporciona (sonoro, luminoso, térmico e de segurança) além das sensações que o espaço dá; e a composição visual da praça (vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.) com 50,0%.

O conjunto de itens relacionados nesta questão, desta Zona e das Zonas 1 e 3,

como já mencionado, será utilizado como apoio na questão 2 (dois) do “Questionário B”.

4.1.2.4 Utilização das praças

De acordo com os percentuais observados na Tabela 25, obtidos a partir das entrevistas realizadas na Zona 2 relativas à utilização das praças citadas e não citadas, percebe-se que a maioria da população respondente da Zona 2, em oposição à Zona 1, é usuária de praças (66,7%).

Tabela 25: População usuária do espaço aberto público praça.

USUÁRIO DE PRAÇA	BAIRROS			ZONA 2
	Azenha	Menino Deus	Santana	
Sim	80%	60%	60%	66,7%
Não	20%	40%	40%	33,3%

Estes dados foram considerados de acordo com as respostas dadas às questões 3 e 4 sobre praças que o respondente usa tendo ou não citado anteriormente. Especificamente em relação àquelas citadas e usadas, de acordo com a Tabela 26, percebe-se percentuais baixos, porém distribuídos para várias praças, indicando que uma quantidade média da população utiliza as praças que se lembrou. A praça mais utilizada pela população da Zona 2 é a Jayme Telles (17%) localizada no bairro Santana. Importante referir que, dentre as 15 praças ditas utilizadas, apenas 4 localizam-se nos bairros da Zona 2 (em destaque), e que as respostas estão bem distribuídas nas praças citadas.

Tabela 26: Praças citadas na Questão 1 e mencionadas como usadas segundo resultados obtidos na Zona 2 através do “Questionário A”.

PRAÇAS CITADAS E USADAS	BAIRRO	ZONA 2
Jayme Telles	Santana	17%
Alfândega	Centro	13%
Carlos Simão Arnt	Bela Vista	10%
Marechal Deodoro da Fonseca	Centro	10%
Doutor Lopes Trovão	Chácara das Pedras	7%
Júlio Mesquita	Centro	7%
Itália	Praia de Belas	3%
Menino Deus	Menino Deus	3%
Arquiteta Berenice Baptista	Três Figueiras	3%
Garibaldi	Azenha	3%
Princesa Isabel	Azenha	3%
Conde de Porto Alegre	Centro	3%
Daltro Filho	Centro	3%
Paulo Coelho	Medianeira	3%

E, finalmente, de acordo com os percentuais observados na Tabela 27, obtidos a partir das entrevistas realizadas na Zona 2 relativas à utilização de praças não citadas anteriormente, é correto afirmar que os percentuais, além de reduzidos, ficaram bem distribuídos nas praças mencionadas, apresentando todas 3%. Dentre as 5 praças ditas usadas, 3 localizam-se nos bairros da Zona 2 (em destaque). Importante ressaltar, que dentre os entrevistados, 100% daqueles que usam praças que não foram citadas, eram também usuários daquelas citadas anteriormente.

Tabela 27: Praças não citadas na Questão 1 e mencionadas como usadas segundo resultados obtidos na Zona 2 através do “Questionário A”.

PRAÇAS NÃO CITADAS E USADAS	BAIRRO	ZONA 2
Alfândega	Centro	3%
Carlos Simão Arnt	Bela Vista	3%
Garibaldi	Azenha	3%
Jayme Telles	Santana	3%
Princesa Isabel	Azenha	3%

4.1.3 Zona 3: bairros Bela Vista, Rio Branco e Santa Cecília

A Zona 3, composta pelos bairros Santa Cecília, Rio Branco e Bela Vista, cobre uma área de aproximadamente 3.100.000 m² e possui no total 6 praças, 3 no bairro Bela Vista, enquanto que no bairro Rio Branco são encontradas 2 praças e em Santa Cecília apenas 1 (Figura 26).

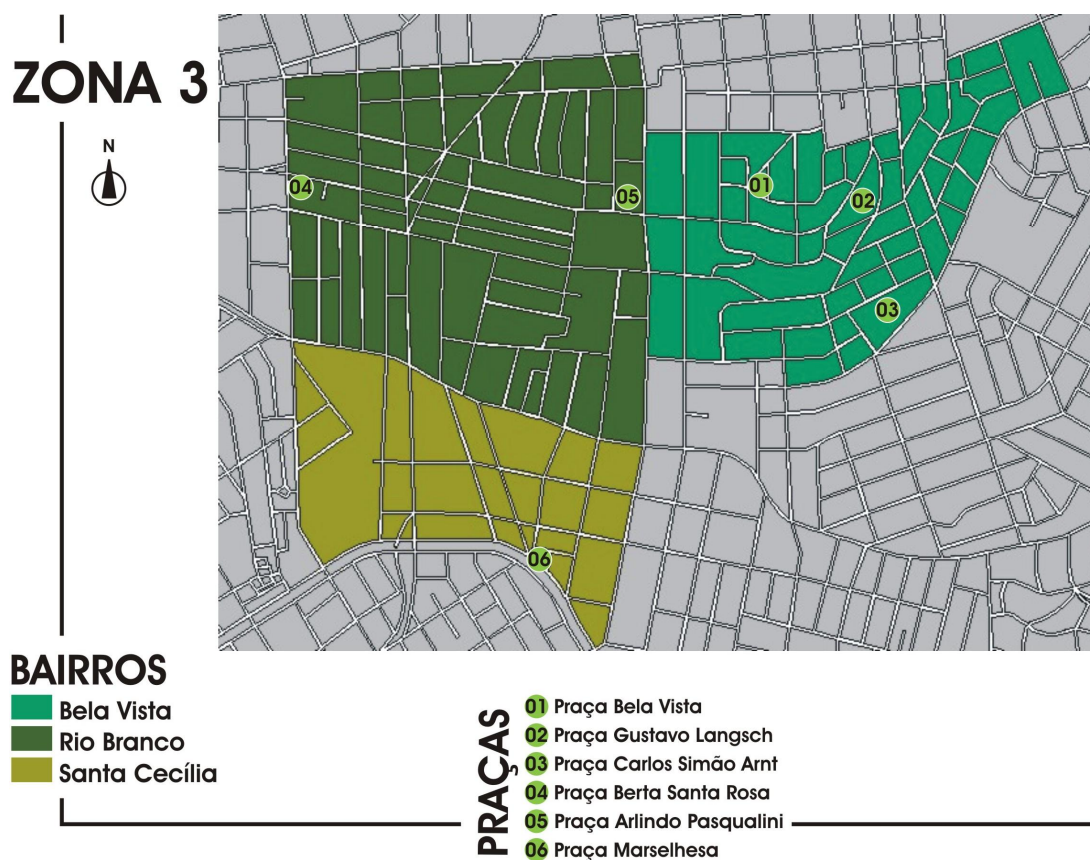


Figura 26: Praças existentes na Zona 3: bairros Bela Vista, Rio Branco e Santa Cecília.

4.1.3.1 Perfil sócio-econômico

O "Questionário A" foi aplicado na Zona 3 em uma amostra composta por 30 entrevistados, sendo 10 por bairro. O perfil da população respondente apresenta as seguintes características:

- Sexo (Tabela 28): assim como nos bairros – Bela Vista (60%), Rio Branco (60%) e Santa Cecília (70%) –, no conjunto da Zona 3 predominaram (63,3%) os respondentes pertencentes ao sexo feminino;

Tabela 28: Classificação da amostra por sexo da Zona 3 obtida no "Questionário A".

SEXO	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Feminino	60%	60%	70%	63,3%
Masculino	40%	40%	30%	36,7%

- Idade (Tabela 29): na Bela Vista e no Rio Branco, a idade predominante (40%) está acima de 60 anos. Na Santa Cecília, a maioria (60%) das pessoas da amostra apresenta idade entre 40 e 60 anos. No conjunto da Zona 3, o maior percentual (40%) corresponde às idades entre 40 e 60 anos, sendo relevante referir que 30% têm idade acima de 60 anos;

Tabela 29: Classificação da amostra por idade da Zona 3 obtida no "Questionário A".

IDADE	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Até 20 anos	0%	0%	0%	0,0%
Entre 20 e 30 anos	20%	20%	10%	16,7%
Entre 30 e 40 anos	10%	10%	20%	13,3%
Entre 40 e 60 anos	30%	30%	60%	40,0%
Acima de 60 anos	40%	40%	10%	30,0%

- Renda familiar (Tabela 30): na Bela Vista é importante ressaltar que 100% dos respondentes têm renda acima de 10 salários mínimos. O mesmo ocorre no Rio Branco (70%) e na Santa Cecília (60%). Desta forma, no conjunto da Zona 3, a renda preponderante (76,7%) está acima de 10 salários mínimos;

Tabela 30: Classificação da amostra por renda familiar da Zona 3 obtida no "Questionário A".

RENDA FAMILIAR	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Sem renda	0%	0%	0%	0,0%
Até 3 SM	0%	0%	0%	0,0%
Entre 3 e 5 SM	0%	0%	10%	3,3%
Entre 5 e 10 SM	0%	30%	30%	20,0%
Acima de 10 SM	100%	70%	60%	76,7%

- Escolaridade (Tabela 31): nos três bairros – Bela Vista (80%), Rio Branco (40%) e Santa Cecília (50%) –, o nível de escolaridade predominante (40%) é o superior completo. Conseqüentemente, no conjunto da Zona 3, o maior percentual (56,7%) corresponde a tal nível;

Tabela 31: Classificação da amostra por escolaridade da Zona 3 obtida no "Questionário A".

ESCOLARIDADE	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Sem escolaridade	0%	0%	0%	0,0%
1º Grau incompleto	0%	0%	0%	0,0%
1º Grau completo	0%	10%	0%	3,3%
2º Grau incompleto	0%	10%	0%	3,3%
2º Grau completo	0%	20%	30%	16,7%
Superior incompleto	20%	10%	0%	10,0%
Superior completo	80%	40%	50%	56,7%
Pós-graduação	0%	10%	20%	10,0%

- Profissão (Tabela 32): na Bela Vista, a área de profissão predominante envolve atividades referentes à educação (30%), sendo relevantes os percentuais das áreas de Medicina/Enfermagem/Odonto/Nutrição/Fono (20%) e dos estudantes (20%). No Rio Branco (30%) e na Santa Cecília (40%), predominam as atividades referentes às áreas de Economia/Administração/Contabilidade. Além disso, nos bairros Rio Branco (80%) e Santa Cecília (70%) há uma predominância de profissionais que não atingiram a aposentadoria (Tabela 33). Já na Bela Vista existe uma divisão

igualitária da amostra sendo 50% aposentado e 50% em plena atividade. Desta forma, no conjunto da Zona 3, o percentual de profissionais em atividade atinge 66,7%;

Tabela 32: Classificação da amostra por profissão da Zona 3 obtida no "Questionário A".

PROFISSÃO	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Arquitetura/Urbanismo/Meio ambiente	0%	10%	20%	10,0%
Engenharia/Técnico	10%	10%	0%	6,7%
Medicina/Enfermagem/Odonto/Nutrição/Fono	20%	10%	0%	10,0%
Psicologia/Psiquiatria/Pedagogia	10%	0%	0%	3,3%
Economia/Administração/Contabilidade	0%	30%	40%	23,3%
Computação/Informática/Sistemas	0%	10%	0%	3,3%
Comunicação/Publicidade/Jornalismo	10%	0%	0%	3,3%
Do lar	0%	20%	0%	6,7%
Comércio	0%	0%	30%	10,0%
Estudante	20%	0%	0%	6,7%
Educação	30%	10%	10%	16,7%

Tabela 33: Classificação da amostra por aposentadoria da Zona 3 obtida no "Questionário A".

APOSENTADORIA	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Aposentado	50%	20%	30%	33,3%
Em atividade	50%	80%	70%	66,7%

- Tempo de moradia em Porto Alegre (Tabela 34): nos três bairros, assim como no conjunto da Zona 3, 50% da população respondente mora na cidade há mais de 20 anos;

Tabela 34: Classificação da amostra por tempo de moradia em Porto Alegre da Zona 3 obtida no "Questionário A".

TEMPO DE MORADIA EM PORTO ALEGRE	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Até 2 anos	0%	0%	0%	0,0%
Entre 2 e 5 anos	0%	10%	10%	6,7%
Entre 5 e 10 anos	0%	0%	10%	3,3%
Entre 10 e 20 anos	10%	0%	0%	3,3%
Acima de 20 anos	50%	50%	50%	50,0%
Sempre	40%	40%	30%	36,7%

- Tempo de moradia no bairro (Tabela 35): na Bela Vista, a maior parte (50%) das pessoas entrevistadas mora no bairro há mais de 20 anos. No Rio Branco, a maioria (40%) das pessoas mora no bairro entre 10 e 20 anos. Já na Santa Cecília, predominam (30%) as pessoas que moram no bairro entre 5 e 10 anos. No conjunto da Zona 3, predominam (30%) as pessoas que residem em seus bairros há mais de 20 anos. Deve-se ressaltar, no entanto, que o tempo de moradia no bairro está bem distribuído nos intervalos selecionados.

Tabela 35: Classificação da amostra por tempo de moradia no bairro da Zona 3 obtida no "Questionário A".

TEMPO DE MORADIA NO BAIRRO	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Até 2 anos	0%	10%	20%	20,0%
Entre 2 e 5 anos	0%	0%	0%	16,7%
Entre 5 e 10 anos	0%	0%	30%	10,0%
Entre 10 e 20 anos	20%	40%	10%	13,3%
Acima de 20 anos	50%	20%	20%	30,0%
Sempre	30%	30%	20%	10,0%

- Bairros já resididos (Tabela 36): na Bela Vista, predominam as pessoas que sempre moraram no próprio bairro (30%) ou que já moraram em Petrópolis (30%). No Rio Branco, a maioria (20%) das pessoas sempre morou no

próprio bairro (30%) ou já moraram no Bom Fim (30%). E, na Santa Cecília, a maior parte (20%) das pessoas sempre morou no próprio bairro ou no Centro (20%). No conjunto da Zona 3, predominam (20%) as pessoas que já residiram no Bom Fim e no Centro. Apesar de apresentarem percentuais menos expressivos, é importante ressaltar os seguintes bairros também citados: Azenha, Bela Vista, Bom Fim, Centro, Chácara das Pedras, Farrapos, Independência, Jardim do Salso, Moinhos de Vento, Partenon, Petrópolis, Rio Branco, Santa Cecília, Santana, São Geraldo, Teresópolis e Vila Ipiranga. Deve-se destacar que, nesta pergunta do questionário, as pessoas podiam citar mais de um bairro e os resultados estão bem distribuídos nas cidades referidas.

Tabela 36: Classificação da amostra por bairros já resididos da Zona 3 obtida no "Questionário A".

BAIRROS JÁ RESIDIDOS	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Azenha	0%	10%	0%	3,3%
Bela Vista	30%	0%	0%	10,0%
Bom Fim	20%	30%	10%	20,0%
Centro	20%	20%	20%	20,0%
Chácara das Pedras	0%	0%	10%	3,3%
Farrapos	10%	0%	0%	3,3%
Independência	0%	0%	10%	3,3%
Jardim do Salso	0%	10%	0%	3,3%
Moinhos de Vento	0%	0%	10%	3,3%
Partenon	0%	0%	10%	3,3%
Petrópolis	30%	0%	10%	13,3%
Rio Branco	0%	30%	10%	13,3%
Santa Cecília	0%	0%	20%	6,7%
Santana	10%	10%	0%	6,7%
São Geraldo	0%	10%	0%	3,3%
Teresópolis	10%	0%	0%	3,3%
Vila Ipiranga	0%	0%	10%	3,3%

Segundo o perfil sócio-econômico dos respondentes do "Questionário A" pode-se concluir que a população da Zona 3 caracteriza-se por mulheres predominantemente, com idade entre 40 e 60 anos, renda familiar acima de 10

salários mínimos, escolaridade de nível superior completo, profissionalmente envolvidos com economia, administração e/ou contabilidade, ainda em atividade, que moram em Porto Alegre, e no bairro em questão, há mais de 30 anos, e que residem ou já residiram, trabalham ou já trabalharam nas proximidades das praças citadas.

4.1.3.2 As praças mais lembradas

De acordo com a ponderação aplicada nas respostas da primeira pergunta do "Questionário A", as seis praças mais lembradas podem ser vistas na Tabela 37. A classificação de todas as praças citadas na Zona 3 pode ser observada no Anexo B.

Tabela 37: Seis praças mais lembradas na primeira pergunta do "Questionário A" aplicado na Zona 3.

PRAÇAS	BAIRRO / ZONA	BAIRROS			ZONA 3
		Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Praça Alfândega	Centro / Zona 1	33	27	20	80
Praça Carlos Simão Arnt	Bela Vista / Zona 3	33	18	17	68
Praça Japão	Boa Vista / Fora do Zoneamento	14	9	8	31
Praça Marechal Deodoro	Centro / Zona 1	15	10	5	30
Praça Júlio de Castilhos*	Independência / Fora do Zoneamento	6	4	6	16
Praça Marselhesa*	Santa Cecília / Zona 3	0	0	16	16

*devido ao empate, ambas foram consideradas 5º lugar.

Desta forma, a praça selecionada segundo a memória da população da Zona 3 foi novamente a Praça da Alfândega com 80 pontos, sendo 33 pontos provenientes do Bairro Bela Vista, 27 do Rio Branco e 20 da Santa Cecília. Esta praça será, portanto, a única a ser submetida às etapas posteriores do estudo de caso por ter sido a mais lembrada nas três zonas da pesquisa.

4.1.3.3 Motivos da lembrança das praças citadas

Na questão 2 (dois), os respondentes da Zona 3 citaram inúmeros motivos da lembrança das praças citadas na questão 1. Como já mencionado, por algumas respostas terem o mesmo sentido, apesar de ditas de formas variadas, e ainda, para facilitar a catalogação dos dados, categorias foram criadas. Estas categorias bem como o percentual relativo à quantidade de vezes que foram mencionadas podem ser observados na Tabela 38, lembrando que poderia ser dada mais de uma resposta. Para a análise serão considerados somente os motivos (em destaque) que obtiveram os cinco maiores percentuais.

Tabela 38: Motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" aplicado na Zona 3.

MOTIVO DA LEMBRANÇA	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém	90,0%	50,0%	60,0%	66,7%
Opção de lazer como mesas de jogos, parquinhos, feiras (permanentes ou eventuais) etc.	80,0%	50,0%	40,0%	56,7%
Localização: perto de casa/trabalho etc.	70,0%	30,0%	50,0%	50,0%
Composição visual da praça: vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.	60,0%	40,0%	40,0%	46,7%
Conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.	2,0%	40,0%	40,0%	33,3%
Parte do trajeto: passagem, caminho.	10,0%	50,0%	40,0%	33,3%
Nostalgia pública: referência do passado da cidade ou da população	20,0%	20,0%	30,0%	23,3%
Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.	30,0%	20,0%	20,0%	23,3%
Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.	30,0%	20,0%	10,0%	20,0%
Tipo de público freqüentador	10,0%	40,0%	10,0%	20,0%
Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros, ponto de táxi e de ônibus e estacionamento.	30,0%	10,0%	20,0%	20,0%
Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.	20,0%	0,0%	20,0%	13,3%
Ponto de encontro/referência	0,0%	20,0%	10,0%	10,0%
Acessibilidade	0,0%	20,0%	10,0%	10,0%
Manifestações sócio-culturais já ocorridas	10,0%	10,0%	0,0%	6,7%

Na Zona 3, a nostalgia particular (lembrança pessoal de acontecimentos ou alguém) foi o motivo que levou a maioria da população respondente (66,7%) a

se lembrar das praças citadas. Em segundo lugar surge o motivo referente às opções de lazer que a praça oferece como mesas de jogos, parquinhos e feiras (permanentes ou eventuais) com percentual igual a 56,7%. Em seguida os fatores de localização da praça (perto de casa/trabalho etc.) com 50,0% de citações; composição visual da praça (vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.) com 46,7% das respostas; e finalmente os motivos referentes ao conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança / sensações que o espaço dá com 33,3% empatado com o fato da praça fazer parte do trajeto (passagem, caminho etc.) com mesmo percentual.

Já relacionados todos os itens citados nesta questão nas três Zonas, torna-se possível a composição do conjunto de apoio à questão 2 (dois) do “Questionário B” a ser apresentado na íntegra após a apresentação dos últimos resultados referentes à Zona 3.

4.1.3.4 Utilização das praças

De acordo com os percentuais observados na Tabela 39, obtidos a partir das entrevistas realizadas na Zona 3 relativas à utilização das praças citadas e não citadas, percebe-se que a maioria da população respondente da Zona 3, assim como na Zona 2 e em oposição à Zona 1, é usuária de praças (66,7%).

Tabela 39: População usuária do espaço aberto público praça.

USUÁRIO DE PRAÇA	BAIRROS			ZONA 3
	Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
Sim	90%	50%	60%	66,7%
Não	10%	50%	40%	33,3%

Estes dados foram considerados de acordo com as respostas dadas às questões 3 e 4 sobre praças que o respondente utiliza tendo ou não citado anteriormente. Especificamente em relação àquelas citadas e usadas, de acordo com a Tabela 40, percebe-se os percentuais observados, apesar de serem a maioria baixos e igualmente distribuídos, apresentam um bastante alto

e distinto entre os demais. A praça mais utilizada pela população é a Carlos Simão Arnt (53%) localizada no bairro Bela Vista. Importante referir que, dentre as 15 praças ditas utilizadas, apenas 3 localizam-se nos bairros da Zona 3 (em destaque), e que as respostas estão bem distribuídas nas praças citadas, com exceção do percentual da praça referida.

Tabela 40: Praças citadas na Questão 1 e mencionadas como utilizadas segundo resultados obtidos na Zona 3 através do “Questionário A”.

PRAÇAS CITADAS E USADAS	BAIRRO	ZONA 3
Carlos Simão Arnt	Bela Vista	53%
Araribóia	Petrópolis	7%
Japão	Boa Vista	7%
Alfândega	Centro	3%
Marechal Deodoro da Fonseca	Centro	3%
Arquiteta Berenice Baptista	Três Figueiras	3%
Júlio de Castilhos	Independência	3%
Província de Shiga	Passo D'areia	3%
Doutor Maurício Cardoso	Moinhos de Vento	3%
André Forster	Petrópolis	3%
Gustavo Langsch	Bela Vista	3%
Professor Leonardo Macedônia	Boa Vista	3%
Doutor Milton Krauser	Petrópolis	3%
Marselhesa	Santa Cecília	3%
Nações Unidas	Petrópolis	3%

E, finalmente, de acordo com os percentuais observados na Tabela 41, obtidos a partir das entrevistas realizadas na Zona 3 relativas à utilização de praças não citadas anteriormente, é correto afirmar que o percentual, além de reduzido, é único, pois apenas uma praça foi mencionada, apresentando um

percentual de 3%. A Praça Doutor Maurício Cardoso localiza-se no bairro Moinhos de Vento não pertencente à Zona 3. Importante ressaltar, que dentre os entrevistados, 100% daqueles que utilizam a praça que não citadas anteriormente, já eram usuários daquelas citadas.

Tabela 41: Praças não citadas na Questão 1 e mencionadas como usadas segundo resultados obtidos na Zona 3 através do “Questionário A”.

PRAÇA NÃO CITADA E USADA	BAIRRO	ZONA 3
Doutor Maurício Cardoso	Moinhos de Vento	3%

4.1.4 Objeto de estudo

Apesar de no início do estudo acreditar-se que para cada zona seria definida uma praça distinta, totalizando 3 praças a serem submetidas às etapas posteriores de análise, foi selecionada, conforme observado na Tabela 42, uma única praça visto que nas três zonas a praça mais lembrada pela população foi a Praça da Alfândega, localizada no bairro Centro da cidade de Porto Alegre – RS (Figura 27).

Tabela 42: Praças selecionadas para aplicação da segunda etapa do estudo de caso.

ZONA	PRAÇA SELECIONADA	BAIRRO PERTENCENTE	ZONA PERTENCENTE	PONTUAÇÃO
Zona1	da Alfândega	Centro	Zona 1	60
Zona 2	da Alfândega	Centro	Zona 1	49
Zona 3	da Alfândega	Centro	Zona 1	80



Figura 27: Bairros da pesquisa e praça selecionada na primeira etapa do estudo.

Desta forma, a Praça da Alfândega foi submetida às segunda e terceira etapas do estudo de caso referentes ao levantamento histórico-espacial e à avaliação ambiental, com previsão de aplicação do “Questionário B”.

A versão final do “Questionário B” dependia dos resultados obtidos a partir da questão 2 do “Questionário A”, por meio da catalogação dos motivos da lembrança das praças citadas pelos respondentes no início da entrevista. O agrupamento destes motivos baseou-se nos aspectos formais de situação e configuração e não-formais de significado.

A relação final destes motivos bem como os percentuais relativos à quantidade de vezes que foram mencionados podem ser observados na Tabela 43, lembrando que os respondentes poderiam mencionar mais de um motivo (Tabela 43).

Como motivo de lembrança das praças por mais de 50% da população respondente nas 3 zonas juntas podemos considerar dois fatores como principais: a localização (perto de casa/trabalho) com 61,1% e a nostalgia particular (lembrança de algum acontecimento ou alguém) com 54,4%.

Para composição da Questão 2 do "Questionário B", os motivos foram distribuídos enquanto componentes dos três aspectos da praça a serem estudados na segunda etapa: situação na cidade, configuração e significado, conforme observado nas Tabelas 44, 45 e 46.

Tabela 43: Relação final dos motivos da lembrança das praças citados no "Questionário A".

MOTIVO DA LEMBRANÇA	BAIRROS			VALOR TOTAL
	Zona 1	Zona 2	Zona 3	
Localização: perto de casa/trabalho etc.	66,7	66,7	50,0	61,1
Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém.	33,3	63,3	66,7	54,4
Parte do trajeto: passagem, caminho.	46,7	56,7	33,3	45,6
Opções de lazer como mesas de jogos, parquinhos, feiras (permanentes ou eventuais) etc.	46,7	33,3	56,7	45,6
Composição visual da praça: vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.	26,7	50,0	46,7	41,1
Conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.	36,7	53,3	33,3	41,1
Nostalgia pública: referência do passado da cidade ou da população.	43,3	26,7	23,3	31,1
Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros, ponto de táxi e de ônibus e estacionamento.	36,7	26,7	20,0	27,8
Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.	30,0	30,0	23,3	27,8
Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.	33,3	30,0	13,3	25,5
Tipo de público frequentador.	26,7	16,7	20,0	21,1
Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.	23,3	20,0	20,0	21,1
Ponto de encontro/referência.	33,3	13,3	10,0	18,9
Acessibilidade.	16,7	13,3	10,0	13,3
Manifestações sócio-culturais já ocorridas.	13,3	10,0	6,7	10,0

Tabela 44: Relação dos motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" definidas como componentes do aspecto "Situação da Praça na Cidade".

SITUAÇÃO DA PRAÇA NA CIDADE
Localização: perto de casa/trabalho etc.
Ponto de encontro/referência.
Acessibilidade.
Parte do trajeto: passagem, caminho.

Tabela 45: Relação dos motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" definidas como componentes do aspecto "Configuração da Praça".

CONFIGURAÇÃO DA PRAÇA
Opções de lazer como mesas de jogos, parquinhos, feiras (permanentes ou eventuais) etc.
Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros, ponto de táxi e de ônibus e estacionamento.
Conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.
Composição visual da praça: vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.
Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.
Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.

Tabela 46: Relação dos motivos da lembrança das praças citadas no "Questionário A" definidas como componentes do aspecto "Significado da Praça".

SIGNIFICADO DA PRAÇA
Manifestações sócio-culturais já ocorridas.
Nostalgia pública: referência do passado da cidade ou da população.
Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém.
Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.
Tipo de público freqüentador.

Desta forma, após a categorização dos motivos de lembrança das praças citadas, torna-se possível observar a versão final do "Questionário B" (Figura 28).

Avaliação Ambiental

1. Nos itens a seguir, gostaríamos que você **circulasse** uma nota de 0 a 10 de acordo com a sua opinião sobre cada aspecto **DESTA PRAÇA**.

10

9 **Muito Bom**

8

7 **Bom**

6

5 **Regular**

4

3 **Ruim**

2

1 **Muito Ruim**

0

Situação da praça na cidade:

- Localização; perto/longe de casa/trabalho etc.
- Ponto de encontro/referência.
- Acessibilidade.
- Parte do trajeto; passagem, caminho.

QUESTIONÁRIO B

CÓDIGO: _____

PRAÇA: _____

2. Qual o motivo de uso **DESTA PRAÇA**?
Por que você está aqui? _____

Situação da Praça na Cidade
 Configuração da Praça
 Significado da Praça

3. Com que frequência você usa **ESTA PRAÇA**?
 raramente;
 de 1 a 2 vezes por semana;
 de 3 a 4 vezes por semana;
 de 5 a 7 vezes por semana

Perfil da Amostra

4. Sexo? masculino feminino

5. Idade?
 até 20 anos entre 40 e 60 anos
 entre 20 e 30 anos acima de 60 anos
 entre 30 e 40 anos

6. Renda familiar?
 sem renda entre 5 e 10 SM
 até 3 SM acima de 10 SM
 entre 3 e 5 SM

7. Escolaridade?
 sem escolaridade completo incompleto
 1 grau 2 grau 3 grau incompleto
 2 grau completo incompleto
 3 grau completo incompleto
 Pós-graduação

8. Profissão? _____ aposentado

9. Há quanto tempo mora em Porto Alegre?
 não mora entre 5 a 10 anos sempre
 até 2 anos entre 10 a 20 anos
 entre 2 a 5 anos acima de 20 anos

10. Que bairro mora? _____

11. Que bairro trabalha? _____

Configuração da praça:

- Opções de lazer como mesas de jogos, parquinhos, feras (parcamentos ou eventuais) etc.
- Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.); sanitários lixeiras, bebedouros etc.
- Contorno: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.
- Composição visual da praça: vegetação/paisagismo; circulação interna; limpeza/estado de conservação, estátuas etc.
- Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.
- Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.

Significado da praça:

- Manifestações sócio-culturais já ocorridas.
- Nostalgia pública: referência do passado da cidade ou da população.
- Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém.
- Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.
- Tipo de público frequentador.

Figura 28: Versão final do “Questionário B”.

4.2 SEGUNDA ETAPA: LEVANTAMENTO HISTÓRICO-ESPACIAL

Nesta segunda etapa foi realizado o levantamento histórico-espacial da praça selecionada, no caso a Praça da Alfândega. Esta foi, inicialmente, estudada segundo seus aspectos formais de situação e configuração, e, posteriormente, segundo os não-formais de significado.

Foram levantadas informações na Prefeitura de Porto Alegre, principalmente no Departamento de Supervisão de Praças e Parques da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), na Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional (Metroplan) e em *sites* de busca na *internet*. Estas informações foram posteriormente analisadas e complementadas *in loco*.

4.2.1 Aspectos formais de situação

A Praça da Alfândega localiza-se no bairro “Centro” da cidade de Porto Alegre, Zona 1 da pesquisa. Tem uma área aproximada de 21.160 m², considerando como seu limite de espaço as fachadas das edificações adjacentes (Figura 29).

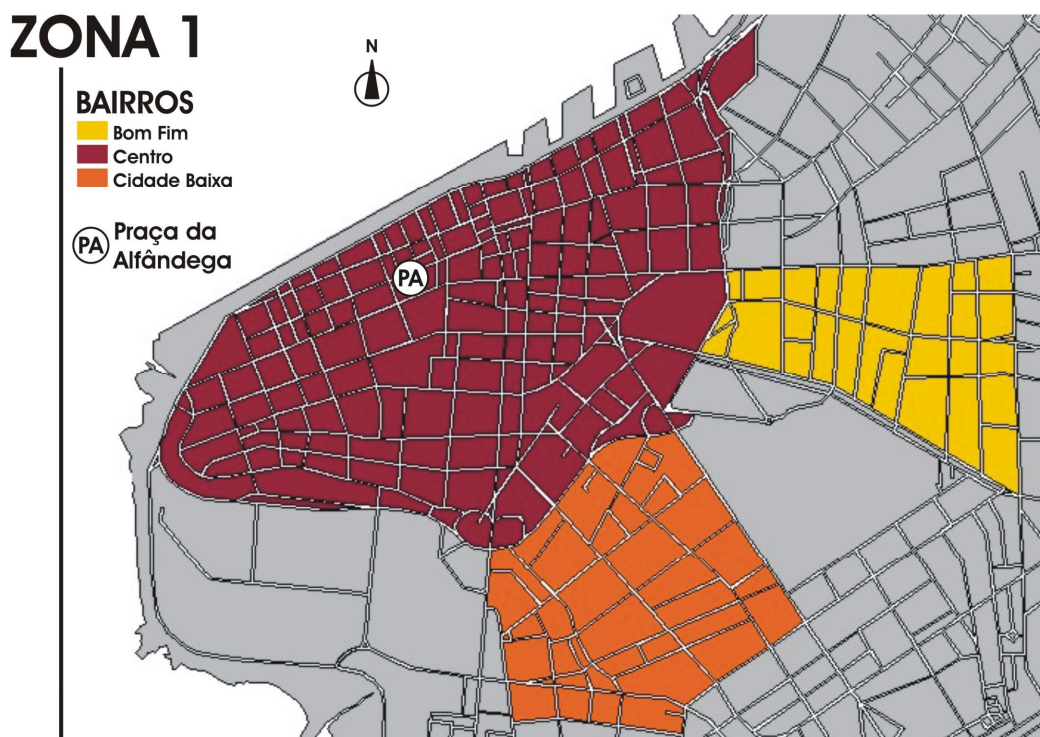
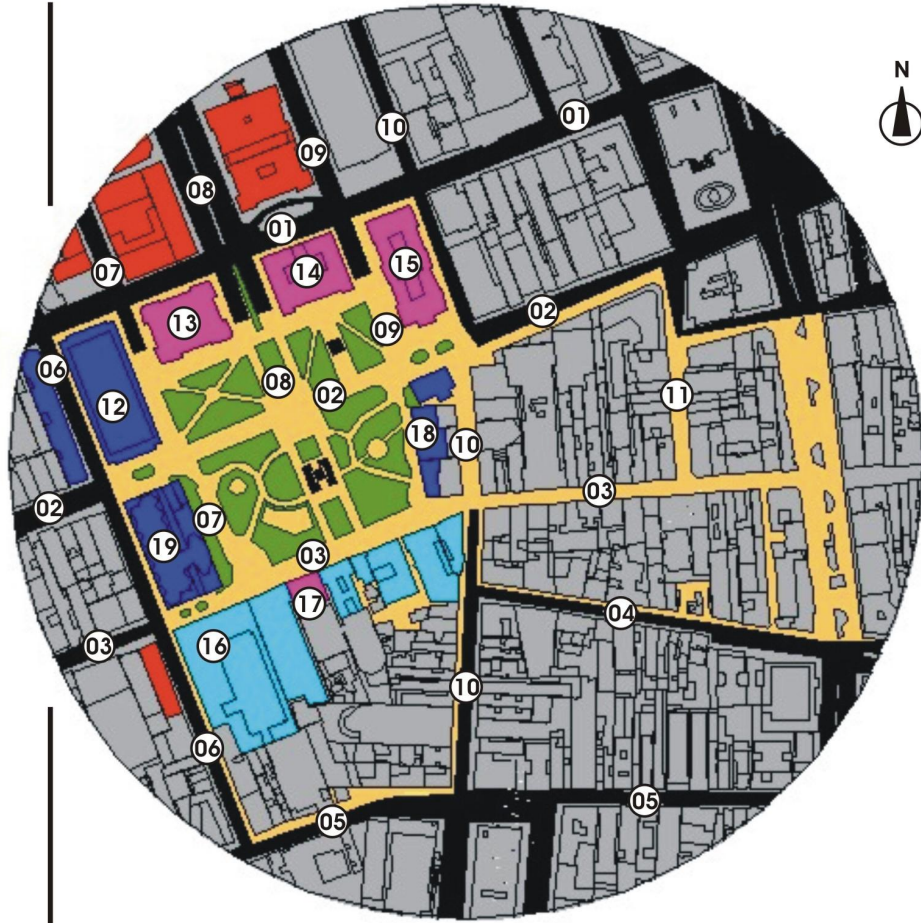


Figura 29: Localização da Praça da Alfândega.

PRAÇA DA ALFÂNDEGA



LEGENDA

- Calçada
- Vegetação
- Comércio
- Cultura e Lazer
- Bancos
- Instituições Públicas
- Quarteirões
- Asfalto

- ① Rua Siqueira Campos
- ② Rua Sete de Setembro
- ③ Rua dos Andradas
- ④ Rua General Andrade Neves
- ⑤ Rua Riachuelo
- ⑥ Rua Caldas Júnior
- ⑦ Rua Capitão Montanha
- ⑧ Avenida Sepúlveda
- ⑨ Rua Cassiano do Nascimento
- ⑩ Rua General Câmara
- ⑪ Rua Uruguai
- ⑫ Banrisul
- ⑬ MARGS
- ⑭ Museu dos Correios
- ⑮ Santander Cultural
- ⑯ Shopping da Praia
- ⑰ Cinema
- ⑱ Bancos
- ⑲ Caixa Econômica Federal

Figura 30: Planta de situação da Praça da Alfândega com localização de ruas e definição de uso das edificações adjacente.



Figura 31: Avenida Sepúlveda e a marcação monumental das Palmeiras Imperiais na entrada da praça via Cais do Porto (2008).

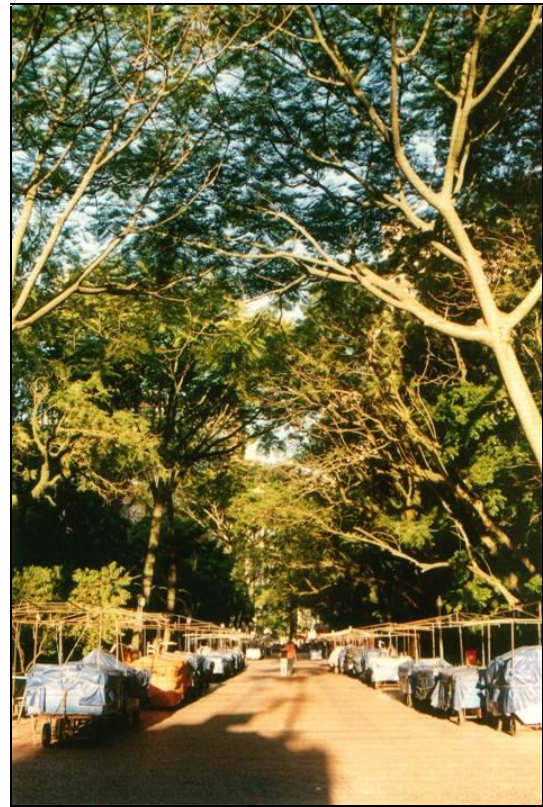


Figura 32: Vista ao cruzar a Praça da Alfândega via Rua Sete de Setembro (2008).

Conforme pode ser observado na Figura 30, a praça é delimitada pelas ruas dos Andradas, Caldas Júnior, Siqueira Campos e General Câmara, e cortada pela Avenida Sepúlveda (Figura 31) e pelas ruas Sete de Setembro (Figura 32), Cassiano do Nascimento e Capitão Montanha.

Hoje, a praça está inserida numa área destinada ao pedestre (ver Figura 30 – “Calçadão”), que se estende desde a praça original para além das edificações adjacentes, principalmente ao longo da Rua dos Andradas, em destaque na Figura 33. Esta área é considerada como parte indissociável da Praça da Alfândega que, segundo a população que transita pelo centro da cidade, parece ser o ponto de encontro/referência.

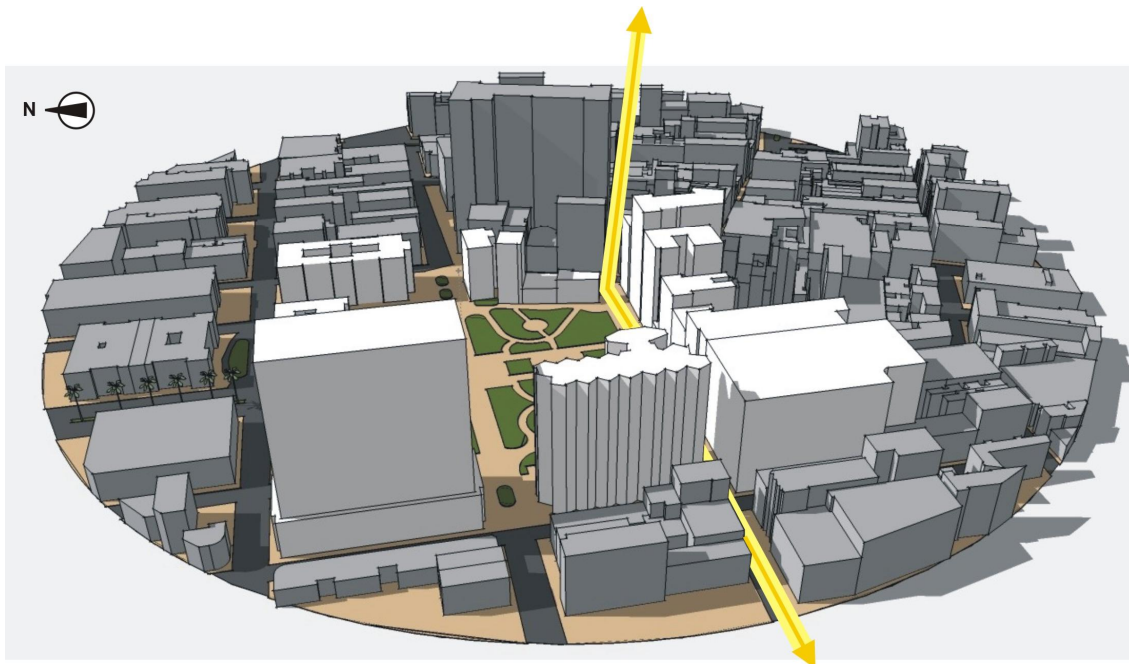


Figura 33: Isométrica da Praça da Alfândega (sem as árvores) - Em destaque a Rua dos Andradas, conhecida popularmente como “Rua da Praia”.

A partir da esquina das ruas dos Andradas e Capitão Montanha, seguindo no sentido horário, encontram-se os edifícios da Caixa Econômica Federal, do Banco do Rio Grande do Sul – Banrisul e do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS (Figura 34). Passando a Avenida Sepúlveda está o edifício do antigo Correio, hoje Memorial do Rio Grande do Sul (Figura 35).



Figura 34: Museu de Arte do Rio Grande do Sul (2001) – MARGS.



Figura 35: Edifício dos Correios (2008) – Memorial do RS.

Na esquina entre as ruas Cassiano do Nascimento e Sete de Setembro, localiza-se o edifício do Banco Santander, chamado Santander Cultural (Figura 36), com parte de suas dependências para mostras de arte e outra para

serviços internos. A obra de reabilitação desta edificação é recente, sendo base de exposições ligadas à Bienal de Arte do Mercosul em Porto Alegre.



Figura 36: Fachada principal do edifício do Santander Cultural (2008).

Na continuidade da Rua Cassiano do Nascimento existe um complexo de edificações, praticamente todas de uso bancário, conforme observado na Figura 37, na fachada à direita.



Figura 37: Rua Cassiano do Nascimento (2008).

Na fachada situada na Rua dos Andradas, encontram-se edificações como o Clube do Comércio, o antigo Cinema Imperial e Cine Guarani, pequenos restaurantes/lanchonetes, como, por exemplo, o Mac Donald's, e, localizado no

último prédio voltado à praça, um shopping. Ao longo da Rua dos Andradas, na área em frente à Praça da Alfândega ocorre com frequência, com definição espacial dos próprios expositores ambulantes, uma pequena feira (Figura 38).



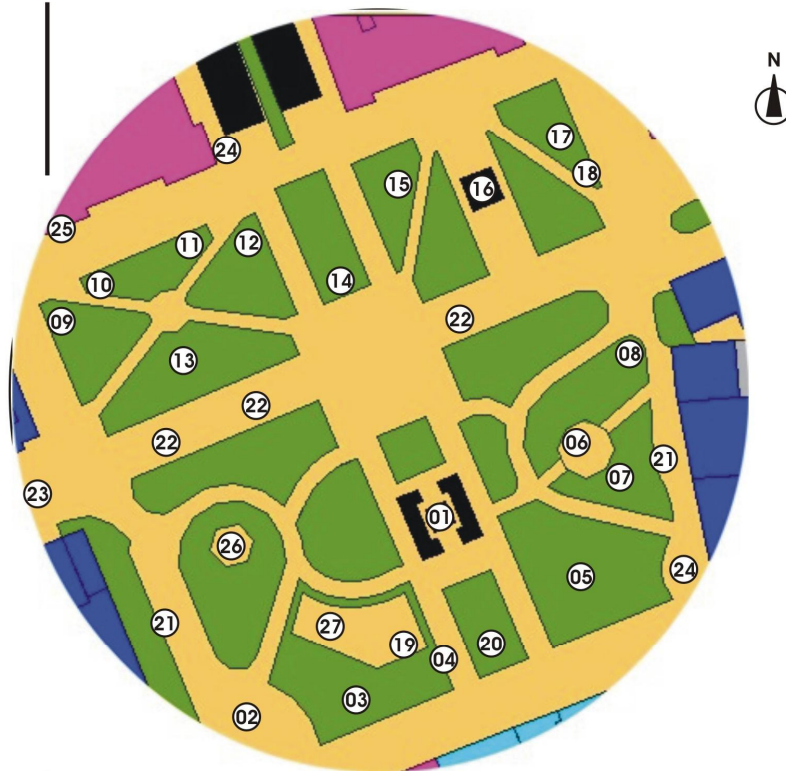
Figura 38: Vista da Rua dos Andradas, um dos limites da Praça da Alfândega, com uma pequena feira de ambulantes (2008).

4.2.2 Aspectos formais de configuração

O espaço interno da Praça da Alfândega está estruturado conforme as rígidas tradições clássicas, com um traçado baseado em eixos ortogonais (Figura 39), com o ponto focal, a estátua equestre de General Osório (Figura 40), deslocado do espaço central.

É disponibilizado ao usuário equipamentos que não constavam no projeto original como um parquinho para o lazer das crianças, um sanitário público, duas bancas de revistas, um quiosque de alimentos e uma feira permanente ao longo da Rua Sete de Setembro que cruza a Praça da Alfândega desde a Rua Caldas Júnior até a General Câmara (Figura 41).

PRAÇA DA ALFÂNDEGA



LEGENDA

- Calçada
- Vegetação
- Comércio
- Cultura e Lazer
- Bancos
- Instituições Públicas
- Quarteirões
- Asfalto

- 01 General Osório (estátua equestre em granito liso)
- 02 Carta-testamento (placa em bronze e pedra natural)
- 03 Caldas Júnior (herma, granito e bronze)
- 04 Mário Quintana e Carlos Drummond (bronze)
- 05 Arnaldo Balvé (cabeça em granito liso e bronze)
- 06 A Samaritana (estátua pedestre em bronze)
- 07 Leonardo Truda (herma, granito apicoado e bronze)
- 08 O Mapa (placa em cimento armado e bronze)
- 09 Torso Masculino (escultura em mármore)
- 10 Equilíbrio da Forma (escultura em ferro)
- 11 Planta Tropical (escultura em ferro)
- 12 Fuga (estátua pedestre em cimento armado)
- 13 Antônio Carlos Lopes (herma, granito e bronze)
- 14 Praça da Alfândega (placa)
- 15 Rubem Dario (marco em pedra natural e bronze)
- 16 Barão de Rio Branco (2 estátuas em bronze)
- 17 Torre de Petróleo (torre em ferro)
- 18 O Petróleo é Nosso (marco e placa em cimento e bronze)
- 19 Barão de Santo Ângelo (herma, granito apicoado e bronze)
- 20 José Bertaso (marco em granito apicoado)
- 21 Mesas de Damas e Engraxates
- 22 Estandes da Feira de Manualidades Permanente
- 23 Quiosque de Produtos de Mel
- 24 Banca de Revistas
- 25 Restaurante
- 26 Sanitários / Zeladoria
- 27 Parquinho

Figura 39: Planta de configuração da Praça da Alfândega com localização de elementos de composição e equipamentos disponíveis.



Figura 40: Monumento General Osório, ponto focal da Praça da Alfândega (2008).



Figura 41: Vista ao cruzar a Praça da Alfândega via Rua Sete de Setembro – detalhe para a feira permanente de manualidades (2008).

Na continuidade da Rua Cassiano do Nascimento, em frente à fachada dos edifícios bancários, estão dispostos equipamentos para engraxate (Figura 42), instalados pela Prefeitura, e de lazer, como mesinhas para jogos de dama e xadrez (Figura 43).



Figura 42: Detalhe dos equipamentos destinados a engraxar sapatos na praça (2008).



Figura 43: Detalhe dos usuários utilizando as mesas de damas (2008).

Inúmeros bancos e lixeiras estão espalhados por toda a praça, ao longo de seus eixos e travessas (Figura 44). Os quadrantes resultantes das vias principais são compostos por jardins onde estão inseridos inúmeros objetos decorativos como estátuas, esculturas (Figura 45), fontes e bustos.



Figura 44: Bancos sendo utilizados na Praça da Alfândega (2008).



Figura 45: Vista interna da Praça da Alfândega – no detalhe escultura em ferro intitulada “Equilíbrio da Forma” (2008).

O paisagismo da praça é caracterizado pelo fechamento, com maioria de árvores de grandes copas (Figura 46), recortando a visão aérea do céu e das edificações adjacentes. As grandes e antigas árvores da praça atraem, sob a sombra de suas copas, inúmeros usuários que buscam um momento de tranquilidade à sombra, proporcionando assim conforto em meio à insolação, principalmente no verão.



Figura 46: Vista aérea da Praça da Alfândega a partir da cobertura do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS (2008).

O conforto da Praça da Alfândega foi avaliado segundo os aspectos relativos à luz e sombra, aos ventos e insolação, à acústica e ruídos e à segurança. No que se refere ao conforto luminoso, a análise foi realizada por meio de simulações de luz e sombra desenhadas a partir dos recortes de radiação solar pelas edificações das redondezas da praça nas quatro estações do ano, com definição das datas para 21 de março (outono), 21 de junho (inverno), 21 de setembro (primavera) e 21 de dezembro (verão), em dois horários distintos para cada dia, às 9 e às 16 horas.

Importante referir inicialmente que não foram inseridas nas simulações as árvores constituintes à praça devido à dificuldade em transformá-las em um objeto tridimensional. No entanto, tal vegetação, observada na Figura 44, pode ser percebida como abundante e de forte fechamento, o que acarreta, inevitavelmente, em um sombreamento democrático por toda a praça.

No outono (Figura 47) é possível constatar que o sombreamento que as edificações projetam sobre a praça é bastante efetivo. No período da manhã o quadrante sudeste fica absolutamente sem luz do sol, enquanto os outros três

quadrantes recebem a luz, porém indireta devido às árvores ali presentes. Já no período da tarde, praticamente a metade oeste da praça fica completamente sombreada. Vale referir que durante esta estação as folhas da maioria das árvores tendem a cair, promovendo maior permeabilidade quanto à entrada de luz na praça.

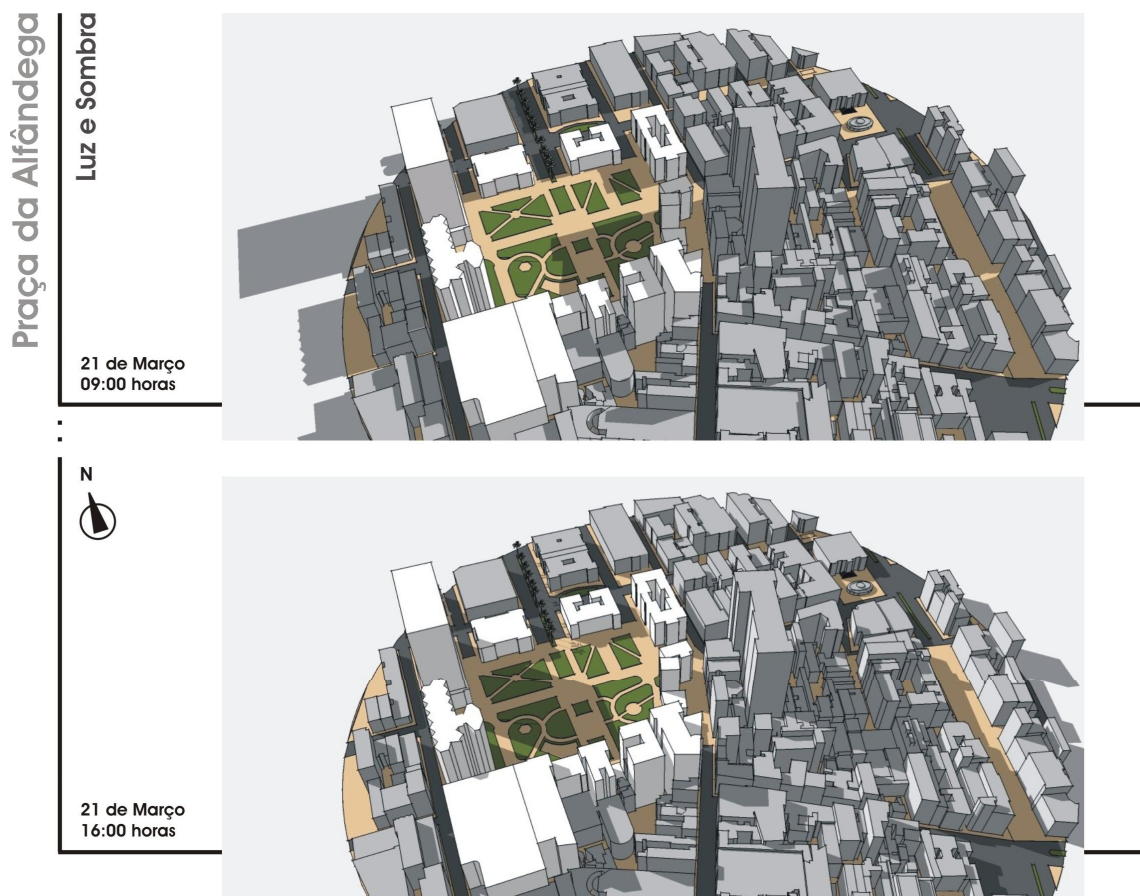


Figura 47: Simulação do Entorno Edificado na Praça da Alfândega (sem as árvores) – 21 de março.

No inverno (Figura 48) é possível constatar que o sombreamento que as edificações projetam sobre a praça é ainda maior que no outono. No período da manhã praticamente 60% da praça fica tomada pela sombra, e no período da tarde o sombreamento diminui ainda mais, chegando a aproximadamente 75% sem luz do sol. No inverno também ocorre o fenômeno de queda das folhagens das árvores, inclusive, de uma forma bem mais efetiva que no outono, acarretando maior entrada de luz mesmo que numa pequena parcela de espaço da praça.

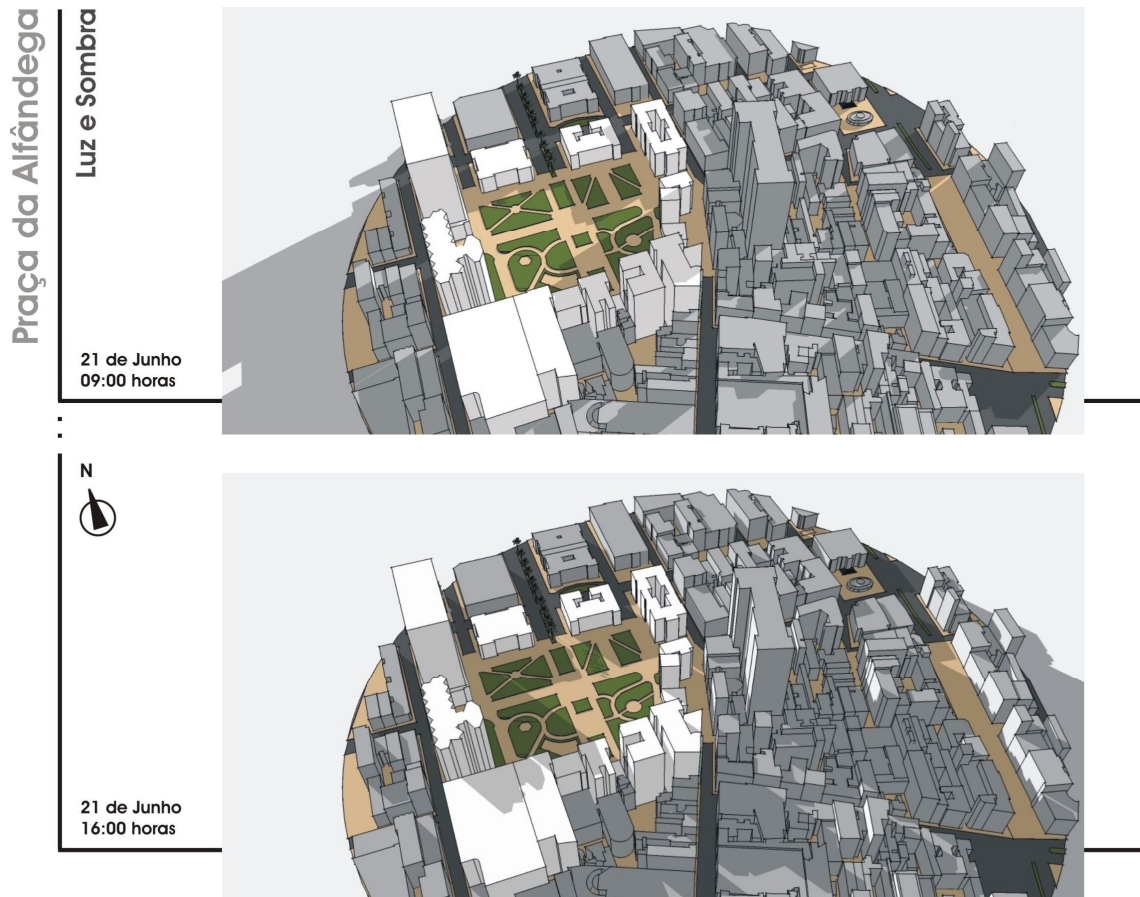


Figura 48: Simulação do Entorno Edificado na Praça da Alfândega (sem as árvores) – 21 de junho.

Na primavera (Figura 49) é possível constatar que o sombreamento que as edificações projetam sobre a praça é bastante distinto entre os períodos da manhã e da tarde. Na manhã a radiação solar é bastante superior que no período da tarde. As árvores nesta estação, no entanto, estão bastante floridas, de múltiplas cores, o que, de certa forma, torna mais difícil a passagem da luz do sol. Porém a Praça da Alfândega nesta estação proporciona ao seu usuário uma agradável sensação de conforto, tanto climático quanto visual.

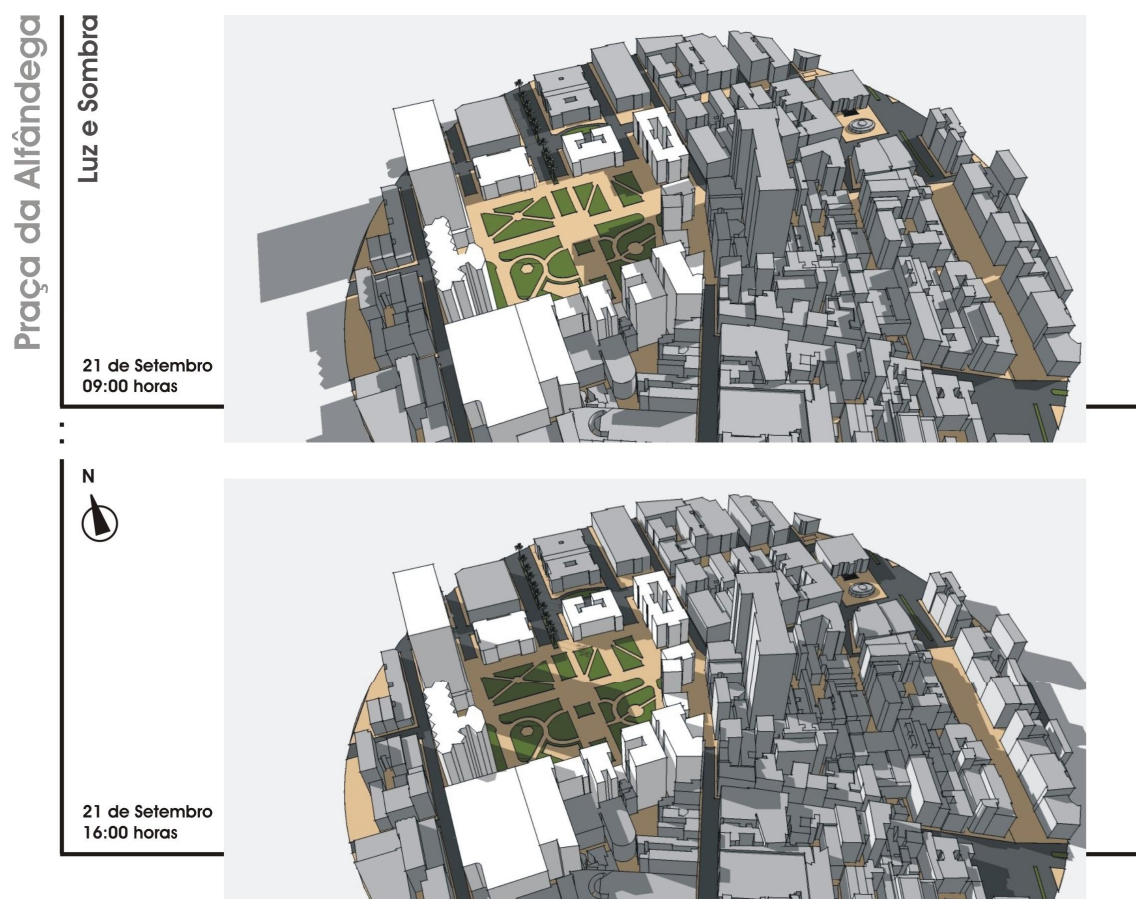


Figura 49: Simulação do Entorno Edificado na Praça da Alfândega (sem as árvores) – 21 de setembro.

Finalmente no verão (Figura 50), percebe-se que a praça atinge seu maior grau de radiação solar. No período da manhã percebe-se que a luz penetra em praticamente 80% da praça, e no período da tarde aproximadamente 60% da praça recebe a iluminação natural.

De fato as árvores copadas contribuem para a diminuição de entrada de luz, porém, percebe-se que tal sombreamento contribui para um conforto ainda maior, visto que a insolação e a temperatura nesta época do ano são bastante elevadas. Segundo Moussa *et al* (2005), o mês mais quente do ano é janeiro, registrando temperatura média de 24,6°C, com umidade relativa de 71%. Já o mês mais frio, junho, registra média de 14,3°C, com umidade de 82%.

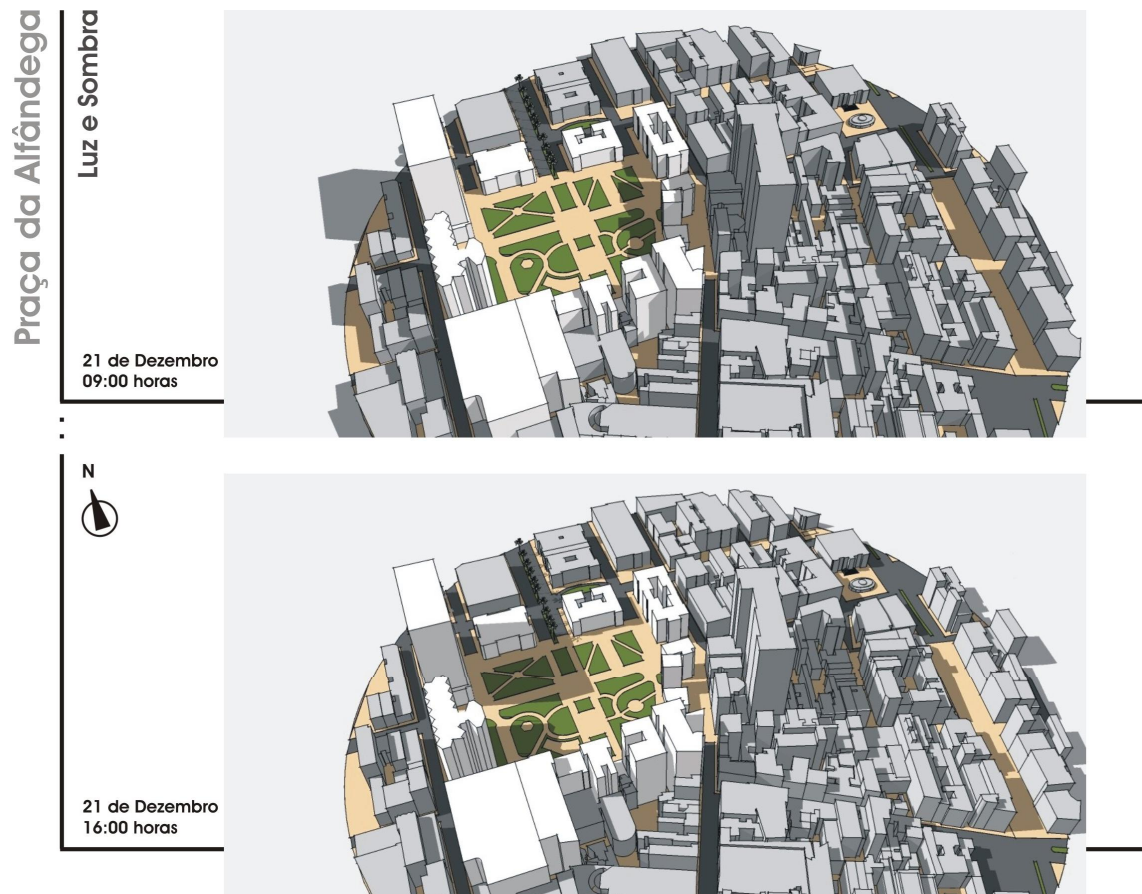


Figura 50: Simulação do Entorno Edificado na Praça da Alfândega (sem as árvores) – 21 de dezembro.

A cidade de Porto Alegre situa-se numa latitude igual a 30° , o que acarreta em maior projeção de sombreamento sentido sul. Como as edificações situadas na fachada norte são de baixa altura (MARGS e Correios), aproximadamente seis pavimentos, tal fator não gera grandes perdas de radiação solar à Praça (Figura 51).

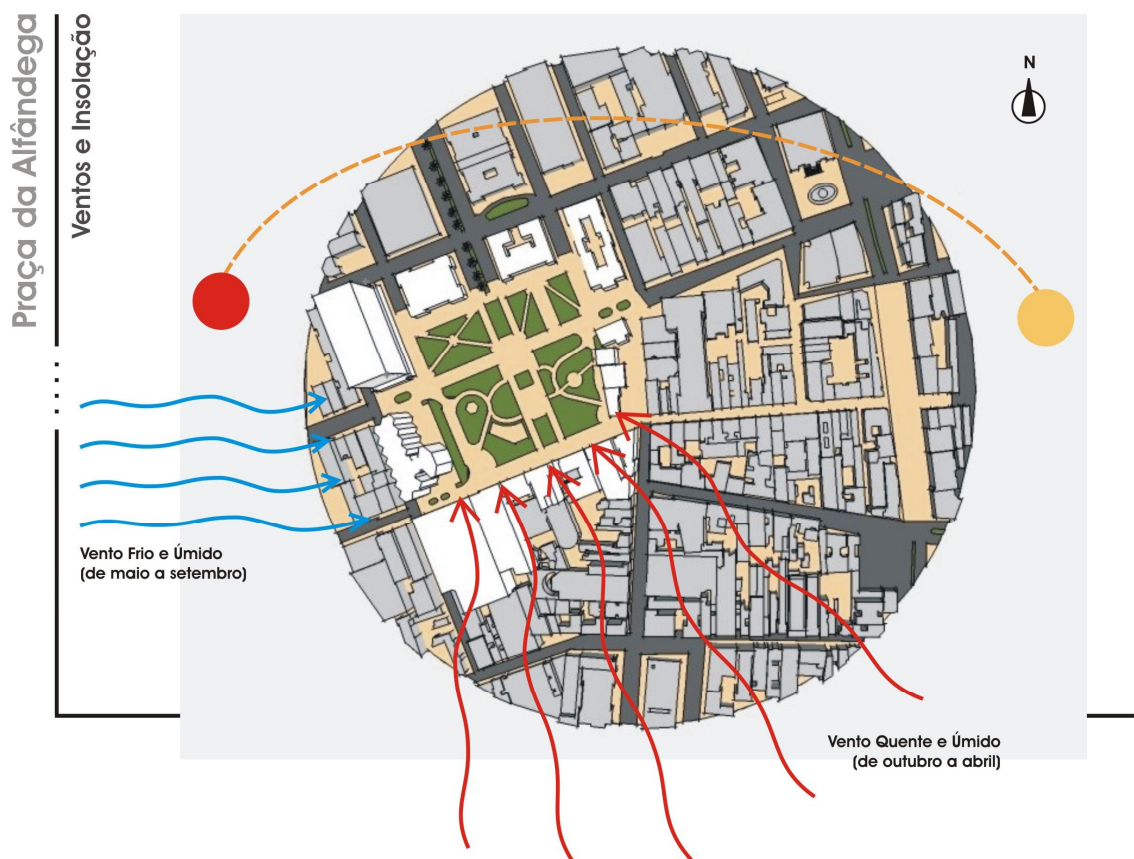


Figura 51: Indicação dos ventos e do percurso aparente do sol na Praça da Alfândega (sem as árvores).

É possível observar, inclusive, o comportamento dos ventos. Nos meses quentes do ano (outubro a abril), predomina, em Porto Alegre, o vento quente e úmido, soprando do sul. Já nos meses frios do inverno (maio a setembro), o vento predominante vem de oeste, frio e úmido (MOUSSA *et al*, 2005), que fica canalizado pelas ruas 7 de Setembro e dos Andradas que apresentam a mesma direção (Azimute = 120°).

Porém, quando o vento quente e úmido encontra a fachada das edificações que limitam a Praça da Alfândega na lateral da Rua dos Andradas (figura 52), parte deste vento sofre o efeito barreira, retornando a oeste, parte sofre o efeito esquina, acelerando o vento nas esquinas possibilitando redemoinhos na frente, e parte sofre efeito sopra de vento passando por cima das edificações. Este vento praticamente não consegue penetrar na praça, devido principalmente à concentração de vegetação fechada sobre a praça.

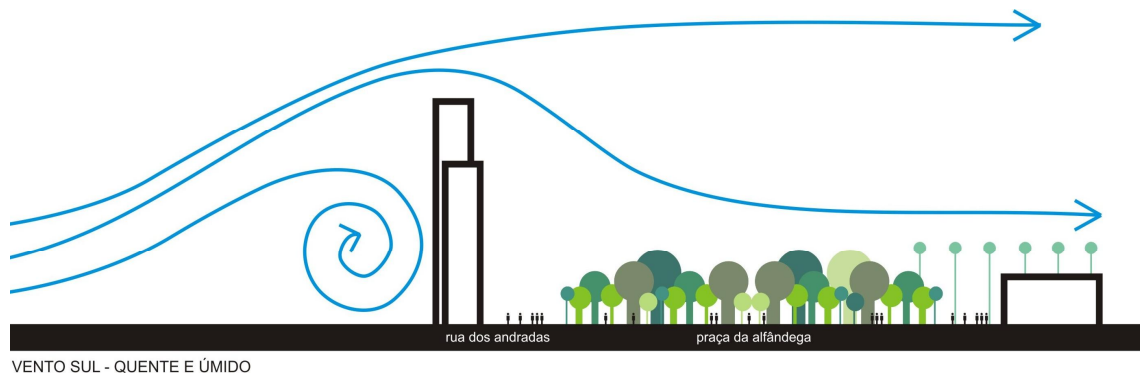


Figura 52: Indicação do vento sul, quente e úmido, e a Praça da Alfândega.

Quanto ao conforto sonoro percebe-se que a Praça da Alfândega encontra-se protegida principalmente devido ao impedimento de trânsito de veículos ao seu redor ou mesmo em suas travessas. A determinação de um fluxo exclusivo aos pedestres protegeu a praça neste sentido, contribuindo assim para conforto sonoro encontrado em seu interior. Suas grandes árvores copadas contribuem ainda mais para que este espaço promova uma agradável proteção dos ruídos do grande centro.

No entanto, tal exclusividade de circulação dos pedestres frente aos veículos acarreta num desconforto no que tange à segurança, principalmente no período noturno. À noite percebe-se que a Praça da Alfândega torna-se insegura. O uso das edificações adjacentes determinado a findar suas atividades por volta das 19 horas (museus, bancos, cinemas, cafés etc.) associado à ausência total do uso residencial, tornam a Praça da Alfândega ainda mais insegura durante a noite, caracterizando-a num espaço de uso efetivamente diurno, cabendo aqui generalizar o caráter desta praça aos demais espaços centrais.

A partir da aplicação da ficha bioclimática (Romero, 2001) foi possível diagnosticar a Praça da Alfândega no que tange aos seus aspectos físicos e ambientais (Figura 53).


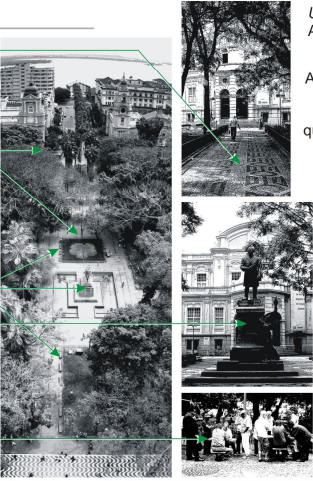

Ficha Bioclimática					
ESPACIAIS		PRAÇA DA ALFÂNDEGA	AMBIENTAIS		
ENTORNO	ACESSOS		<p>SENSAÇÃO DE COR - Verde</p>	COR	
			<p>RESSONÂNCIA DO RECINTO Apesar de ser um espaço aberto há ressonância na medida que a vegetação contribui tanto para a proteção contra os ruídos externos e concentração dos sons internos..</p> <p>SOMBRA ACÚSTICA Existente.</p>	SOM	
			<p>DIRETA - Média. Presença de vegetação composta por inúmeras árvores copadas.</p> <p>DIFUSA - Alta. Após o filtro da vegetação, a radiação solar predominante é a difusa.</p> <p>REFLETIDA - Paredes claras das edificações históricas adjacentes e piso em concreto (entorno) e em pedra portuguesa (interior da praça).</p>	RADIAÇÃO	
A BASE	COMPONENTES E PROPRIEDADES FÍSICAS DOS MATERIAIS		<p>ÁREA DA BASE = 15.600m²</p> <p>PAVIMENTOS Concreto e pedra portuguesa nas áreas de circulação, grama nos jardins e areia no parquinho das crianças.</p> <p>VEGETAÇÃO Intensa e fechada. Aberta apenas na rua central da praça.</p> <p>ÁGUA Escassa. Apenas em uma fonte desativada.</p> <p>MOBILIÁRIO URBANO Inúmeros bancos de concreto, ferro e madeira, monumentos, banca de revistas, postes de iluminação, lixeiras, bancas da feira permanente.</p> <p>ELEMENTOS PROTAGONISTAS Parquinho das crianças, banheiros públicos, mesas de damas e/ou xadrez, cadeiras de engraxates.</p>	<p>UMIDADE DO AR Alta. Clima úmido, frio no inverno e quente no verão.</p> <p>VELOCIDADE DOS VENTOS Acentuada no inverno com o vento frio e úmido vindo a oeste que penetra por entre as edificações da rua Capitão Montanha. O vento do verão, vindo do sul, quente e úmido fica bloqueado pelo paredão formado pelas edificação da fachada da rua dos Andradas.</p> <p>TEMPERATURAS SUPERFICIAIS Amena em praticamente toda a extensão da praça devido à forte presença da vegetação. Um pouco mais alta apenas nas laterais e na rua central da praça, onde predomina a vegetação aberta e a pavimentação fica exposta à radiação solar.</p> <p>ALBEDO - Baixo.</p> <p>AMBIENTE SONORO O som interno prevalece. Os ruídos externos são bastante reduzidos.</p> <p>CONJUNTO DE CORES Verde da vegetação e cinza claro do piso em concreto e pedra portuguesa.</p> <p>TONALIDADE Dominante tonalidade verde e cinza.</p>	CLIMA
			<p>CONVEXIDADE Terreno plano.</p> <p>CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE Continuidade absoluta. Terreno em apenas um nível.</p> <p>TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA Arquitetura preservada e restaurada representativa dos mais diversos estilos desde a criação da praça até a atualidade.</p> <p>ABERTURAS Pelas ruas que a delimitam e atravessam.</p> <p>TENSÃO A grande dimensão da base associada à concentração de vegetação, principalmente de árvores copadas, favorecem a diminuição da tensão que poderia ser causada pelas fachadas compostas por inúmeras edificações de grandes alturas, uma ao lado da outra (ruas dos Andradas e Cassiano do Nascimento).</p> <p>DETALHES ARQUITETÔNICOS E ARTÍSTICOS Edificações históricas ao redor: MARGS, Santander Cultural, Correios entre outros. Estatuas e obras de artes distribuídas ao longo da praça. Ponto focal: estátua General Osório. Ponto de perspectiva: portal do porto, via Avenida Sepúlveda.</p> <p>CÉU Elemento coadjuvante visto que fica parcialmente escondido tanto pela vegetação interna quanto pelas altas edificações adjacentes.</p> <p>ALTURA Variada.</p> <p>NÚMERO DE LADOS 4 lados</p>	<p>MANCHAS DE LUZ Dia: desenhadas pela vegetação e edifícios. Noite: postes de luz e holofotes iluminando os prédios.</p> <p>ESTÉTICA DA LUZ Iluminação cênica das edificações históricas adjacentes e de algumas obras de arte e estátuas internas à praça</p> <p>LUMINÂNCIA Média durante o dia e baixa à noite.</p> <p>INCIDÊNCIA DA LUZ Variada, com destaque para a travessa central da praça (continuidade da Avenida Sepúlveda).</p> <p>DIREÇÃO DO FLUXO Variada</p> <p>ABSORÇÃO Grande capacidade de absorção devido à forte presença da vegetação.</p>	LUZ
			<p>QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS Duros</p>	<p>REFLEXÃO Baixa.</p> <p>MATIZES Variada.</p> <p>CLARIDADE Policromia</p> <p>PERSONALIDADE ACÚSTICA Forte. Espaço que proporciona som ambiente. Projetado pelo fechamento da vegetação abundante.</p>	COR
				SOM	

Figura 53: Ficha bioclimática da Praça da Alfândega.

No entorno, a massa é bastante efetiva nas fachadas das ruas dos Andradas e Cassiano do Nascimento, devido às diversas edificações de mesmo porte, altas e aglomeradas. No entanto, nas ruas Siqueira Campos e Capitão Montanha, onde estão localizados os edifícios individuais e distantes entre si, a massa é descontínua.

Associado a esta configuração de volumes do entorno, ao fato da Praça da Alfândega ser praticamente coberta por uma vegetação de alta concentração e fechada, a torna predominantemente de coloração verde, com insolação parcial e conseqüentes sombras projetadas, radiação basicamente difusa, com poucos pontos de radiação direta (travessa principal).

O vento predominante é o vento oeste, frio e úmido que penetra por entre as edificações da rua Capitão Montanha. O vento sul, quente e úmido, ou fica bloqueado pelas altas edificações da rua dos Andradas, ou passa por sobre a vegetação que impede sua entrada na praça.

O som é praticamente composto pelos sons dos pássaros e das atividades internas à praça. Há pouca interferência dos ruídos externos devido à proteção da vegetação presente o que acarreta em forte ressonância no recinto e conseqüente sombra acústica. potencializada pelo caráter psicológico de fechamento e isolamento que as copas das árvores proporcionam.

Na área da base, predomina o gramado devido a efetiva presença dos jardins internos na praça. Não há presença de água visto que a única fonte presente no espaço encontra-se desativada. A pavimentação é praticamente em pedra portuguesa. Em poucos pontos, principalmente nas laterais externas à praça, existem alguns pavimentos em concreto.

O mobiliário urbano é composto por inúmeros bancos de concreto, ferro e madeira, monumentos, obras de arte, bancas de revista, lixeiras, postes de iluminação e bancas da feira permanente. Como elementos protagonistas quanto ao fluxo de visitantes surgem o parquinho das crianças, os banheiros públicos, as mesas de damas e/ou xadrez e as cadeiras de engraxate.

A sensação térmica na praça pode ser considerada homogênea, devido às

características de suas árvores que regulam as variações de umidade, temperatura e ventilação, criando-se um microclima favorável à permanência. Assim como Porto Alegre, a Praça da Alfândega tem um clima úmido, frio no inverno e quente no verão. A velocidade do vento é acentuada no inverno, com o vento oeste, frio e úmido. Considera-se que a temperatura da superfície do piso são amenas devido à forte presença da vegetação, logo, o albedo é baixo. Internamente o conjunto de cores é basicamente composto pelo verde da vegetação e o cinza claro do concreto e da pavimentação.

A superfície da fronteira possui continuidade absoluta visto que seu terreno é disposto em apenas um nível. A tipologia arquitetônica é variada, preservada e restaurada, composta por edificações de estilos de distintas épocas.

Suas aberturas coincidem com as ruas limítrofes e que atravessam a Praça da Alfândega. O céu aparece como elemento coadjuvante da paisagem, emoldurado pela vegetação e edificações adjacentes. A altura da fronteira é variada, entre 6 e 30 pavimentos aproximadamente.

Quanto à iluminação natural, a radiação caracteriza-se por feixes de luz, com direção variada, provenientes da luz solar que penetra por entre a vegetação e as edificações adjacentes. Quanto à iluminação artificial, percebe-se que é proveniente dos postes distribuídos por toda a praça e dos holofotes das edificações adjacentes que recebem iluminação cênica.

A umidade do ar é absorvido pela vegetação presente, sua coloração variada e forte personalidade acústica mais uma vez proporcionada pela vegetação existente.

4.2.3 Aspectos não-formais de significado

Segundo a Revista *Ambiente* (2000, prospecto desdobrável), até o início do século 20 toda a área da Praça da Alfândega era uma zona disputada pelas águas do Rio Guaíba, algumas vezes inteiramente sob seu domínio, e outras, ligeiramente alagadiça. A tradição dos aterros na cidade de Porto Alegre alterou vigorosamente o perfil urbano junto ao Rio Guaíba e à sua área central

(Figura 54). O antigo Largo da Quitanda, hoje Praça da Alfândega, era, em 1783, um terreno baixo, alagadiço, cheio de macedas e aguapés, sujeito ao freqüente desenfrear das águas do rio, como demonstra a imagem da Figura 55 tirada por volta do ano de 1920.

Num período de quase um século foram realizados seis aterros, sendo que, naqueles ocorridos após o ano de 1956, foi incorporada ao processo uma solução hidráulica no intuito de conter as periódicas enchentes do rio, baseada em aterros contínuos ao longo da costa, que se projetaram com espaços verdes, passeios para pedestres e vias de circulação. Neste sentido, a Revista *Ambiente* (2000, prospecto desdobrável) relata:

“Talvez seja inimaginável Porto Alegre, para a maioria de seus habitantes atuais, sem todos estes recheios costeiros. Alguns, mais velhos, e seguramente muitos defensores do ambiente natural, têm saudade de como era essa ribeira original”.

Naquela época, início do século 20, a praça, na altura da Rua 7 de Setembro, possuía um cais com escadaria para a água. Do lado esquerdo ficava o velho prédio que foi a sede da Alfândega, desde sua fundação até 1915. O prédio foi destruído em 1924.

O local era conhecido como Costa do Rio e não pertencia ao domínio público, constituindo-se propriedade particular. Porém, D. João V, ao doar as terras a Jerônimo de Ornelas, defendeu meia légua ao longo dos rios navegáveis para utilização pública. Segundo Sanhudo (1979, p. 52), “o local onde atualmente se encontra a Praça, dita “da Alfândega”, nunca foi desapropriada e passou, por usucapião, ao domínio público”.

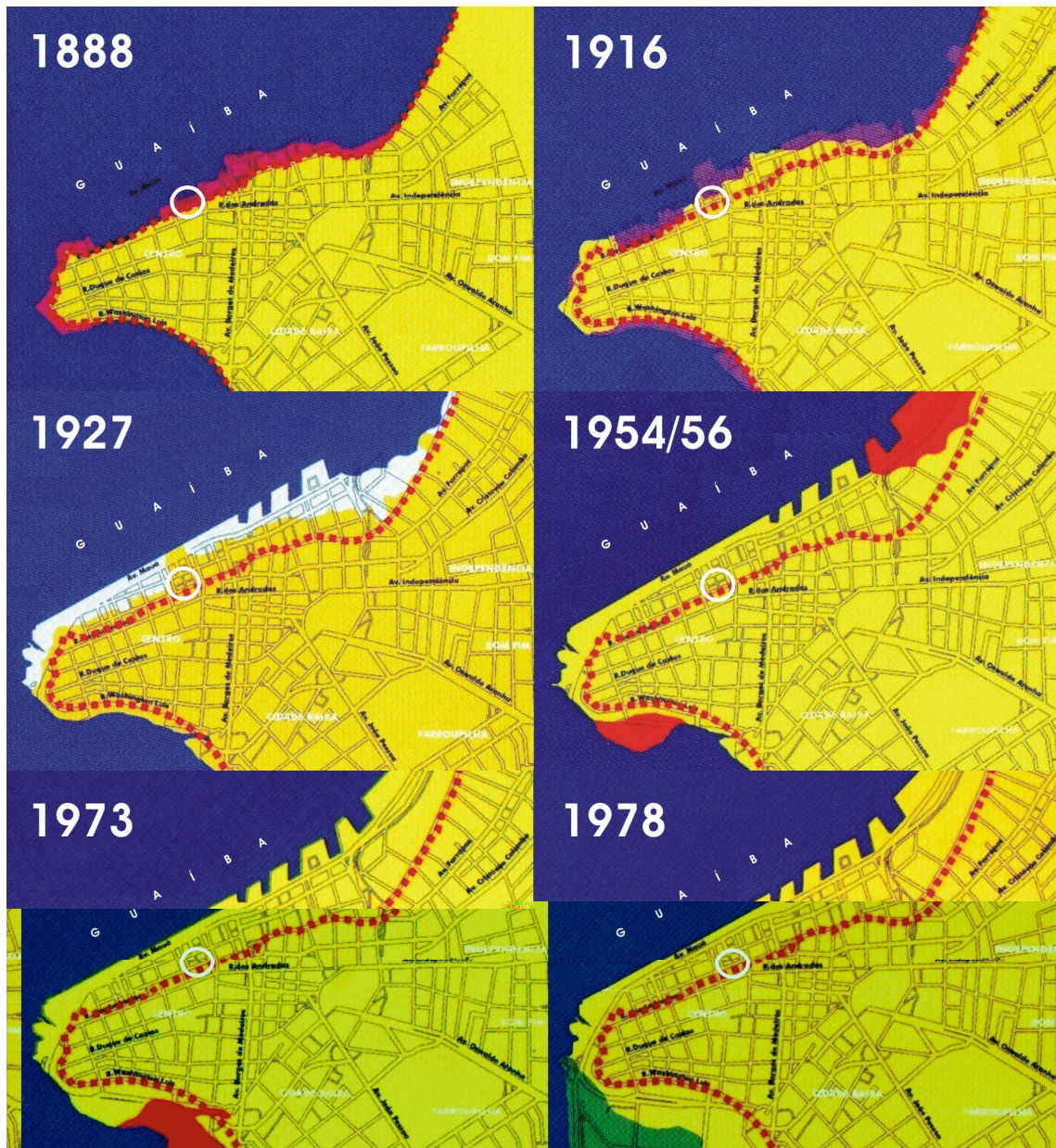


Figura 54: Evolução urbana e os aterros em Porto Alegre – em destaque a Praça da Alfândega. Fonte: Revista Ambiente, (2000, prospecto desdobrável).

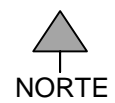




Figura 55: Praça da Alfândega alagada.

Fonte: <http://www.fotosantigasrs.hpg.ig.com.br/portoalegre> (2008).

Por volta de 1842, a Praça da Alfândega, sem dúvida, a mais movimentada, localizada no centro, se abria à Rua da Praia, atual Rua dos Andradas, naquele tempo, a mais importante via pública da capital da Província, e também a mais antiga, tendo nascida com a chegada dos açorianos em 1752 nas sesmarias de Jerônimo de Ornelas. Segundo o compositor Canto (2008), “a rua da praia que não tem praia, que não tem rio, onde as sereias andam de saias, e não de maiô. A Rua da praia, do jornaleiro e do camelô”.

Três anos depois da morte do senador Florêncio Carlos de Abreu e Silva, no dia 4 de março de 1883, a Câmara Municipal deu à Praça da Alfândega, o nome de Senador Florêncio. A partir desta data, recebeu melhores cuidados, tendo, inclusive, a arborização concluída. Sanhudo (1979, p. 52) faz o seu relato nostálgico sobre aquele tempo:

“Bom tempo aquele de meu pai, porque hoje nada mais disso temos! É inegável que essa praça era o coração da cidade! Lembro pra quem hoje senta comodamente naqueles bancos desconfortáveis desta aprazível praça, que ainda tem boas e frondosas árvores, que, há século atrás, as velhas negras minas, carregando grandes balaios, e em meio dum gritaria afanosa, ofereciam ali maracujá, pitanga, amora, farinha de cachorro e escabeche”.

Por volta de 1940, a praça era composta por abundantes árvores sombrosas e farta iluminação, e cerca de duas vezes por semana bandas da Brigada Militar tocavam para o povo. Segundo Sanhudo (1979), em 28 de maio de 1979, no

governo de Silva Gama, pela lei 4.563, passou a chamar-se Praça da Alfândega.

A praça era o ponto de encontro na cidade, o local onde o povo invariavelmente se reunia "para ouvir, através de estrondosos alto-falantes, as notícias, quer esportivas, cívicas ou internacionais" (SANHUDO, 1979, p. 53). O uso deste espaço aberto público era intenso, o que pode ser observado através do testemunho de Sanhudo (1979, p. 53-54), ao final dos anos 70:

"ao despertar a Primavera, com as flores e a nossa incorrigível ventania, temos ainda essa utilíssima e civilizadíssima Feira de Livros. (...) continua cheia de flores, com inúmeros bancos e um minúsculo parque infantil, presencia, pela manhã, o belo e comovedor espetáculo dos arrulhantes pássaros que a freqüentam. Durante o dia, engraxates e malandros que dorminhocam despreocupadamente. Ao entardecer, os saudosos velhos de todos os tempos e, pela noite, os misteriosos e nem sempre bem intencionados casais de namorados que a palmilham sorridentes e agarradinhos..."

Ao longo da Rua dos Andradas, tendo como um dos pontos principais de parada a Praça da Alfândega, circulavam os famosos bondes elétricos (Figuras 56 e 57). Do ano de 1908 ao ano de 1970, os bondes elétricos serviram como principal meio de transporte na cidade. O acesso à praça, naquele tempo, portanto, poderia ser feito a pé, por bonde e/ou automotivos.



Figura 56: Linha do bonde elétrico – Rua dos Andradas. Fonte: <http://www.fotosantigasrs.hpg.ig.com.br/portoalegre> (2008).



Figura 57: Linha do bonde elétrico – Praça da Alfândega. Fonte: <http://www.pampasonline.com.br/curiosidades/curiosidades.htm> (2008).

Hoje, como a circulação na Rua dos Andradas prioriza os pedestres, o acesso à Praça da Alfândega está limitado. Durante o dia quase não afeta o uso deste

espaço, porém, à noite, quase inexistindo a circulação, acarreta um aumento da insegurança.

Por volta de 1866, foi instalado no meio da praça um belo chafariz, conhecido como “A Imperatriz”. Em seu lugar, hoje se encontra o monumento em homenagem ao General Osório, estátua equestre em bronze, de autoria do escultor Leão Veloso, inaugurado em agosto de 1933.

Encontram-se também outros monumentos como aqueles em homenagem a Caldas Júnior, o fundador do Correio do Povo, busto transportado para a Praça Senador Florêncio por iniciativa dos jornalistas que o homenageavam em 1913, e a Arnaldo Balvé, inaugurado em 17 de junho de 1918.

Uma estátua de galvano-bronze, chamada de “A Samaritana”, à esquerda da praça, considerada uma verdadeira obra de arte do estatuário alemão Alfred Adloff, que jorra água continuamente. Esta estátua-fonte foi transferida da Praça Montevideu, em 1935.

Um enorme granito com a carta-testamento em bronze do Presidente Getúlio Vargas, escrita na fatídica madrugada de 24 de agosto de 1954, pouco antes de se suicidar, e ainda uma herma a Leonardo Truda, historiador e jornalista, inaugurada por volta no ano de 1976.

Desde o início de existência da Praça da Alfândega, foram sendo construídas inúmeras edificações ao seu redor que, ainda hoje, compõem suas fachadas adjacentes. Serão tratados em seguida os casos dos edifícios do Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS) e dos Correios e Telégrafos, atual Memorial do Rio Grande do Sul. Estas duas edificações foram contempladas pela execução de projetos de reabilitação, que, por sua vez, deu-lhes novamente condição de uso.

O MARGS, construído em 1913 para abrigar a Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, é um imponente prédio da Praça da Alfândega, de quase cinco mil metros quadrados, projetado por Theo Wiederspahn, arquiteto nascido na Alemanha que migrou para o Brasil em 1908 e constituiu notável carreira no Rio Grande do Sul. A suntuosidade da construção, com seus vitrais, mármore

e ornamentos, materializava, no início do século, o ideal de modernização e progresso da república positivista gaúcha. Apesar do decreto de transferência do MARGS datar de 1974, a ocupação da sede definitiva só ocorreu em 1978.

A decoração ornamental do prédio do MARGS foi executada pelas oficinas de escultura de João Vicente Friederichs, com os ornamentistas Victorio Livi, Franz Radermacher e do escultor Alfred Adloff, responsável pelas figuras da fachada (Figura 58).



Figura 58: Detalhe da porta de entrada do MARGS – Fachada principal.
Fonte: <http://www.sinpro-rs.org.br/extra/ago00/cultura3.asp> (2008).

O prédio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1981. Três anos mais tarde, a Subsecretaria de Cultura do Estado o reconheceu como de interesse público por seu valor histórico-arquitetônico. Passou, então, a integrar o patrimônio cultural do Rio Grande do Sul. Em 1985 é contemplado com o tombamento definitivo em nível estadual (Figura 59). Após as obras de reabilitação de sua edificação, o MARGS foi reaberto em 1998.



Figura 59: MARGS, após tombamento e antes das obras de reabilitação – vista da Praça da Alfândega. Fonte: <http://www.sinpro-rs.org.br/extra/mar98/cultu2.htm> (2008).

O Memorial do Rio Grande do Sul, antigo Correios, considerado a primeira edificação em concreto armado na cidade, foi construído entre 1911 e 1913 a partir de projeto do mesmo arquiteto responsável pelo MARGS, o alemão Theo Wiederspahn. O edifício se caracteriza pela influência da arquitetura barroca germânica (Figura 60). As torres assimétricas, com cúpulas em bronze, lembram os capacetes do exército prussiano. Este conjunto arquitetônico foi tombado pelo Patrimônio Nacional em 1981.



Figura 60: Memorial do RS e ao fundo Praça da Alfândega – vista aérea sul. Fonte: <http://www.memorial.rs.gov.br> (Acesso em 20/10/2008).

No final da década de 90, o edifício sofreu uma intervenção para que fosse possível transformá-lo num memorial para o Rio Grande do Sul e na sede do Arquivo Histórico Estadual. Os arquitetos responsáveis pelo projeto foram

Ceres Storchi e Nico Rocha, que conseguiram, ao mesmo tempo, manter um testemunho de época e cumprir as exigências de novos usos. Rocha *apud* MELENDEZ (2001), em entrevista à revista ProjetoDesign, afirmou: "Nossa atuação buscou evitar a adulteração do histórico". Depois de concluídas as obras, o Memorial do Rio Grande do Sul foi reaberto em 1999 (Figura 61).



Figura 61: Memorial do RS após reabilitação.
Fonte: <http://www.memorial.rs.gov.br> (Acesso em 20/10/2008).

É importante referir que a própria Praça da Alfândega foi, em 1987, tombada pelo Patrimônio Estadual e abriga, atualmente, duas feiras permanentes e inúmeros eventos anuais, bienais, itinerantes etc.

As feiras, como já mencionadas anteriormente, acontecem na continuidade da Rua Sete de Setembro, com venda de produtos artesanais e manualidades, e na Rua dos Andradas, onde camelôs se organizam todo fim de tarde e nos fins de semana para venda de produtos importados e manualidades.

Os eventos são diversos, mas podem ser considerados principais: a Feira do Livro, anual com sua 53ª edição em 2007; a Bienal do Mercosul, de 2 em 2 anos com sua 7ª edição em 2007; o Fórum Social Mundial, anual e em janeiro de 2005 foi sua última edição em Porto Alegre; e o Fórum Mundial de Turismo com sua última edição ocorrida na cidade em 2006.

A Feira do Livro, especificamente, ocorre desde 1955, e está espacialmente toda localizada dentro da Praça da Alfândega, onde são montadas estruturas metálicas que dão suporte à cobertura em lona (Figuras 62 e 63). É organizada pela Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL) e dura cerca de 20 dias durante,

geralmente, o mês de novembro.



Figura 62: Vista aérea da Praça da Alfândega durante a Feira do Livro em 2003.
Fonte: http://www.terra gaucha.com.br/feira_do_livro.htm (Acesso em 20/10/2008).



Figura 63: Feira do Livro de 2003.
Fonte: http://www.terra gaucha.com.br/feira_do_livro.htm (Acesso em 20/10/2008).

A Bienal do Mercosul é itinerante, e passa por Porto Alegre a cada 2 anos, nos anos ímpares. Acontece espacialmente tanto na Praça da Alfândega como em outros lugares da cidade, conforme pode ser observado no mapa da 4ª Bienal realizada em 2003 (Figura 64).

> LOCALIZAÇÃO



4ª BIENAL DO MERCOSUL

Figura 64: Mapa da 4ª Bienal do Mercosul realizada em Porto Alegre em 2003.
Fonte: <http://www.fundacaobienal.com.br/site/pt/localizacao2003/index.jsp> (Acesso em 20/10/2008).

Na 5ª edição do Fórum Social Mundial, realizada, assim com as 3 primeiras, em Porto Alegre, ocorreu em espaços distribuídos ao longo do Rio Guaíba, entre eles a Praça da Alfândega (Figura 65), onde ocorriam palestras (Figura 66) e manifestações culturais.



Figura 65: Espacialização dos eventos do Fórum Social Mundial 2005 – em destaque a área da Praça da Alfândega. Fonte: Jornal Fórum Social Mundial (Acesso em 10/12/2008).



Figura 66: Tendas na Praça da Alfândega para realização das palestras – Fórum Social Mundial 2005. Fonte: <http://www.fms2005.com.br/fotos.jsp> (Acesso em 20/10/2008).

Quanto ao tipo de público freqüentador, considerado um fator de forte influência sobre o significado da praça, em avaliação *in loco*, constata-se a presença de andarilhos que ora transitam pelo espaço, ora permanecem e muitas vezes dormem nos bancos localizados na praça. Outras freqüentadoras

assíduas e permanentes na praça são as “profissionais do sexo” que consideram a Praça da Alfândega seu local de trabalho.

4.3 TERCEIRA ETAPA: AVALIAÇÃO AMBIENTAL

Vinculada diretamente à memória e conseqüentemente ao significado, indutor de preferência, a avaliação ambiental foi realizada por meio da aplicação do "Questionário B".

O "Questionário B" foi aplicado na Praça da Alfândega durante uma semana de setembro de 2008, entre os dias 20 e 26, em uma amostra composta por 35 entrevistados, sendo que em cada dia foram aplicadas 5 entrevistas distribuídas em horários diferenciados conforme observado na Tabela 47.

Tabela 47: Horários e quantitativos das amostras da população entrevistada por meio da aplicação do "Questionário B" na Praça da Alfândega.

Horário	Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
07:00	01	01	05	00	00	00	00
10:00	01	01	00	05	00	00	00
13:00	01	01	00	00	05	00	00
16:00	01	01	00	00	00	05	00
19:00	01	01	00	00	00	00	05
Subtotais	05	05	05	05	05	05	05
TOTAL	35						

4.3.1. Perfil sócio-econômico

O perfil sócio-econômico dos usuários da Praça da Alfândega segue as seguintes características:

- Sexo (Tabela 48): a maioria dos usuários da praça é de homens, totalizando 68,6% de pessoas do sexo masculino e 31,4% do sexo feminino.

Tabela 48: Classificação da amostra da praça por sexo obtida no "Questionário B".

SEXO	
Feminino	31,4%
Masculino	68,6%

- Idade (Tabela 49): o maior percentual (40%) refere-se a pessoas com idade acima de 60 anos, seguida pela população de idade entre 30 e 40 anos (31,4%), entre 20 e 30 anos (17,1%), com até 20 anos (11%). Nenhum respondente apresentou idade entre 40 e 60 anos.

Tabela 49: Classificações da amostra da praça por idade obtidas no "Questionário B".

IDADE	
Até 20 anos	11,4%
Entre 20 e 30 anos	17,1%
Entre 30 e 40 anos	31,4%
Entre 40 e 60 anos	0,0%
Acima de 60 anos	40,0%

- Renda familiar (Tabela 50): na Praça da Alfândega, predomina uma renda entre 3 e 5 salários mínimos – SM (57,1%). Em seguida, 20% dos usuários recebem até 3 SM por mês, o mesmo percentual, 11,4%, são de usuários que ou recebem entre 5 e 10 SM ou acima de 10 SM e ninguém apresentou ausência total de renda (0,0%).

Tabela 50: Classificação da amostra por renda familiar obtida no "Questionário B".

RENDA FAMILIAR	
Sem renda	0,0%
Até 3 SM	20,0%
Entre 3 e 5 SM	57,1%
Entre 5 e 10 SM	11,4%
Acima de 10 SM	11,4%

- Escolaridade (Tabela 51): na Praça da Alfândega, o nível de escolaridade predominante é de 2º Grau completo (31,4%) e incompleto (31,4%). 17,1% apresentam nível superior completo, 11,4% 2º grau incompleto e 8,6 superior incompleto. Ressalta-se que nenhum dos respondentes tem pós-graduação, 1º grau completo ou ausência total de escolaridade.

Tabela 51: Classificação da amostra da praça por escolaridade obtida no "Questionário B".

RENDIMENTO FAMILIAR	
Sem escolaridade	0,0%
1º Grau incompleto	11,4%
1º Grau completo	0,0%
2º Grau incompleto	31,4%
2º Grau completo	31,4%
Superior incompleto	8,6%
Superior completo	17,1%
Pós-graduação	0,0%

- Profissão (Tabela 52): na praça, a área profissional predominante (28,6%) envolve atividades do comércio. A Praça da Alfândega apresenta ainda, com percentual relevante (20%), profissionais ligados à saúde (medicina, enfermagem, odontologia, nutrição etc.) e à segurança (motoristas, guardas etc.). Em seguida, com percentuais iguais a 11,4%, estão os profissionais/técnicos de engenharia e as profissionais do sexo, e a minoria está relacionada à área da educação (8,6%), profissionais ou estudantes.

Tabela 52: Classificação da amostra da praça por profissão obtida no "Questionário B".

PROFISSÃO	
Engenharia/Técnico	11,4%
Medicina/Enfermagem/Odonto/Nutrição/Fono	20,0%
Motorista/Segurança	20,0%
Profissional do Sexo	11,4%
Comércio	28,6%
Estudante/Educação	8,6%

Além disso, apesar de não serem maioria, os usuários aposentados apresentam percentual bastante significativo (40%).

Tabela 53: Classificação da amostra da praça por aposentadoria obtida no "Questionário B".

APOSENTADORIA	
Aposentado	40,0%
Em atividade	60,0%

- Tempo de moradia em Porto Alegre (Tabela 54): na praça, enquanto 31,4% da amostra mora há mais de 20 anos, 28,6% não mora na cidade. Seguem os usuários que moram entre 5 e 10 anos na cidade (17,1%). Com percentuais iguais a 11,4% estão os usuários que ou sempre moraram em Porto Alegre ou moram entre 2 e 5 anos. Nenhum dos usuários mora há menos de 2 anos em Porto Alegre.

Tabela 54: Classificação da amostra da praça por tempo de moradia em Porto Alegre obtida no "Questionário B".

TEMPO DE MORADIA EM PORTO ALEGRE	
Não mora	28,6%
Até 2 anos	0,0%
Entre 2 e 5 anos	11,4%
Entre 5 e 10 anos	17,1%
Entre 10 e 20 anos	0,0%
Acima de 20 anos	31,4%
Sempre	11,4%

- Tipo do usuário (Tabela 55): na praça predominam os visitantes (60%), ou seja, nem moram nem trabalham ao redor ou nas proximidades da praça.

Tabela 55: Classificações das amostras das praças por tipo de usuário obtidas no "Questionário B".

TIPO DE USUÁRIO	
Morador/Trabalhador	40,0%
Visitante	60,0%

É possível concluir, portanto, que a população usuária da Praça da Alfândega caracteriza-se por homens, com idade acima de 60 anos, renda familiar entre 3 e 5 salários mínimos, escolaridade entre 2º grau completo e incompleto, profissionais ligados ao comércio ainda em atividade, que moram há mais de 20 anos em Porto Alegre mas não residem nem trabalham ao redor ou nas proximidades da praça.

4.3.2. Avaliação dos aspectos formais e não-formais

Na questão 1 (um) do “Questionário B”, os respondentes atribuíram notas de 0 (zero) a 10 (dez), conforme ponderação apresentada na Figura 67, à Praça da Alfândega segundo seus aspectos formais de situação e de configuração, chamados respectivamente de “Situação da praça na cidade” e “Configuração da praça”, e não-formal de significado chamado de “Significado da praça”.



10
9	Muito Bom
8
7	Bom
6
5	Regular
4
3	Ruim
2
1	Muito Ruim
0

Figura 67: Quadro auxílio para o entrevistado dar notas sobre o grau de importância de cada aspecto da praça – Questão 1 "Questionário B"

A opinião dos respondentes em relação ao aspecto formal de situação da Praça da Alfândega na cidade (Gráfico 1) é definida numa média igual a 8, ou seja, este aspecto foi considerado entre bom e muito bom. Sendo o desvio padrão o valor correspondente à variação das notas atribuídas em relação à média, sabe-se que quanto menor o valor do desvio padrão, mais representativo é o resultado da pesquisa. No caso do aspecto formal de situação o desvio padrão teve valor igual a 1,7 sendo considerado baixo, o que fortalece a média alcançada.

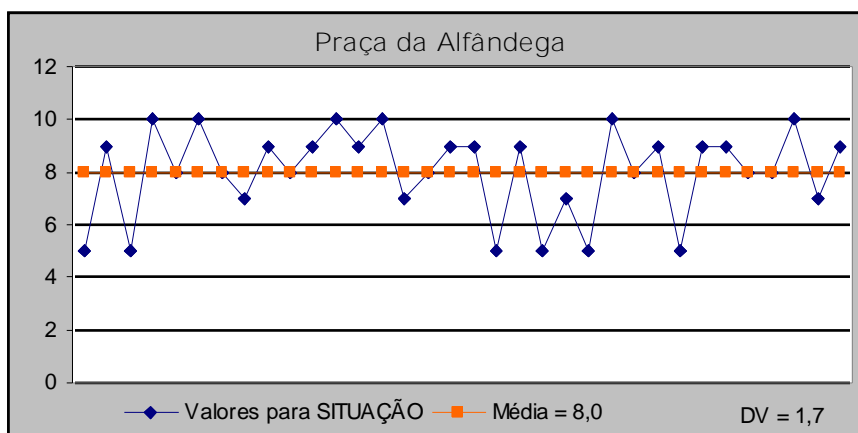


Gráfico 1: Curvas e valores de notas, média e desvio padrão referentes ao aspecto formal de situação na Praça da Alfândega.

Já a opinião dos respondentes em relação ao aspecto formal de configuração da Praça da Alfândega (Gráfico 2) é definida numa média igual a 6,7, ou seja, este aspecto foi considerado bom. O desvio padrão teve valor igual a 1,6 fortalecendo ainda mais a média alcançada.

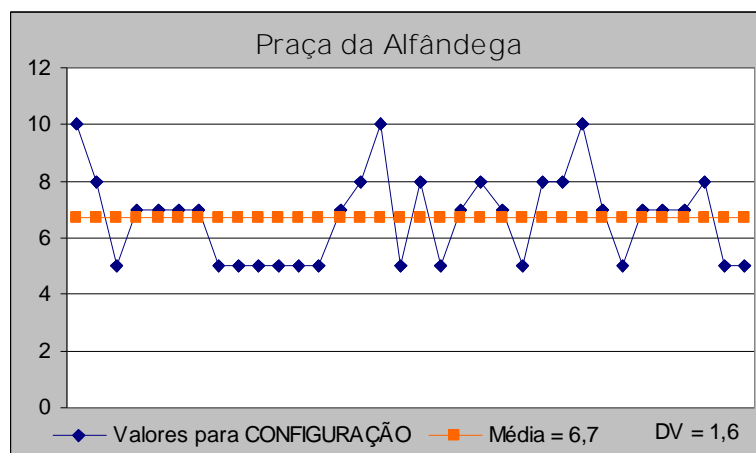


Gráfico 2: Curvas e valores de notas, média e desvio padrão referentes ao aspecto formal de configuração na Praça da Alfândega.

Em relação ao aspecto não-formal de significado, a opinião dos respondentes em relação à Praça da Alfândega (Gráfico 3) é definida numa média igual a 8,7, ou seja, este aspecto foi considerado muito bom. E, com um desvio padrão igual a 1,5, o mais baixo dos 3 aspectos analisados, a média é fortalecida.

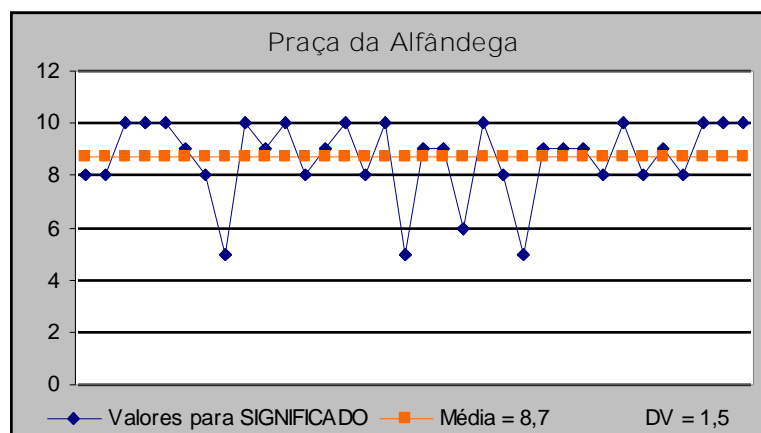


Gráfico 3: Curvas e valores de notas, média e desvio padrão referentes ao aspecto não-formal de significado na Praça da Alfândega.

Os resultados acima descritos possibilitam concluir que o aspecto não-formal de significado da praça obteve a maior nota junto aos respondentes apresentando o maior valor de média, igual a 8,7, e menor valor de desvio padrão, igual a 1,5. Em seguida aparece o aspecto formal de situação da praça na cidade, com média igual a 8 e desvio padrão igual a 1,7. Ao final, o aspecto formal de configuração da praça, com a menor média, igual a 6,7, e desvio padrão igual a 1,6 (Tabela 56).

Tabela 56: Médias das notas atribuídas aos aspectos formadores da imagem ambiental em cada praça

PRAÇA DA ALFÂNDEGA	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
Aspecto não-formal de Significado da Praça	8,7	1,5
Aspecto formal de Situação da Praça na Cidade	8,0	1,7
Aspecto formal de Configuração da Praça	6,7	1,6

4.3.3. Motivo de uso

Na questão 2 (dois) do “Questionário B”, os respondentes indicaram qual o motivo de uso da praça, o porquê de estarem ali. As respostas foram anotadas e categorizadas segundo os aspectos formais e não formais, conforme definido previamente. Importante referir que somente foi anotado o motivo considerado pelo próprio usuário como principal. O resultado geral pode ser observado na Tabela 57.

Tabela 57: Motivos de uso da Praça da Alfândega – "Questionário B".

MOTIVO DE USO	
Parte do trajeto: passagem, caminho.	22,9%
Opções de lazer como mesas de jogos, parquinhos, feiras (permanentes ou eventuais) etc.	22,9%
Ponto de encontro/referência.	17,1%
Localização: perto de casa/trabalho etc.	8,6%
Conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.	5,7%
Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros etc.	5,7%
Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.	5,7%
Composição visual da praça: vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.	2,9%
Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.	2,9%
Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém.	2,9%
Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.	2,9%

Conforme observado pode-se afirmar que os principais motivos de uso da Praça da Alfândega seriam o fato dela fazer parte do trajeto do usuário, estar na sua passagem, no seu caminho com 22,9% de indicação pelos respondentes; e as opções de lazer que a praça oferece como mesas de jogos, parquinhos, feiras (permanentes ou eventuais) com o mesmo percentual.

Ao categorizar tais motivos nos três aspectos formais e não-formais da praça (Tabela 58), conclui-se que a situação da praça na cidade tem maior influência sobre a decisão de uso desta (48,6%), seguida de perto pela configuração da praça (45,7%) e, por último, o aspecto não-formal de significado da praça.

Tabela 58: Relação dos motivos de uso da Praça da Alfândega – "Questionário A".

MOTIVO DE USO	
Situação da praça na cidade	48,6%
Configuração da praça	45,7%
Significado da praça	5,7%

4.3.4. Freqüência de uso

De acordo com os percentuais observados na Tabela 59, obtidos a partir dos dados coletados na questão 3 do "Questionário B", a maior freqüência de uso da Praça da Alfândega (48,6%) é entre 1 e 2 vezes por semana. Vale referir que 40% dos respondentes sinalizaram que a utilizam entre 5 e 7 vezes por semana, enquanto apenas 11,4% raramente a utiliza. Nenhum dos respondentes indicou utilizá-la entre 3 e 4 vezes por semana.

Tabela 59: Freqüência de uso das praças.

FREQÜÊNCIA DE USO DA PRAÇA	%
Raramente	11,4%
De 1 a 2 vezes por semana	48,6%
De 3 a 4 vezes por semana	0,0%
De 5 a 7 vezes por semana	40,0%

4.4 CONJUGAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE

A 1ª etapa da pesquisa, referente à seleção das praças, resultou na seleção de uma única praça, a Praça da Alfândega. Tal seleção indica a força imaginética que a Praça da Alfândega possui, afinal esta foi a mais lembrada nas 3 zonas da pesquisa, ou seja, em nove bairros da cidade de Porto Alegre.

A população de Porto Alegre, apesar das diferenças encontradas nos perfis sócio-econômicos tanto por zona quanto por bairro, lembrou mais da Praça da Alfândega, independente se esta faz parte ou não do seu uso cotidiano, ou se está próximo ou não de sua residência ou trabalho.

Inicialmente, ao comparar a quantidade de respostas dos entrevistados quanto à lembrança da Praça da Alfândega *versus* sua utilização é possível constatar que cerca de 53% da população respondente se lembra da praça, enquanto apenas 6% desta mesma população declara utilizá-la (Tabela 60), o que indica a não existência de tal relação, ou seja, lembrar da Praça da Alfândega não significa utilizá-la.

Tabela 60: Praça da Alfândega: lembrança x utilização.

PRAÇA DA ALFÂNDEGA	ENTREVISTADOS			MÉDIA
	Zona 1	Zona 2	Zona 3	
Lembrada	57%	40%	63%	53%
Utilizada	3%	13%	3%	6%

O motivo da lembrança da praça, segundo a pesquisa, relaciona-se diretamente à sua localização (61,1%), se perto de casa ou do trabalho. Em seguida, com 54,4%, relaciona-se à nostalgia particular por parte do indivíduo com relação à praça. Fazer parte do trajeto e oferecer opções de lazer são aspectos que aparecem em seguida, com relevante percentual igual a 45,6%. Tal resultado indica como a imagem ambiental influencia no processo de recordação que o indivíduo tem de um lugar.

Mas ao lembrar da Praça da Alfândega, este indivíduo certamente visualizou em sua mente a imagem ambiental da praça, formulada por meio dos processos de percepção e cognição, e influenciada pelos aspectos formais (situação da praça na cidade e configuração da praça) e não-formais (significado da praça) da Praça da Alfândega.

Ao analisar os aspectos formais relacionados à situação da Praça da Alfândega na cidade, no que tange a sua influência sobre a utilização da mesma pela população de Porto Alegre, com base nos dados levantados na 2ª etapa da pesquisa, entende-se importante ressaltar os seguintes pontos:

- A praça localiza-se no bairro Centro da cidade que, apesar de ter sido mencionado por muitos entrevistados desta pesquisa sobre a decadência na qualidade de comércios e atividades nos últimos anos, continua sendo a

área de maior atratividade e conseqüente circulação intensa de pedestres.

- Está inserida numa área exclusivamente destinada à circulação de pedestres, o que potencializa o fluxo de transeuntes e usuários do espaço.
- É cortada e delimitada por ruas e avenidas de alto fluxo ora de veículos ora de pedestres. O maior fluxo de pessoas chega à praça por meio da conhecida “Rua da Praia”, nome popular destinado a Rua dos Andradas, de circulação exclusiva de pedestres.
- Segundo a população que transita pelo centro da cidade, é considerada um ponto de encontro e de referência em Porto Alegre.
- As edificações adjacentes à praça são ocupadas por comércios, instituições públicas, de cultura e de lazer. Não existe nenhuma área nas adjacências da praça destinada à ocupação residencial. Tal fato potencializa ainda mais o fluxo de visitantes à praça, porém em determinado período do dia, visto o horário de funcionamento das atividades disponíveis, geralmente limitado ao horário comercial.

Ao analisar os aspectos formais relacionados à configuração da Praça da Alfândega, no que tange aos elementos, indivíduos e atividades que compõem a paisagem do espaço, com base nos dados levantados na 2ª etapa da pesquisa, entende-se relevante ressaltar os seguintes pontos:

- O espaço interno da Praça da Alfândega está estruturado conforme as rígidas tradições clássicas, com um traçado baseado em jardins cortados por eixos ortogonais, diagonais e ponto focal, o que colabora para a facilidade em acessar, atravessar e desenvolver diferentes caminhos por entre os diversos espaços internos, contribuindo para a mobilidade urbana de pedestres.
- A praça está equipada com inúmeros bancos o que possibilita permanecer, descansar, contemplar a paisagem, ou simplesmente ver o tempo passar.
- O paisagismo da praça é caracterizado pelo fechamento, com maioria de

árvores de grandes copas, o que potencializa o contraste junto à grande concentração de edificações de concreto de alturas elevadas. A praça surge como uma tentativa de reavivar a natureza dentro da cidade.

- O som da praça é composto por uma mistura de sons urbanos e de natureza, pequena, mas que atrai inúmeros pássaros dos mais variados cantos. Os sons urbanos, por sua vez, são bloqueados e absorvidos tanto pelas altas edificações adjacentes quanto pelas enormes árvores copadas, o que impede a entrada de seus ruídos no interior da praça. Por conseguinte, considera-se que a Praça da Alfândega proporciona ao visitante conforto sonoro, mesmo que localizada em meio a um centro urbano de uma metrópole.
- Quanto à radiação solar, as edificações adjacentes e a vegetação da praça aparecem como elementos coadjuvantes no desenho de luz e sombra aplicado sobre toda a Praça da Alfândega. As grandes e antigas árvores atraem, sob a sombra de suas copas, inúmeros usuários que buscam um momento de tranqüilidade à sombra, proporcionando assim conforto em meio à insolação, principalmente no verão, estação de maior incidência solar sobre o espaço (média de 70% de radiação solar). Nesta estação a predominância é do vento quente e úmido (de outubro a abril) que fica bloqueado no paredão formado pela fachada da Rua dos Andradas voltada à praça.
- No inverno (de maio a setembro), por sua vez, a predominância é do vento frio e úmido que vem do oeste e consegue penetrar na praça pelas ruas Sete de Setembro e dos Andradas. Este fato associado ao baixo índice de radiação solar da praça nesta estação (cerca de 40%) acarreta na predominância de baixas temperaturas no interior da praça, o que inibe a permanência de pessoas.
- A praça possibilita ao usuário a prática das mais diversas atividades: um parquinho para as crianças, mesas de dama / xadrez, cadeiras de engraxates, contemplação de obras de arte, estátuas e edificações históricas totalmente restauradas ocupadas por museus de alta relevância

cultural abertos diariamente à visitação, além das feiras permanentes e temporárias, tradicionais e ambulantes.

Ao analisar os aspectos não-formais relacionados ao significado da Praça da Alfândega, no que tange aos acontecimentos, história e freqüentadores do espaço, com base nos dados levantados na 2ª etapa da pesquisa, entende-se relevante ressaltar os seguintes pontos:

- A Praça da Alfândega é considerada a praça mais antiga de Porto Alegre. Nasceu praticamente junto com a cidade. Sua carga histórica faz com que a Praça da Alfândega, antigo Largo da Quitanda, seja considerada atualmente a praça mais representativa da cultura do Estado, aportando, estrategicamente, os principais museus históricos locais. Sua evolução histórica urbana, com inúmeros aterros e substituição das antigas linhas de bondes por vias públicas e atualmente por ruas exclusivas ao trânsito de pedestres, contribui ainda mais no fortalecimento do seu significado junto à população da cidade e do Estado do Rio Grande do Sul.
- A Praça da Alfândega era a praça do cotidiano, da rotina da população no século XIX e início do século XX. Inúmeros entrevistados mencionaram acontecimentos históricos, ou mesmo suas histórias particulares, mas sempre com muita nostalgia.
- Considerados freqüentadores assíduos da praça, os andarilhos e as prostitutas convivem com os visitantes de forma organizada e sem hostilidade, não impedindo a convivência de inúmeras tribos urbanas. Acredita-se que o tamanho da praça e as inúmeras atividades disponíveis para o visitante contribuem para que as distintas práticas ocorram simultaneamente sem prejuízo para nenhum usuário.
- A praça foi, em 1987, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual – IPHAE RS. A própria praça é considerada um museu a céu aberto com todas as suas estátuas e monumentos em seu espaço interno e nas suas laterais, como as edificações de variadas épocas e estilos arquitetônicos situadas ao seu redor.

Inicialmente, na 3ª etapa da pesquisa denominada avaliação ambiental da Praça da Alfândega, buscou-se compreender qual a opinião dos próprios usuários da praça sobre seus aspectos formais de situação na cidade e configuração de seu espaço, e sobre os não-formais de significado do lugar.

Segundo a opinião da população usuária da Praça da Alfândega, que frequenta a praça semanalmente entre 1 e 2 vezes, o significado da praça é o aspecto mais importante, seguido da situação da praça na cidade e, finalmente, sua configuração, o que indica o peso que a história da praça tem no que tange às suas características de identidade e valor.

No entanto, ao serem questionados quanto ao motivo de estarem utilizando a praça, os respondentes indicaram como mais relevante a praça fazer parte do trajeto ou ter opções de lazer em seu interior.

Ao avaliar tais resultados (Tabela 57, p. 138) é possível definir que o que levou o indivíduo a frequentar aquela praça foi o fato de estar localizada no seu caminho ou oferecer em seu espaço possibilidades em realizar distintas atividades. No entanto, segundo o usuário, o significado da praça tem valor maior do que seus outros atributos. A mobilidade urbana, diretamente influenciada pelo nível de acessibilidade, associa-se às formatações de diversos trajetos de pedestres que mesclam em seu caminho ora ruas ora praças. A praça, portanto, aparece como um espaço aberto público de passagem e, se agradável, candidato à permanência. O significado da praça parece influenciar nesta decisão em ficar, em permanecer. Mas o que levou o indivíduo até ali foi o fato da praça estar no meio do seu caminho, ou oferecer atividades que lhe interessam e atraem.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O objetivo deste estudo foi o de entender a relação entre a imagem ambiental e o uso de praças na cidade de Porto Alegre, considerando que esta imagem é composta por aspectos formais relacionados à situação da praça na cidade e configuração da praça e por aspectos não formais relacionados ao significado da praça.

A pesquisa foi realizada por meio de aplicação de entrevistas e levantamento de dados. Considera o usuário a principal fonte de informações para a análise do objeto da pesquisa: a praça.

A seleção das praças, 1ª etapa da pesquisa, foi realizada com base na lembrança da população de Porto Alegre no intuito principal de avaliar praças que fizessem efetivamente parte da memória coletiva de Porto Alegre. A área de aplicação do “Questionário A” (seleção das praças) ficou estabelecida em 3 zonas, com 3 bairros cada uma, totalizando em 9 bairros. Imaginava-se que seriam definidas 3 praças de estudo, uma por zona. No entanto, nas 3 zonas a praça mais lembrada foi uma única, a Praça da Alfândega, caracterizando-a como a praça com maior força imaginética da cidade.

Apesar da Praça da Alfândega ser a mais presente na memória da população alvo desta pesquisa, os baixos resultados sobre o uso indicam não haver relação direta entre a lembrança propriamente do espaço e o seu uso. Logo, a população mencionou como justificativa principal para a lembrança o fato desta praça estar localizada próxima do trabalho ou da residência. Tal fato indica que a situação da praça na cidade influencia diretamente na possibilidade de ser guardada na memória com mais facilidade. Vale ressaltar, no entanto, que surge logo em seguida como uma justificativa também relevante a nostalgia particular do indivíduo sobre aquele espaço, ou seja, o significado da praça também influencia na lembrança.

Selecionada a praça, aplicou-se as 2ª e 3ª etapas da pesquisa, de levantamento de dados históricos e espaciais, e avaliação ambiental da Praça da Alfândega.

Os dados históricos levantados auxiliam no entendimento do motivo desta praça ter sido tão lembrada pela população. A análise sobre a situação da Praça da Alfândega na cidade de Porto Alegre, sua configuração e seu significado, possibilita realizar os seguintes apontamentos:

- A Praça da Alfândega está localizada numa área exclusiva para circulação de pedestre no bairro Centro em meio a importantes ruas de serviços, comércio, cultura e lazer e de intenso fluxo de pessoas. Estas ruas, consideradas vias de ligação entre macroatratores urbanos como o Mercado Municipal, Rodoviária, Estação Central do TrensUrb, a área portuária, importantes bancos e instituições públicas dos Governos Municipal e Estadual, potencializam o fluxo de pedestres para dentro da área da praça.
- Por não ser uma praça destinada à ocupação residencial a circulação de pessoas ocorre praticamente durante o horário de funcionamento das atividades disponíveis, geralmente limitado ao horário comercial. Tal fato colabora para com a falta de segurança durante o período noturno, tornando a praça um espaço público aberto de uso basicamente diurno.
- Seu traçado interno colabora para que o fluxo das ruas penetre para dentro da praça, transformando-a em parte do trajeto do pedestre.
- Com o pedestre dentro da praça, esta oferece inúmeras possibilidades para que ele permaneça. É composta por inúmeros equipamentos urbanos de permanência (bancos), de atividades (exposição de arte ao ar livre, monumentos, parque infantil, mesas de damas, cadeiras de engraxates, feiras etc.) e de necessidades (banheiros).
- O conforto sonoro, térmico (temperatura, ventos) e luminoso (luz, sombra) é qualificado, o que favorece ainda mais a atratividade da praça. A sombra e a proteção contra os ruídos que suas grandes árvores copadas proporcionam transformam a Praça da Alfândega num local agradável, de descanso no meio do grande centro. Vale referir que durante o inverno a praça torna-se menos atrativa devido principalmente às baixas temperaturas internas resultantes da associação do vento frio e úmido que

vem do oeste com o baixo índice de luminosidade da praça.

- A Praça da Alfândega, tombada pelo IPHAE RS, é a praça mais antiga de Porto Alegre, sendo a mais representativa. Sua evolução histórica urbana, representada pela presença de inúmeras edificações de reconhecido valor histórico e arquitetônico, além do seu papel social ao longo dos séculos de sua existência são fatores que colaboram ainda mais para o fortalecimento do seu significado junto à população.
- Freqüentadores assíduos de características influenciadoras de uso ou desuso do espaço, como as prostitutas, atraem uma parcela da população, porém repulsam outra que se declara, conforme muitas vezes mencionado durante a pesquisa, contra tal atividade e prefere não utilizar a praça. Apesar desta situação, observa-se que tal atividade não prejudica efetivamente o fluxo de utilização.

Os aspectos acima discutidos, quando organizados em formais e não formais, possibilitam o melhor entendimento sobre a formulação pelo indivíduo da imagem ambiental da praça em questão. Para compreender efetivamente a relação entre imagem ambiental e uso de praças na cidade de Porto Alegre, objetivo deste estudo, serão apontadas em seguida as considerações finais acerca das análises realizadas com base nas informações coletadas diretamente com a população usuária da Praça da Alfândega.

- Quanto à importância entre os aspectos formais (situação da praça na cidade e configuração da praça) e os não-formais (significado da praça) da praça, seus usuários definiram que o seu significado é o aspecto mais importante, demonstrando o peso que a história da praça tem no que tange às suas características de identidade e valor. Reforça o importante papel da conservação das edificações históricas adjacentes restauradas na valorização do patrimônio cultural local. O novo uso destinado às atividades desenvolvidas dentro destas edificações, a maioria museus, auxiliam inclusive na divulgação desta história, fortalecendo ainda mais seu significado.
- Quanto ao motivo de utilização da Praça da Alfândega, os usuários

definiram que o que influencia mais é o fato da praça fazer parte dos seus trajetos ou de oferecer opções de lazer em seu interior. Ou seja, o que leva o indivíduo a freqüentar a praça é o fato desta estar localizada no meio do seu caminho ou oferecer atividades que lhe interessam e atraem.

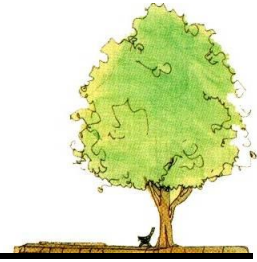
Considera-se, finalmente, que existe relação entre imagem ambiental e uso de praças na cidade de Porto Alegre. Mas os aspectos formadores da imagem ambiental que efetivamente colaboram para que esta relação aconteça estão principalmente relacionados à situação da praça da cidade e à configuração da praça, ou seja, aos aspectos formais. No entanto, vale referir que os aspectos relativos ao significado da praça podem não definir uso, porém, definem valor, identidade e vontade de permanecer.

É importante referir que o presente estudo apresenta suas limitações, devendo ser entendido como uma discussão inicial sobre o uso atual de espaços abertos públicos das grandes cidades, devendo ser continuado e analisado sob pontos de vistas distintos aos que nortearam esta pesquisa, levando-se em consideração, por exemplo, os aspectos antropológicos da população de Porto Alegre.

Não obstante, os resultados ora apresentados servem, inevitavelmente, como subsídio no desenvolvimento de novos projetos e/ou reformas de praças, com base em apontamentos diretos pela população usuária deste espaço aberto público específico, o que contribui para a redução de alterações na paisagem urbana.

Acredita-se, portanto, que o presente estudo contribuiu para com os estudos da percepção ambiental visto que os dados levantados, as análises e conclusões possibilitam otimizar, qualificar e incrementar a qualidade da vida urbana.

REFERÊNCIAS



- ARANTES, A. Paisagens Paulistas: transformações do espaço público. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, Imprensa Oficial, 2000.
- ARNHEIM, R. A Dinâmica da Forma Arquitetônica. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- ASHIHARA, Y. El Diseño de Espacios Exteriores. Barcelona: Colección Arquitectura/Perspectivas, Editorial Gustavo Gili, 1981.
- BARBOSA, L. e DORNELAS, H. Memórias de Ouro Preto. Ouro Preto: Editora UFOP, 1993.
- BRITO, M. Gerenciamento de Núcleos históricos: gestão do desenvolvimento versus gestão da estagnação. *in* A CONSTRUÇÃO DA CIDADE. Brasília: Seminário Construção da Cidade, Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal, 1998.
- CANTO, A. Curiosidades. <http://www.pampasonline.com.br/curiosidades/curiosidades.htm>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.
- CERVER, F. Parques Temáticos. Espanha, 1997.
- COETERIER, F. Evolving Environmental Ideal: changing ways of life, values and design practices. *in* BOOK OF PROCEEDINGS OF THE 14th CONFERENCE OF THE INTERNACIONAL ASSOCIATION FOR PEOPLE-ENVIRONMENT STUDIES – changing ways of life, values and design practices. Stockholm: Department of Architecture and Town Planning, Royal Institute of Technology, 1993. p.120-128.
- CONZEN, M. Morphogenesis, Morphological Regions and Secular Human Agency in the Historic Townscape. *in* DERECKE, D. e SHAW, G. Urban Historical Geographic. Cambridge: University Press, 1988.
- COOPER, C. e FRANCIS, C. People Places: design guidelines for urban open space. New York: Van Nostrand Reinhold, 1990.
- DAY, R. Psicologia da Percepção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- DEL RIO, V. *et al.* Psicologia e Projeto do Ambiente Construído. Rio de Janeiro: Seminário Internacional, Programação e resumos de trabalhos, UFRJ, 2000.

- DEL RIO, V. Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento. São Paulo: Editora Pini, 1990.
- FERRARA, L. Olhar Periférico: informação, linguagem, percepção ambiental. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- FERRARA, L. Os Significados Urbanos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.
- FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. Programação 29, 30 e 31 de janeiro de 2005. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2005.
- FRANCIS, M. Urban Open Spaces. *in* ZUBE, E. e MORE, G. (eds.) *Advances in Environment*, 1987. v.1, p.71–102.
- GALENDER, F. Considerações sobre a Conceituação dos Espaços Públicos Urbanos. *in* ENSAIOS IV Paisagem e Ambiente. São Paulo: Editora FAU – USP, 1992. p.113-120.
- GÄRLING, T. e EVANS W. Environment, Cognition, and Action: an integrated approach. New York: Oxford University Press, 1991.
- GOLLEDGE, R. e MOORE, G. Environmental Knowing: theories, research, and methods. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross, Inc., 1976.
- GOMES FILHO, J. Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- GUIMARAENS, C. Paradoxos Entrelaçados: as torres para o futuro e a tradição nacional. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- HAAS, K. Espaços Abertos: indicadores da apropriação interna e adaptação dos usos do entorno. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, Propur, UFRGS, 2000.
- HALPRIN, L. Cities. New York: Reinhold Publish Corporation, 1963.
- HERTZBERGER, H. Lições de Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HILLIER, B. Against Eclosure. *in* TEYMOUR, N. et al (eds.) *Rehumanising House*. Londres: Butterworths, 1988. p.66-88.
- KAPLAN, S. e KAPLAN, R. Cognition and Environment: functioning in an uncertain world. Ann Arbor: Ulrich' s, 1983.
- KLIASS, R. Prefácio. *in* MACEDO, S. e SAKATA, F. Parques Urbanos no Brasil. São Paulo: Editora da USP, 2003.
- KOHLSDORF, M. A Apreensão da Forma da Cidade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- LANG, J. Creating Architectural Theory: the role of the behavioral sciences in environmental design. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.

- LAY, M. Responsive Site Design, User Environmental Perception and Behaviour. Oxford: Tese de Doutorado, School of Architecture, Oxford Brookes University, 1992.
- LYNCH, K. A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MACEDO, S. e ROBBA, F. Praças Brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- MARCUS, C. e FRANCIS, C. People Places: design guidelines for urban open space. New York: Van Nostrand Reinhold, 1990.
- MARX, M. Cidade Brasileira. São Paulo: Editora Melhoramentos/Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- MASCARÓ, L. Ambiência Urbana. Porto Alegre: +4 Editora, 2004.
- MELENDEZ, A. Intervenção na Arquitetura de Porto Alegre. São Paulo: Revista PROJETODESIGN, edição 256, junho 2001.
- MOUSSA, A. *et al.* Projeto Institucional. São Paulo: Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído, Bienal Miguel Aroztegui, ENCAC, FAU – USP (2005).
- NASAR, J. The Evaluative Image of the City. USA: SAGE Publications, 1998.
- PELUSO, M. O Potencial das Representações Sociais para a Compreensão Interdisciplinar da Realidade: geografia e psicologia ambiental. in ESTUDOS DE PSICOLOGIA. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003. v. 8, nº 2, p.321-327.
- PESAVENTO, S. O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 1999.
- REIS, A. Mass Housing, User Participation and Satisfaction. Oxford: Tese de Doutorado, School of Architecture, Oxford Brookes University, 1992.
- REVISTA A/MBIENTE. Los Aterros de Porto Alegre *in* Revista A/MBIENTE Ética y Estética para el Ambiente Construído. Argentina: nº. 82, Impresul, 2000. Prospecto desdobrável.
- ROMERO, M. Princípios Bioclimáticos para o Desenho Urbano. São Paulo: Prometo, 2000.
- ROMERO, M. Arquitetura Bioclimática do Espaço Público. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- SANHUDO, A. Porto Alegre: crônicas da minha cidade. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1979. p. 52-54.
- SANOFF, H. Visual Research Methods in Design. New York: Van Nortrand Reinholds, 1991.

SHLEE, A. O Clima e a Arquitetura Brasileira. *in* BRESSAN, D. (ed). Ciência & Ambiente. Conforto Ambiental. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2001. nº. 22.

SILVA, E. Arquitetura & Semiologia: notas sobre a interpretação lingüística do fenômeno arquitetônico. Porto Alegre: Sulina, 1985.

SIQUEIRA, V. Espaços da Arte Brasileira/Burle Marx. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

SITTE, C. A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos. São Paulo: Editora Ática, Série Temas, 1992.

SOUZA C. Construindo o Espaço da Representação: ou o urbanismo de representação. *in* SOUZA, C. e PESAVENTO, S. Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997. p. 107-122.

STAMPS III, A. A Paradigm for Distinguishing Significant from Nonsignificant Visual Impacts: theory, implementation, case histories. Environment Impact Assess, 1997. p. 249-293.

TUAN, Y. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WHYTE, W. The Social Life of Small Urban Spaces. Washington: The Conservation Foundation, 1980.

Internet

<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/arquitetura117.asp>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

<http://www.fotosantigasrs.hpg.ig.com.br/portoalegre>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

<http://www.fotosantigasrs.hpg.ig.com.br/portoalegre>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

<http://www.fundacaobienal.com.br/site/pt/localizacao/index.jsp>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

<http://www.fundacaobienal.com.br/site/pt/localizacao/index.jsp>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

<http://www.memorial.rs.gov.br>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

<http://www.memorial.rs.gov.br>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

<http://www.memorial.rs.gov.br>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

<http://www.pampasonline.com.br/curiosidades/curiosidades.htm>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

<http://www.sinpro-rs.org.br/extra/ago00/cultura3.asp>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

<http://www.sinpro-rs.org.br/extra/mar98/cultu2.htm>. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

http://www.terragaucho.com.br/feira_do_livro.htm. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

http://www.universes-in-universe.de/car/mercosul/e_margs.htm. Porto Alegre: Internet, janeiro, 2008.

ANEXOS



ANEXO A

PRAÇAS DA CIDADE DE PORTO ALEGRE - RS

No.	CÓDIGO	PRAÇAS	BAIRRO	RUA DE REFERÊNCIA 1	RUA DE REFERÊNCIA 2
1	JGF	Praça Jorge Godofredo Felizardo	Anchieta	Av. Jaime Vignoli	Rua João Carlos Moré
2	PRC	Praça Paulo Renato Crochemore	Anchieta	Trav. Padre Henrique Koehler	Av. José Lutzemberger
3	DSPA	Praça Dr. Salomão Pires Abrahão (Ilha da Pintada)	Arquipélago	R. Capitão Coelho	R. Nossa Senhora da Boa Viagem
4	AJ	Praça Antônio João	Azenha	R. José de Alencar	Av. da Azenha
5	G	Praça Garibaldi	Azenha	Av. Venâncio Aires	R. José do Patrocínio
6	P1	Praça Piratini	Azenha	Av. João Pessoa	Av. da Azenha
7	PI	Praça Princesa Isabel	Azenha	Av. da Azenha	Av. Princesa Isabel
8	S1	Praça da Saudade	Azenha	Av. Professor Oscar Pereira	R. Recife
9	SCI	Praça Sport Club Internacional	Azenha	R. Alcides de Oliveira Gomes	R. Jornal do Brasil
10	BV1	Praça Bela Vista	Bela Vista	R. Eng. Veríssimo de Matos	R. Eng. Antonio Rebouças
11	CSA	Praça Carlos Simão Arnt	Bela Vista	Av. Nilópolis	R. Jaraguá
12	GL1	Praça Gustavo Langsch	Bela Vista	R. Artur Rocha	R. Desembargador Moreno Loureiro Lima
13	AL	Praça Almerindo Lima	Belém Novo	Av. Beira Rio	Av. Desembargador Mello Guimarães
14	AZ	Praça Annita Zandwais	Belém Novo	R. Boa Vista	
15	DVP	Praça Desembargador Vieira Pires	Belém Novo	Av. Beira Rio	Av. Heitor Vieira
16	IAS	Praça Inácio Antônio da Silva	Belém Novo	Av. Heitor Vieira	R. Doutor Carlos Flores
17	IMS	Praça Inácio Martins da Silva	Belém Novo	Av. Beira Rio	R. Antônio da Silva Sô
18	JBL	Praça João Baptista Lessa	Belém Novo	Av. Inácio Antônio da Silva	R. Jorge Mello Guimarães
19	JC1	Praça José Comunal	Belém Novo	Av. Beira Rio	R. Euclides Goulart
20	MJS	Praça Malaquias José de Souza	Belém Novo	R. Idalina P. da Silva	R. Lauro Motta Duarte
21	PMO	Praça Paula Maciel de Oliveira	Belém Novo	Av. Inácio Antônio da Silva	R. Santa Helena
22	WC	Praça Waldemar César	Belém Novo	R. Antônio da Silva Sô	R. Alfredo Inácio da Silveira
23	NSB	Praça Nossa Senhora de Belém	Belém Velho	R. João do Couto	R. Nossa Senhora do Rosário
24	EPC	Praça Ephraim Pinheiro Cabral	Boa Vista	R. Quatorze de julho	
25	J1	Praça Japão	Boa Vista	R. Coelho Neto	R. Raimundo Correa
26	PLM	Praça Professor Leonardo Macedônia	Boa Vista	Av. Plínio Brasil Milano	Av. Engenheiro Alfredo Correa Dautd
27	SL	Praça Dom Sebastião	Bom Fim	R. Sarmento Leite	
28	RL	Praça Rosa de Luxemburgo	Bom Jesus	R. Professor Abilio Azambuja	R. São Lucas
29	SN01	Praça sem nome 1	Bom Jesus	R. São Felipe	R. São Domingos
30	SN02	Praça sem nome 2	Bom Jesus	R. Sargento Manoel Raymundo Soares	R. José Madrid
31	SN03	Praça sem nome 3	Bom Jesus	Mato Sampaio	
32	IES	Praça Irene Elisalde Stricher	Camaquã	R. Liberal	Estrada Vila Maria
33	P2	Praça Potti	Camaquã	R. Doutor Barcelos	R. Afonso Arinos
34	JCB	Praça Jayme Caetano Braun	Cascata	R. Casca Alpina	
35	SN04	Praça sem nome 4	Cascata	R. B (Vila Jardim Renasença)	R. G (Vila Jardim Renasença)
36	SN05	Praça sem nome 5	Cascata	Av. Arroio dos Padres	
37	T1	Praça Tibiriçá	Cascata	R. Santiago Dantas	R. Ascensão
38	ABS	Praça Administrador Belmiro Siqueira	Cavalhada	R. Doutor João E. F. Costa	R. Breno Baldo
39	ARGI	Praça Associação Rio-Grandense de Imprensa	Cavalhada	R. Stephan Zweig	R. Gorki
40	BN	Praça Brigadeiro Niederauer	Cavalhada	R. Doutor Egidio Michaelsen	R. Fernando Borba
41	CJR	Praça Capataz João Ribeiro	Cavalhada	Av. Paulo Pontes	Av. José Correa da Silva
42	DPVV	Praça Dr. Paulino de Vargas Vares	Cavalhada	R. Déa Coufal	R. Genny Zachia Stephanou
43	FP1	Praça Francisco Perasi	Cavalhada	R. Cônego Vieira da Soledade	R. Doutor Pereira Neto
44	GLM	Praça Gilberto Leão de Medeiros	Cavalhada	Loteamento Jardim Dona Déa	
45	JDG	Praça Jairo Domingo de Galisteo	Cavalhada	R. da Fé	Av. Família Gonçalves Carneiro
46	SN06	Praça sem nome 6	Cavalhada	R.4523 lot. Cavalhada	
47	SN07	Praça sem nome 7	Cavalhada	Loteamento Jardim Dona Déa	
48	SN08	Praça sem nome 8	Cel. Aparício Borges	R. Saibreira	
49	A1	Praça da Alfândega	Centro	R. dos Andradas	R. Cassiano do Nascimento
50	A2	Praça Argentina	Centro	Av. João Pessoa	R. Professor Annes Dias
51	A3	Praça dos Agorianos	Centro	Av. Loureiro da Silva	Av. Borges de Medeiros
52	BS1	Praça Brigadeiro Sampaio	Centro	R. Siqueira Campos	R. dos Andradas
53	CPA	Praça Conde de Porto Alegre (do Portão)	Centro	R. Duque de Caxias	R. Doutor Flores
54	CS	Praça Campos Salles	Centro	Av. Senador Salgado Filho	Viaduto José Loureiro da Silva
55	DF1	Praça Dom Feliciano	Centro	Av. Independência	R. Senhor dos Passos
56	DF2	Praça Daltro Filho	Centro	Av. Borges de Medeiros	R. Coronel Genuíno
57	DPB	Praça Doutor Pedro Borba	Centro	Av. Borges de Medeiros	
58	ES	Praça Edgar Schneider	Centro	Av. Mauá (Atrás da cortina)	
59	GBP	Praça General Braga Pinheiro (ACM)	Centro	Av. Washington Luiz	Av. Loureiro da Silva
60	GO	Praça General Osório (Alto da Bronze)	Centro	R. Duque de Caxias	R. General Portinho
61	JM	Praça Júlio Mesquita	Centro	Av. Presidente João Goulart	R. General Salustiano
62	M1	Praça Montevideó	Centro	Av. Borges de Medeiros	R. Sete de Setembro
63	MD1	Praça Marechal Deodoro (da Matriz)	Centro	R. Duque de Caxias	R. Espírito Santo
64	MS	Praça Marquesa de Sevigñé	Centro	R. Coronel Fernando Machado	R. Coronel Genuíno
65	OC	Praça Oswaldo Cruz	Centro	R. Voluntários da Pátria	R. Chaves Barcelos
66	OR1	Praça Otávio Rocha	Centro	Av. Otávio Rocha	R. Senhor dos Passos
67	PGN	Praça Padre Gregório de Nadal	Centro	R. Coronel Fernando Machado	
68	PP1	Praça Pereira Parobé	Centro	R. Marechal Floriano Peixoto	
69	QN	Praça Quinze de Novembro	Centro	R. José Montauri	R. Marechal Floriano Peixoto
70	RB	Praça Rui Barbosa	Centro	Av. Júlio de Castilhos	R. Voluntários da Pátria
71	RF	Praça Revolução Farroupilha	Centro	Av. Borges de Medeiros	Av. Mauá
72	RP	Praça Raul Pilla	Centro	Av. João Pessoa	R. Duque de Caxias
73	DLT	Praça Dr. Lopes Trovão	Chácara das Pedras	Av. General Barreto Viana	R. João Paetzel
74	DQB	Praça Dr. Quintino Bocaiúva	Chácara das Pedras	Av. Teixeira Mendes	R. Doutor Prudente de Moraes
75	JL	Praça Joaquim Leite	Chácara das Pedras	R. Carlos Huber	Av. Teixeira Mendes
76	LD	Praça Lima Duarte	Chácara das Pedras	Av. Teixeira Mendes	Av. José Gertum
77	LF2	Praça Leandro Ferreira	Chácara das Pedras	R. Professor Ulisses Cabral	R. Estácio de Sá
78	CEM	Praça Coronel Elpidio Martins	Cidade Baixa	R. Décio Martins Costa	
79	LZ	Praça Laurentino Zottis	Cidade Baixa	R. Múcio Teixeira	Av. Aureliano de Figueiredo Pinto
80	PSP1	Praça Professor Saint - Pastous	Cidade Baixa	R. Sarmento Leite	
81	CM2	Praça Cônego Marcelino	Cidade Baixa	R. da República	R. Praia de Belas
82	LF1	Praça Henrique Luis Roessler	Cidade Baixa	R. Luiz Afonso	
83	ACD	Praça Alba Carvalho Degrazia	Cristal	R. Coronel Massot	R. Padre Ângelo Corso
84	FA1	Praça Floresta Aurora	Cristal	R. Diomário Moijen	
85	JAZ	Praça José Alexandre Zachia	Cristal	Av. Chui	Av. Capivari
86	SG1	Praça Simão Goldman	Cristal	R. Padre Ângelo Corso	
87	AC1	Praça Abrão Chwartzmann	Cristo Redentor	R. Marechal Frota	R. Sapé
88	AV1	Praça Arco Verde	Cristo Redentor	Av. Bernardi	R. Javari
89	A4	Praça Apiacá	Espírito Santo	Av. da Serraria	R. Murá
90	FGL	Praça Federico Garcia Lorca	Espírito Santo	R. Ítalo Brutto	Av. Doutor Francisco Roberto Dall'Igna

91	L1	Praça Lagos	Espírito Santo	Av. Leonardo Carlucci	R. Ary Ercílio
92	LF3	Praça Laura Fulginiti	Espírito Santo	R. Italo Brutto	Av. Doutor Francisco Roberto Dall'Igna
93	M2	Praça Moema	Espírito Santo	R. dos Guaranis	R. dos Tapes
94	P3	Praça Paraguassu	Espírito Santo	Av. dos Minuanos	R. dos Guaranás
95	PC1	Praça Pery de Castro	Espírito Santo	R. dos Arachanes	R. dos Tabajaras
96	SN09	Praça sem nome 9	Espírito Santo	Av. Guaíba	
97	VM	Praça Vinícius de Moraes	Espírito Santo	R. Olegário Mariano	R. João Ribeiro de Barros
98	AAC	Praça Antão Abade das Chagas	Farrapos	R. Odilon Funk Tubino	R. Francisco da Silva Brilhante
99	AC2	Praça Antonio Carlesso	Farrapos	R. Rafael Pandolfo	R. Marcos Spritzer
100	ADS	Praça Aristides Dias Souto	Farrapos	R. Bambas da Orgia	R. Henrique Boldrini
101	AQ	Praça Antero de Quental	Farrapos	R. Engenheiro Sérgio Schapoval	R. Rosa Brufatto Zingano
102	ASR	Praça Apparicio Silva Rillo	Farrapos	R. Padre Ignácio Rafael Valle	R. Acylino Regueira de Azevedo
103	AWK	Praça Arlindo Wendelino Kremer	Farrapos	R. Victor Ely Von Frankenberg	R. Afonso Robles Filho
104	CAPF	Praça Conselheiro Afonso Pereira da Fonseca	Farrapos	R. Tarso Galvão Bueno Filho	R. Rosa Brufatto Zingano
105	CH	Praça Carlinhos Hartlieb	Farrapos	R. Luiz Felipe Berbigier	R. P. M. Euclides Rodrigues de Assis
106	DC	Praça Dimas Costa	Farrapos	R. Caetano Palacino Camaratta	R. Sérgio Porto
107	DCC	Praça Dom Cláudio Colling	Farrapos	R. Caetano Palacino Camaratta	R. João Daniel Martinelli
108	DEK	Praça Dom Edmundo Kunz	Farrapos	R. Orlando Schneider	R. Antonio Zugno Rossi
109	DM1	Praça Dirceu Mosmann	Farrapos	R. P.M. Paulo Ely de Freitas	R. Oscar Silva da Silva
110	GS	Praça Glaucus Saraiva	Farrapos	R. Oscar Silva da Silva	R. Comissário Aristotelino Souza
111	IAR	Praça Ivo Alexandre Rizzo	Farrapos	R. José L. P. Garcia	R. Luiz Alberto Kindlein
112	IC	Praça Iberê Camargo	Farrapos	R. Victor Ely Von Frankenberg	R. Francisco D. Bifano
113	LCS	Praça Luiz Castro da Silva	Farrapos	R. Ciro Vaz Alvares	R. Hélio Lopes Medeiros
114	MAHO	Praça Marco Antonio Hilário de Oliveira	Farrapos	R. Victor Ely Von Frankenberg	R. Ibare Caetano
115	MAN	Praça Monsenhor Alberto Nejar	Farrapos	R. Marcos Spritzer	R. Amaury O. Costa
116	MM1	Praça Marcos Machado	Farrapos	R. Pedro Anselmo Soster	R. Alwin Frederico Losekann
117	NCS	Praça Norberto Cavalcanti da Silveira	Farrapos	R. Comissário Aristotelino Souza	R. Luiz Felipe Berbigier
118	OB	Praça Oscar Bertholdo	Farrapos	R. Doutor Vespasiano Faustino Correa	R. General Marcos Kruchin
119	OMR	Praça Osvaldo Mazola Rodrigues	Farrapos	R. Padre Ignácio Rafael Valle	R. Padre Jacob Emilio Schneider
120	PP2	Praça Pedro Pufal	Farrapos	R. Doutor Waldemar Nestrovski	R. Deputado João Caruso
121	RDDAC	Praça Reverendo Dr. Derly de Azevedo Chaves	Farrapos	R. João Krolikowski	R. Milton Clapel de Azevedo
122	SN10	Praça sem nome 10	Farrapos	Quadra A - Lot. Humaitá Navegantes	
123	SN11	Praça sem nome 11	Farrapos	Quadra B - Loteamento Humaitá-Nav.	R. Frederico Mentz
124	SNS	Praça Setembrino Nunes da Silva	Farrapos	R. Odilon Funk Tubino	R. Waldemar Boeira da Paixão
125	ADF	Praça Atos Damasceno Ferreira	Floresta	R. Quintino Bocaiúva	R. Coronel Bordini
126	BG	Praça Bartolomeu de Gusmão	Floresta	Av. Farrapos	R. São Carlos
127	DS3	Praça Dante Santoro	Floresta	Av. Farrapos	R. Sete de Abril
128	FV	Praça Franklin Veríssimo	Glória	R. Doutor Galeno Pientá	R. Capitão Arisoly Vargas
129	JPAA	Praça Joaquim Paulo de A. Amorim	Glória	R. Maestro Pena	
130	SN12	Praça sem nome 12	Glória	R. Professor Carvalho de Freitas	
131	ZB	Praça Zeferino Brasil	Glória	Av. Professor Oscar Pereira	
132	J2	Praça Jaci	Guarujá	Av. Guarujá	R. Jacundá
133	AR	Praça Alberto Ramos	Higienópolis	Av. Plínio Brasil Milano	R. Luzitana
134	FAB	Praça Frederico Arnaldo Ballvé	Higienópolis	Av. Cristóvão Colombo	R. Dr. Eduardo Chartier
135	SN13	Praça sem nome 13	Higienópolis	R. General Couto de Magalhães	Av. Cristóvão Colombo
136	DL	Praça Dante de Laytano	Hípica	Loteamento Nova Ipanema	
137	DNP	Praça Dinah Neri Pereira	Hípica	R. João Lúcio Marques	
138	EG	Praça Eloar Guazzelli	Hípica	Loteamento Nova Ipanema	
139	FTS	Praça Florinda Tubino Sampaio	Hípica	R. Álvaro Pedro da Rosa	R. Doutor Hermes Pacheco
140	SN14	Praça sem nome 14	Hípica	R. 6214 lot. Moradas da Hípica	
141	U3	Praça da União	Hípica	R. Marcirio da Silva Barbosa	R. Júlio Dias de Souza
142	EDR	Praça Engenheiro Daniel Ribeiro	Humaitá	R. Engenheiro Alexandre Martins da Rosa	Av. José Aloisio Filho
143	DS1	Praça Dom Sebastião	Independência	Av. Independência	R. Sarmento Leite
144	JC2	Praça Júlio de Castilhos	Independência	R. Mostardeiro	R. Ramiro Barcelos
145	AC3	Praça Adel Carvalho	Ipanema	R. Conselheiro Xavier da Costa	R. Morano Calabro
146	BBM	Praça Benjamim Baptista de Magalhães	Ipanema	R. Ladislau Neto	R. Engenheiro Otávio Furtado
147	BD	Praça Bernardo Dreher	Ipanema	R. Morano Calabro	R. Conrado Ferrari
148	BPS	Praça Breno Puente Só	Ipanema	R. Paradiso Biacchi	R. Doutor Francisco da Cunha Correa
149	CJGC	Praça Carlos José Gomes de Carvalho	Ipanema	R. Érico Silveira Peixoto	
150	F1	Praça dos Fenícios	Ipanema	R. Capão da Canoá	R. Lemúria
151	HBB	Praça Heitor Brasil Berutti	Ipanema	R. General Tadeusz Kosciuszko	R. Guilherme Schultz
152	JG	Praça Januário Greco	Ipanema	R. Doutor David Azevedo Gusmão	R. José Sanguinetti
153	LHA	Praça Luiz Heron Araújo	Ipanema	R. Adão Pinheiro da Silva	
154	MH	Praça Márcia Heinz	Ipanema	R. David Francisco Maurício	
155	OS	Praça Osvaldo Schwerdt	Ipanema	Av. Arlindo Pasqualini	R. Doutor David de Azevedo Gusmão
156	PV	Praça Pedro Vergara	Ipanema	R. Doutor Pitrez	R. Homero Sô Jobim
157	SAP	Praça Senador Alberto Pasqualini	Ipanema	Av. Tramandaí	Av. Flamengo
158	SN15	Praça sem nome 15	Ipanema	Av. Guaíba	
159	RS	Praça Raymundo Scherer	Jardim Botânico	R. Pedro Pieretti	R. Dinâmica
160	CPS	Praça Carlos Porto da Silva	Jardim Carvalho	Via de acesso um - IPÉ II	
161	MADV	Praça Monsenhor Avelino Dalla Vecchia	Jardim Carvalho	Av. Antonio de Carvalho	
162	SN16	Praça sem nome 16	Jardim Carvalho	R. Um (Cefer 2)	R. Cinco (Cefer 2)
163	SN17	Praça sem nome 17	Jardim Carvalho	R. Coronel Orlando Pacheco	R. Podalirio João da Rocha
164	VN	Praça Vinte de Novembro	Jardim Carvalho	R. Thomaz Francisco de Jesus	R. Bom Princípio
165	C1	Praça dos Cataventos	Jardim do Salso	R. São Mateus	R. Professor Abílio Azambuja
166	JLCC	Praça José Luiz Carneiro Cruz	Jardim do Salso	R. Professor Pedro Santa Helena	R. Graciliano Ramos
167	JR	Praça João Roxo	Jardim Floresta	R. Fernando Abott	R. Comendador Duval
168	AVS	Praça Antônio Valentim Stoll	Jardim Itu	R. Vitória Francisco Giordani	R. Maestro Salvador Campanella
169	BC	Praça Breno Caldas	Jardim Itu	R. Leite de Castro	R. Conselheiro Angelo Ferraz
170	BR	Praça Boris Russovsky	Jardim Itu	R. Professora Paula Soares	R. Paul Harris
171	CAFAP	Praça Cap Aviator Francisco Aurélio Pacheco	Jardim Itu	Av. Professora Paula Soares	R. Paul Harris
172	DBG	Praça David Ben-Gurion	Jardim Itu	R. Noel Rosa	R. Salvador Lo Pumo
173	F2	Praça Finlândia	Jardim Itu	R. Arnaldo Ballvé	R. Paul Harris
174	GFC	Praça Guilherme Flores da Cunha	Jardim Itu	R. Jornal O Povo	Av. Karl Iwers
175	I1	Praça Itu	Jardim Itu	Av. Professora Paula Soares	R. Felisberto Pereira
176	IAG	Praça Iceu Antônio Gasparin	Jardim Itu	R. Delegado Jahir S. Pinto	R. Antonio M. da Rosa
177	JBS	Praça João Batista Scalco	Jardim Itu	R. Aracy Fróes	
178	JSS	Praça Joaquim Sandri dos Santos	Jardim Itu	R. Nicanor Luz	R. Joel Halpern
179	JW	Praça Jaime Wainberg	Jardim Itu	R. Dr. Otávio Santos	
180	LC	Praça Luiz Carvalho	Jardim Itu	Av. Professora Paula Soares	Av. Karl Iwers
181	MM2	Praça Mauri Meurer	Jardim Itu	R. Doutor Derly Monteiro	Av. Dona. Adda Mascarenhas de Moraes
182	OGS	Praça Octacílio Gonçalves dos Santos	Jardim Itu	R. Heitor Manganeli	Av. Karl Iwers
183	SN18	Praça sem nome 18	Jardim Itu	Av. Engenheiro Sadi Castro	Av. Engenheiro Frederico Dahne
184	CFC	Praça Coronel Francelino Cordeiro	Jardim Lindóia	R. Paulo Bento Lobato	R. Caracas
185	F3	Praça das Flores	Jardim Lindóia	R. Pedro Jung	R. Doutor Ney de Almeida Brito

186	L2	Praça Libaneza	Jardim Lindóia	Av. Quito	Av. Montreal
187	P4	Praça Ponaim	Jardim Lindóia	R. Costa Rica	R. Catamarca
188	TAF	Praça Torben de Alencastro Friedrich	Jardim Lindóia	Av. Guadalupe	R. Emília Stefani Aloísio
189	CM1	Praça Carmem Miranda	Jardim Sabará	R. Manoel Bandeira	R. Vinte e quatro de agosto
190	DHBOB	Praça Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau	Jardim Sabará	R. Adolpho Paolo Bastide	R. Coronel Manoel de Faria Correa
191	H	Praça Holanda	Jardim Sabará	R. Irmão Inocêncio Luiz	R. Bruno Kiefer
192	HD	Praça Heron Domingues	Jardim Sabará	Rua Cláudio Manoel da Costa	Rua Vital Brasil
193	ID	Praça Irmã Dulce	Jardim Sabará	R. João Alfredo Mello	R. Jacob Wechsler
194	IR	Praça Isaak Radin	Jardim Sabará	R. Vinte e quatro de agosto	R. Cristo Rei
195	MM3	Praça Manuel de Macedo	Jardim Sabará	Trav. Ghandi	R. Cruz e Souza
196	RBS	Praça RBS	Jardim Sabará	R. Doutor Otávio Santos	
197	SCS	Praça Saint-Clair Soares	Jardim Sabará	R. Guadalaajara	Acesso cinco
198	SN19	Praça sem nome 19	Jardim Sabará	R. Guadalaajara	Acesso Secundário Dez
199	LA	Praça Luiz Arcari	Jardim São Pedro	R. Juruá	R. Barão de Itaquí
200	PCB	Praça Poetisa Consuelo Belloni	Jardim São Pedro	Av. Marquês de Souza	Av. Carneiro da Fontoura
201	VOR	Praça Vereador Osório da Rosa	Jardim São Pedro	Av. Marquês de Souza	R. Juruá
202	A5	Praça da Amizade	João Pessoa	Av. Veiga	Av. Luiz Moschetti
203	RNS	Praça Roseli Nunes da Silva	Lomba do Pinheiro	R. T (Vila Santa Helena)	R. P (Vila Santa Helena)
204	SN20	Praça sem nome 20	Lomba do Pinheiro	R. Pedro Golombiewski	R. Coronel Jaime Rolemberg de Lima
205	SN21	Praça sem nome 21	Lomba do Pinheiro	R. I - Vila Mapa II	R. F - Vila Mapa II
206	SN22	Praça sem nome 22	Lomba do Pinheiro	R. Guaíba	R. Açucena
207	SN23	Praça sem nome 23	Lomba do Pinheiro	R. Barcelona	R. Quatro - Vila Serra Verde
208	SN24	Praça sem nome 24	Lomba do Pinheiro	R. Guaíba	
209	ERT	Praça Ervory Rodrigues Tavares	Mário Quintana	R. Regina de Araújo Rocha	Av. Delegado Ely Corrêa Prado
210	JGM	Praça Joaquim Guerreiro Marques	Mário Quintana	Loteamento Timbaúva	
211	MSM	Praça Mauro da Silva Motta	Mário Quintana	Loteamento Porto Novo	
212	SN25	Praça sem nome 25	Mário Quintana	R. 1949 - Loteamento Wenceslau Fontoura	Acesso D
213	SN26	Praça sem nome 26	Mário Quintana	R. Seis de novembro	
214	SN27	Praça sem nome 27	Mário Quintana	R. 1951 - Loteamento Wenceslau Fontoura	R. 1949
215	SN28	Praça sem nome 28	Mário Quintana	Loteamento Timbaúva	
216	VC	Praça Vó Chica	Mário Quintana	R. Saturnino José Geraldo	R. P - Vila Safira
217	AM	Praça Alcides Maia	Medianeira	R. Professor Clemente Pinto	Trav. Miguel Pereira
218	CAV	Praça Cícero do Amaral Viana	Medianeira	R. Mariano de Matos	R. Eurípedes Mesquita
219	DJ	Praça Dr. Joretto	Medianeira	Av. Coronel Gastão Haslocher Mazon	Av. Cascatinha
220	GFBA	Praça Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Medianeira	R. Eurico Lara	R. Catão Coelho
221	JTMG	Praça da Juventude Thiago de Moraes Gonzaga	Medianeira	Av. Porto Alegre	Av. Natal
222	PC2	Praça Paulo Coelho	Medianeira	Av. Doutor Carlos Barbosa	Av. Porto Alegre
223	RA	Praça Recanto dos Amigos	Medianeira	R. Teixeira de Carvalho	
224	ACB	Praça Álvaro Coelho Borges	Menino Deus	R. Botafogo	R. Visconde do Herval
225	CL	Praça Corrêa Lima	Menino Deus	R. José de Alencar	R. Corrêa Lima
226	E1	Praça Estado de Israel	Menino Deus	R. Vicente Lopes dos Santos	R. Cícero Ahrends
227	I7	Praça do Infante	Menino Deus		
228	LR	Praça Lupicínio Rodrigues	Menino Deus	R. Alm. Álvaro Alberto da Motta e Silva	R. Marechal Setembrino de Carvalho
229	MD3	Praça Menino Deus	Menino Deus	R. José de Alencar	R. Barão do Guaíba
230	SARG	Praça Setenta Anos da Rádio Gaúcha	Menino Deus	R. Saldanha Marinho	R. Gonçalves Dias
231	ACS	Praça Augusto de Cesar Sandino	Menino Deus	Av. Ipiranga	R. Marechal Setembrino de Carvalho
232	DMC	Praça Dr. Maurício Cardoso	Moinhos de Vento	R. Félix da Cunha	R. Tobias da Silva
233	IM	Praça Intendente Montauri	Moinhos de Vento	R. Vinte quatro de Outubro	R. Mostardeiro
234	HC	Praça Hamilton Chaves	Nonoai	R. Monte Arraes	R. Santa Flora
235	I2	Praça Ianomamis	Nonoai	R. Erebangó	
236	MZ	Praça Maurício Zaduchievr	Nonoai	R. São Sebastião	R. Coelho da Costa
237	SN29	Praça sem nome 29	Nonoai	R. Dario Totta	
238	AMA	Praça Archimedes M. de Azambuja	Partenon	R. Pedro Pereira de Souza	R. Professor José Conde
239	CFD	Praça Clío Fiori Druck	Partenon	R. Doutor Pereira da Cunha	R. Padre Todesco
240	CTJF	Praça Coronel Tristão José de Fraga	Partenon	R. Padre Todesco	Av. Elias Cirne Lima
241	DA	Praça Darcy Azambuja	Partenon	R. Capitão Pedro Werlang	R. Doutor Fernando Ortiz Schneider
242	DS2	Praça Dom Silvério	Partenon	R. Mário Artação	R. Alcides Cunha
243	DSS	Praça Dr. Samir SquEFF	Partenon	R. Professor Guerreiro Lima	Av. Elias Cirne Lima
244	E1	Praça Esperanto	Partenon	R. Tobias Barreto	R. Martin Bromberg
245	JEW	Praça Jacob Edmundo Weissheimer	Partenon	R. Rafael Clark	R. Doutor Breno Dias de Castro
246	LS	Praça Leda Schneider	Partenon	R. Capitão Pedro Werlang	R. Padre Todesco
247	PF	Praça Percival Flores	Partenon	R. Nero José da Silva Filho	R. Professor José Conde
248	PNB	Praça Padre Nebrídio Bolcato	Partenon	Av. Ceres	R. Frei Germano
249	SN30	Praça sem nome 30	Partenon	R. Rafael Clark	R. Sargento Expedicionário Geraldo Santana
250	TSV	Praça Tristão Sucupira Vianna	Partenon	R. Euclydes Miranda	R. Ivo Janson
251	U1	Praça Universiade	Partenon	R. Nelson Zang	R. Engenheiro Rodolfo Ahrons
252	AA	Praça Antônio Amábil	Passo D'Areia	R. Barão de Itaquí	R. Cristóvão Pereira
253	AGI	Praça Antônio Gildo Irigaray	Passo D'Areia	Vielá São Braz	R. Arroio do Meio
254	AV2	Praça Antônio do Verde	Passo D'Areia	Av. dos Industriários	R. Vinte e quatro de junho
255	C2	Praça Chopin	Passo D'Areia	R. João Moreira Alberto	R. Pistóia
256	CCB	Praça Cônego Cleto Benvegnu	Passo D'Areia	Av. Assis Brasil	Av. Brasileiro Índio de Moraes
257	DGS	Praça Dr. Gastão Santos	Passo D'Areia	R. Roque Calage	R. Sapé
258	DR	Praça David Rosenblit	Passo D'Areia	Av. Andará	R. Ariovaldo Pinheiro
259	EAP	Praça Estádio Alim Pedro	Passo D'Areia	Av. dos Industriários	R. Tupanciretá
260	FL	Praça Frank Long	Passo D'Areia	R. Itapeva	R. Umbu
261	GDV	Praça General Darcy Vignoli	Passo D'Areia	Av. Grécia	R. Jari
262	IIB	Praça Inspetor Irani Bertelli	Passo D'Areia	R. Antonio Joaquim Mesquita	R. Sapé
263	PHF	Praça Paulo Hofelfeldt Filho	Passo D'Areia	R. Luiz Cosme	R. André Guillen
264	PJM	Praça Padre José Massimi	Passo D'Areia	Av. Brasileiro Índio de Moraes	R. Santiago
265	PS	Praça Província de Shiga	Passo D'Areia	Av. Cristóvão Colombo	Av. Plínio Brasil Milano
266	U2	Praça Ucraniana	Passo D'Areia	R. Geraldo Souza Moreira	R. Kiev
267	CAWA	Praça Coronel Alberto Walter de Almeida	Passo das Pedras	R. Fábio Luiz Silveira	R. Iteberê de Moura
268	DEC	Praça Dr. Ernesto Correa	Passo das Pedras	Av. Dona Adda Mascarenhas de Moraes	Av. Karl Iwers
269	MAG	Praça Miguel Anibal Genta	Passo das Pedras	R. Doutor Derly Monteiro	Av. Bispo João Scalabrini
270	MD2	Praça Moshe Dayan	Passo das Pedras	R. Derly Monteiro	R. Maracaibo
271	SM1	Praça São Marun	Passo das Pedras	R. Concorde	R. Israel Wolf
272	SN31	Praça sem nome 31	Passo das Pedras	R. Bonifácio Calderon	Av. Passo das Pedras
273	SN32	Praça sem nome 32	Passo das Pedras	Av. 10 de maio	R. Sebastião Barreto
274	VVA	Praça Vereador Valneri Antunes	Passo das Pedras	Av. Mário Meneghetti	R. Mutual
275	A6	Praça Araribóia	Petrópolis	R. Felizardo Furtado	R. Saicã
276	AF	Praça André Forster	Petrópolis	R. Jaime Teles	Av. Neusa Goulart Brizola
277	B1	Praça Bonita	Petrópolis	R. Professor Tupi Caldas	Av. Guaporé
278	B2	Praça Buri	Petrópolis	R. Felipe de oliveira	R. Borges do Canto
279	BV2	Praça Breno Vignoli	Petrópolis	Av. Nilo Pecanha	Desembargador Augusto Loureiro Lima
280	DAF	Praça Doutor Adair Figueiredo	Petrópolis	R. Vicente da Fontoura	R. Coronel Lucas de Oliveira

281	DJPJ	Praça Doutor João Petersen Júnior	Petrópolis	Av. Palmeira	Av. João Obino
282	DMK	Praça Dr. Milton Krause	Petrópolis	Av. Lageado	Av. Encantado
283	FO1	Praça Frei Orlando	Petrópolis	R. Engenheiro Antônio Carlos Tibiriçá	R. Doutor Salvador França
284	NU	Praça Nações Unidas	Petrópolis	R. Artigas	R. Felizardo
285	RT	Praça Ruy Teixeira	Petrópolis	Av. Ipiranga	R. Dario Pederneiras
286	T2	Praça Tamandaré	Petrópolis	Av. Taquara	Av. Caçapava
287	ACP	Praça Artur Carneiro Pinto	Praia de Belas	Av. Borges de Medeiros	R. Manuêlito de Ornellas
288	E2	Praça Espanha	Praia de Belas	Av. Borges de Medeiros	Av. Aureliano de Figueiredo Pinto
289	EGG	Praça Engenheiro Guilherme Gaudenzi	Praia de Belas	R. Doutor Vicente de Paula Dutra	Av. Aureliano de Figueiredo Pinto
290	ESC	Praça Estado de Santa Catarina	Praia de Belas	R. Barbedo	Av. Praia de Belas
291	I3	Praça Isabel, a católica	Praia de Belas	Av. Borges de Medeiros	Av. Praia de Belas
292	I4	Praça Itália	Praia de Belas	Av. Borges de Medeiros	Av. Praia de Belas
293	R	Praça Rotary	Praia de Belas	Av. Praia de Belas	R. Barbedo
294	AEAG	Praça Arquiteto Edgar Albuquerque Graeff	Protásio Alves	Av. Nilo Ruschel	R. Doutor Heitor Pires
295	AEW	Praça Arquiteto Enio Wurdignio	Protásio Alves	R. Doutor Heitor Pires	R. Alzira Freitas Tacques
296	CFA	Praça Carlos Fonseca Amador	Protásio Alves	R. Eurico da Costa Gama	R. Doutor José Carlos Caccia Kaiser
297	FMJ	Praça Fani Martins Job	Protásio Alves	Loteamento Residencial Águas Claras	
298	GM	Praça Germainal Michele	Protásio Alves	Av. Mãe Apolinária Matias Batista	R. Hugo Livi
299	MR	Praça Maurício Rosenblat	Protásio Alves	Av. Nilo Ruschel	R. Dionísio João Pasin
300	PSP2	Praça Província de São Pedro	Protásio Alves	R. Padre Máximo Coghetto	R. José Carlos Batista dos Santos
301	V1	Praça do Verde	Protásio Alves	R. Hugo Livi	R. Almiro Coimbra
302	CG	Praça Che Guevara	Restinga	R. Tobago	Av. Doutor João Dentice
303	GDP	Praça Gládis de Deus Pereira	Restinga	R. Charlie Chaplin	Acesso D
304	SN33	Praça sem nome 33	Restinga		
305	SN34	Praça sem nome 34	Restinga		
306	SN35	Praça sem nome 35	Restinga	Acesso C-2 U.V. Restinga	Acesso E
307	SN36	Praça sem nome 36	Restinga	Acesso Um-4 U.V. Restinga	Acesso Três
308	SN37	Praça sem nome 37	Restinga	Acesso Dois-4 U.V. Restinga	Acesso Três
309	SN38	Praça sem nome 38	Restinga	Acesso Norino Fagundes da Silva	Acesso Quatro-4 U.V. Restinga
310	SN39	Praça sem nome 39	Restinga	Acesso Norino Fagundes da Silva	Acesso Um-4 U.V. Restinga
311	SN40	Praça sem nome 40	Restinga	Av. Economista Nilo Wulff	Acesso Odeth Alves dos Santos Rosa
312	SN41	Praça sem nome 41	Restinga	Acesso D -3 U.V. Restinga	Acesso G
313	SN42	Praça sem nome 42	Restinga	Acesso A -3 U.V. Restinga	Acesso B
314	SN43	Praça sem nome 43	Restinga	Acesso C -3 U.V. Restinga	Acesso D
315	SN44	Praça sem nome 44	Restinga	R. Doutor Cecilio Monza	R. Jacques Yves Costeau
316	SN45	Praça sem nome 45	Restinga	R. Q - Lot. Barro Vermelho	
317	VRL	Praça Vasco Rodrigues de Lima	Restinga	4 U.V. Restinga	Acesso Dois
318	AP	Praça Arlindo Pasqualini	Rio Branco	R. Casemiro de Abreu	R. Coronel Bordini
319	BS2	Praça Berta Santa Rosa	Rio Branco	R. Ramiro Barcelos	R. Vasco da Gama
320	CCV	Praça Capitão Carlos Vieira	Rubem Berta	R. Sete- Conj. Res. Pres. Costa e Silva	Acesso Doze
321	FJZ	Praça Francisco José Zaffari	Rubem Berta	Av. Doutor Petrólio Portella	R. Aloísio Olímpio de Mello
322	FVM	Praça Flávio Veiga Miranda	Rubem Berta	R. Abdo Jorge Curi	R. Rendir
323	HP	Praça Hélio Pellegrino	Rubem Berta	R. Procópio Ferreira	R. Cacilda Yaconis Becker
324	JCM	Praça José César de Mesquita	Rubem Berta	Beco dos Maias	R. Nenê Portalet
325	M3	Praça México	Rubem Berta	R. Sargento Silvío Delmar Hollembach	R. Juscelino Kubitschek de Oliveira
326	MCB	Praça Milton Carlos Baggio	Rubem Berta	Av. Doutor Petrólio Portella	R. Prof. Álvaro Barcellos Ferreira
327	MRB	Praça Major Rubem Berta	Rubem Berta	Av. Adelino Ferreira Jardim	R. A - Conj. Res. Rubem Berta
328	OD	Praça Onze de Dezembro	Rubem Berta	Av. Eng. Francisco Rodolfo Simch	R. Engenheiro João Luderitz
329	PJF	Praça Pedro João Faccio	Rubem Berta	R. Hermínio Leal de Albuquerque	R. Dra. Maria Augusta Generoso Estrela
330	PJSR	Praça Professor Jorge dos Santos Rosa	Rubem Berta	R. Francisco Galecki	R. Otto - Parque dos Maias Um
331	PP3	Praça Povo Palestino	Rubem Berta	R. Poa - Cidade Jóia	R. Vereador Terézio Meireles
332	PR	Praça Padre Rambo	Rubem Berta	R. Maestro Léo W. Schneider	R. Reverendo Olavo Nunes
333	RM	Praça Ruben Medeiros	Rubem Berta	R. Bernardino de Oliveira Paim	R. Jacy Barcellos de Oliveira
334	RRR	Praça Romeu Ritter dos Reis	Rubem Berta	R. Antônio Francisco Lisboa	Av. Maurício Seligman
335	SN46	Praça sem nome 46	Rubem Berta	R. A Vila Nova Santa Rosa	R. K Vila Nova Santa Rosa
336	SN47	Praça sem nome 47	Rubem Berta	R. Desembargador Niro Teixeira de Souza	R. Ana Maria Jardim
337	SN48	Praça sem nome 48	Rubem Berta	Av. Donário Braga	R. Alba Garcia de Oliveira
338	SN49	Praça sem nome 49	Rubem Berta	R. Jacy Costa	R. Manoel João Martins
339	SN50	Praça sem nome 50	Rubem Berta	Av. Gamal Abdel Nasser	
340	SN51	Praça sem nome 51	Rubem Berta	R. Marujaiba	R. Curt Johanpeter
341	SN52	Praça sem nome 52	Rubem Berta	R. Silvestre Félix Rodrigues (Av. A)	Av. B
342	SN53	Praça sem nome 53	Rubem Berta	Praça sem nome 54	Praça sem nome 55
343	SN54	Praça sem nome 54	Rubem Berta	Ac Vinte e Quatro-Conj Res.Costa e Silva	Acesso Vinte e Seis
344	SN55	Praça sem nome 55	Rubem Berta		
345	SN56	Praça sem nome 56	Rubem Berta		
346	SN57	Praça sem nome 57	Rubem Berta	R. Ovídio de Moraes	Trav. Nilva Garrido
347	SN58	Praça sem nome 58	Rubem Berta		
348	SN59	Praça sem nome 59	Rubem Berta		
349	V2	Praça Valverde	Rubem Berta	R. Doutor Cândido José de Godoy	R. José Viero
350	WUB	Praça Walkirio Ughini Bertoldo	Rubem Berta	R. Um- Conj. Res. Pres. Costa e Silva	R. Nove
351	M4	Praça Marselhesa	Santa Cecília	Av. Ipiranga	R. General Paranhos
352	PJG	Praça Professor Júlio Grau	Santa Maria Goretti	Av. Brino	R. Serro Azul
353	AC4	Praça Alameda Cristal	Santa Tereza	Av. Jacuí	Av. Curupaiti
354	DJBS	Praça Dr. Jurandy Barcellos da Silva	Santa Tereza	Av. Joracy Camargo	R. Gibran Khalil Gibran
355	M5	Praça Montese	Santa Tereza	R. Sepé Tiaraju	Av. Deputado Aramy Silva
356	M6	Praça Moderna	Santa Tereza	R. Dona Otília	R. Rubens Alcântara
357	POSG	Praça Professora Olga Silva Gutierrez	Santa Tereza	R. Hipólito da Costa	R. Dona Sofia
358	RSN	Praça Ruben Santos Noronha	Santa Tereza	R. Professor Clemente Pinto	R. Engenheiro Leovigildo Paiva
359	SN60	Praça sem nome 60	Santa Tereza	R. das Flores	
360	SN61	Praça sem nome 61	Santa Tereza	R. Dona Malvina	
361	DCAG	Praça Delegado Carlos Armando Gadret	Santana	Av. Ipiranga	R. Doutor Olinto de Oliveira
362	DJAB	Praça Dr. Júlio de Aragão Bozano	Santana	Trav. Ferreira de Abreu	
363	JPI	Praça João Paulo I (João Belém)	Santana	Av. Jerônimo de Ornellas	R. Santa Terezinha
364	JT	Praça Jayme Telles	Santana	Av. Bento Gonçalves	R. Santana
365	MJQ	Praça Major Joaquim de Queiroz	Santana	Av. Jerônimo de Ornellas	R. Santana
366	VT	Praça Visconde de Taunay	Santana	Av. Princesa Isabel	Av. Ipiranga
367	AFF	Praça Arthur Ferreira Filho	Santo Antônio	R. Engenheiro Fernando Mendes Ribeiro	Trav. Dezenove de Novembro
368	JC3	Praça Jornal do Comércio	Santo Antônio	R. Doutor Voltaire Pires	R. Doutor João de Deus Vaz da Silva
369	PJCM	Praça Professor Jacy Carneiro Monteiro	Santo Antônio	Av. Bento Gonçalves	R. Paulino Chaves
370	JA1	Praça Júlio Andreatta	São Geraldo	Av. Benjamin Constant	Av. Ceará
371	PM	Praça Pinheiro Machado	São Geraldo	Av. Farrapos	Av. Pátria
372	SG2	Praça São Geraldo	São Geraldo	Av. Ceará	Av. Guido Mondim
373	PLLF	Praça Professor Luiz Leseigneur de Faria	São João	Av. Ceará	R. Pereira Franco
374	SJ	Praça São João	São João	Av. Cairú	Av. França
375	GX	Praça Giovanna Xavier	São José	R. Borborema	R. Santos Ferreira

376	C3	Praça Chasqui	São Sebastião	R. Veronese	R. Cândido Portinari
377	ELH	Praça Ernst Ludwig Herrmann	São Sebastião	Av. Assis Brasil	R. Maria Montessori
378	ICM	Praça Ivo Corrêa Meyer	São Sebastião	R. Bom Retiro do Sul	R. Presidente Juarez
379	JB1	Praça Jorge Bastane	São Sebastião	R. Capibaribe	R. Beberibe
380	PAFC	Praça PM Alcides Figueiredo César	São Sebastião	R. Walt Disney	R. Rolante
381	ACM	Praça Antonio Cândido de Menezes	Sarandi	R. Francisco Pinto da Fontoura	R. Vicente Ferreira Gomes
382	AG	Praça Araújo Guerra	Sarandi	Trav. Davi José Estrela	R. Francisco Pinto da Fontoura
383	EJM	Praça Elias Jorge Moussalle	Sarandi	R. Jackson de Figueiredo	R. Laudelino Freire
384	FEB	Praça da FEB	Sarandi	Av. Francisco Rodolfo Simch	R. Professor Cecy Cordeiro Thoféhn
385	IDA	Praça Irmão Désiré Afonso	Sarandi	R. Armando Costa	R. João Moraes
386	JCN	Praça João Calegari Neto	Sarandi	Av. Alcides S. Severino	
387	JS	Praça Juan Sondermann	Sarandi	R. Três -Parque Residencial Malcon	R. Quatro-Parque Residencial Malcon
388	L3	Praça da Lampadosa	Sarandi	Av. Vinte e um de abril	R. Oliveira Lopes
389	MAK	Praça Major Augusto Koch	Sarandi	R. Baden Powell	R. Bagdá
390	MG	Praça Miguel Gustavo	Sarandi	R. Sylvio Sanson	R. Lila Ripoll
391	OR2	Praça Oliveira Rolim	Sarandi	R. Figueiredo Mascarenhas	R. Vieira da Silva
392	PRM	Praça Parque Residencial Malcon	Sarandi	Av. General Raphael Zippin	
393	SN62	Praça sem nome 62	Sarandi	R. Ulisses de Alencastro Brandão	Alameda Três de Outubro
394	SN63	Praça sem nome 63	Sarandi	R. Martim Fereira de Carvalho	Alameda Três de Outubro
395	SN64	Praça sem nome 64	Sarandi	R. F - Viela Nossa Senhora Aparecida	R. Bangú
396	JJS	Praça Juvenal Jacintho de Souza	Serraria	R. Monsenhor André Pedro Frank	R. Deputado Lidovino Fanton
397	DDRS	Praça Dr. Dario Rodrigues da Silva	Teresópolis	R. Fernando Osório	R. Ary Tischler
398	EJ	Praça Eunice Jacques	Teresópolis	R. Fernando Osório	
399	FCB	Praça Frei Celso Brancher	Teresópolis	R. Fernando Osório	
400	GL2	Praça Guia Lopes	Teresópolis	Av. Teresópolis	R. Sepé Tiaraju
401	MP	Praça Morro da Primavera	Teresópolis	R. Professor Carvalho de Freitas	Av. Teresópolis
402	SC	Praça São Caetano	Teresópolis	R. Fernando Osório	
403	SLN	Praça Simões Lopes Neto	Teresópolis	Av. Clemenciano Barnasque	
404	ABB	Praça Arquiteta Berenice Baptista (Paris)	Três Figueiras	R. João Caetano	R. Waldir A. Lopes
405	ALR	Praça Antonio Luiz Roso	Três Figueiras	R. Tajujá	R. Rosa
406	DLFGB	Praça Dr. Luis Francisco Guerra Blessmann	Três Figueiras	R. João Paetzel	R. Felipe Becker
407	DLHG	Praça Desembargador La Hire Guerra	Três Figueiras	R. Coronel Armando Assis	R. General Nestor Silva Soares
408	CSG	Praça Comendador de Souza Gomes	Tristeza	R. Otto Niemeyer	Av. Wenceslau Escobar
409	PG	Praça Professor Gaezler	Tristeza	R. Doutor Pereira Neto	R. Doutor Armando Barbedo
410	A7	Praça Araguaia	Vila Assunção	Av. Guaíba	R. Carajá
411	C4	Praça Caribe	Vila Assunção	R. Doutor Possidônio Cunha	R. Carajá
412	DB	Praça Dante Barone	Vila Assunção	R. Paraguá	
413	FP2	Praça Franklin Perez	Vila Assunção	Av. Pereira Passos	R. Doutor Possidônio Cunha
414	JA2	Praça José Assunção	Vila Assunção	R. Goitacaz	
415	JB2	Praça João Bergmann	Vila Assunção	Av. Pereira Passos	R. Chavantes
416	T3	Praça Tabira	Vila Assunção	Av. Pereira Passos	Av. Guaíba
417	T4	Praça Tupiniquim	Vila Assunção	R. Omaguá	R. Chiriguano
418	P5	Praça Paraíso	Vila Conceição	R. Apolinário Porto Alegre	R. Nossa Senhora Aparecida
419	AS	Praça Alfred Sebhe	Vila Ipiranga	R. Gaston Englert	R. Dr. João Simplício Alves de Carvalho
420	C5	Praça Cabrália	Vila Ipiranga	Av. Benno Mentz	R. Monte Pascoal
421	C6	Praça Catanzaro	Vila Ipiranga	R. Professor José Maria Rodrigues	R. Vera Cruz
422	COS	Praça Cel. Oscar Salis	Vila Ipiranga	R. Padre Alois Kades	R. Doutor Dario de Bittencourt
423	CV	Praça Cantão do Valais	Vila Ipiranga	R. Araçá	R. Nove de março
424	DP	Praça Dom Pedro	Vila Ipiranga	Av. Benno Mentz	R. Vera Cruz
425	FO2	Praça Frederico Ozanam	Vila Ipiranga	Av. Engenheiro Ary de Abreu Lima	
426	FP3	Praça Fortunato Pimentel	Vila Ipiranga	R. Dr. João Simplício Alves de Carvalho	R. Cipó
427	I5	Praça Itati	Vila Ipiranga	R. Argélia	Av. Benno Mentz
428	I6	Praça Império	Vila Ipiranga	Av. Benno Mentz	Av. Brasília
429	JDM	Praça José Dornelles Medina	Vila Ipiranga	Av. Benno Mentz	Av. Dom Cláudio José Gonçalves P. Leão
430	JK	Praça John Kennedy	Vila Ipiranga	R. Bolívia	R. Colômbia
431	LBB	Praça Leopoldo Bernardo Boeck	Vila Ipiranga	R. Cipó	R. Julien Ferreira
432	NA	Praça das Nações Árabes	Vila Ipiranga	Av. Benno Mentz	R. Senegal
433	PN	Praça Parque dos Nativos	Vila Ipiranga	R. Alberto Silva	Av. Brasília
434	SM2	Praça San Martin	Vila Ipiranga	R. Doutor João Simplício A. de Carvalho	
435	WS	Praça Walter Schultz	Vila Ipiranga	R. Mali	Trav. Camerum
436	DBB	Praça Dr. Baltazar de Bem	Vila Jardim	R. Seival	
437	F4	Praça Farrroupilha	Vila Jardim	Av. Saturnino de Brito	R. Fernando Pimentel
438	FA2	Praça Francisco Alves	Vila João Pessoa	R. Juarez Távora	R. Alarico Valença
439	SN65	Praça sem nome 65	Vila João Pessoa	Av. Veiga	
440	DM2	Praça Davi Malinski	Vila Nova	Av. Saul Nonnemacher	R. Benjamin Moresco
441	DVD	Praça Dr. Viriato Dutra	Vila Nova	R. Enfermeiro Ventura	R. Fernando Pessoa
442	FP4	Praça Figueira da Pedra	Vila Nova	R. Capitão Amarante Xavier	R. Frei Albino Aresi
443	JMFB	Praça José Mariano de Freitas Beck	Vila Nova	R. Ventos do Sul	R. Romeu Samarani Ferreira
444	PEMR	Praça Professor Emilio Mabilde Ripoll	Vila Nova	R. Joaquim de Carvalho	R. Coronel Octaviano Pinto Soares
445	S2	Praça Suíça	Vila Nova	R. Benjamin Moresco	Av. Ernesto Zeuner
446	SN66	Praça sem nome 66 (Jardim São Jorge)	Vila Nova	R. Gervásio da Rosa	
447	SN67	Praça sem nome 67	Vila Nova	R. 4555 lot. Tito Ferrari	

No. de Praças por Bairro / % do Total de Praças / Área do Bairro (m²)

BAIRRO	No. (praças)	% (praças)	Área (m ²)
Anchieta	2	0,45%	898.889
Aberta Morros	0	0,00%	16.435.180
Agronomia	0	0,00%	14.016.020
Arquipélago	1	0,22%	4.341.150
Auxiliadora	0	0,00%	836.879
Azenha	6	1,34%	1.265.502
Bela Vista	3	0,67%	934.502
Belém Novo	10	2,24%	29.102.848
Belém Velho	1	0,22%	8.255.006
Boa Vista	3	0,67%	1.575.384
Bom Fim	1	0,22%	381.268
Bom Jesus	4	0,89%	1.925.010
Camaquã	2	0,45%	2.397.022
Cascata	4	0,89%	7.332.971
Cavallhada	10	2,24%	3.588.666
Cel. Aparício Borges	1	0,22%	2.861.874
Centro	24	5,37%	2.145.353
Chácara das Pedras	5	1,12%	1.077.785
Chapéu do Sol	0	0,00%	6.614.039
Cidade Baixa	5	1,12%	838.736
Cristal	4	0,89%	3.171.375
Cristo Redentor	2	0,45%	1.427.346
Espírito Santo	9	2,01%	1.588.026
Farrapos	27	6,04%	1.638.373
Farroupilha	0	0,00%	618.000
Floresta	3	0,67%	1.746.165
Glória	4	0,89%	1.078.784
Guarujá	1	0,22%	1.208.678
Higienópolis	3	0,67%	1.060.782
Hípica	6	1,34%	4.501.184
Humaitá	1	0,22%	4.225.120
Independência	2	0,45%	454.889
Ipanema	14	3,13%	4.214.384
Jardim Botânico	1	0,22%	2.001.104
Jardim Carvalho	5	1,12%	3.081.143
Jardim do Salso	2	0,45%	940.401
Jardim Floresta	1	0,22%	747.500
Jardim Itu/Sabará	16	3,58%	4.650.868
Jardim Lindóia	5	1,12%	815.200
Jardim Sabará	10	2,24%	junto Itu
Jardim São Pedro	3	0,67%	1.053.313
João Pessoa	1	0,22%	
Lajeado	0	0,00%	28.613.310
Lami	0	0,00%	23.869.230
Lomba do Pinheiro	6	1,34%	24.393.070
Marcílio Dias	0	0,00%	1.322.672
Mário Quintana	8	1,79%	6.732.056
Medianeira	7	1,57%	1.543.447
Menino Deus	8	1,79%	2.230.709
Moinhos de Vento	2	0,45%	920.996
Mon't Serrat	0	0,00%	830.747
Morro Santana	0	0,00%	
Navegantes	0	0,00%	1.907.862
Nonoai	4	0,89%	4.509.134
Partenon	14	3,13%	5.895.964
Passo D'Areia	15	3,36%	2.497.042
Passo das Pedras	8	1,79%	2.260.506

No. de Praças por Bairro / % do Total de Praças / % Área Poa (m²)

ZONA 1	No. (praças)	% (praças)	% (área)
Bom Fim	1	0,22%	0,09%
Centro	24	5,37%	0,49%
Cidade Baixa	5	1,12%	0,19%
TOTAL	30	6,71%	0,77%

ZONA 2	No. (praças)	% (praças)	% (área)
Azenha	6	1,34%	0,29%
Menino Deus	8	1,79%	0,51%
Santana	6	1,34%	0,35%
TOTAL	20	4,47%	1,15%

ZONA 3	No. (praças)	% (praças)	% (área)
Bela Vista	3	0,67%	0,21%
Rio Branco	2	0,45%	0,33%
Santa Cecília	1	0,22%	0,16%
TOTAL	6	1,34%	0,70%

Pedra Redonda	0	0,00%	501.787
Petrópolis	12	2,68%	3.442.729
Ponta Grossa	0	0,00%	9.174.442
Praia de Belas	7	1,57%	2.676.399
Protásio Alves	8	1,79%	8.255.366
Restinga	16	3,58%	21.098.880
Rio Branco	2	0,45%	1.456.533
Rubem Berta	31	6,94%	9.869.152
Santa Cecília	1	0,22%	681.813
Santa Maria Goretti	1	0,22%	773.999
Santa Tereza	8	1,79%	4.853.448
Santana	6	1,34%	1.541.090
Santo Antônio	3	0,67%	1.363.555
São Geraldo	3	0,67%	1.530.606
São João	2	0,45%	4.959.924
São José	1	0,22%	2.160.451
São Sebastião	5	1,12%	709.105
Sarandi	15	3,36%	9.643.629
Sem Nome 1	0	0,00%	23.311.246
Sem Nome 2	0	0,00%	8.510.032
Sem Nome 3	0	0,00%	37.572.446
Serraria	1	0,22%	3.473.153
Teresópolis	7	1,57%	3.499.471
Três Figueiras	4	0,89%	1.342.002
Tristeza	2	0,45%	2.819.416
Vila Assunção	8	1,79%	1.350.502
Vila Conceição	1	0,22%	370.524
Vila Ipiranga	17	3,80%	2.316.045
Vila Jardim	2	0,45%	1.467.971
Vila João Pessoa	2	0,45%	857.304
Vila Nova	8	1,79%	10.152.250
TOTAL	447	100%	436.308.734

ANEXO B

Código	PRAÇA	BAIRRO	ZONA 1			TOTAL
			Centro	Cidade Baixa	Bom Fim	
A1	Praça da Alfândega	Centro	28	20	12	60
MD1	Praça Marechal Deodoro	Centro	12	17	12	41
CSA	Praça Carlos Simão Arnt	Bela Vista	5	1	25	31
A2	Praça Argentina	Centro	11	5	10	26
G	Praça Garibaldi	Azenha	4	18	0	22
J1	Praça Japão	Boa Vista	3	7	7	17
DF1	Praça Dom Feliciano	Centro	8	0	8	16
QN	Praça Quinze de Novembro	Centro	7	8	0	15
JC2	Praça Júlio de Castilhos	Independência	2	4	8	14
BS1	Praça Brigadeiro Sampaio	Centro	8	0	3	11
GO	Praça General Osório (Alto da Bronze)	Centro	6	0	5	11
BS2	Praça Berta Santa Rosa	Rio Branco	0	0	10	10
GBP	Praça General Braga Pinheiro (ACM)	Centro	10	0	0	10
DF2	Praça Daltro Filho	Centro	9	0	0	9
CPA	Praça Conde de Porto Alegre (do Portão)	Centro	3	5	0	8
OR1	Praça Otávio Rocha	Centro	8	0	0	8
RB	Praça Rui Barbosa	Centro	0	8	0	8
BV2	Praça Breno Vignoli	Petrópolis	0	0	7	7
RP	Praça Raul Pilla	Centro	3	4	0	7
DS1	Praça Dom Sebastião	Independência	3	0	3	6
I4	Praça Itália	Praia de Belas	0	5	1	6
A6	Praça Araribóia	Petrópolis	0	5	0	5
DMC	Praça Dr. Maurício Cardoso	Moinhos de Vento	0	0	5	5
JB2	Praça João Bergmann	Vila Assunção	0	5	0	5
JT	Praça Jayme Telles	Santana	0	0	5	5
MD3	Praça Menino Deus	Menino Deus	0	5	0	5
CSG	Praça Comendador de Souza Gomes	Tristeza	0	4	0	4
PP1	Praça Pereira Parobé	Centro	4	0	0	4
PSP1	Praça Professor Saint - Pastous	Cidade Baixa	0	4	0	4
DPB	Praça Doutor Pedro Borba	Centro	3	0	0	3
E1	Praça Esperanto	Partenon	0	3	0	3
FP2	Praça Franklin Perez	Vila Assunção	0	3	0	3
MJQ	Praça Major Joaquim de Queiroz	Santana	0	0	3	3
PS	Praça Província de Shiga	Passo D'Areia	0	3	0	3
SARG	Praça Setenta Anos da Rádio Gaúcha	Menino Deus	3	0	0	3
U2	Praça Ucraniana	Passo D'Areia	0	0	3	3
DCAG	Praça Delegado Carlos Armando Gadret	Santana	0	0	2	2
DLHG	Praça Desembargador La Hire Guerra	Três Figueiras	0	0	2	2
GL1	Praça Gustavo Langsch	Bela Vista	0	0	2	2
JM	Praça Júlio Mesquita	Centro	2	0	0	2
LZ	Praça Laurentino Zottis	Cidade Baixa	0	2	0	2
OC	Praça Oswaldo Cruz	Centro	2	0	0	2
T4	Praça Tupiniquim	Vila Assunção	0	2	0	2
DAF	Praça Doutor Adair Figueiredo	Petrópolis	0	0	1	1
VT	Praça Visconde de Taunay	Santana	0	0	1	1

Código	PRAÇA	BAIRRO	ZONA 2			TOTAL
			Azenha	Menino Deus	Santana	
A1	Praça da Alfândega	Centro	19	15	15	49
JT	Praça Jayme Telles	Santana	17	0	28	45
CSA	Praça Carlos Simão Arnt	Bela Vista	8	8	19	35
MD1	Praça Marechal Deodoro	Centro	10	9	9	28
I4	Praça Itália	Praia de Belas	5	11	5	21
DLT	Praça Dr. Lopes Trovão	Chácara das Pedras	0	14	0	14
J1	Praça Japão	Boa Vista	1	3	9	13
DF1	Praça Dom Feliciano	Centro	5	5	0	10
G	Praça Garibaldi	Azenha	0	10	0	10
PC2	Praça Paulo Coelho	Medianeira	7	3	0	10
QN	Praça Quinze de Novembro	Centro	4	2	4	10
A2	Praça Argentina	Centro	7	2	0	9
DF2	Praça Daltro Filho	Centro	0	0	9	9
DMC	Praça Dr. Maurício Cardoso	Moinhos de Vento	1	8	0	9
VT	Praça Visconde de Taunay	Santana	6	0	3	9
ACB	Praça Álvaro Coelho Borges	Menino Deus	0	7	0	7
GL2	Praça Guia Lopes	Teresópolis	4	3	0	7
I7	Praça do Infante	Menino Deus	0	7	0	7
M1	Praça Montevidéu	Centro	7	0	0	7
PI	Praça Princesa Isabel	Azenha	7	0	0	7
CPA	Praça Conde de Porto Alegre (do Portão)	Centro	0	0	6	6
MD3	Praça Menino Deus	Menino Deus	0	6	0	6
P1	Praça Piratini	Azenha	4	0	2	6
GL1	Praça Gustavo Langsch	Bela Vista	0	0	5	5
JM	Praça Júlio Mesquita	Centro	2	3	0	5
ABB	Praça Arquiteta Berenice Baptista (Paris)	Três Figueiras	0	0	4	4
AM	Praça Alcides Maia	Medianeira	4	0	0	4
BV2	Praça Breno Vignoli	Petrópolis	0	0	4	4
GDV	Praça General Darcy Vignoli	Passo D'Areia	4	0	0	4
IM	Praça Intendente Montauri	Moinhos de Vento	0	4	0	4
JC2	Praça Júlio de Castilhos	Independência	0	4	0	4
LZ	Praça Laurentino Zottis	Cidade Baixa	0	4	0	4
OC	Praça Oswaldo Cruz	Centro	0	4	0	4
RB	Praça Rui Barbosa	Centro	4	0	0	4
RT	Praça Ruy Teixeira	Petrópolis	0	0	4	4
SLN	Praça Simões Lopes Neto	Teresópolis	0	0	4	4
T2	Praça Tamandaré	Petrópolis	0	0	4	4
A6	Praça Araribóia	Petrópolis	0	0	3	3
CSG	Praça Comendador de Souza Gomes	Tristeza	1	2	0	3
E2	Praça Espanha	Praia de Belas	3	0	0	3
EI	Praça Estado de Israel	Menino Deus	3	0	0	3
ACP	Praça Artur Carneiro Pinto	Praia de Belas	2	0	0	2
ADF	Praça Atos Damasceno Ferreira	Floresta	2	0	0	2
BC	Praça Breno Caldas	Jardim Itu	2	0	0	2
MJQ	Praça Major Joaquim de Queiroz	Santana	0	2	0	2
S1	Praça da Saudade	Azenha	2	0	0	2
SG2	Praça São Geraldo	São Geraldo	0	0	2	2
JTMG	Praça da Juventude Thiago de Moraes Gonzaga	Medianeira	1	0	0	1

Código	PRAÇA	BAIRRO	ZONA 3			TOTAL
			Bela Vista	Rio Branco	Santa Cecília	
A1	Praça da Alfândega	Centro	33	27	20	80
CSA	Praça Carlos Simão Arnt	Bela Vista	33	18	17	68
J1	Praça Japão	Boa Vista	14	9	8	31
MD1	Praça Marechal Deodoro	Centro	15	10	5	30
JC2	Praça Júlio de Castilhos	Independência	6	4	6	16
M4	Praça Marselhesa	Santa Cecília	0	0	16	16
NU	Praça Nações Unidas	Petrópolis	2	0	13	15
DMC	Praça Dr. Maurício Cardoso	Moinhos de Vento	3	4	5	12
A6	Praça Araribóia	Petrópolis	0	2	8	10
CPA	Praça Conde de Porto Alegre (do Portão)	Centro	2	5	3	10
ABB	Praça Arquiteta Berenice Baptista (Paris)	Três Figueiras	5	4	0	9
A2	Praça Argentina	Centro	2	7	0	9
BG	Praça Bartolomeu de Gusmão	Floresta	2	7	0	9
BV2	Praça Breno Vignoli	Petrópolis	4	3	2	9
DAF	Praça Doutor Adair Figueiredo	Petrópolis	0	0	9	9
PS	Praça Província de Shiga	Passo D'Areia	3	5	1	9
RT	Praça Ruy Teixeira	Petrópolis	0	5	3	8
DLHG	Praça Desembargador La Hire Guerra	Três Figueiras	6	0	0	6
GL1	Praça Gustavo Langsch	Bela Vista	6	0	0	6
DF1	Praça Dom Feliciano	Centro	0	5	0	5
I4	Praça Itália	Praia de Belas	1	1	3	5
AF	Praça André Forster	Petrópolis	0	4	0	4
DF2	Praça Daltro Filho	Centro	0	4	0	4
JT	Praça Jayme Telles	Santana	0	0	4	4
PLM	Praça Professor Leonardo Macedônia	Boa Vista	3	0	1	4
PM	Praça Pinheiro Machado	São Geraldo	0	4	0	4
T2	Praça Tamandaré	Petrópolis	3	1	0	4
B1	Praça Bonita	Petrópolis	0	0	3	3
DMK	Praça Dr. Milton Krause	Petrópolis	0	0	3	3
G	Praça Garibaldi	Azenha	0	3	0	3
VT	Praça Visconde de Taunay	Santana	0	0	2	2
AJ	Praça Antônio João	Azenha	2	0	0	2
FP3	Praça Fortunato Pimentel	Vila Ipiranga	2	0	0	2
MJQ	Praça Major Joaquim de Queiroz	Santana	0	2	0	2
OS	Praça Osvaldo Schwerdt	Ipanema	0	0	2	2
QN	Praça Quinze de Novembro	Centro	0	1	1	2
RS	Praça Raymundo Scherer	Jardim Botânico	0	0	1	1
BV1	Praça Bela Vista	Bela Vista	1	0	0	1
OR1	Praça Otávio Rocha	Centro	0	1	0	1

Código	PRAÇA	BAIRRO	ZONA 1	ZONA 2	ZONA 3	TOTAL GERAL
A1	Praça da Alfândega	Centro	60	49	80	189
CSA	Praça Carlos Simão Arnt	Bela Vista	31	35	68	134
MD1	Praça Marechal Deodoro	Centro	41	28	30	99
J1	Praça Japão	Boa Vista	17	13	31	61
JT	Praça Jayme Telles	Santana	5	45	4	54
A2	Praça Argentina	Centro	26	9	9	44
G	Praça Garibaldi	Azenha	22	10	3	35
JC2	Praça Júlio de Castilhos	Independência	14	4	16	34
I4	Praça Itália	Praia de Belas	6	21	5	32
DF1	Praça Dom Feliciano	Centro	16	10	5	31
QN	Praça Quinze de Novembro	Centro	15	10	2	27
DMC	Praça Dr. Maurício Cardoso	Moinhos de Vento	5	9	12	26
CPA	Praça Conde de Porto Alegre (do Portão)	Centro	8	6	10	24
DF2	Praça Daltro Filho	Centro	9	9	4	22
BV2	Praça Breno Vignoli	Petrópolis	7	4	9	20
A6	Praça Araribóia	Petrópolis	5	3	10	18
M4	Praça Marselhesa	Santa Cecília	0	0	16	16
NU	Praça Nações Unidas	Petrópolis	0	0	15	15
DLT	Praça Dr. Lopes Trovão	Chácara das Pedras	0	14	0	14
ABB	Praça Arquiteta Berenice Baptista (Paris)	Três Figueiras	0	4	9	13
GL1	Praça Gustavo Langsch	Bela Vista	2	5	6	13
PS	Praça Província de Shiga	Passo D'Areia	3	0	9	12
RB	Praça Rui Barbosa	Centro	8	4	0	12
RT	Praça Ruy Teixeira	Petrópolis	0	4	8	12
VT	Praça Visconde de Taunay	Santana	1	9	2	12
BS1	Praça Brigadeiro Sampaio	Centro	11	0	0	11
GO	Praça General Osório (Alto da Bronze)	Centro	11	0	0	11
MD3	Praça Menino Deus	Menino Deus	5	6	0	11
BS2	Praça Berta Santa Rosa	Rio Branco	10	0	0	10
DAF	Praça Doutor Adair Figueiredo	Petrópolis	1	0	9	10
GBP	Praça General Braga Pinheiro (ACM)	Centro	10	0	0	10
PC2	Praça Paulo Coelho	Medianeira	0	10	0	10
BG	Praça Bartolomeu de Gusmão	Floresta	0	0	9	9
OR1	Praça Otávio Rocha	Centro	8	0	1	9
DLHG	Praça Desembargador La Hire Guerra	Três Figueiras	2	0	6	8
T2	Praça Tamandaré	Petrópolis	0	4	4	8
ACB	Praça Alvaro Coelho Borges	Menino Deus	0	7	0	7
CSG	Praça Comendador de Souza Gomes	Tristeza	4	3	0	7
GL2	Praça Guia Lopes	Teresópolis	0	7	0	7
I7	Praça do Infante	Menino Deus	0	7	0	7
JM	Praça Júlio Mesquita	Centro	2	5	0	7
M1	Praça Montevidéo	Centro	0	7	0	7
MJQ	Praça Major Joaquim de Queiroz	Santana	3	2	2	7
PI	Praça Princesa Isabel	Azenha	0	7	0	7
RP	Praça Raul Pilla	Centro	7	0	0	7
DS1	Praça Dom Sebastião	Independência	6	0	0	6
LZ	Praça Laurentino Zottis	Cidade Baixa	2	4	0	6
OC	Praça Osvaldo Cruz	Centro	2	4	0	6
P1	Praça Piratini	Azenha	0	6	0	6
JB2	Praça João Bergmann	Vila Assunção	5	0	0	5
AF	Praça André Forster	Petrópolis	0	0	4	4
AM	Praça Alcides Maia	Medianeira	0	4	0	4
GDV	Praça General Darcy Vignoli	Passo D'Areia	0	4	0	4
IM	Praça Intendente Montauri	Moinhos de Vento	0	4	0	4
PLM	Praça Professor Leonardo Macedônia	Boa Vista	0	0	4	4
PM	Praça Pinheiro Machado	São Geraldo	0	0	4	4
PP1	Praça Pereira Parobé	Centro	4	0	0	4
PSP1	Praça Professor Saint - Pastous	Cidade Baixa	4	0	0	4
SLN	Praça Simões Lopes Neto	Teresópolis	0	4	0	4
B1	Praça Bonita	Petrópolis	0	0	3	3
DMK	Praça Dr. Milton Krause	Petrópolis	0	0	3	3
DPB	Praça Doutor Pedro Borba	Centro	3	0	0	3
E1	Praça Esperanto	Partenon	3	0	0	3
E2	Praça Espanha	Praia de Belas	0	3	0	3
EI	Praça Estado de Israel	Menino Deus	0	3	0	3
FP2	Praça Franklin Perez	Vila Assunção	3	0	0	3
SARG	Praça Setenta Anos da Rádio Gaúcha	Menino Deus	3	0	0	3
U2	Praça Ucraniana	Passo D'Areia	3	0	0	3
ACP	Praça Artur Carneiro Pinto	Praia de Belas	0	2	0	2
ADF	Praça Atos Damasceno Ferreira	Floresta	0	2	0	2
AJ	Praça Antônio João	Azenha	0	0	2	2
BC	Praça Breno Caldas	Jardim Itu	0	2	0	2
DCAG	Praça Delegado Carlos Armando Gadret	Santana	2	0	0	2
FP3	Praça Fortunato Pimentel	Vila Ipiranga	0	0	2	2
OS	Praça Osvaldo Schwerdt	Ipanema	0	0	2	2
S1	Praça da Saudade	Azenha	0	2	0	2
SG2	Praça São Geraldo	São Geraldo	0	2	0	2
T4	Praça Tupiniquim	Vila Assunção	2	0	0	2
BV1	Praça Bela Vista	Bela Vista	0	0	1	1
JTMG	Praça da Juventude Thiago de Moraes Gonzaga	Medianeira	0	1	0	1
RS	Praça Raymundo Scherer	Jardim Botânico	0	0	1	1

ANEXO C

ZONA 1																																		
Bom Fim										Centro										Cidade Baixa										T	T	%		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	T	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	T	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	T	T	%

02 Motivo da Lembrança?

Situação da praça na cidade

	X	X	X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	27	90%
Localização: perto de casa/trabalho etc.	X		X				X	X		4	X	X	X	X		X	X	X	X		8	X	X	X	X		X	X	X		8	20	66,7
Ponto de encontro/referência.			X	X						2	X	X	X								3		X		X		X	X	X		5	10	33,3
Acessibilidade.										0	X			X					X		3						X	X			2	5	16,7
Parte do trajeto: passagem, caminho.		X		X			X	X		4	X		X				X	X	X		5	X		X	X	X	X				5	14	46,7

Configuração da praça

	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X		X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	24	80%		
Opções de lazer como mesas de jogos, parquinos, feiras (permanentes ou eventuais) etc.		X	X	X			X	X	X	6			X		X					X	3		X	X			X	X	X		5	14	46,7
Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros etc.		X							X	2		X	X	X							3	X			X		X	X	X		6	11	36,7
Conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.				X	X					2			X	X	X						3	X		X	X	X			X	X	6	11	36,7
Composição visual da praça: vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.				X					X	2			X	X							2	X		X	X			X			4	8	26,7
Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.			X						X	2		X			X						2	X		X	X		X	X	X		6	10	33,3
Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.					X					1		X	X	X	X						4		X				X	X	X		4	9	30,0

Significado da praça

	X	X	X	X			X	X	X		X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	25	83%		
Manifestações sócio-culturais já ocorridas.										0	X				X						2				X					X	2	4	13,3
Nostalgia pública: referência do passado da cidade ou da população.					X	X			X	4	X	X	X		X		X				5				X	X		X		X	4	13	43,3
Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém.							X	X		2	X					X				X	3		X	X	X				X	X	5	10	33,3
Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.			X	X			X		X	4					X				X	X	3										0	7	23,3
Tipo de público freqüentador.				X						1				X	X						2		X	X	X		X	X	X		5	8	26,7

ZONA 2																																		
Azenha										Menino Deus										Santana										T	T	%		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	T	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	T	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	T	T	%

02 Motivo da Lembrança?

Situação da praça na cidade																																	23	77%	
Localização: perto de casa/trabalho etc.		X		X	X		X	X	X	X	7	X	X	X	X	X				X	X	7			X		X	X	X	X	X	X	6	20	66,7
Ponto de encontro/referência.									X	1			X								1			X		X						2	4	13,3	
Acessibilidade.	X			X						2				X							1					X						1	4	13,3	
Parte do trajeto: passagem, caminho.	X	X						X	X	4	X	X	X	X	X				X	X	7				X	X	X	X	X	X	X	6	17	56,7	

Configuração da praça																																	26	87%
Opções de lazer como mesas de jogos, parquinos, feiras (permanentes ou eventuais) etc.			X				X	X	X	4						X	X	X			3	X					X				X	3	10	33,3
Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros etc.			X		X		X	X	X	4			X						X		2			X	X							2	8	26,7
Conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.		X				X	X	X	X	4	X	X	X	X		X		X	X		7	X		X		X	X	X				5	16	53,3
Composição visual da praça: vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.			X			X	X	X	X	4	X		X	X	X	X	X	X			6	X		X	X	X	X					5	15	50,0
Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.				X	X		X	X	X	4	X	X									2	X		X	X							3	9	30,0
Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.					X	X	X	X	X	3	X	X									2			X	X	X				X		4	9	30,0

Significado da praça																																	24	80%
Manifestações sócio-culturais já ocorridas.					X					1											0			X			X					2	3	10,0
Nostalgia pública: referência do passado da cidade ou da população.					X					1	X		X		X						3	X		X	X	X						4	8	26,7
Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém.		X		X	X	X	X	X		6	X	X	X	X	X	X		X		X	8		X	X				X	X		X	5	19	63,3
Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.				X						1					X			X	X		3							X		X		2	6	20,0
Tipo de público frequentador.										0	X						X				2			X	X	X						3	5	16,7

ZONA 3																																		
Bela Vista										Rio Branco										Santa Cecília										T	T	%		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	T	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	T	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	T	T	%

02 Motivo da Lembrança?

Situação da praça na cidade

			X	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X									23	77%
Localização: perto de casa/trabalho etc.		X	X	X		X	X		X	X	7	X					X			X			3	X		X	X	X		X	5	15	50,0							
Ponto de encontro/referência.											0	X				X						2							X	1	3	10,0								
Acessibilidade.											0	X					X					2	X								1	3	10,0							
Parte do trajeto: passagem, caminho.							X				1		X		X	X	X	X				5		X		X	X		X	4	10	33,3								

Configuração da praça

			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	25	83%			
Opções de lazer como mesas de jogos, parquinos, feiras (permanentes ou eventuais) etc.	X	X		X	X	X	X		X	X	8	X	X	X	X	X						5				X	X	X	X								4	17	56,7		
Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros etc.		X	X	X							3						X					1		X					X								2	6	20,0		
Conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.								X	X		2	X			X	X	X					4			X	X			X	X								4	10	33,3	
Composição visual da praça: vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.		X		X	X	X			X	X	6	X				X	X		X			4		X			X		X	X									4	14	46,7
Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.			X	X							2											0							X	X									2	4	13,3
Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.	X	X	X								3	X			X							2							X	X									2	7	23,3

Significado da praça

		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	25	83%			
Manifestações sócio-culturais já ocorridas.	X										1							X				1																	0	2	6,7	
Nostalgia pública: referência do passado da cidade ou da população.				X			X				2	X	X									2			X				X	X										3	7	23,3
Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém.	X	X	X	X	X	X	X	X	X		9			X	X	X	X	X		X		5	X		X	X	X	X	X	X										6	20	66,7
Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.	X					X	X				3	X			X							2			X															1	6	20,0
Tipo de público freqüentador.								X			1	X			X	X	X					4								X										1	6	20,0

GERAL			
Z1	Z2	Z3	M

02 Motivo da Lembrança?

Localização: perto de casa/trabalho etc.	66,7	66,7	50,0	61,1
Nostalgia particular: lembrança de algum acontecimento ou alguém.	33,3	63,3	66,7	54,4
Parte do trajeto: passagem, caminho.	46,7	56,7	33,3	45,6
Opções de lazer como mesas de jogos, parquinos, feiras (permanentes ou eventuais) etc.	46,7	33,3	56,7	45,6
Composição visual da praça: vegetação/paisagismo, circulação interna, limpeza/estado de conservação, estátuas etc.	26,7	50,0	46,7	41,1
Conforto: sonoro, luminoso, térmico e de segurança. Sensações que o espaço dá.	36,7	53,3	33,3	41,1
Nostalgia pública: referência do passado da cidade ou da população.	43,3	26,7	23,3	31,1
Equipamentos da praça: opções para se sentar (bancos, escadas, desníveis etc.), sanitários, lixeiras, bebedouros etc.	36,7	26,7	20,0	27,8
Tipo de uso das edificações adjacentes: cultura, comércio, lazer etc.	30,0	30,0	23,3	27,8
Composição visual do entorno da praça: edificações (novas e antigas), natureza, ruas etc.	33,3	30,0	13,3	25,5
Tipo de público freqüentador.	26,7	16,7	20,0	21,1
Rotina antiga: desde a infância, adolescência etc.	23,3	20,0	20,0	21,1
Ponto de encontro/referência.	33,3	13,3	10,0	18,9
Acessibilidade.	16,7	13,3	10,0	13,3
Manifestações sócio-culturais já ocorridas.	13,3	10,0	6,7	10,0

03. Das citadas,
qual usa?

ZONA 1									
BOM FIM									
1.3.1	1.3.2	1.3.3	1.3.4	1.3.5	1.3.6	1.3.7	1.3.8	1.3.9	1.3.10
			BS2	BS2		CSA			
									MD1
								MD1	
CENTRO									
1.1.1	1.1.2	1.1.3	1.1.4	1.1.5	1.1.6	1.1.7	1.1.8	1.1.9	1.1.10
		GBP							
							A1		
		JC2						RP	
	MD1								
CIDADE BAIXA									
1.2.1	1.2.2	1.2.3	1.2.4	1.2.5	1.2.6	1.2.7	1.2.8	1.2.9	1.2.10
		MD3							
		PSP1							
PS		E1							
					I4				
ZONA 2									
AZENHA									
2.2.1	2.2.2	2.2.3	2.2.4	2.2.5	2.2.6	2.2.7	2.2.8	2.2.9	2.2.10
		PI		A1	A1		JT	JT	
		CSA			MD1	CSA	A1		
A1			MD1						
MD1							JM		
MENINO DEUS									
2.1.1	2.1.2	2.1.3	2.1.4	2.1.5	2.1.6	2.1.7	2.1.8	2.1.9	2.1.10
					G	DLT			
	I4							DLT	
					PC2				JM
			MD3						
SANTANA									
2.3.1	2.3.2	2.3.3	2.3.4	2.3.5	2.3.6	2.3.7	2.3.8	2.3.9	2.3.10
ABB				CSA	JT	JT			JT
				DF2					
		CPA							
ZONA 3									
BELA VISTA									
3.3.1	3.3.2	3.3.3	3.3.4	3.3.5	3.3.6	3.3.7	3.3.8	3.3.9	3.3.10
	CSA		CSA		CSA		ABB	CSA	CSA
				CSA					
CSA								J1	GL1
		CSA					CSA		
							PLM		
RIO BRANCO									
3.2.1	3.2.2	3.2.3	3.2.4	3.2.5	3.2.6	3.2.7	3.2.8	3.2.9	3.2.10
		CSA	CSA		PS				
		AF			DMC			CSA	CSA
SANTA CECILIA									
3.1.1	3.1.2	3.1.3	3.1.4	3.1.5	3.1.6	3.1.7	3.1.8	3.1.9	3.1.10
M4				CSA		NU	MD1	CSA	
	JC2					A6	A1	A6	
						DMK		J1	
						CSA			

03. Das citadas,
qual usa?

03. Das citadas,
qual usa?

	CENTRO										CIDADE BAIXA										BOM FIM										T	T	%		
	1.1.1	1.1.2	1.1.3	1.1.4	1.1.5	1.1.6	1.1.7	1.1.8	1.1.9	1.1.10	T	1.2.1	1.2.2	1.2.3	1.2.4	1.2.5	1.2.6	1.2.7	1.2.8	1.2.9	1.2.10	T	1.3.1	1.3.2	1.3.3	1.3.4	1.3.5	1.3.6	1.3.7	1.3.8				1.3.9	1.3.10
05. Sexo?																																			
Feminino.		X	X	X	X	X	X	X	X	X	6					X	X	X	X	X	X	3	X	X				X	X	X	X	X	6	15	50,0
Masculino.	X										4	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	7			X	X	X	X	X	X	X	X	4	15	50,0
06. Idade?																																			
Até 20 anos.				X						X	2			X								1						X					1	4	13,3
Entre 20 e 30 anos.		X					X				2	X	X			X	X					4		X	X	X						X	4	10	33,3
Entre 30 e 40 anos.			X								1						X				X	2							X				1	4	13,3
Entre 40 e 60 anos.	X					X		X			3								X			1						X	X		X		3	7	23,3
Acima de 60 anos.					X			X			2				X				X			2	X										1	5	16,7
07. Renda familiar?																																			
Sem renda.											0											0											0	0	0,0
Até 3 SM.								X			1											0											0	1	3,3
Entre 3 e 5 SM.				X			X				2	X	X				X		X		X	5	X					X	X				3	10	33,3
Entre 5 e 10 SM.	X	X	X			X					4				X							1				X					X		2	7	23,3
Acima de 10 SM.					X		X		X		3			X	X	X		X		X		4		X	X		X			X	X		5	12	40,0
08. Escolaridade?																																			
Sem escolaridade.											0											0											0	0	0,0
1º grau incompleto.											0											0											0	0	0,0
1º grau completo.							X				1							X				1		X			X						2	4	13,3
2º grau incompleto.											0											0				X							1	1	3,3
2º grau completo.	X			X							2			X			X				X	3							X				1	6	20,0
Superior incompleto.						X			X		2		X			X	X	X		X		4	X	X				X			X		4	10	33,3
Superior completo.			X		X	X		X			4	X			X							2								X	X		2	8	26,7
Pós-graduação.		X									1											0											0	1	3,3
09. Area da Profissão?																																			
Arquitetura/Urbanismo/Meio Ambiente.		X									1	X										1											0	2	6,7
Engenharia/Técnico.											0											0											0	0	0,0
Medicina/Enfermagem/Odonto/Nutrição/Fono.							X				1						X					1											0	1	3,3
Psicologia/Psiquiatria/Pedagogia.								X			1											0											0	1	3,3
Direito.			X					X			2											0											0	2	6,7
Economia/Administração/Contabilidade.	X										1									X		1	X										1	3	10,0
Música/Artes.											0										X	1											0	1	3,3
Computação/Informática/Sistemas.											0											0											0	0	0,0
Comunicação/Publicidade/Jornalismo.											0											0											0	0	0,0
Motorista/Segurança.											0											0											0	0	0,0
Do lar.											0											0											0	0	0,0
Comércio.					X						1						X		X			2			X			X			X		4	7	23,3
Estudante.				X			X		X		3		X	X		X	X	X	X	X		3		X	X	X	X				X		3	9	30,0
Educação.		X									1				X							1							X	X			2	4	13,3
Aposentado?																																			
Sim.	X							X	X		2											0	X							X			2	4	13,3
Não.		X	X	X	X	X	X	X	X	X	8	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10		X	X	X	X	X	X	X	X	X	8	26	86,7
10. Há quanto tempo mora em Poa?																																			
Até 2 anos.				X							1	X										1											0	2	6,7
Entre 2 e 5 anos.			X								1			X		X		X				3		X							X		2	6	20,0
Entre 5 e 10 anos.											0											0				X	X						2	2	6,7
Entre 10 e 20 anos.									X		1						X					1						X	X				2	4	13,3
Acima de 20 anos.	X				X		X	X			4		X		X					X		3						X		X			1	8	26,7
Sempre		X				X	X				3								X	X		2	X		X					X			3	8	26,7

	MENINO DEUS										AZENHA										SANTANA										T	T	%						
	2.1.1	2.1.2	2.1.3	2.1.4	2.1.5	2.1.6	2.1.7	2.1.8	2.1.9	2.1.10	2.2.1	2.2.2	2.2.3	2.2.4	2.2.5	2.2.6	2.2.7	2.2.8	2.2.9	2.2.10	2.3.1	2.3.2	2.3.3	2.3.4	2.3.5	2.3.6	2.3.7	2.3.8	2.3.9	2.3.10									
05. Sexo?																															T	T	%						
Feminino.	X	X					X	X	X	X					X	X	X	X	X						X	X	X	X							3	13	43,3		
Masculino.			X	X	X	X							X	X	X	X	X	X	X	X									X	X	X	X				7	17	56,7	
06. Idade?																															T	T	%						
Até 20 anos.		X			X																												X	1	3	10,0			
Entre 20 e 30 anos.							X	X																				X							5	9	30,0		
Entre 30 e 40 anos.						X			X	X					X				X												X					2	7	23,3	
Entre 40 e 60 anos.	X		X	X									X	X		X	X			X	X										X			X		2	11	36,7	
Acima de 60 anos.																																				0	0	0,0	
07. Renda familiar?																															T	T	%						
Sem renda.																																			0	0	0,0		
Até 3 SM.				X						X																										0	2	6,7	
Entre 3 e 5 SM.							X							X													X								4	6	20,0		
Entre 5 e 10 SM.	X							X							X		X		X								X	X	X	X					4	10	33,3		
Acima de 10 SM.		X	X		X				X	X						X	X		X	X							X									2	12	40,0	
08. Escolaridade?																															T	T	%						
Sem escolaridade.																																			0	0	0,0		
1º grau incompleto.				X																															0	1	3,3		
1º grau completo.												X																			X				1	2	6,7		
2º grau incompleto.		X															X																		0	2	6,7		
2º grau completo.					X				X				X	X					X									X	X						3	8	26,7		
Superior incompleto.			X				X	X																												2	7	23,3	
Superior completo.	X					X			X						X	X								X		X									4	10	33,3		
Pós-graduação.																																				0	0	0,0	
09. Area da Profissão?																															T	T	%						
Arquitetura/Urbanismo/Meio Ambiente.																																			0	0	0,0		
Engenharia/Técnico.												X																							1	2	6,7		
Medicina/Enfermagem/Odonto/Nutrição/Fono.													X																			X			0	1	3,3		
Psicologia/Psiquiatria/Pedagogia.																																				0	0	0,0	
Direito.																																				0	0	0,0	
Economia/Administração/Contabilidade.			X															X																		0	2	6,7	
Música/Artes.																																				0	0	0,0	
Computação/Informática/Sistemas.																												X								1	1	3,3	
Comunicação/Publicidade/Jornalismo.																		X																		0	1	3,3	
Motorista/Segurança.												X																X								1	2	6,7	
Do lar.																																				0	0	0,0	
Comércio.				X					X									X																		1	3	10,0	
Estudante.		X			X		X	X																												2	8	26,7	
Educação.	X					X			X						X													X	X	X						4	9	30,0	
Aposentado?																															T	T	%						
Sim.	X		X										X																							2	4	13,3	
Não.		X		X	X	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	X	X																	8	26	86,7	
10. Há quanto tempo mora em Poa?																															T	T	%						
Até 2 anos.																												X								1	1	3,3	
Entre 2 e 5 anos.							X																								X					1	3	10,0	
Entre 5 e 10 anos.											X																X										0	4	13,3
Entre 10 e 20 anos.	X																																				1	4	13,3
Acima de 20 anos.													X		X		X																X				3	4	13,3
Sempre		X	X	X	X	X	X		X	X			X	X	X		X											X	X	X						6	17	56,7	

	SANTA CECILIA										RIO BRANCO										BELA VISTA										T	T	%			
	3.1.1	3.1.2	3.1.3	3.1.4	3.1.5	3.1.6	3.1.7	3.1.8	3.1.9	3.1.10	T	3.2.1	3.2.2	3.2.3	3.2.4	3.2.5	3.2.6	3.2.7	3.2.8	3.2.9	3.2.10	T	3.3.1	3.3.2	3.3.3	3.3.4	3.3.5	3.3.6	3.3.7	3.3.8				3.3.9	3.3.10	T
05. Sexo?																																				
Feminino.		X	X	X	X	X	X	X	X	X	7	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	6	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	6	19	63,3	
Masculino.	X						X	X	X	X	3			X	X	X	X	X	X	X	X	4	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	4	11	36,7	
06. Idade?																																				
Até 20 anos.											0											0											0	0	0,0	
Entre 20 e 30 anos.		X									1							X			X	2							X		X		2	5	16,7	
Entre 30 e 40 anos.						X			X		2										X	1							X				1	4	13,3	
Entre 40 e 60 anos.	X		X	X	X		X		X		6			X	X		X					3	X					X			X		3	12	40,0	
Acima de 60 anos.							X				1	X	X	X	X	X	X	X	X	X		4	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	4	9	30,0	
07. Renda familiar?																																				
Sem renda.											0											0											0	0	0,0	
Até 3 SM.											0											0											0	0	0,0	
Entre 3 e 5 SM.		X									1											0											0	1	3,3	
Entre 5 e 10 SM.			X				X	X			3		X						X		X	3											0	6	20,0	
Acima de 10 SM.	X			X	X	X	X		X		6	X		X	X	X	X	X	X	X		7	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	10	23	76,7	
08. Escolaridade?																																				
Sem escolaridade.											0											0											0	0	0,0	
1º grau incompleto.											0											0											0	0	0,0	
1º grau completo.											0	X										1											0	1	3,3	
2º grau incompleto.											0								X			1											0	1	3,3	
2º grau completo.	X		X				X				3	X				X						2											0	5	16,7	
Superior incompleto.											0							X				1								X		X	2	3	10,0	
Superior completo.				X	X	X	X	X			5		X	X		X				X		4	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	8	17	56,7	
Pós-graduação.	X								X		2										X	1											0	3	10,0	
09. Area da Profissão?																																				
Arquitetura/Urbanismo/Meio Ambiente.		X							X		2					X						1											0	3	10,0	
Engenharia/Técnico.											0					X						1			X								1	2	6,7	
Medicina/Enfermagem/Odonto/Nutrição/Fono.											0			X								1		X					X				2	3	10,0	
Psicologia/Psiquiatria/Pedagogia.											0											0					X						1	1	3,3	
Direito.											0											0											0	0	0,0	
Economia/Administração/Contabilidade.	X				X		X	X			4		X		X			X				3											0	7	23,3	
Música/Artes.											0											0											0	0	0,0	
Computação/Informática/Sistemas.											0										X	1											0	1	3,3	
Comunicação/Publicidade/Jornalismo.											0											0	X										1	1	3,3	
Motorista/Segurança.											0											0											0	0	0,0	
Do lar.											0	X	X									2											0	2	6,7	
Comércio.			X			X		X			3											0											0	3	10,0	
Estudante.											0											0								X		X	2	2	6,7	
Educação.				X							1											X	1			X			X		X	X	X	3	5	16,7
Aposentado?																																				
Sim.				X		X	X	X	X		3	X		X	X	X	X	X	X	X	X	2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	5	10	33,3	
Não.	X	X	X		X	X		X	X		7	X		X	X	X	X	X	X	X	X	8	X					X	X	X	X	X	5	20	66,7	
10. Há quanto tempo mora em Poa?																																				
Até 2 anos.											0											0											0	0	0,0	
Entre 2 e 5 anos.									X		1									X		1											0	2	6,7	
Entre 5 e 10 anos.		X									1											0											0	1	3,3	
Entre 10 e 20 anos.											0											0								X			1	1	3,3	
Acima de 20 anos.	X			X	X	X		X			5	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	5	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	5	15	50,0	
Sempre			X	X				X			3					X	X	X	X	X	X	4		X		X	X		X	X	X	X	4	11	36,7	

